

**UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA**

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física – PPGCAF

**SILVIA INÊS GONÇALVES FLAUZINO**

**A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁTICA  
DE DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI**

Niterói

2022

SILVIA INÊS GONÇALVES FLAUZINO

**A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁTICA  
DE DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, da Universidade Salgado de Oliveira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física. Área de Concentração: Aspectos Biodinâmicos e Socioculturais da Atividade Física. Linha de Pesquisa: Educação Física, Atividade Física, Esporte e Manifestações Culturais. Projeto de Pesquisa (do Orientador): Atividade física, desenvolvimento e Inovação: aspectos socioculturais e suas implicações nos campos acadêmico, esportivo e tecnológico.

Orientador Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva

Niterói  
2022

### **CIP - Catalogação na Publicação**

Flauzino, Sílvia Inês Gonçalves.

F587 A dança no contexto da educação infantil e a prática de docentes da rede municipal de educação de Niterói. / Sílvia Inês Gonçalves Flauzino. -- Niterói, RJ, 2022.

xii, 13-189p.; il.

[Numeração da publicação: [i] – xii, 13-189].

Referências: P. 65-75

Apêndice: P.76-184

Anexo(s): P. 185-189.

Orientador: PhD. Carlos Alberto Figueiredo da Silva.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) – Universidade Salgado de Oliveira, 2022.

1. Dança. 2. Educação infantil - Dança. 3. Educação Física. 4. Pedagogia.  
I. TÍTULO.

CDD 372.868

Elaborado pela Biblioteca Universo Niterói, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

**SILVIA INÊS GONÇALVES FLAUZINO**

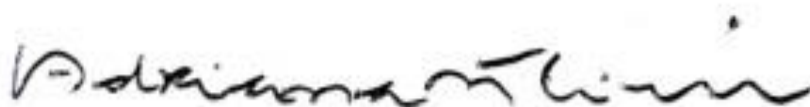
**“A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁTICA DE  
DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI.”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências da Atividade Física, aprovada no dia 05 de agosto de 2022 pela banca examinadora, composta pelos professores:



---

**Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo da Silva**  
Professor do PPG em Ciências da Atividade Física da Universidade Salgado de Oliveira  
(UNIVERSO)



---

**Prof.ª Dr.ª Adriana Martins Correia**  
Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF)



---

**Prof.ª Dr.ª Grit Kirstin Koeltzsch**  
Professora da Universidade Salgado de Oliveira /Universidad Nacional De  
Jujuy/Conicet

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família, a todas as crianças da educação infantil, em especial aos meus ex-alunos, aos atuais e aos que ainda estão por vir. Por todos os momentos dançantes de encantamentos, alegrias, descobertas, desafios, construções e desconstruções que juntos vivemos.

Dedico este trabalho, ainda, a todos os grupos de dança. Às professoras dançantes, em especial às minhas colegas de trabalho da UMEI Olga Benário Prestes, que estão sempre animadas quando o assunto é dançar. Aos meus pais Maria José e Manoel, por compartilhar valsas, danças folclóricas portuguesas e muita música da roça, deixando em nossa família o exemplo do amor e alegria pelo dançar.

## AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus por estar viva, ter tido a oportunidade de estudar e realizar este trabalho em meio à crise pandêmica de COVID 19, que assolou o mundo inteiro.

Sou grata também a Nossa Senhora, por me proteger e me guiar em todos os momentos.

Agradeço aos meus pais, que mesmo com pouco estudo, sempre me indicaram o conhecimento como o melhor caminho a se seguir. Em especial, em memória ao meu pai, que sempre me encorajou e acreditou no meu potencial.

Agradeço às minhas filhas Ana Clara e Manuela, pelo carinho e parceria enquanto me dedicava a este estudo, tempo em que elas me ajudaram não somente com a parte tecnológica, mas nos afazeres de casa, nos cafezinhos, bolinhos e na partilha do mesmo espaço de estudo, onde pudemos vivenciar momentos de tensão, mas também de muitas risadas.

Agradeço ao meu marido, André Flauzino, mestrando e parceiro de estudo, por me incentivar e estar ao meu lado em todos os momentos, sendo compreensivo, carinhoso e paciente.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo, por escolher meu projeto, acreditar em meu potencial, compreendendo minhas peculiaridades, sendo sempre atencioso e contribuindo com meu crescimento acadêmico e pessoal.

Agradeço também à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Osborne por sempre compartilhar palavras de força e encorajamento, tão importantes para o empoderamento feminino.

Ao professor Prof. Dr. Roberto Santos pelo exemplo de educador, que com humildade e carinho, compartilha seus saberes com os alunos.

Não poderia deixar de mencionar aqui o apoio das colegas de trabalho da minha UMEI Olga Benário Prestes, das minhas diretoras e da minha parceira de sala de aula, Bia Barros.

Por fim, sou imensamente grata à Universidade Salgado de Oliveira, que me concedeu uma bolsa integral de estudos, sem a qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

## **EPÍGRAFE**

“Ninguém pode comer por nós; ninguém pode nos substituir na necessária experiência que termina pelo andar pé ou de bicicleta. Infeliz a educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes, pois, quando crianças, não jogaram sua parte de pedras nos lagos”. (CÉLESTIN FREINET, 1991, p.42).

## RESUMO

O estudo aqui apresentado teve o objetivo de investigar e analisar a prática dos professores<sup>1</sup> regentes da educação infantil da rede municipal de educação de Niterói no desenvolvimento de atividades de dança com crianças. Tal estudo justifica-se na medida em que não somente contribui para aumentar o repertório acadêmico sobre o tema, mas visa suscitar nos professores regentes da educação infantil novas possibilidades para a prática dançante, através do diálogo entre a educação física e a pedagogia. O estudo foi dividido em duas etapas. A primeira, constituiu-se de uma análise documental e a revisão de literatura, que teve como base de dados a plataforma Google Scholar, sendo selecionados periódicos que tratavam de dança e “educação infantil”, termos que utilizados desta mesma forma para a busca. O período de pesquisa foi delimitado entre os anos de 2017 a 2021, totalizando cerca de 30 artigos. Concluiu-se que, apesar de a lei prescrever a dança como conteúdo obrigatório das áreas de arte e educação física, essa atividade é pouco desenvolvida pelos profissionais na educação infantil, ficando a cargo de professores que não possuem habilitação ou conhecimento para tal, limitando essa ação a comemorações ou festividades. Na segunda etapa, deu-se continuidade à pesquisa, de caráter qualitativo, que contou com a participação de 14 professoras de UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) de diferentes polos da rede municipal de educação de Niterói que, através de entrevistas semiestruturadas, proporcionaram uma visão de diferentes realidades, abrangendo tanto os aspectos estruturais, como o perfil das participantes, sua formação e, essencialmente, sua prática com dança. Os resultados encontrados se contrapõem à ideia de que a dança se apresenta apenas em festividades ou comemorações, conceito que se apresentou em vários textos revistos. Tal ação ficou evidenciada em diversos momentos da rotina das UMEI e, embora a maioria das professoras tenham relatado se sentirem limitadas quanto ao conhecimento de dança, constatou-se uma nova concepção das práticas dançantes na educação infantil, onde a obrigatoriedade dessa ação dá espaço para uma participação mais livre e ativa das crianças, que são vistas como indivíduos, capazes de criar, de produzir cultura e, principalmente de se relacionarem. Reafirmou-se, entretanto, a importância da educação física e da arte como áreas que fundamentam o trabalho de dança na escola, mas que ainda necessitam integrar-se à pedagogia, fortalecendo essas práticas através de uma formação de professores mais significativa, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da criança nos seus aspectos motores, sociais, cognitivos e afetivos.

**Palavras-chave:** Dança; Educação infantil; Educação física; Pedagogia.

---

<sup>1</sup> Embora convencionalmente o termo ‘professor’ seja usado no masculino, é necessário esclarecer que esta pesquisa foi realizada com professoras, uma vez que, historicamente, a presença feminina na docência com crianças da educação infantil é majoritária.



## ABSTRACT

The purpose of the study presented here was to investigate and analyze the practice of teachers of early childhood education in the municipal education system of Niterói in the development of dance activities with children. This study is justified in the sense that it not only contributes to increase the academic repertoire on the theme, but also aims at arousing in teachers of early childhood education new possibilities for the practice of dance, through the dialog between physical education and pedagogy. The study was divided into two stages. The first consisted of a documental analysis and literature review, which was based on the Google Scholar platform, selecting periodicals that spoke about dance and "early childhood education", terms that were used for the search. The research period was delimited between the years 2017 to 2021, totaling about 30 articles. It was concluded that, although the law prescribes dance as a mandatory content of the areas of art and physical education, this activity is barely developed by professionals in early childhood education, being in charge of teachers who do not have qualification or knowledge for such, limiting this action to celebrations or festivities. In a second step, the study, of qualitative nature, counted on the participation of 14 UMEI (Municipal Child Education Units) teachers from different poles of the municipal education system of Niterói who, through semi-structured interviews, provided a view of different realities, covering both structural aspects and the profile of the participants, their education and, essentially, their practice with dance. The results found contradict the idea that dance is presented only in festivities or celebrations, a concept that was presented in several texts reviewed. Such action was evidenced in several moments of the UMEI's routine and, although most of the teachers reported feeling limited as to their knowledge of dance, a new conception of dance practices in children's education was found, where the obligation of this action makes room for a freer and more active participation of the children, who are seen as individuals, capable of creating, of producing culture and, mainly, of relating to each other. It was reaffirmed, however, the importance of physical education and art as areas that are the basis for the work of dance in school, but that still need to be integrated with pedagogy, strengthening these practices through more significant teacher training, thus contributing to the development of the child in its motor, social, cognitive and affective aspects

**Keywords:** Dance; Early childhood education; Physical Education; Pedagogy.

## LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular  
CEC – Conselho Escola Comunidade  
CD – Compact Disc  
DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil  
EAP – Equipe de Articulação Pedagógica  
FFP – Faculdade de Formação de Professores  
FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz  
FME – Fundação Municipal de Educação  
GREI – Grupo de Referência da Educação Infantil  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
MEET – Plataforma de reunião online  
MPB – Música Popular Brasileira  
NAEI – Núcleo Avançado de Educação Infantil  
NEE – Necessidade Educativa Especial  
PCD – Pessoa Com Deficiência  
PROUNI- Programa Universidade Para Todos  
RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil  
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial  
SEPE – Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TIKTOK - Aplicativo de vídeo para rede social  
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
UFF – Universidade Federal Fluminense  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UNIVERSO – Universidade Salgado de Oliveira  
UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil  
ZOOM - Plataforma de reunião online  
YOUTUBE – Plataforma de vídeo

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
1.1 Objetivo geral.....	16
1.1.1 Objetivos específicos .....	16
1.2 Justificativa e relevância .....	17
2 REVISÃO DE LITERATURA .....	18
2.1 Dançar para quê?.....	20
2.2 O corpo, movimento e dança .....	22
2.3 Dança: o lúdico na educação infantil .....	24
2.4 Dança e criatividade.....	25
2.5 A dança e seu papel social na educação infantil .....	26
2.6 Inclusão e dança .....	28
2.7 Dança e educação física .....	29
2.8 A dança e arte.....	31
2.9 A dança e a tarefa do professor .....	32
3 METODOLOGIA .....	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	37
4.1 A professora da educação infantil da rede municipal de Niterói .....	37
4.1.1 Perfil.....	37
4.2 A UMEI.....	40
4.2.1 Localização .....	40
4.2.2 Clientela. ....	42
4.2.3 O espaço na UMEI.....	43
4.3 A dança na rotina da professora da educação infantil .....	44
4.3.1 Dançando no dia a dia .....	44
4.3.2 A dança nas comemorações .....	47
4.4 As contribuições da dança no desenvolvimento da criança na educação infantil.....	51
4.5 As barreiras do caminho .....	56
4.6 Arte, educação física e a dança na UMEI .....	58
5 CONCLUSÃO .....	61
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICES E ANEXOS .....	76
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE .....	77

Apêndice B - Roteiro de entrevista semiestruturado .....	79
Apêndice C - Esclarecimento sobre as entrevistas.....	82
Apêndice D – Entrevistas.....	83
Anexo A - Parecer Consubstanciado do CEP .....	185
Anexo B – CopySpider .....	189

## 1 INTRODUÇÃO

“O que nos encanta e nos entusiasma nunca é passado, por mais rico que seja, mas o futuro que encerra em si mesmo a criação, a aventura e a vida. A escola nunca é parada. É estrada aberta para os horizontes que se devem conquistar.” (FREINET, 1991, p. 38).

A educação infantil é um momento fundamental na vida das crianças, desta forma, práticas educativas pautadas na liberdade, no prazer e na alegria, devem nortear todas as ações, que através da ludicidade se fazem presentes nessa etapa.

Formei-me em professora no Instituto de Educação Clelia Nanci e continuei os estudos no curso de pedagogia, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde fiz a pós-graduação lato-sensu. Durante o decorrer de minha formação não tive disciplinas ou cursos voltados para dança. Muitas experiências que pude desenvolver durante meu trajeto na rede pública de ensino, foram resultado de vivências com dança do meu meio social e familiar.

O primeiro trabalho que me marcou de maneira significativa, teve como protagonista um grupo de crianças de sete anos de idade, da Escola Municipal Florisbela Maria Nunes Haase, do município de São Gonçalo, alunos com uma realidade social e econômica desfavorável, que numa representação teatral tendo uma música clássica como base, se utilizou da dança como meio expressivo.

Esse, entre tantos outros trabalhos foram abrindo novas possibilidades para que eu percebesse na dança, seu potencial. Desta forma, romper com conceitos antigos e reconstruí-los, baseados na vivência, exige do professor coragem, receptividade ao novo e despojamento.

Quando escolhi atuar como professora na educação infantil, não imaginava o quanto as atividades corporais, em especial a dança, pudessem influenciar de forma tão significativa o desenvolvimento de todas as crianças, o que me levou a buscar, na educação física, novas propostas educativas. Diante disto, a dança se tornou uma grande aliada no meu trabalho, numa prática que permeava os aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Minha trajetória dentro da dança vem se construindo aos poucos, pois, para nós, professores, a dança sempre teve um caráter de obrigatoriedade, visando atender uma necessidade habitual da escola, as festividades comemorativas.

Sempre gostei de desenvolver com meus alunos apresentações de dança, mas foi na educação infantil, mais precisamente na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Benário Prestes, em que trabalho há mais de 10 anos, que pude perceber o quanto essa atividade se destacava dentre tantas outras.

Situada numa área de proteção ambiental, nossa unidade escolar está localizada bem

próximo ao Parque Estadual da Serra da Tiririca e as praias de Itaipu e Itacoatiara. É composta por crianças de diversas classes sociais, dispondo de pais e comunidade bem participativos. O corpo docente é constituído por professoras dedicadas, engajadas, alegres e dançantes, além de uma formação acadêmica relevante. Contamos também com a direção de Tereza Raquel e Natasha Sardo, que não somente apoiam nossas propostas, como incentivam e valorizam o trabalho docente.

Sendo assim, resolvi escrever aqui, em poucas palavras, como a dança se tornou objeto de interesse e estudo na minha prática na educação infantil e como ela fez parte do meu cotidiano docente, até a interrupção das aulas devido à pandemia COVID 19, que fechou nossas escolas.

Faziam parte do planejamento semanal atividades que desenvolvessem a coordenação motora, a força e o equilíbrio, desta maneira, brincadeiras populares e a dança tornavam esse momento ainda mais prazeroso. A rotina na UMEI se iniciava com a ‘rodinha’, em que nos reuníamos em círculo para fazer a chamada, acertar o calendário e conversar sobre temas diversos. Era o momento de trocas, de falar e ser ouvido. As cantigas tornavam esse instante mais alegre, impulsionando as crianças a se movimentarem balançando seus corpos, fazendo surgir na espontaneidade infantil, a dança, caracterizada pela energia intensa e pelo ritmo animado. Havia também as que eram trazidas do meio social das crianças, compartilhadas com todos, o dançar, se fazia presente diariamente.

Era nítida a felicidade da turma quando tínhamos que preparar uma dança para comemoração de festividade ou culminância de projetos. Todos se envolviam, dando sugestões e participando das etapas do processo.

A dança exigia organização, criatividade, diálogo, troca de ideias, percepção, coordenação motora, interação, coragem, solidariedade e parceria. Ninguém era forçado a participar da atividade, mas todos se sentiam atraídos, apesar do esforço empenhado para que tudo se concretizasse.

Embora o trabalho com dança na educação infantil causasse a mim encantamento, percebia que para algumas professoras essa prática se demonstrava cansativa e desgastante, sendo transformada assim em “[...] processos vazios, repetitivos e enfadonhos [...]” (CRUZ; MEDEIROS, 2020, p. 5). Essa dicotomia entre prazer e insatisfação, me causava estranheza e uma grande indagação, dada a riqueza de possibilidades pedagógicas que a dança oferece.

Tal reflexão me impulsionou a investigar os caminhos pelos quais se desenvolve efetivamente a dança com crianças e como o(a) professor(a) conduz essa prática, nesse universo tão diversificado e rico que é a educação infantil.

Neste sentido, a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, artigo 29, da Lei

9394, de 20 de dezembro de 1996 “[...] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”. Ela desempenha papel de extrema importância no desenvolvimento infantil, onde a criança aprenderá a vivenciar emoções, relacionar-se com os outros e com o meio, desenvolvendo suas habilidades, a autonomia, além de construir conhecimentos.

A escola, então, passa a ser o espaço de interação e evolução da criança, em que a experiência do conviver ocorre por meio de trocas e aquisição de saberes, valores e vivência.

O artigo 9º da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, dispõe que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito aos ritmos e desejos da criança. (BRASIL, 2009).

Sendo assim, podemos considerar a dança como uma prática pedagógica perfeitamente adequada ao currículo da educação infantil, que através do caráter lúdico se enquadra em ambos os eixos norteadores.

Mas anterior à dança, se faz necessário ressaltar a importância do movimento para o desenvolvimento da criança, seja como meio locomotor ou como forma comunicativa, pois, conforme Laban (1978) descreve: “O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade” (p. 19). Desta forma, fatores como crescimento, desenvolvimento e funções mentais estão relacionados ao movimento, principalmente na primeira infância, tornando essa ação essencial (NANNI, 2008).

A dança então, além de proporcionar o movimentar, vai desempenhar papel fundamental na educação infantil ao abranger aspectos sociais, culturais, cognitivos, motores e emocionais que envolvem essa prática. Deste modo, a dança deve estar presente na educação infantil numa perspectiva lúdica, que “[...] não visa simplesmente a aquisição de habilidades, mas sim como um benefício no desenvolvimento [...] global da criança” (CRUZ; MEDEIROS, 2020, p. 8).

Conforme o artigo 8º, ainda na Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil,

A proposta pedagógica das Instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito à dignidade, à brincadeira, à convivência e a interação com outras crianças (BRASIL, 2009).

Logo, repensar propostas pedagógicas que atendam às necessidades da criança, nos

desafia inicialmente a olhá-las como sujeitos, como um ser social, que está imerso em uma realidade e possui uma história. Conforme enfatiza o artigo 4º da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, quando afirma ser a criança “[...] sujeito histórico de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva[...]”. (BRASIL, 2009)

Autores como Paulino (2020), Trigo (2020), Almeida (2020), Carramenha e Orselli (2018) entre tantos outros, apontam que a prática da dança com crianças pode ser considerada como recurso didático favorecedor, uma vez que haja reciprocidade, partilha e satisfação através do brincar.

Podemos conceber, então, a dança como uma atividade que não somente respeita a criança em sua essência, mas que também contempla as necessidades dela, de seu corpo, seus movimentos, de aspectos culturais e biológicos, sociais e individuais, fisiológicos e simbólicos, racionais e emotivos, como aponta Almeida (2017).

Mas afinal, qual a função da dança na educação infantil? De que forma os professores regentes da educação infantil desenvolvem a prática de dança nas escolas? Que desafios são enfrentados por esses profissionais? Quanto à educação física, como essa área do conhecimento poderia contribuir no trabalho com dança na educação infantil?

## **1.1 Objetivo geral**

Visando entender como a dança se realiza na educação infantil, o estudo tem como objetivo investigar as práticas de dança desenvolvidas pelos professores regentes nas UMEI, da Rede Municipal de Educação de Niterói.

### **1.1.1 Objetivos específicos**

- Verificar, na literatura, a importância da dança na educação infantil.
- Investigar o perfil do educador da educação infantil da UMEI da rede municipal de educação de Niterói, sua formação e capacitação para o desenvolvimento de atividades de dança.
- Analisar o cotidiano do professor da educação infantil no desenvolvimento de atividades de dança.
- Analisar os conceitos e percepções dos professores da educação infantil acerca das atividades de dança, desenvolvidas na prática com as crianças.



- Mapear as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores da educação infantil para o desenvolvimento de atividades com dança.

## 1.2 Justificativa e relevância

O estudo aqui proposto se justifica pela possibilidade de aprofundar e ampliar o repertório acadêmico acerca do tema dança na educação infantil, promovendo um diálogo entre as áreas do conhecimento educação física e pedagogia, visando um novo olhar e direcionamento para práticas dançantes nesta etapa.

Ainda que a dança faça parte da educação infantil, na maioria das vezes, sua prática se restringe a ensaios para apresentação em datas comemorativas, como nos apontam Almeida (2016), Marques (2017), Mangiavacchi (2019), Nascimento e Santos (2019), Santos et al. (2017) entre outros.

Trabalhada com esse fim único, aspectos sociais, físicos, cognitivos, culturais e afetivos que estão inseridos nessa prática, não são tratados em sua amplitude, desperdiçando todo o conhecimento que dela advém.

Contudo, desenvolver de forma prazerosa atividades de dança, deveria fazer parte de toda prática dançante na educação infantil, pois para muitas crianças essa atividade se torna árdua, cansativa e sem fundamento, seja por timidez, por não se identificar com o ato de dançar, ou por não compreender o sentido daquela atividade.

É bem comum professores regentes da educação infantil atuarem na prática de dança com crianças, embora os mesmos, em sua grande maioria, não possuam formação adequada para tal, resultando numa prática imediatista, que apesar de se apresentar esteticamente bela, no âmbito educativo é empobrecida e frágil.

Neste sentido, as áreas de arte e educação física são responsáveis por embasar práticas dançantes, proporcionando novas experiências, despertando assim, habilidades para a construção de novos saberes.

Deste modo, os aspectos sociais como: socialização, interação, integração, comunicação, inclusão, entre outros, vão se estabelecendo no decorrer da prática dançante, através das relações humanas onde os valores humanos são compreendidos e vivenciados.

Conforme Meller (2020), as atividades de dança, possibilitarão interações e descobertas de si mesmo e do outro, ressaltando nessas atividades o papel social, que se dá na troca de saberes, na organização da imaginação e da criação através da experiência, da exploração do movimento pelo corpo e do autoconhecimento para relacionar-se com o mundo em que vive.

É, portanto, nos aspectos afetivos que a dança vai atuar como promotora de autoconhecimento, autoconfiança e senso crítico, despertando o prazer, a alegria, a criatividade, a liberdade e a expressão dos sentimentos.

Sendo assim, Bezerra e Ribeiro (2020, p.13) apontam que “A presença da dança na escola traz em si a possibilidade de se alcançar os alunos em suas singularidades.” O corpo então, através do movimento, tem papel relevante neste processo.

Segundo as diretrizes propostas pela BNCC, eixo “Corpo, gestos e movimentos”,

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças desde cedo exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações expressam-se brincam, e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade[...] (BRASIL, 2017).

Podemos dizer, então, que é através do corpo que as crianças começam a conhecer o mundo. Conforme Laban (1978) “[...]o corpo é nosso instrumento de expressão por via de movimento.” (p. 67).

Tão relevante quanto o que se mencionou até o momento, é o aspecto cultural da dança, em que manifestações de expressão humana e de cultura, são dimensões que essa atividade corporal proporciona, resgatando, preservando e valorizando as culturas.

Segundo Freire (2018), ao oportunizar práticas criativas, os professores estimulam os educandos a serem eles próprios, autênticos, desenvolvendo a consciência crítica para transformação da realidade.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

O capítulo que se segue, pretende apresentar como a dança, no contexto da educação infantil, pode contribuir no desenvolvimento global da criança, nos inúmeros aspectos que se inserem nessa prática, que por vezes é negligenciada, resumindo-se em ensaios para festas comemorativas.

Desde os tempos mais remotos, foi pelo corpo, através do pulsar, da respiração ou mesmo a batida dos pés no chão que o homem primitivo descobriu a dança, e “[...] em sua essência – como manifestação primitiva, era um mergulho no mundo mágico, onde os movimentos espontâneos, surgiram da imaginação” (NANNI, 2008, p.01).

Conforme Cruz e Medeiros (2020), a dança sempre fez parte das sociedades, tornando-se uma importante manifestação cultural.

[...] ao longo da história não é aleatória, assim as diversas formas de dança nascem a partir de padrões sociais e econômicos ou da necessidade do homem de movimentar-

se para expressar seus sentimentos, emoções, desejos, sonhos. (CRUZ; MEDEIROS, 2020, p.2).

A dança, então, vai acompanhando a evolução do homem e sua organização, modificando-se e apresentando as mais variadas funções durante os tempos, como: de ritual, de consagração, de sobrevivência, de perfeição, de profanismo, de apreciação, de pertencimento, de entretenimento e de ludicidade. Desta forma, é através da ludicidade que a dança entra na escola, sendo a educação infantil um espaço propício para desenvolver-se.

A educação infantil, conforme estabelecido na Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é a primeira etapa da Educação Básica, (título V, capítulo II, seção II, art. 29) e tem como finalidade, o desenvolvimento global da criança. Com a LDB, a criança passou a ser sujeito de direitos, surgindo a necessidade de um novo referencial e diretrizes, designando o que era importante se ensinar para as crianças. Sendo assim, o Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil (RCNEI/1998) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2010), contribuíram na reestruturação da educação infantil (VIEIRA, 2018).

A Resolução CEB nº 01, de 7 de abril de 1999, estipula no artigo 3º inciso I, linha c:

[...]que as propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, devem respeitar os seguintes fundamentos norteadores, princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 1999).

Desta forma, cabe-nos repensar na dança como uma prática que atende não somente às necessidades individuais para o desenvolvimento da criança, mas como uma proposta que legitima uma educação pautada na formação integral do aluno.

Mas afinal, qual é a função da dança na educação infantil? Quem desenvolve essa prática com as crianças e de que forma o fazem? Sendo a dança, conteúdo da educação física e da arte, como essas áreas do conhecimento contribuem no trabalho com dança, na infância?

Silva (2019) ressalta para o fato de a dança ser considerada a terceira manifestação artística mais praticada no nosso país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014), mas na educação, desempenha simples papel de entretenimento.

Sendo assim, Lima e Silva (2017) sinalizam que as constantes mudanças que vem ocorrendo na sociedade, globalizações, conflitos, o uso de novas tecnologias, conduz a educação a buscar novos paradigmas.

Portanto, concebendo a criança como um indivíduo em sua totalidade, entendendo que ela é composta por todas as partes do seu corpo, por seus movimentos, pela fundição de aspectos culturais e biológicos, sociais e individuais, fisiológicos e simbólicos, racionais e emotivos, como aponta Almeida (2017), o trabalho com dança na educação infantil deverá ser propulsor

de um desenvolvimento que engloba atividades lúdicas e prazerosas, respeitando a criança em sua natureza.

Marques (2017) destaca a relevância da dança na educação infantil, devido à diversidade de vivências e de atividades que proporcionam a descoberta de variadas formas de movimentação, onde novos conceitos e ideias da ação, são reconstruídas pelas crianças.

## **2.1 Dançar para quê?**

Embora a dança na educação infantil se revele em diferentes formas e momentos, é mais comum sua prática nos ensaios de uma coreografia para apresentação em data comemorativa, como apontam Marques (2017), Nascimento e Santos (2019), Almeida (2016), Mangiavacchi (2019), Santos et al. (2017) entre outros.

Marques (2017) aponta nessa prática, consequências tanto a nível cognitivo, como motor e emocional, uma vez que relata em momento de experimentação com uma turma, através de atividade dirigida para uma pesquisa, que as crianças não demonstravam estímulo para a execução dos movimentos, criatividade ou mesmo emoção. Pareciam apáticas, indiferentes e desinteressadas, cumprindo apenas o que lhe era solicitado, reforçando a afirmativa de Cruz e Medeiros (2020), que apontam tal prática como “processos vazios, repetitivos e enfadonhos” (p. 5).

Anjos (2018) complementa tal retrato quando ressalta que nas coreografias para festas comemorativas, a técnica e a perfeição dos passos, muitas vezes se sobrepõem à criatividade e pensamento reflexivo.

Dentro deste formato, aspectos sociais, físicos, cognitivos e afetivos que estão inseridos nessa prática, não são tratados em sua amplitude, desperdiçando todo o conhecimento que emerge da dança

O RCNEI (Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, 2001) volume três, “Conhecimento de mundo”, item “Expressividade”, enfatiza que “A aprendizagem da dança pelas crianças, porém, não pode estar determinada pela marcação ou determinação e definição de coreografias pelos adultos” (p. 30).

Então, para concebermos a dança e suas finalidades, precisamos inicialmente entender que a dança praticada na escola, denominada formal, deve ter um caráter lúdico, diferente da não formal, aprendida nas escolas de dança, em espaços culturais, em estúdios de dança, entre outros (TRIGO, 2020). Tal classificação, sugere ao professor um outro olhar para se trabalhar a dança com crianças, onde a busca da perfeição e da técnica são distintos do propósito

fundamental na educação.

Segundo Cruz e Medeiros (2020), se faz necessário ressaltar que embora a dança tenha sido trazida originalmente das escolas profissionalizantes de dança para o interior da escola, ela não deve ter as mesmas funções, aponta-se então uma concepção de cunho educativo, no qual não se pretenda formar dançarinos, corroborando Marques (2017).

Mas é fato que não existe escola de educação infantil sem apresentações de dança. A cada festividade, os professores escolhem e definem a dança que vão apresentar com suas turmas. Tudo muito bem definido previamente. São agendados os ensaios e a participação das crianças torna-se fundamental, afinal, pais e comunidade apreciarão o trabalho da escola. A criança então, tendo o adulto como um modelo, se apropria de seus gestos, falas, atitudes e da repetição dos passos apresentados, para reproduzir a coreografia.

Porém, Trigo (2020) atenta que tanto a imitação ou a repetição do movimento comumente utilizadas como estratégia pelos professores, não devem excluir possibilidades de descobertas e oportunidades de exploração pela criança. Carramenha e Orselli (2018) complementam acrescentando que a imitação<sup>2</sup> desperta funções da mente, desenvolvendo habilidades antes não amadurecidas.

Almeida (2017) destaca também a importância da imitação no faz de conta, onde as crianças reproduzem com autenticidade algo que já conhecem (animais, pessoas, objetos) e ressalta que apresentar às crianças diferentes possibilidades de imitação de um gesto estimula a interação, incentiva novos movimentos e o autoconhecimento. Desta forma, o uso de danças e cantigas com gestos definidos e estabelecidos devem ser reavaliados, ampliando para novas possibilidades criativas.

Segundo Lima e Nascimento (2018), pela liberdade de métodos e processos, o trabalho de dança com crianças propicia experiências que resultam em novas aprendizagens. Desta forma, a dança deve envolver espontaneidade, onde expressão através da liberdade de movimentos proporciona a improvisação. Esta nasce do cotidiano do aluno, com novos conhecimentos adquiridos, construindo assim uma visão crítica de mundo (CRUZ; MEDEIROS, 2020).

Oportunizar à criança liberdade de expressão na educação infantil é crucial para sua formação como sujeito, pois a “criança dessa idade, necessita se opor ao outro, expulsando-o de si, e ao mesmo tempo, imitá-lo para assimilá-lo de si, e por fim, reelaborar sua própria

---

<sup>2</sup> O termo ‘imitação’ que aparece disposto neste parágrafo e no posterior, foi utilizado pelos autores e transcrito de forma a não modificar sua interpretação, embora muitos outros preferiram utilizar o termo “interpretar”.

personalidade” (TRIGO, 2020, p.363).

Desta forma, Santos e Burckardt (2017) ressaltam que a criança, no trabalho com dança e expressão corporal do movimento, deve ocupar lugar de autor neste processo, de forma autônoma, distanciando-se de padrões estereotipados, influenciados pela mídia.

Essa ação corporal individual deve ser levada para um trabalho também no coletivo, que não almeje o desempenho, e sim que os educandos vivenciem seus movimentos corporais de forma natural e satisfatória, buscando novas situações para o seu aprendizado, expressando suas ações motoras, desafiando suas capacidades e respeitando suas limitações. (CRUZ; MEDEIROS, 2020, p.8).

Trigo (2020) ressalva a necessidade de se repensar em novas propostas descentralizadoras de ensino da dança na escola, mas não descarta a metodologia tradicional, desde que seja trabalhada de forma democrática e dialógica, considerando a criança um ser ativo e questionador, produtor de cultura.

Paulino (2020) aponta que,

[...] o contato do indivíduo com sua própria cultura o permite conhecer a si mesmo reconhecendo-se como protagonista da história do contexto em que está inserido. Através dessas possibilidades, a música e a dança, como manifestação artística, apresentam-se como elemento a ser trabalhado e utilizado nesse processo (p.144).

Sendo assim, Lima, M. (2017) afirma que as danças populares na escola propiciam o desenvolvimento físico, cognitivo, cultural e artístico, fortalecendo as relações socioculturais, alicerçando professores nas ações, tornando o aluno sujeito constituído histórica e socialmente estimulando a criatividade e a reflexão crítica.

## **2.2 O corpo, movimento e dança**

Etimologicamente, a origem da palavra infância, significa não fala. O que era reforçado através da disciplina em espaços educativos controladores, onde se preservava o silêncio e o não movimento dos corpos nos espaços bem como apontam Wagner et al. (2020), Galvão e Camargo (2020). Embora certas convenções ainda estejam presentes no interior das escolas, mudanças paradigmáticas que ocorreram na educação, ao longo dos tempos, modificaram as concepções de infância, destacando a importância do corpo e do movimento no desenvolvimento da criança.

[..] o movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaço. A criança se expressa e se comunica por gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. (BRASIL, 2001, p.18)

Lima (2017) afirma que através da movimentação que é própria da natureza infantil, a

criança busca conhecer a si e o mundo, expressando tais conhecimentos pela linguagem corporal. Sendo assim, através da dança, do movimento, a criança descobre seu corpo, percebendo nessa atividade uma nova linguagem comunicativa e expressiva (PAULINO, 2020).

Contudo, Gonçalves et al. (2020) atribuem importância ao conteúdo dança na educação infantil, pois a partir do corpo, de sua vivência, a criança vai construir novos conhecimentos. O desenvolvimento humano é um processo complexo, dialético, social e contínuo, no qual todas as dimensões se comunicam constantemente, revelando que corpo e mente são instâncias indissociáveis (LIMA; NASCIMENTO, 2018, p.6).

Silva (2019) e Meller et al. (2020) destacam na teoria do corpomídia, um entendimento ao qual o corpo é um local de cruzamentos de informações, das que recebe do meio exterior, com as que o indivíduo já traz consigo. “Em outras palavras, todos os corpos que compõem o ambiente escolar poderiam ser considerados corposmídia. Assim se modificam em fluxo contínuo...” (SILVA, 2019, p. 3).

Segundo Guedes; Lage e Vieira (2018),

a formação de corpo inteiro é aquela que, ao mobilizar integralmente o sujeito, não o parte em dois – razão/emoção, cognição/afeto. Ao romper com os dualismos presentes na modernidade, o conhecimento passa a constituir o sujeito e se faz presente na forma como ele passa a operar no mundo (p.54).

Silva (2019) destaca que a BNCC, documento que norteia currículos para redes públicas e privadas de educação básica, compartimenta habilidades práticas, socioemocionais e cognitivas, como se não houvesse produção de pensamento ou conhecimento. O que é evidenciado em atividades voltadas para habilidades práticas e socioemocionais, num entendimento em que corpo e mente são desligados.

Por outro lado, Cruz e Medeiros (2020) afirmam que “a dança no processo educacional, não visa simplesmente a aquisição de habilidades, mas sim como um benefício no desenvolvimento social, biológico, cognitivo, emocional, a totalidade do ser” (p.8).

Para Cruz e Medeiros (2020, p. 9), “a essa possibilidade educativa, além da concepção do movimento pelo movimento, possibilita a criação de uma reflexão crítica sobre uma prática concreta”, onde a criança aprende a organizar seus pensamentos e sentimentos, passando a conhecer melhor a si mesmo e ao outro (SILVA, 2019). Trigo (2017) aponta então a corporeidade como constituinte de uma metodologia favorável no ensino de dança para crianças.

Cabe ressaltar que a dança por si só, abrange conhecimentos específicos, que estão presentes no dia a dia das crianças como elementos motores e rítmicos: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal,

coordenação, flexibilidade, velocidade, resistência e percepções visuais e auditivas, além dos “impulsos” que a dança desenvolve: sentimento, expressão, movimento e ritmo, conforme apontam Gonçalves et al. (2020).

Desta forma, Almeida (2017) afirma que descobertas, exploração, apreciação, liberdade e criatividade, o estético, e o pensamento consciente do corpo, do tempo e do espaço são proporcionados através da dança com criança, afinal, “criança e dança são corpo, movimento e expressividade” (ALMEIDA, 2017, p. 506).

### **2.3 Dança: o lúdico na educação infantil**

Desde o começo da humanidade, há relatos de que o brincar sempre fez parte do cotidiano do homem. Afinal, “[...]é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve” (HUIZINGA, 2008, p.3). Desta forma é através do lúdico que a criança constrói seu “eu”, a partir das relações que se constitui com o outro ou consigo mesmo.

Art. 9º da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), determina que “As práticas que compõem a proposta curricular da educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira[...]” (BRASIL, 2009), o que é reiterado na BNCC, em que um dos “Direitos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil”, é o Brincar.

A educação infantil é então, o espaço fundamental onde a dança, com caráter lúdico, vai propiciar a socialização e o desenvolvimento da identidade infantil (LIMA; NASCIMENTO, 2018). Sendo assim, a ludicidade desperta a autopercepção e o conhecimento de si próprio, o interesse, o envolvimento pela ação e pela descoberta (TRIGO, 2020).

A dança como uma proposta pedagógica, vai proporcionar experiências estéticas, corporais, lúdicas e artísticas, em que a criança vai descobrir novas possibilidades de movimento, de incentivo a criatividade e imaginação (SANTOS et al., 2017).

Na dança livre, o prazer da criança em movimentar-se livremente, possibilita que a sensação, a cognição, a percepção, a pulsão e o movimento em si sejam vivenciados (GONÇALVES et al., 2020).

Desta forma, conceitos como espaço, tempo, direção, lateralidade, ritmo e intensidade do pulsar, são internalizados de forma lúdica, e comprovando-se no brincar, a constituição do processo de aprendizagem. (GONÇALVES; VINHA, 2018)

Lima, M. (2017) ressalta a importância em diversificar os diferentes ritmos de musicais brasileiros, bem como o desenvolvimento de cantigas infantis do nosso folclore, incentivando



o movimento, o ritmo e a expressão natural das crianças, de forma lúdica e prazerosa.

Lima e Silva (2017) propõem e afirmam que o trabalho de danças circulares na educação infantil, embora denotem técnica, tem caráter lúdico e podem ser consideradas uma ferramenta de vivência, cooperação e partilha, desta forma, “ensinar a dançar não consiste em corrigir movimentos, mas estimular a capacidade de expressão corporal e a criatividade de movimentos através do ‘brincar com o próprio corpo’ ” (CARRAMENHA; ORSELLI, 2018, p.120).

A dança na educação infantil pode ser considerada como recurso didático favorecedor de um ambiente de trocas e partilhas, onde a alegria e o prazer se fazem presentes, como apontam: Paulino (2020), Trigo (2020), Almeida (2020), Santos et al. (2018), Gonçalves et al. (2020), Carramenha e Orselli (2018).

Portanto, ao organizar o ensino de Dança para as crianças, precisamos levar em consideração que o brincar é fundamental na infância, podendo se constituir em uma forma singular de produção e apropriação do conhecimento, em suas múltiplas dimensões. (VIEIRA, 2018, p.13)

## **2.4 Dança e criatividade**

Concebendo a criança como um indivíduo criativo, a dança como prática, também está pautada na criatividade e deve intencionar a exploração e criação de gestos infantis que surgem na ludicidade (WAGNER, 2020).

Santos et al. (2018) apontam que o trabalho de dança na educação infantil deve ser associado à prática criativa, prazerosa e reflexiva, tendo como resultado o desenvolvimento integral da criança. Sendo a dança uma atividade que abrange a motricidade, o cognitivo, o emotivo, o afetivo e o relacionamento social. Ela instiga novos saberes e conhecimentos e através da interdisciplinaridade, diversos conteúdos podem ser vivenciados pela dança.

Cruz e Medeiros (2020) apontam que se a dança possuir um caráter criativo e expressivo, ela estará dentro do contexto educativo. Seja com a função de desenvolver o controle motor através de habilidades, seja pela experiência do movimentar-se e de sua expressão.

Segundo Wagner et al. (2020) um caráter criativo e recreativo da dança na educação infantil, amplia a comunicação através da linguagem corporal ou da fala, proporcionando assim a liberdade de expressão desenvolvendo o pensamento crítico.

Segundo Carramenha e Orselli (2018) “a dança é o processo dinâmico que transforma o movimento corporal em veículo de comunicação e expressão” sendo a criatividade um dos elementos fundamentais nesse decurso (p. 123).

Na educação física, os jogos recreativos e brincadeiras na educação infantil, têm a função de estimular a criatividade, a cognição e a expressão da linguagem corporal, uma vez que “intervenções recreativas com dança criativa, possibilitam o desenvolvimento corporal e subjetivo” (WAGNER et al, 2020, p. 1).

Ademais, Almeida (2020) aponta a dança como um canal de interação de linguagens distintas, ou seja, ela pode surgir de uma poesia, de uma ilustração ou mesmo de uma história, potencializando a comunicação, a interpretação e a criatividade.

Sendo assim, a BNCC descreve que as atividades criativas na educação infantil, desenvolve diferentes aprendizagens, além da intelectual (MANGIAVACCHI, 2019).

## **2.5 A dança e seu papel social na educação infantil**

A dança na educação infantil desempenha inúmeros papéis, tendo no social, importante destaque.

Conforme item V, do artigo 7º da Resolução nº 5, e 17 de dezembro de 2009, que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009), a proposta pedagógica das instituições de educação infantil, deve garantir o cumprimento de sua função sóciopolítica e pedagógica:

V – construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (BRASIL, 2009)

Desta forma, proporcionar diferentes manifestações culturais às crianças, favorecendo experiências através da linguagem corporal, colabora para o entendimento das crianças de como as culturas e as estruturas sociais foram e ainda são construídas (WAGNER et al., 2020).

Meller *et al.* (2020) salientam que a dança propicia o convívio, colaborando fundamentalmente na construção da criança como sujeito, em que aspectos sociais, políticos, culturais, éticos, entre outros, estão associados a esta prática.

Cruz e Medeiros (2020) chamam atenção para a necessidade de se implementar a dança na escola como um meio de resgate da cultura, uma vez que ritmos e danças brasileiras ao serem vivenciados pelos alunos, passam a ser valorizados e compreendidos, configurando resistência social e cultural.

Um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil da BNCC (2017), reforça a importância das relações sociais, quando descreve que o “Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o

conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.” deve ser garantido.

Desse modo, o papel social da dança se dá na troca de saberes, na organização da imaginação e da criação. É através da experiência, na exploração do movimento pelo corpo e do autoconhecimento, que a criança vai aprender a relacionar-se com o mundo em que vive (MELLER et al., 2020).

Pela dança a criança aprende a conviver em grupo, favorecendo a construção de sua própria identidade, conforme apontam Trigo (2017), Bezerra e Ribeiro (2020), Wagner (2020) e Meller et al. (2020).

Já na primeira infância as crianças começam a organizar seus sistemas físicos, fisiológicos, psíquicos e morais e todas essas características integradas constituem sua personalidade, que sofre influência de estruturas educacionais, familiares, religiosas dentre outras. Dessa forma, manifestações artísticas como a dança, também estão sujeitas a sofrer influências e passam por julgamentos da esfera moral (WAGNER et al., 2020, p. 7).

A falta de oportunidade ao acesso às diferentes manifestações artísticas, ao conhecimento e à experiência, gera preconceitos, construindo estereótipos, pois “as crianças reproduzem opiniões baseadas nas representações da realidade que os colegas de convivência expressam [...]” (WAGNER et al., 2020, p.10).

Desta forma, a aproximação entre os sujeitos é um dos papéis fundamentais da dança na educação, oportunizando através dessa linguagem, a interação entre diferentes pessoas que juntas possam construir um mundo mais democrático, onde a harmonia, o equilíbrio e a justiça se façam presentes (VIEIRA, 2018).

Wagner (2020) destaca em experiência realizada em escola de educação infantil, que através da dança, a criança expressa seus sentimentos, apresenta seu contexto social, com sua cultura e vivência, além de expressar seus conceitos e opiniões. Entendemos, então, que

A criança necessita agir para compreender e expressar significados presentes no contexto histórico-cultural em que se encontra e, ao transformar em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente, a criança constrói o seu pensamento sob a forma de dança no sentido de interagir e compreender os significados presentes no seu meio sociocultural. (MELLER et al., 2020, p.127)

Portanto, inserida como um conteúdo da educação física, a dança é concebida como um agente propulsor de transformação social, que beneficia a criança nos fatores emocionais, intelectuais, físicos e sociais. Promove o conhecimento da cultura corporal do movimento e da saúde, desenvolvendo o olhar crítico, a reflexão, o resgate da cultura e valorização do indivíduo como sujeito social (CRUZ; MEDEIROS, 2020).

Sendo assim, Lima, M. (2017) acrescenta que a educação física tem importante papel

como veículo democratizador, oportunizando o acesso à cultura brasileira e toda riqueza que a constitui, mas chama a atenção para o fato dela por vezes tratar o conceito de cultura de forma errada ou superficial, desvinculada da contextualização que está inserida.

## 2.6 Inclusão e dança

Visando atender um novo conceito das demandas sociais a respeito da inserção da pessoa deficiente na sociedade, o princípio da inclusão, o qual a sociedade deve se adaptar ao deficiente, vem substituir o princípio da integração, o qual a pessoa com deficiência se adaptava a sociedade.

A Constituição de 1988, que instituiu como um dos princípios de ensino a *igualdade de condições para o acesso e permanência na escola* (art. 206, inciso I), e os princípios fundamentais *a dignidade da pessoa humana* (art. 1º, inciso III), além do decreto n.99.710, de 21 de novembro de 1990, a Convenção dos Direitos da Criança, preconizaram a Declaração de Salamanca (1994), marco histórico que colaborou com diretrizes para uma escola inclusiva:

Escolas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados. (BRASIL, 1994, p.3)

Desta maneira, a dança, presente na rotina da educação infantil é uma ação favorecedora à inclusão, pois, “[...]traz em si a possibilidade de se alcançar os alunos em suas singularidades” (BEZERRA; RIBEIRO, 2020, p.13).

Honório (2019) salienta que a prática da dança com alunos com deficiência, promove a interação e o respeito mútuo, desenvolve a sensibilidade, a comunicabilidade, a motricidade e a criatividade através da liberdade de expressão pelo movimento do corpo, promovendo aceitação e o afeto.

Isto posto, Trigo (2017) afirma que as práticas de dança contribuem tanto no aspecto afetivo como social, em que atitudes de valorização das diferenças e cuidado com outro, corroboram para uma prática inclusiva.

Através da ludicidade a dança amplia o processo de ensino aprendizagem dos alunos com deficiência, desta forma, ressalta-se a importância das escolas em inserir em seus currículos a dança, como uma atividade promotora de inclusão (MANGIAVACCHI, 2019).

Mas Vieira (2018) chama atenção quando sinaliza que a dança exclui a partir do momento em que limita a criança a seguir passos preconcebidos, dentro de um determinado tempo, pois a busca da uniformidade, desconsidera o ser em sua individualidade, desconstruindo

a concepção da criança como sujeito autônomo e único.

Desta forma, Mangiavacchi (2019) ressalta a importância de práticas culturais que favoreçam também uma integração curricular inclusiva, em que o envolvimento dos responsáveis e da comunidade proporcionem às crianças vivências, desenvolvendo a criatividade e o aprendizado cultural.

Sendo assim, Carramenha e Orselli (2018) afirmam que a implementação de projetos de dança, contribuem “para a aquisição e o desenvolvimento bio-psíquico-social de crianças da pré-escola, em especial, os casos de inclusão” (p.120).

Contudo, ao favorecer nas unidades escolares práticas dançantes, criamos uma via com múltiplas possibilidades, que vai englobar aspectos de desenvolvimento individual da criança com deficiência, como promover os aspectos humanitários, pois “Quando a escola inclui todos os alunos, a igualdade é respeitada e promovida como um valor na sociedade, com resultados visíveis da paz social e da cooperação (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p.27).”

## **2.7 Dança e educação física**

Historicamente, a educação física desempenhou diferentes funções junto à sociedade, sendo a década de 90 um marco neste processo, em que se buscou superar o caráter tecnicista e esportivista.

Destarte, as mudanças paradigmáticas ocorridas na educação física, anteriormente com foco em práticas de esporte e ginástica, trazem propostas inovadoras através do currículo, adotando a cultura corporal como objeto de estudo desta área. (DUARTE, 2020)

Neira (2011) apud Duarte (2020):

[...]define cultura corporal como a parcela da cultura geral que abrange um amplo cabedal de conhecimentos alusivos às práticas corporais, expressão que agrega brincadeiras, danças, lutas, ginásticas e esportes, e também os significados que lhes são atribuídos pelos distintos grupos sociais durante a sua criação e recriação (p. 215).

A educação física como fonte de conhecimento, que tem a dança como conteúdo desta disciplina, desenvolve um papel de importância na orientação dessa atividade corporal, tema deste estudo.

Murad; Santos e Silva (2018) complementam que,

Contextualizada histórica, social, cultural e simbolicamente, a educação física pode tornar-se bem mais que uma disciplina escolar de transmissão de conteúdos programáticos para buscar incessante e renovadamente o debate sobre a intolerância, a igualdade de oportunidades e a aceitação das diferenças (MURAD; SANTOS; SILVA, 2018, p.23).

Conhecimentos e conceitos sobre dança, que estão agregados à educação física, podem

colaborar na ampliação de saberes, proporcionando um novo sentido a prática do professor regente da educação infantil.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, Volume 7, vem reforçar a concepção de cultura corporal, como exercício da cidadania e direito de todos, apontando a educação física como promotora de práticas corporais, em que as manifestações culturais possam ser vivenciadas e valorizadas, livres de preconceitos ou discriminações. (BRASIL, 1997).

No que diz respeito à educação infantil, a oferta da educação física é garantida conforme disposto na Lei 9394/96 (BRASIL,1996) sendo regulamentada através dos documentos DCNEI, pela Resolução n.º 5 de 17 de dezembro de 2009 e pela BNCC (BRASIL, 2017). Ambos, se alinham às concepções de cultura corporal e concebem a criança como sujeito, capazes de produzir cultura. (DUARTE, 2020).

Desta maneira, tendo as interações e brincadeiras como os eixos norteadores da prática pedagógica, o Art. 9º, da Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, item IX, dispõem experiências que:

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; (BRASIL, 2009)

Cruz e Medeiros (2020) reforçam tal ação, quando afirmam que através da educação física, a dança pode beneficiar a criança nos seus aspectos físico, intelectual e emocional e social.

Desta forma, Nascimento e Santos (2019) apontam na dança, o desenvolvimento da capacidade de expressão, sensibilidade, criticidade, criatividade, autonomia, consciência corporal e sentido na dança.

Cruz e Medeiros (2020), afirmam que a dança na educação infantil, proposta pela educação física, deve proporcionar o desenvolvimento da criatividade e da interpretação e uma vez pautada na ludicidade, também promove o prazer e alegria.

Por outro lado, Wagner (2020) aponta que o conteúdo dança ainda é pouco estruturado nas escolas de educação infantil, limitando as aulas à jogos e brincadeiras apenas com a preocupação da implementação de técnicas e procedimentos, deixando de lado a dimensão crítica que essas práticas proporcionam.

Logo, uma prática de dança, onde as crianças não exercem seu potencial criador, sendo meras reproduzidoras de movimentos, compromete a experiência na expressão de sentimentos e emoções através do corpo (NASCIMENTO; SANTOS, 2019).

Tondin e De Bona (2020) ressaltam a necessidade da educação física em legitimar o

conteúdo dança através de uma concepção crítica, uma vez que tal prática possui sentidos e significados próprios.

Importante acrescentar que, segundo Wagner (2020), inserir a dança, junto ao conteúdo da educação física, para os alunos da educação infantil, além de promover a comunicação através do desenvolvimento da linguagem corporal do movimento, vai possibilitar que os conceitos da cultura corporal sejam vivenciados.

## 2.8 A dança e arte

Embora a dança tenha chegado nas escolas dentro da grade curricular da educação física, com fins “higiênicos e eugenistas”, é dentro da área da Arte, que o ensino da dança propriamente dito, surge inicialmente nas escolas de balé e era privilégio de uma minoria, excluindo grande parte da sociedade, tanto praticantes, como apreciadores. Somente com a criação de cursos de graduação de dança, que seu ensino se democratizou podendo ser oferecida nas escolas formais (BEZERRA; RIBEIRO, 2020).

A dança passa a ser parte do currículo em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, em que a Arte, como disciplina, passa a abranger as seguintes linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (BEZERRA; RIBEIRO, 2020).

A partir da LDB, foi elaborado posteriormente os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que eram documentos que serviam de base para que as instituições educacionais construíssem seus próprios currículos. A dança, considerada uma das linguagens artísticas aparece especificamente como: “Dança: A dança na expressão e na comunicação humana; A dança como manifestação coletiva; A dança como produto cultural e apreciação estética”. (BRASIL, 1997, p. 7). Dentro deste contexto a dança não configurava uma obrigatoriedade, mas um fim utilitário minimizando todo conhecimento que ela abrangia. (BEZERRA; RIBEIRO, 2020).

A Lei nº 13.278, de 02 de maio de 2016, que estabeleceu uma nova redação à LDB/1996 (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) garantiu a dança como componente curricular obrigatório da educação básica (MANGIAVACCHI, 2019).

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 1996).

No RCNEI, (BRASIL, 2001) documento que embasa propostas para construção de currículos, a dança está vinculada a cultura corporal, voltada tanto para as práticas esportivas, jogos e brincadeiras, para desenvolver a motricidade, como para a valorização de práticas corporais ligadas a cultura local. Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) destacam a dança como um meio expressivo e artístico. Sendo a Base Nacional Comum Curricular, o documento em que contempla a dança, dentro dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, dispostos neste documento. (ANDRADE; GODOY, 2020).

Sendo assim, conforme Almeida (2020) a arte deve estar presente no cotidiano fazer da educação infantil, não simplesmente de forma funcional, mas “[...] sensível, integrada, plural, expressiva e inovadora” (p.4)

Concebendo a criança como sujeito de direitos e produtores de cultura, o ensino de dança para crianças da educação infantil através da arte, deve ser pautado em práticas lúdicas, que possibilitem a descoberta de novos meios expressivos através do corpo (Vieira, 2018).

Logo, Tondin e De Bona (2020) apontam que embora arte e educação física apresentem dimensões distintas no fazer, possuem o mesmo conceito de dança, uma vez que abrange grande área de conhecimento, com inúmeras questões de cunho social, despertando o pensamento crítico, entendendo o indivíduo como um todo, visando sua formação integral.

## **2.9 A dança e a tarefa do professor**

A BNCC (2017) destaca que o trabalho do professor deve ter intencionalidade educativa, organizando e propondo experiências diversas, pautadas nas interações, em que as crianças possam conhecer a si e o mundo, visando um pleno desenvolvimento. Desta forma a condução do trabalho de dança na educação infantil, vai depender da habilidade do professor para utilizar-se dessa prática como uma ferramenta educativa (LIMA, P. 2017).

Apesar de a dança fazer parte do universo infantil, autores apontam que ela vem sendo desenvolvida por professores que não possuem habilitação para tal, no caso, professores regentes da educação infantil, concebendo a dança apenas como entretenimento, reforçando procedimentos tradicionais de repetição ou pela reprodução do que está na mídia. (ALMEIDA, 2017; SILVA, 2019; MARQUES, 2017; BEZERRA; RIBEIRO, 2020).

Não obstante, é recorrente pelos professores de educação física também, o trabalho de dança com fins comemorativos, apontada por Santos (2017), Cruz e Medeiros (2020), Tondin e De Bona (2020) como consequência de falhas na formação acadêmica.



Nascimento e Santos (2019) apontam que fatores como formação específica, desinformação sobre movimentos corporais, descontextualização da dança para a criança e a reprodução de gestos, resultam em fragilização da dança na educação infantil e embora os professores identifiquem essas “falhas”, elas ainda se perpetuam. Ainda como obstáculos, Marques (2017), Lima e Nascimento (2018) revelam que a falta de espaço físico apropriado e de materiais como aparelho de som e objetos, também comprometem o trabalho de dança.

Sendo assim, Trigo (2020) salienta que a dança na escola deve ser conduzida com um caráter de descoberta do corpo, de estímulo à experiência do movimento, sendo o professor um mediador na condução dessa atividade. Entretanto, Paulino (2020) acrescenta, destacando também a relevância na ampliação do olhar do aluno, proporcionando uma reflexão crítica de mundo.

Segundo Trigo (2020), a abertura para o diálogo, troca de ideias e sugestões, descentraliza o poder autoritário do professor, tornando a criança um sujeito ativo. Essa nova mudança de postura favorece o reconhecimento do professor em seu papel social. Porém, Guedes; Lage e Vieira (2018) acrescenta ser a sensibilidade, uma característica imprescindível ao educador da educação infantil.

Bezerra e Ribeiro (2020) aponta então, a necessidade de uma reformulação político-estrutural, onde a formação do educador e as propostas curriculares estejam voltadas tanto para uma transformação social, como para a emancipação dos indivíduos, pautadas na criatividade e na liberdade.

Duarte et al. (2020) sinalizam que de acordo com princípios como dignidade e satisfação das necessidades vitais humanas, temas como exclusão, inclusão, diversidade, relações de poder, discriminação entre outros, devem estar presentes no cotidiano do fazer docente, uma vez que, as práticas corporais agregam conhecimentos e saberes próprios dos alunos, do meio em que vivem, para identificar saberes que se constroem dentro da realidade social.

Galvão e Camargo (2020) propõe aos professores uma postura inovadora, pautada na ludicidade, entendendo a criança como um ser social, favorecendo maior liberdade e criatividade ao movimentar-se, mas firma a intencionalidade pedagógica como condição nessa prática. Atenta também para a exploração dos diferentes espaços na escola para se desenvolver dança.

Desta forma, se pensar em práticas dançantes nos remete às palavras de Paulo Freire (1998) quando afirma que “[...]ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.” (p.25).

### 3 METODOLOGIA

Conforme Prodanov e Freitas (2013) é pela metodologia, através da execução de técnicas e procedimentos, que a pesquisa científica busca respostas para resolução de problemas, favorecendo a construção do conhecimento.

Desta forma, traçar um caminho específico para uma determinada pesquisa, possibilitou não somente validar tal estudo, mas contribuir de forma significativa no desenvolvimento da sociedade.

Seguindo tal pensamento, buscou-se então inicialmente, classificar a pesquisa aqui apresentada, para posteriormente discorrer sistematicamente os passos seguintes.

Sendo assim, quanto à abordagem, esta pesquisa se caracteriza por ser qualitativa e segundo Yin (2016) “[...]a pesquisa qualitativa abrange condições contextuais – as condições sociais, institucionais e ambientais em que as vidas das pessoas se desenrolam.” (p.7).

A pesquisa qualitativa possui cinco características que a define, são elas: 1 - O estudo da vida das pessoas em condições reais; 2 - A reprodução nos estudos das opiniões e as expectativas das pessoas; 3 - A contemplação do contexto nos quais as pessoas estão inseridas; 4 - A cooperação na descoberta de conceitos já existentes ou que possam vir a surgir; 5 - O esforço na busca de utilização de variadas fontes de evidência, em oposição a uma única opção (YIN, 2016).

Quanto ao objetivo, é uma pesquisa descritiva, pois segundo Gil (2008), ela se caracteriza por descrever os aspectos de uma população específica, ou um fenômeno, ou mesmo a combinação e relações entre esses elementos.

No que diz respeito à classificação deste estudo quanto à natureza, é uma pesquisa aplicada e visa, fundamentalmente, a aplicação prática do conhecimento gerado, sua funcionalidade e utilização (GIL, 2008).

Já em relação aos procedimentos, essa pesquisa se caracteriza por ser bibliográfica, quando se utiliza de conteúdos que já tenham sido publicados e documental, quando conta com documentos desprovidos de estudo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O ambiente escolar, neste caso a UMEI, se tornou um espaço propício para essa pesquisa, onde as relações humanas se estabelecem numa troca constante e contínua, logo “[...] a escolha do campo onde serão colhidos os dados, bem como os participantes é proposital, isto é, o pesquisador os escolhe em função das questões de interesse do estudo e também das condições de acesso[...]” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p.162).

Desta forma, num total de escolas que abrangem a rede municipal de educação de

Niterói, 78 unidades atendem a educação infantil. Destas, 13 inserem-se em escolas que também oferecem o ensino fundamental, 20 são creches comunitárias conveniadas pelo Programa Criança na Creche – PROCC<sup>3</sup> (1994), 3 são NAEI (Núcleo de Atendimento a Educação Infantil) e 42 são UMEI. Funcionam em horário integral, 69 unidades. As unidades de educação da rede estão divididas segundo a localização, entre 7 polos. A pesquisa foi realizada em 2 UMEI de cada um dos 7 polos, totalizando 14 escolas.

Quanto aos participantes, foi selecionado uma professora regente da educação infantil, de cada uma dessas 14 unidades de educação, visando confrontar e conhecer diferentes realidades, totalizando 14 participantes.

O critério de inclusão para seleção dos participantes foi por indicação e/ou disponibilidade espontânea, sendo excluídos os que não apresentaram afinidade/apreço com a prática de dança.

Após seleção dos participantes, partimos para entrevista semiestruturada (APÊNDICE B). A opção em realizar entrevistas semiestruturadas neste estudo foi reiterado, pois segundo Gaskell (2002), pela entrevista qualitativa é possível coletar dados para desenvolver a pesquisa, compreendendo as relações entre os participantes e a situação, pois “[...] O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.” (GASKELL, 2002, p. 65).

Conforme Vieira (2009), as entrevistas semiestruturadas não são instrumentos que seguem uma regra rígida de perguntas a serem lidas para os participantes, nem questionários ou estatística. Mas um roteiro que deve ser seguido de maneira a construir confiabilidade, onde possam conversar livremente.

Para darmos início às entrevistas, foi apresentado ao participante o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE (APÊNDICE A). Este termo consta em Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e visa assegurar os direitos que dizem respeito aos participantes bem como os deveres do pesquisador.

O TCLE, é um documento que esclarece com uma linguagem simples e objetiva o papel do participante na pesquisa, questões como liberdade de desistência da pesquisa, sigilo de dados, respeito à dignidade e autonomia, garantia de ausência de custos, ponderação entre os riscos e benefícios de sua exposição como pessoa (memórias, pensamentos, opiniões), entre outros itens, constam neste recurso.

---

<sup>3</sup> O Programa Criança na Creche (PROCC), que foi criado pelo Município de Niterói através do Decreto Legislativo nº 287/1994, regulamenta a relação entre a FME e as Creches Comunitárias por convênios anuais.

Sendo assim, após aprovação do Comitê de Ética da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, ao projeto de pesquisa, registrado na Plataforma Brasil sob o número de CAAE 54063121.8.0000.5289, parecer de número 5.290.373 (ANEXO A), deu-se continuidade a presente pesquisa.

Quanto aos critérios de confiabilidade, Yin (2016) aponta que para se obter confiança e credibilidade numa pesquisa qualitativa, é necessário que todos os dados e procedimentos metodológicos, sejam de fácil acesso e *transparente*, ou seja, qualquer pessoa deverá ser capaz de compreender, analisar e acompanhar o desenvolvimento da pesquisa, examinando e inspecionando seus resultados.

Desta forma, dois critérios apontados por Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (2000), foram selecionados e utilizados para garantir a confiabilidade nesta pesquisa. O primeiro denominado por *questionamento por pares*, se caracteriza pela afinidade entre os pesquisadores, seja pelo conteúdo do estudo ou pelo bom relacionamento com o colega de trabalho, que apontam sugestões para auxiliar no aprimoramento da pesquisa, encobrando lacunas, buscando falhas, apontando sugestões e olhares diferenciados. Tal critério é denominado por outros autores como *relato dos colegas*. O outro critério é a *checagem pelos participantes*, que consiste em disponibilizar aos participantes da pesquisa, as interpretações do pesquisador acerca de eventos realizados, se são fidedignas, se há relevância e se estão claras em relação às falas e informações prestadas pelos participantes.

Minayo (1997) destaca que:

A metodologia não só contempla a fase de exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, escolha do grupo de pesquisa, estabelecimento dos critérios de amostragem e construção de estratégias para entrada em campo) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise de dados. (MINAYO, 1997, p.43).

Destarte, o que diz respeito à análise de dados, segundo Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (2000) [...]é um processo complexo, não linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados, que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação[...]” (p.170).

Desta forma, me atentei as três precauções, que segundo Yin (2016), são indispensáveis:

1. verificar e reverificar a precisão de seus dados; 2. tornar a análise mais minuciosa e completa possível, em vez de pegar atalhos; 3. reconhecer constantemente os vieses indesejáveis impostos por seus próprios valores quando estiver analisando seus dados (YIN, 2016, p.158).

Então, com o objetivo de dar seguimento à análise de dados de maneira organizada e coerente, segui o ciclo de Yin (2016), que é composto por cinco fases: compilar, onde os dados serão ordenados; decompor, fase na qual os dados serão compartimentados em pequenos

pontos; recompor e arranjar, em que construções de listas e gráficos são feitos para melhor visualização e ordenamento dos dados; interpretar, em que se cria uma nova narrativa; por fim, concluir os dados. Assim, conforme Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2000), o processo da análise dos dados acontecerá durante toda a pesquisa, na interação dos entendimentos com os dados obtidos.

Devido a grave crise pandêmica de COVID 19, em que muitas escolas estavam com aulas presenciais suspensas ou sob protocolos severos de distanciamento, foi inviável a realização de observação participante, sendo esta uma limitação deste estudo.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 A professora da educação infantil da rede municipal de Niterói**

#### **4.1.1 Perfil**

Niterói é uma cidade do estado do Rio de Janeiro favorecida com belezas naturais, como praias, montanhas e parques. Conhecida popularmente como Cidade Sorriso, possui vários pontos turísticos e dentre tantos, o Mac tem destaque em âmbito internacional. Com uma população estimada de 516.981 pessoas (IBGE, 2021), Niterói ocupa o 7º lugar no Estado em IDHM (IBGE, 2010). Revela taxa de escolarização de crianças dos 6 aos 14 anos de idade de 97% (IBGE, 2010). No que diz respeito ao IDEB, em relação aos anos iniciais do ensino fundamental na rede pública, em 2019, apresentou taxa de cerca de 5,5% e em relação aos anos finais do ensino médio, um percentual de 3,8%.

Marcada por diferentes realidades sociais, Niterói é constituída tanto por casas em bairros favorecidos e prédios à beira mar, como por comunidades e favelas, que também compõem a cidade.

No que diz respeito a educação infantil, segundo dados obtidos pela Fundação Municipal de Educação de Niterói, a rede municipal de ensino possui um total de setenta e oito (78) instituições que atendem a essa etapa da educação básica, sendo quarenta e duas (42) UMEI, três (03) Núcleos Avançados de Educação Infantil (NAEI), vinte (20) creches comunitárias, treze (13) escolas de ensino fundamental com educação infantil, que estão divididas entre sete (7) polos. Em Niterói, a educação infantil conta com a bidocência<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A bidocência, conforme Minuta do Referencial Curricular da Rede Municipal de Educação de Niterói 2020, “[...] se caracteriza pelo oferecimento de dois professores como responsáveis por uma turma e, ainda, pelo

Visando compreender como se dá a prática de dança dos professores regentes da educação infantil da rede municipal e objetivando conhecer diferentes realidades, duas (2) professoras de cada um dos sete (7) polos foram convidadas a participar da pesquisa, totalizando quatorze (14) participantes.

Por fim, o estudo contou com entrevista semiestruturada, sendo realizada através de encontros pelo Zoom Meet e agendados previamente, segundo a disponibilidade dos participantes. Para assegurar a privacidade das participantes, seus nomes, de suas UMEI, bem como a localização das escolas, foram substituídos por outros fictícios e em alguns casos, suprimidos.

As professoras participantes são estatutárias e atuam na educação infantil do município entre dois (2) a dezesseis (16) anos, tendo como tempo de experiência fora da rede um período maior, que varia dos três (3) aos vinte (20) anos.

Muitas questões envolvem a dança na educação infantil e a formação do professor desempenha papel de relevância nesse processo. Desta maneira, visando obter um perfil desse docente, obtivemos os seguintes dados:

No quantitativo de quatorze (14) participantes, todas possuem nível superior. Oito (8) já concluíram a pós-graduação lato sensu e uma (1) o mestrado. Em processo de formação, duas (2) professoras estão cursando a pós-graduação lato sensu, 02 (duas) o mestrado e uma (1) o doutorado.

Apesar dessas professoras terem uma formação bastante significativa, dez (10) afirmaram não terem tido disciplinas ou conteúdos de dança durante a graduação, nem mesmo cursos de formação continuada. Apenas três (3) apontaram que a dança foi abordada de maneira genérica, em disciplinas que tinham temas como arte, corpo, movimento, teatro ou música, tendo sido tratada de forma muito incipiente. Uma (1) professora declara ter tido dança somente como eletiva em pedagogia e buscava cursar disciplinas de dança na faculdade de educação física, pois além de professora, é bailarina, o que despertava seu interesse, conforme relata:

*Eu lembro muito bem, que durante o curso de pedagogia, eu sempre puxava as matérias na faculdade de educação física da UFF, né, e cursava umas disciplinas de dança, de condicionamento físico, alongamento, várias coisas assim, buscando também essa formação na universidade, de algum modo. (ALINE)*

Tal parâmetro vem ao encontro do que Marques (2019) ressalta, afirmando que raramente dança é oferecida nos cursos de Pedagogia, pois não é incluída do currículo, configurando assim, como podemos notar, numa formação limitada e frágil.

Interessante observar que quando questionadas sobre o acesso aos conhecimentos de dança, algumas professoras manifestaram indagação e se sentiram surpreendidas por nunca terem se perguntado, ou mesmo parado para refletir o quanto tais conhecimentos são fundamentais para a educação infantil, denotando inexpressividade dessa ação na formação do professor, como expressa Carol:

*Olha você sabe que eu li essa pergunta e eu fiquei pensando... gente, eu... a gente nunca teve nada voltado para dança... Nunca tivemos... que coisa, né? É uma coisa que a gente nunca reparou também, né? Eles falam muito do brincar, do cuidar e... de vários tipos, né... de desenvolvimento psicomotor e tudo, mas essa parte, nunca foi dado, né... uma pessoa ensinando dançar com as crianças... isso aí não teve. (CAROL)*

Desta maneira, é possível notar a fragilidade na qual dança foi tratada em alguns cursos superiores de pedagogia, não somente pela superficialidade do conteúdo teórico, mas pela incompatibilidade da aplicabilidade em atividades práticas, uma vez que não era disponibilizado nem mesmo um espaço apropriado para a prática, segundo falas de Bia e Mel:

*Na época da faculdade, eu fiz faculdade na X e a gente tinha uma matéria de corpo e movimento. Só que não foi uma matéria bem trabalhada, assim, porque a gente tinha professor, mas não tinha espaço para fazer quase nada. (BIA)*

*Então, eu fui até buscar ainda pouco, nos meus... certificados aqui né? Que eu falei: “Não é possível, eu fiz tanto curso...” Mas no meu histórico da... da X, de pedagogia, tinha uma disciplina que era Corpo e Movimento, eu lembro que ele não falava muito sobre a dança em si, mas era mais essa questão corporal mesmo, né? De encenação, de dramatização...Essas coisas assim... nada muito aprofundado não... que eu me recordo. (MEL)*

Conforme Alves (1993) a fragmentação da universidade, que gera especialistas, acaba por formar profissionais com um conhecimento restrito, resultando num profissional “[...] que conhece cada vez mais de cada vez menos (p.98)”.

Desta forma, a professora Érica entra em consonância com os apontamentos acima, quando afirma que há deficiência do curso de graduação no que diz respeito a conteúdos que envolvam as artes. Em sua fala, expressa claramente a necessidade desse conhecimento para sua formação.

*O currículo, ele é muito fechado para essa parte artística né, tanto como dança, teatro ou qualquer outra forma de expressão corporal, é, você não tem esse espaço na academia, né, assim, não tem um espaço acadêmico para falar e trabalhar amplamente sobre isso. Senti falta, senti muita falta disso. (ÉRICA)*

A dança, então, se apresenta distante da formação do educador, revelando até mesmo incertezas quanto a sua função ou relevância para com esse público, como profere Karen:

*“Não. Nunca fiz nenhum curso de dança e nem relacionado a isso para trabalhar com a educação infantil. Na verdade Silvia, eu nem sei se existe.” (KAREN)*

Reconhecendo a importância desta formação para o professor que está atuando na UMEI, num levantamento junto às coordenações de educação física e artes da FME, áreas ligadas à dança, constatou-se a inexistência de cursos de formação continuada sobre o tema para professores da educação infantil, promovidos por essas coordenações. Já a coordenação de educação infantil, esclarece que especificamente sobre dança, de forma sistematizada, nunca houve nenhum movimento neste sentido, mas que em algum momento, não soube precisar quando, já foram ofertadas oficinas envolvendo danças circulares e ciranda, ressalta, porém que tal pesquisa veio despertar a atenção para esse tema, suscitando novas ações da FME. Sendo assim, Marques (2019) reafirma o que pudemos constatar: “[...] o ensino de dança nas escolas fica a mercê da intuição, da boa vontade, das vivências culturais e sociais de dança dos professores. (p.22)

## 4.2 A UMEI

### 4.2.1 Localização

Para compreendermos as relações existentes entre o professor e sua prática, se faz necessário, portanto, conhecermos a realidade do ambiente de trabalho em que se encontra, afinal, Segundo Yin (2016),

“[...] a pesquisa qualitativa abrange condições contextuais – as condições sociais, institucionais e ambientais em que a vida das pessoas se desenrola. Em muitos aspectos, essas condições contextuais podem influenciar muitos outros eventos.” (p.7)

Sendo Niterói uma cidade com múltiplas realidades socioeconômicas, as UMEI que participaram da pesquisa, se encontram localizadas tanto em zonas privilegiadas, próximas à beira mar, em bairros residenciais favorecidos ou tradicionais, quanto em zonas mais carentes, como favelas ou comunidades.

Quanto à violência somente uma (1) UMEI foi indicada como área deflagrada, apesar de algumas outras unidades se localizarem em meio a comunidades ou bairros desfavorecidos. Tal situação tem levado Érica a lutar junto ao sindicato dos professores pela transferência da sua UMEI para outra localização, pois a presença ativa do tráfico, a insalubridade do próprio local e o baixo nível de subsistência das crianças, interferem de modo geral na educação das crianças dessa escola, no cotidiano da comunidade escolar conforme podemos observar na fala da professora:

*É, é a parte de Niterói que tem o índice de desenvolvimento humano mais baixo, né. É... eu fico inclusive e me polio muito, em como eu vou me vestir para ir trabalhar. (ÉRICA)*



Com o cotidiano de violência frequente no entorno da unidade em que atua, Érica durante a entrevista, se utilizou de um termo que criou para classificar o ambiente ao qual a escola está inserida, “entorno cinza”, segundo a participante, este ambiente se opõe a toda dinâmica educativa da instituição de educação infantil, principalmente quando cerceia o direito da criança de brincar livremente.

*É bem complicado... É uma escola com muitas questões negativas e um entorno cinza, um entorno muito cinza, a estrutura péssima[...] O entorno cinza seria a violência, que é bem ali na frente, né. Esse entorno cinza é a violência. E a gente tenta colorir o cotidiano das crianças, mas a gente acaba se sentindo tão aprisionadas quanto elas, naquele espaço pequeno. (ÉRICA)*

Percebemos então, indignação, inquietude e busca por soluções que partem da professora frente a realidade desafiadora, que se enquadram nas palavras de Freire (2018) quando nos escreve que:

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isso não signifique ainda, a mudança da estrutura (p.66)

Embora muitas professoras que atuam em escolas dentro de comunidades sintam-se seguras, pois não vivenciam diretamente em suas unidades a violência, é importante ressaltar que ela permeia a realidade das crianças, conforme nos relata Luiza:

*Tem crianças em situação de risco, entendeu? A gente tem de vulnerabilidade, não só econômica, mas de vulnerabilidade social mesmo, dentro da família. A gente tem uma criança na UMEI que é filha de usuário de drogas, que a mãe é usuária de drogas, que assim, vive na rua e que aí, ele já passou por essa situação... (LUIZA)*

Ressalta-se que conforme Minuta Curricular Municipal 2020, a concepção de infância, num contexto de violências, “[...] torna-se discutível, não simplesmente por uma necessidade protecionista, mas sim pensar a criança como sendo sujeito histórico e político que atua sobre essa realidade (p.102).”

Buscando conhecer um pouco melhor sobre a localização das escolas, quanto ao acesso, das quatorze (14) UMEI que fazem parte da pesquisa, dez (10) foram declaradas pelas professoras, como de fácil acesso, sendo apontadas apenas quatro (4), como escolas de difícil acesso.

Desta forma, Fabiana, que atua em uma UMEI a qual considera local de difícil acesso, sinaliza que as condições físico-ambientais, podem ser apontadas como um dos complicadores para se chegar à UMEI, pois fica situada numa parte bem íngreme de um morro, o que dificulta a entrada de transportes, limitando o acesso apenas a carros pequenos, impedindo que ônibus escolares cheguem até a escola.

*(...)infelizmente poderia ser um pouco mais lá embaixo para as crianças terem mais facilidade de*

*acesso, né? Por exemplo, um ônibus escolar não tem como subir, como chegar lá... uma Van é difícil subir para chegar lá. Porque o acesso é muito difícil. (FABIANA)*

Ainda quanto ao acesso, a professora Débora atribui a má qualidade e pouca oferta de transportes públicos como agravantes, o que dificulta até mesmo o acesso das crianças no caminho até a escola, como podemos notar em sua fala:

*É um pouco afastado dos facilitadores de acesso. A condução pública ela é complicada de se chegar até a UMEI, é um pouquinho complicado. Ou você vai de transporte particular, ou você vai nesse ônibus, que é complicadíssimo em questão de horário, questão de, de, é, autoatendimento, né. (DÉBORA)*

#### **4.2.2 Clientela**

No que diz respeito à clientela, as UMEI da rede municipal atendem crianças de diferentes níveis socioeconômicos. Poucas são as unidades que se enquadram numa única classificação, pois há algum tempo tem se constatado a presença da classe média nas unidades públicas, o que se intensificou ainda mais após a pandemia.

Desta forma, das quatorze (14) unidades da rede municipal, em duas (2) delas, a maioria de crianças matriculadas pertencem a uma classe social favorável.

*[...]são muito crianças assim, vou colocar “bem de vida”, a gente não tem muita criança, é, de comunidade, muita criança muito pobre, a gente tem uma grande porcentagem de crianças ali, que moram ali em (nome de bairros suprimidos) em localizações bem mais favoráveis do que crianças de morro, de favelas ou comunidades, uma clientela até bem diferenciada lá. (BIA)*

Em torno de quatro (4) UMEI, tem matriculadas, quase em sua total maioria, crianças da classe popular. A característica comum entre essas UMEI, é a localização em comunidades ou favelas, limitando o atendimento quase que exclusivo para os moradores do entorno.

*Então, a clientela é uma clientela carente. São crianças que moram ali na comunidade mesmo. A UMEI não é muito bem localizada, porque ela fica no morro e é uma subida muito íngreme, difícil de chegar. É, as crianças, a maioria que mora, mora no entorno ali(...) (FABIANA)*

Por fim, oito (8) UMEI, possuem alunos de diferentes classes sociais matriculados, dado que nos chama a atenção pelo fato da classe média estar migrando para o ensino público, conforme anteriormente citado e reafirmado pela professora:

*Principalmente agora, depois da pandemia, eu acho que eles procuraram a escola pública e aí eu vejo que a gente tem mais esse tipo de criança do que as crianças mais carentes, né. (INGRID)*

### 4.2.3 O espaço na UMEI

As UMEI da rede municipal de Niterói, possuem características próprias, se diferenciando umas das outras. Fazem parte da rede, unidades em prédios que são tombados pelo patrimônio histórico-cultural, alocações, prédios doados pelo estado dentre construções antigas e as mais recentes realizadas através do Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10.

De todas as UMEI que estão inseridas na pesquisa, apenas duas (2), apresentam espaço-físico satisfatório, com salas e espaços amplos diversificados. Outras não possuem um padrão específico, contando com salas de diferentes tamanhos, sendo organizadas até mesmo segundo a faixa etária da criança. Há as UMEI em que a maioria das salas de aula são pequenas e o espaço para brincar é restrito. Algumas contam áreas livres cobertas, outras nem sempre. Quanto a acessibilidade, pouco é citado nos relatos.

Importante destacar, que o ambiente físico da escola é fundamental para um desenvolvimento infantil global. Érica aponta inúmeras falhas e inadequações quanto ao ambiente escolar na sua UMEI, como: área imprópria e insalubre, salas pouco arejadas, sem climatização, mal iluminadas e apertadas, limitando até mesmo deslocamentos das crianças no próprio interior da sala, ainda relata:

*[...]Mas as salas são extremamente apertadas, extremamente. Movimento nenhum, né! [...] É aquela docilização dos corpos mesmo, de caber sentado, né. (ÉRICA)*

Tal postura, de certa forma imposta pelo sistema educacional, acaba por reproduzir práticas de tendências pedagógicas antigas, que se pautavam na disciplinarização das crianças, através do controle de seus corpos em espaços educativos. (WAGNER; SOUZA; BARBOSA; CASTANHEIRA, 2020)

Outro aspecto apontado por Débora, no que diz respeito ao espaço físico, é a sensação de aprisionamento, alienação do mundo exterior e distanciamento da natureza, o que compromete sua prática pedagógica:

*Lá é uma área de mata, então vamos observar, ver, as árvores, ver, sei lá, os passarinhos, a gente não consegue ter essa aproximação maior, com esse lado de fora, porque depois que entra, a gente tá preso. A gente não consegue. Mesmo as janelas, não permitem que a gente observe mais o que está do lado de fora. (DÉBORA)*

Sobre o tema, Tiriba ressalta:

E, num plano micropolítico, impõe a submissão de infantes humanos a rotinas escolares que os despotencializam, na medida em que não asseguram o que é absolutamente fundamental: a relação intensa com o mundo natural, brincadeiras espontâneas ao ar livre, o faz de conta, a narrativa, trocas humanas essenciais ao aprendizado da vida em grupo, ao exercício da democracia. (TIRIBA, 2017, p.74).

### 4.3 A dança na rotina da professora da educação infantil

Embora dança tenha sido um tema apresentado de forma superficial e na maioria das vezes até sendo excluído na formação de professores, conforme anteriormente citado, é preciso relatar que sua prática é uma constante na rotina de todas as turmas das professoras entrevistadas. Verificou-se que a dança está presente na rodinha, no pátio, nos momentos livres e dirigidos, quando se canta, brinca ou fala, no desenvolvimento dos projetos, nas brincadeiras, nos momentos de relaxamento, quando tem festa, quando se faz dramatização, nos momentos de interação, com objetivos de trabalhar o corpo, como meio de comunicação, de inclusão ou mesmo para motivar e alegrar a turma, como podemos notar em alguns dos relatos abaixo:

*Olha, a gente sempre tem essa questão da dança presente, nas brincadeiras, naqueles momentos mais lúdicos, que a gente tá num contexto mais informal. (INGRID)*

*Ah eu acredito que em diversos momentos, principalmente na hora da rodinha, né... Na hora de uma leitura, quando as crianças querem fazer uma dramatização... (NINA)*

*Eu acho que em muitos momentos, porque a gente tem sempre uma musiquinha, a gente sempre trabalha com o corpo com eles para dançar, põem uma música, vamos dançar, acompanhar o ritmo, bater palmas, a gente tem sempre música nos momentos da rotina eu acho que sim. (LUIZA)*

*[...] então geralmente a dança entra nesses momentos de festividades que eles, são né... os ensaios que as próprias professoras fazem... Eu acho que ela entra também nos momentos na sala de aula, nas músicas que a gente canta... Eu costumo às vezes até fazer relaxamento, né? (MEL)*

*[...] a dança para mim já é meu bom modo de fazer, né, é, foi um caminho pelo qual eu encontrei, de conversar com essas crianças que não falam com palavras. (ALINE)*

Desta forma o inciso I, do Art. 9º da Resolução 5, de 17 de dezembro de 2009, destaca a necessidade de se garantir à criança, experiências que:

I promovam o conhecimento de si e do mundo por meio de ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.

Após constatarmos que a dança é uma prática fluente na educação infantil, se faz necessário entender como ela acontece de fato nas UMEI, como é conduzida e proporcionada. Entretanto, embora muitos autores apontem a ideia da dança na educação infantil estar mais presente nas datas comemorativas ou festividades, percebe-se nesta pesquisa, que essa prática contraria tal visão.

#### 4.3.1 Dançando no dia a dia

Visando compreender melhor como a dança se insere na rotina da educação infantil, os participantes foram questionados a respeito dos momentos em que as práticas dançantes se

fazem presentes no seu dia a dia com as crianças.

Incontestavelmente, “a rodinha”, que foi citada pela maioria das participantes, é um dos momentos que mais propiciam as práticas dançantes. As crianças se sentam junto ao professor, formando uma roda e ali é feita a chamada, a contagem dos alunos, observa-se o tempo (clima), ouve-se e conta-se histórias. Falam do cotidiano, da vida em família, fazem brincadeiras, cantam e dançam através de gestos, que divertem ou que exploram o movimento, ou das que despertam o conhecimento das partes do corpo.

*Olha, é... mais na hora da rodinha... na hora da rodinha ali que a gente, ó... eu acho fundamental... pra mim, rodinha é tudo. Eu acho assim, a rodinha... ali você só tá com as crianças, ali é o momento que você... um momento mágico, né? Você sentar, conversar, ouvir as crianças, ouvir a gente... Cantar, pular, dançar... eu faço de tudo um pouco na rodinha, né... (GEISA)*

De acordo com Meller (2020), na fala, na ação e nas relações, sobretudo no pensar e no dançar, cada sujeito carrega “[...]sua história, a qual está impregnada no seu corpo[...].” (p.127). Karen, então, sinaliza que nas rodinhas as crianças trazem seus saberes, compartilham e apresentam um saber próprio.

*[...] eles que trazem mais a dança, do que a gente passa a dança para eles, entendeu? [...] (KAREN)*

Desta forma, podemos perceber que a participante reconhece e valoriza o saber da criança, reconhecendo-o como um sujeito cultural, que se constitui social e historicamente, conforme RCNEI,

A criança, como todo ser humano, é sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com determinada cultura, em um determinado momento histórico. (BRASIL, 2001, p.21)

A dança está presente também através de momentos livres, que sem pretensão alguma, as crianças escolhem músicas e dançam. A partir da pandemia, esse tipo de atividade despojada, principalmente ao ar livre, passou a ser mais frequente. Ingrid aproveita o momento da saída das crianças para proporcionar essa vivência, conforme apresenta:

*Porque aquele tempo ocioso que a gente fica entra a mãe chegar e a criança ficar esperando, a gente faz o show de talentos. E ali, minha filha, rola de tudo! Até hip-hop já rolou. Já rolou street dance, como é que é? Aquelas danças de rua... Eles estão assim, muito criativos. A gente tem dado prioridade a esses tipos de atividades mais externas, com brincadeiras mais lá embaixo. Mais assim, abertas e livres por conta da pandemia, né. (INGRID)*

Outro momento em que as práticas dançantes estão inseridas é durante as cantigas de roda. Segundo Gonçalves e Vinha (2018), elas são manifestações que envolvem a cantoria e são realizadas em forma de círculo, com as mãos dadas ou não, sendo “elemento constitutivo de todas as sociedades (p.81). Desde modo, além de fazerem parte do repertório infantil, algumas vezes são parte integrante nos projetos, conforme relato:

*É, ultimamente, a gente tem trabalhado muito a questão das cirandas, das cantigas de roda. Então a gente tem dançado é, já dentro do planejamento do dia, né. Não era mais como era que eu fazia até esse mês. Como esse mês a gente tá vendo Lia de Itamaracá, então a ciranda entrou como já uma proposta de planejamento de aula, com dança. (INGRID)*

Dentre tantas funções em que a prática dançante se insere, a professora Fabiana destaca essa ação com fins quase terapêuticos, onde o corpo é visto como um todo. Segundo a docente, quando a criança demonstra cansaço ou mesmo fadiga para realizar alguma tarefa que demande esforço cognitivo ou de controle motor, a dança passa a cumprir um papel reestabelecedor, trazendo de volta o bem-estar, como nos fala a participante:

*E aí a gente começa a trabalhar com a música, com a dança, a dança dos dedos, a dança dos corpos, muda eles de cadeira, faz a dança das cadeiras e aí de repente quando você percebe, a criança já esqueceu aquilo, já sentou todo animado e tá fazendo alguma coisa. (FABIANA)*

Geisa encontrou nas brincadeiras cantadas outra maneira para trabalhar dança com as crianças. Utilizando recurso tecnológico, busca na internet músicas que exploram o corpo e o movimento de maneira lúdica e divertida para as crianças, embora Correia (2021) aponte que esse tipo de ação está mais relacionada ao jogo, que à dança em si.

*[...]eu pego o celular, ponho ali com eles, e lógico, eu pesquiso em casa primeiro, eu faço o planejamento, aí boto no celular... eles olham ali, aprendem... Essa semana mesmo, foi isso, uma dança maluca falei: Caraca, muito legal para eles! [...] Dança dos movimentos, né, cabeça, ombro, joelho e pé, conhecendo o corpinho, né... É com professor de educação física. (GEISA)*

Já Aline, que tem experiência no campo da dança, utiliza-se dela como via de relação, buscando através dessa linguagem uma nova maneira de comunicação com crianças com deficiência. Assim, a dança como expressão e comunicação proporciona a compreensão das capacidades expressivas, ampliando sua comunicação (ALMEIDA, 2016). Logo, entendendo a importância do corpo e de sua expressão, a professora desenvolve as propostas dançantes conforme o interesse das crianças.

*Então assim, a dança ela acontece e faz parte do dia a dia, não tem um momento específico, agora é aula de dança, agora estamos autorizados a dançar... não! Caminha com a proposta. E assim, na educação infantil, a gente tem produzido isso como uma ética, sabe... O brincar, o dançar, o se expressar com o nosso corpo. (ALINE)*

A dança também pode surgir de forma espontânea, a partir da contação de uma história, de uma conversa ou do transcorrer de um projeto, desenvolvendo na criança autonomia e autoconfiança, despertando sensações de prazer e alegria, através da ludicidade. Segundo Freire (1997), “A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidades para que os educandos sejam eles mesmos (p.41).

*[...]a gente ouviu uma história da Emília... e do nada tinha umas caixas de feira, que às vezes a*

*gente faz para botar livros de leitura...[...]; [...]que eu coloquei a caixa no chão, peguei uns pompons e falei: vamos ouvir essa música aqui... era aquela música da Emília, antiga... e aí nisso, veio a diretora, vieram as outras professoras, veio o faxineiro, veio todo mundo ver. Do nada, a gente dançando, Emília saindo da caixa... todo mundo... a gente revezando... e vamos dançar! (MEL)*

Luiza é uma das poucas professoras que relatou trabalhar dança, explorando com as crianças, alguns conceitos básicos próprios, como ritmo e tempo, despertando nos alunos habilidades, percepções e proporcionando a aprendizagem de conceitos.

*[...] “Agora vamos dançar, qual é o ritmo? É rápido, é lento...”, até para eles entenderem qual é o ritmo que eles estão trabalhando[...]* (LUIZA)

Ainda, Luiza considera indispensável proporcionar diversificados estilos musicais e danças para as crianças, ampliando, assim, novos conhecimentos nos diferentes contextos culturais.

*[..]eles têm que ter outras opções porque eles acabam ficando, eu não vou dizer pobre, acho que não é o termo, mas sem o conhecimento de outras culturas. Ficam focados e limitados naquele mundo deles. (LUIZA)*

Segundo Gadotti (2000), a escola, como tarefa humanista, tem o dever de apresentar as crianças a diversidade cultural, demonstrando que há outras culturas além do que eles vivenciam.

Érica destaca que gosta de conjugar literatura, música e dança, construindo com os alunos as coreografias, despertando a sensibilidade através dos movimentos. Tal ação é salientada por Almeida (2020), quando aponta a dança como um canal de interação de linguagens distintas.

*E ontem eu trouxe o poema bailarina, né, da Cecília Meireles. E sempre a partir de um poema eu tô trazendo um som, né, algo para eles ouvirem... a questão da sensibilidade sonora. E é através da sensibilidade sonora, os corpos começam a se movimentar. (ÉRICA)*

#### **4.3.2 A dança nas comemorações**

Apresentações de danças em festas comemorativas ou pedagógicas sempre fizeram parte da educação escolar, pois além de estarem inseridas no projeto político pedagógico da escola, esses eventos subsidiam financeiramente as unidades com gastos necessários para a própria comunidade escolar, como aluguéis de brinquedos, compra de guloseimas e presentes para festa do dia das crianças, contratação de transportes para passeios pedagógicos, equipamentos, entre outras demandas, conforme a professora nos relata:

*[...] porque é também uma maneira da gente ter um dinheiro extra para poder fazer outros eventos, porque nem sempre a verba dá para fazer tudo que a gente deseja com as crianças, né. Às vezes*

*para levar, fazer um passeio, a Fundação não oferece ônibus... (HELENA)*

As danças sistematizadas ou específicas, como classificam algumas das participantes, podem ser consideradas aquelas que tem como finalidade serem apreciadas por um determinado público, que celebram datas comemorativas, festividades ou culminância de projetos. São elas: festa junina, festa da família, festa da primavera, festa do folclore, entre outras.

A substituição de termo de “festas juninas” para festa da cultura ou festa da roça foi evidenciado em algumas falas. Segundo participantes, essa mudança tem sido uma postura habitual e visa desvincular uma festividade religiosa de um evento educativo e cultural, garantido o direito da criança ao acesso aos bens culturais brasileiros. Entretanto, as festas folclóricas têm encontrado resistências de grupos religiosos, que acabam por vezes distanciando as crianças dessas vivências.

*A gente lá, não faz é... festa junina, porque, a maioria das crianças lá, da comunidade são de igrejas pentecostais. Então eles têm a compreensão, que se é festa junina, então é festa de santo, então eles não mandam as crianças, não querem que as crianças participem... (HELENA)*

Apesar das resistências, de maneira geral, constatou-se que em todas as UMEI há participação e envolvimento da comunidade escolar nas festividades e que juntos trabalham para o sucesso do evento.

O local dos ensaios varia de acordo com a vontade do professor ou com o espaço disponível, desta maneira, quando questionadas, a maioria das professoras relataram optar em realizar os ensaios em suas salas.

Por motivos de segurança, uma única participante se vê obrigada a fazer os ensaios em sala, pois sua escola encontra-se em área deflagrada. Outra aproveita o momento da rodinha. Há as que preferem inicialmente os ensaios em espaço fechado, para depois passar para o pátio. Já a Joana, que vem buscando desenvolver as atividades com mais frequência fora de sala, aproveita a oportunidade dos ensaios para trabalhar ao ar livre.

*A gente sempre ensaia no pátio. Não que seja todo mundo junto, a gente ensaia sempre, porque ali é o momento que a gente sai da sala, né, eu não sei se você conhece a Lea Tiriba, ela fala muito do desemparedamento. (JOANA)*

Conforme Tiriba (2017), a expressão emparedar foi criada por ela, visando designar, de forma abrangente, as condições pelas quais as crianças, em instituições de horário integral, são submetidas à rotina em espaços fechados, sendo assim, Joana internaliza tal conceito, projetando em sua prática, novas ações educativas.

Quanto aos ensaios, as próprias professoras regentes da educação infantil, ficam responsáveis por suas turmas, mas em algumas UMEI, as que tem mais afinidade ou conhecimento sobre dança ocupam esse papel, dando suporte para outras turmas. Dentre as



quatorze (14) UMEI que fazem parte desta pesquisa, em apenas uma das unidades, a professora de educação física participa deste processo, haja vista sua formação na área da dança.

Durante a entrevista foi interessante observar que entre as participantes, Érica, ao ser questionada a respeito dos ensaios para as festividades, demonstrou enfaticamente repulsa às danças coreografadas, optando por uma construção coletiva e criativa das crianças, conforme relata:

*Eu não levo a coreografia pronta. Porque eles são muito mais criativos e libertos com relação a isso, né. Eu vou dar um toque aqui, acolá, mas eu acho que criar junto, é muito mais bacana.*  
(ÉRICA)

Contudo práticas tradicionais e impositivas, que marcaram por décadas as apresentações artísticas na escola, vem se modificando na educação infantil de Niterói. A construção coletiva entre crianças e professoras vem se tornando cada vez mais habitual, conforme notamos na declaração:

*A gente vai ouvindo a música e montando os movimentos e todos os dias a gente tira um momentinho da rotina para poder ir ensaiar né, até a apresentação. É uma exploração, é um processo e é bem legal. Porque do nada, a coreografia já está pronta, a dança já está bonitinha... “Ah tia, mas vamos fazer desse jeito?” Então, vamos fazer desse jeito... O tempo todo tem a opinião deles, a escolha deles... E aí, na rotina a gente tira todos os dias um momentinho para essa, para afinar mais para o dia da apresentação.* (DÉBORA)

Sendo assim, se verificou que dentre as quatorze (14) participantes da pesquisa, apenas cinco (5) ainda determinam a música e a coreografia que vão ser trabalhadas para as apresentações. Outras duas (2) ora escolhem a música, ora definem os passos para a coreografia e sete (7) professoras constroem junto com as crianças todo processo, tanto de escolha musical, como a da coreografia.

Portanto, práticas dançantes que tinham o professor como centro do processo, começam agora a dar lugar para uma construção conjunta, em que o aluno é sujeito. Vejamos nos relatos as diferentes posturas das professoras:

*Geralmente, assim, lá na escola, a gente é que escolhe a música. As professoras é que escolhem, as professoras é que inventam a coreografia e fazem.* (BIA)

*[...] às vezes a gente escolhe uma música e quando a gente apresenta essa música para as crianças, elas já conhecem a música, às vezes já trazem até para a gente uma coreografia para poder, é, já apresentar pros alunos... “Ah tia, eu já conheço essa música. Eu já danço essa música em casa...” Então às vezes coreografia, parte deles para a gente, entendeu?* (JOANA)

*E aí eles vão falando e aí a gente também vai pesquisando e vai trazendo coisas para ele, ó... tá vendo, tem essa dança... tem isso... e a partir dali a gente vai decidindo junto com eles, né.*  
(HELENA)

A participação nas apresentações de dança, sempre foi muito esperada por pais, direção

e professores, que por diferentes motivações, submetiam a criança a ensaios e espetáculos de maneira impositiva. Podemos notar que essa prática opressora acaba marcando de forma negativa esses momentos, conforme relata a professora Érica, demonstrando certa aversão até hoje, quando fala do que vivenciou em sua infância na escola, sendo submetida a dançar:

*[...]Primeiro porque como criança, eu também odiava, porque eu tinha que imitar aqueles passos... enfim, eu não gosto. Tem criança que não gosta de se apresentar. Ela gosta de dançar, mas não gosta de dançar em público ora bolas, e tá tudo bem. Então assim, pra mim é bem difícil quando se fala em datinhas para apresentar alguma coisa. (ÉRICA)*

Constatou-se então, que todas as participantes afirmaram não serem favoráveis a obrigatoriedade da participação das crianças em apresentações de dança, dando a elas o livre arbítrio, para que decidam.

No entanto, é unânime a postura das participantes com ações de incentivo aos alunos, que com paciência aguardam as crianças se engajarem nas propostas dançantes, conforme nota-se em frases como:

*[...] mamãe e papai vão estar assistindo... (CAROL)*

*“Ah, vai chamar seu amiguinho para dançar...” (BIA)*

*“Então quando você quiser, vem participar com a gente...” (GEISA)*

*[...] senta aí, diz pra tia se está legal, o que você tá achando... o coleguinha que fez par com sua amiga faltou, você não quer me ajudar?” (LUIZA)*

Foi comum notar atitudes de respeito e sensibilidade das professoras, quando percebem que a criança não sente prazer pela dança, ou mesmo possua traços de timidez, deixando que ela, por si só escolha dançar ou não.

*A gente não pode forçar. A gente tem que sentir vontade de dançar, porque senão vira até uma coisa chata. Ao invés de ser prazeroso, gostoso, vai ser horrível, traumatizante. (DÉBORA)*

Sendo assim, colocando-se no lugar da criança, o docente da educação infantil passa a olhar para a criança, como um sujeito, e segundo Tardif (2002), “os professores não podem deixar de levar em conta as diferenças individuais, pois são os indivíduos que aprendem, não o grupo. (p.129)”.

*Acho que a gente precisa ter essa abertura, porque eu acho que não é sempre que eu quero mexer o meu corpo e movimentar e apresentar o meu corpo em movimento, isso acontece com a gente e acontece com as crianças também. (ALINE)*

Um único relato atenta para o fato de ainda se persistirem algumas práticas dançantes conservadoras, onde o desejo de agradar aos pais, se sobrepõe ao bem-estar da criança e a autonomia da professora.

*Mas muitas vezes, a gestão que tá fora de sala de aula, o pai, o próprio pai, a própria mãe, querem que a criança dance, entendeu? Querem e fazem questão daquilo. Então eu sinto que o professor*

*não tem muita autonomia com relação a essas decisões, entende? (ÉRICA)*

Entretanto, grande parte das comemorações e festas, tem como base os projetos pedagógicos. A dança então, passa a ser um dos componentes desse processo, podendo estar inserida dentro de um contexto ou servir como ponto de partida para o desenvolvimento do todo, conforme as participantes:

*A gente desenvolveu o projeto do Feijão Maravilha. Daí a gente dançava a música do feijão e a gente viu todo o processo de fazer aventalzinho, né... da embalagem do feijão, dei pra eles, né... a gente preencheu com papel crepom e... foi bem legal, as crianças gostaram muito, aprenderam a música direitinho, gostaram da música, né? (CAROL)*

*Como esse mês a gente tá vendo Lia de Itamaracá, então a ciranda entrou como já uma proposta de planejamento de aula, com dança, com roda, com saias rodadas, com brincadeiras, com essas coisas, que também não tem nada a ver com a festa junina [risos]. (INGRID)*

*Esse ano, o projeto instituinte da escola, é a questão da cultura brasileira, né? Então na festa junina, nós vamos ter que ressaltar essa questão da cultura brasileira. Então nós podemos introduzir, vamos dizer, que esteja trabalhando com a criança a questão da musicalidade, ou leitura de Cordel, então vamos dizer, que assim a gente volte pro lado nordestino, né? Então a gente pode tá introduzindo um dos artistas, vamos dizer assim, que seja do Nordeste[...] (NINA)*

#### **4.4 As contribuições da dança no desenvolvimento da criança na educação infantil**

Segundo Cruz e Medeiros (2020),

“[...] a dança no processo educacional, não visa simplesmente a aquisição de habilidades, mas sim como um benefício no desenvolvimento social, biológico, cognitivo, emocional, a totalidade do ser” (CRUZ; MEDEIROS, 2020, p.8).

Desse modo, inúmeros elementos que se inserem nessa prática, foram identificados e citados pelas professoras, sendo organizados da seguinte maneira:

Quanto aos aspectos cognitivos, foram relacionados: conhecimento de conceitos como espaço, ritmo, direção, desenvolvimento cognitivo, lógica e concentração.

Dentre os aspectos afetivos/emocionais, foram relatados: autoconhecimento, troca com o outro, trabalha as emoções, desperta a alegria e felicidade, espírito de liderança, autoconfiança, autoestima, contribui como ação desinibidora, criatividade, pode ser usada como forma terapêutica, expressão artística, liberdade de expressão, expressão de sentimentos, memória afetiva e contribui para a vida.

No que diz respeito aos aspectos sociais, são apontados: respeito, socialização, combate ao preconceito, solidariedade, inclusão, interação social, conexão com o outro, comunicação e relações pessoais.

Já dentre os aspectos motores, foram identificados: coordenação motora, expressão

corporal, desenvolvimento psicomotor, percepção auditiva, conhecimento corporal, conhecimento de movimentos, desenvolvimento dos movimentos e postural, fortalecimento muscular, lateralidade, equilíbrio e autocontrole.

Desta forma, a prática da dança vai de encontro ao artigo 29, da Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996, que determina que a educação infantil tenha como finalidade o desenvolvimento da criança de forma integral, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Partindo do princípio de que o indivíduo se movimenta visando satisfazer suas necessidades (LABAN, 1978) e o movimento é um canal onde os sentimentos, a expressividade e as descobertas proporcionam o conhecimento de si, do outro e do meio em que está inserida (CURTISS, 1988), Ingrid, sobre as crianças, afirma que:

*[...] Porque eles são pequenos e precisam estar em constante movimento. E aí essa necessidade principal, deles se perceberem e se conhecerem através do próprio movimento. (INGRID)*

Sendo assim, segundo RCNEI,

As crianças, se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. (BRASIL, 2001, v.3, p.15)

Logo, a dança naturalmente se insere nesse universo infantil, propício e favorável à sua prática, conforme fala Joana:

*As crianças têm muito essa questão da dança, elas dançam o tempo todo. Mesmo porque o movimento é deles, eles não ficam parados, a dança está sempre presente. (JOANA)*

Embora a pandemia tenha retardado processos de desenvolvimento das crianças em relação a faixa etária, podemos perceber através de depoimentos, que práticas dançantes vêm contribuindo no resgate desse atraso.

Sendo assim, no que tange à prática dançante, questões que estão voltadas para os aspectos motores, foram citadas pela maioria das professoras e conforme Nanni (2008): “Teorias e experiências confirmam a necessidade de promover experiências em aprendizagem motora para estimular o desenvolvimento mental da criança (p.21).

Tal ação pode ser percebida na prática de Débora, quando relata:

*[...]que a pandemia, ela atrapalhou o desenvolvimento da criança em relação a idade que ela tem e que a gente espera que ela já tenha se apropriado, relativo à idade. E a dança vai fazendo isso né. Tem uma música que eu não vou lembrar agora, de quem seja, mas que diz: “Agora eu vou andar devagarinho...” [cantarola] Então tem que andar devagarinho e vamos fazendo os movimentos. “Agora eu vou andar abaixadinho...” [cantarola] Então vai andando abaixadinho. “Agora eu vou andar, é... dando ré...” [cantarola] Ai as crianças nem sabiam o que era isso, então vamos dar ré. E aí vamos aprender a dar ré. Sabe? Bater com o pé no chão. Bate com o pé... Bate palma... Então*

*é muito importante. (DÉBORA)*

Músicas que exploram as partes do corpo e os movimentos, se tornam parte integrante da rotina da educação infantil. É bem verdade que as professoras se utilizam da cultura midiática como ferramenta para o trabalho com dança na escola, conforme aponta Correia, (2021) e que esta, se caracterize por automatismos.

Por outro lado, percebe-se grande tendência à utilização desse recurso de forma mais livre, proporcionado à criança uma participação ativa, tanto nas escolhas dos repertórios, como na própria criação e sugestão de movimentos, buscando desta maneira, práticas lúdicas que promovam experiências diversificadas.

Diante disso, um dos elementos que aparecem com ênfase nas entrevistas, frequentemente apontado pelas participantes, dizia respeito à expressividade. Segundo Marques (2019), devemos proporcionar as crianças a criarem, inventarem, descobrirem, e experienciarem diferentes formas de estar no mundo com seus corpos.

*[...]Jeu acho que é importante estar atento e sensível a essa comunicação que o nosso corpo faz e compreender a dança, para além daquela imagem que a gente tem naturalmente né, de dança, da bailarina na ponta, de vestido fazendo determinados movimentos. A dança é mais do que isso. A dança é o meu modo e o seu modo de expressar o seu corpo[...]* (ALINE)

Desta maneira, Nina destaca na liberdade de expressão, como uma via facilitadora para a expressividade e fundamental para o trabalho com dança, já que as crianças da educação infantil, ainda pequeninas, são livres de juízo, conforme cita:

*[...]e nessa idade deles, GREI 4, GREI 5, quer dizer, nessa idade, na educação infantil, eles não têm ainda aquela questão de uma criança tá rindo da outra, porque dança de um jeito e outra dança de outro, então eles têm liberdade de estar se expressando.* (NINA)

Sendo assim, a liberdade de expressão, na educação infantil, vai contribuir na formação da criança como sujeito, seja pela imitação, oposição ou identificação com o outro, construindo sua própria personalidade (TRIGO, 2020).

Outro elemento que ganhou destaque entre as percepções das professoras, diz respeito aos aspectos emocionais das crianças. Segundo Friedmann (2020) atualmente as crianças se movimentam menos do que deveriam, o que prejudica tanto o desenvolvimento corporal como o emocional. Tal situação se agravou durante a pandemia, pois constatou-se que no retorno às aulas presenciais, as crianças apresentavam diferentes questões psicológicas, como timidez, medo, individualismo, insegurança, entre outras.

Ainda Friedmann (2020) aponta que é preciso às crianças, “[...] oferecer caminhos para que se expressem como forma de canalizarem suas dores, feridas, prazeres e alegrias. (p.69)” Como nos aponta a participante:

*[...]acho que esse período a gente tá recebendo crianças com muitas questões emocionais e a dança, o movimento corporal, isso desperta, isso auxilia muito na parte emocional da criança, também, porque ele ali, a partir do momento que ele começa a dançar, ele canta, ele se movimenta, ele interage com as outras crianças, aquilo ali tudo vai, vai trabalhando o emocional dela que também tá muito fragilizado nesse momento. (JOANA)*

Desta forma, o trabalho com dança, de caráter interativo, vem contribuindo para a mudança desse retrato. Pois, segundo Almeida (2016) é através das interações sociais que a criança vai internalizar regras, compreender pontos de vista diferentes ao seu, desenvolvendo a comunicação para entender os sentimentos, seus e do outro, favorecendo a compreensão de mundo e o seu papel dentro dele.

O papel social da dança no contexto da educação infantil, também é relatado com relevância junto às práticas desenvolvidas pelas participantes. Uma vez que questões relativas ao preconceito; embora pouco frequentes; também se fazem presente nas falas das crianças, que as reproduzem do meio que convivem.

Segundo Wagner (2020), as crianças já na educação infantil, organizam sistemas físicos, psíquicos, fisiológicos e morais, que juntos formam sua personalidade, que por consequência também vai sofrer influência do meio em que a criança convive, escola, família, religião e outras. Desta maneira, as manifestações artísticas também estão suscetíveis a serem julgadas, segundo padrões estabelecidos por essas esferas.

Entretanto, algumas das professoras se utilizaram da dança para desconstruir preconceitos relativos à gênero. A partir da identificação de frases pronunciadas pelas crianças que diziam, que balé era uma dança só para meninas, ou mesmo, que rebolar não era coisa de garoto, o trabalho foi desenvolvido.

Érica, a partir de poema, buscou inserir todas as crianças numa proposta dançante, de maneira democrática e livre, apresentando a presença de bailarinos nessa prática.

*[...] e convidamos os alunos, meninas e meninos, porque existem bailarinos também, ora bolas, né... para estarem representando o poema. (ÉRICA)*

Já Ingrid, desenvolveu um trabalho com a música de Sandy e Júnior, para desconstruir a ideia de que homem não rebola. Segundo Wagner (2020), através da dança e pelo diálogo na educação infantil, o desenvolvimento da consciência crítica das crianças rompe preconceitos que nascem do senso comum.

*[...] a gente tava brincando de dançar e aí um menino, eu chamei um menino para vir e tal e ele falou: “Tia, menino não rebola. Menino não rebola.” Aí eu falei: “Como assim, menino não rebola?!” Aí eu fiz um trabalho específico. Aí eu levei a música de Sandy e Júnior, “Vai ter que rebolar” [...] (INGRID)*

Desta forma, conforme RCNEI,

Na instituição de educação infantil, a criança encontra possibilidade de ampliar experiências que traz de casa e de outros lugares, de estabelecer novas formas de relação e de contato com uma grande diversidade de costumes, hábitos e expressões culturais, cruzar histórias individuais e coletivas, compor um repertório de conhecimentos comuns àquele grupo etc. (BRASIL, v.3, 2001, p.181)

Assim sendo, as atividades de dança vão promovendo a participação de todas as crianças, contribuindo também para a desconstrução de estereótipos. Conceitos como igualdade, respeito, amizade e solidariedade vão sendo vivenciados e passam a fazer parte daquele cotidiano, conforme nos relata Fabiana:

*A gente tem aquela criança que é mais gordinha, que às vezes se sente mal numa brincadeira porque por exemplo, no futebol, nunca é escolhido... Numa brincadeira de elástico, as colegas não escolhem... a gente tá sempre botando... “Não! Todo mundo vai brincar... chama todo mundo... ‘Ah tia, mas ela não consegue...’ Não, mas a gente vai ajudar e ela vai conseguir...*

*E aí, quando você põe todo mundo para dançar o mesmo passo, a mesma coreografia, mesma música, mesmo tempo, mesmo compasso, ele percebe que ele é igual o outro...*

*Então assim, a dança, ela expande esse horizonte dessa criança e faz ela se sentir bem, igual a todo mundo, fazendo a mesma coisa do outro [...]. (FABIANA)*

Visando uma prática democrática, não excludente, podemos conceber na dança, uma ação potente, capaz de servir como ponte, estreitando relações e promovendo de forma natural a inclusão.

A professora Aline, através da dança, da expressão corporal, encontrou um meio para estabelecer uma via de comunicação com crianças com deficiência, que não falam, mas que encontraram através do corpo uma maneira de se comunicar. Conforme Marques (2019), “[...]somos nossos corpos e *neles* - e não com eles – nos expressamos. (p. 58)”,

*[...] a gente tem vivenciado o corpo e a dança, como uma forma de produzir relação. [...]foi a nossa forma, a forma como nós encontramos de conversar. (ALINE)*

Segundo Almeida (2020),

“a dança como expressão e comunicação humana, pode contribuir para que a criança compreenda seu potencial expressivo e amplie suas capacidades comunicativas. Por meio dela os pequenos sentem o seu corpo e do outro, propiciando uma sensível comunicação corporal”. (2016, p.60)

Mel também aponta experiência com criança com deficiência, na qual a participação da criança durante os ensaios, foi basicamente como ouvinte. Disperso, recusava-se a participar da atividade, não apresentando interesse pela proposta. Mas para surpresa de todos, no dia do evento, quis participar e foi a criança que melhor dominava os passos da dança.

Desta maneira, segundo RCNEI,

Aprender a conviver e relacionar-se com pessoas que possuem habilidades e

competência diferentes, que possuem expressões culturais e marcas próprias, é a condição necessária para o desenvolvimento de valores éticos, como a dignidade humana, o respeito pelo outro, a igualdade e a equidade e a solidariedade. (BRASIL, 2001, v.1, p.35)

Sendo assim, Freire (1996) nos escreve que é preciso proporcionar condições para que as crianças nas “relações uns com os outros e com todos com o professor ou a professora, ensaiam a experiência profunda de assumir-se” (p.46).

Quanto ao aspecto cognitivo, foi possível perceber que a compreensão do sentido de uma determinada dança, da aprendizagem de signos e conceitos, foi desenvolvido pelas participantes, principalmente junto aos projetos educativos.

Portanto, quando trabalhada dentro de um contexto e construída junto com as crianças, a dança passa ter sentido, uma razão, conforme expressa Carol:

*... eu achei que a apresentação ficou linda e eles entenderam bem o recado, né? Os passos da dança, eles entenderam o porquê, o que significava, né... pegava a colher e mexia no caldeirão... então foi bem legal mesmo. (CAROL)*

Segundo Marques (2019) para que a dança não se torne uma mera cópia mecânica, devem ser trabalhados: a história, o contexto e a compreensão da linguagem, demonstrando que toda e qualquer sempre tem um sentido, “[...]uma relação entre quem dança, onde se dança e o quê se dança” (p.20).

#### **4.5 As barreiras do caminho**

As professoras da educação infantil da rede municipal de Niterói, embora trabalhem em regime de bidocência, relatam acúmulo de funções, crescendo a carga horária de nove horas dentro da UMEI. Sendo assim, são constantes os desafios enfrentados no exercício de sua prática docente. Segundo Tardif:

*A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão que possuem, geralmente um caráter de urgência. (TARDIF, 2002, p.49)*

Desta forma, visando compreender as dificuldades que as professoras da educação infantil enfrentam para desenvolver atividades de dança em suas unidades, constatou-se, que a questão do espaço físico é apontado com maior frequência pelas participantes.

Além de inadequados, são raras as escolas que oferecem outras opções de espaços que não as salas de aula ou parquinhos para a prática de dança. Além da “disputa” pelos espaços externos, as salas são pequenas em relação ao quantitativo de alunos, obrigando mudanças nas



disposições dos mobiliários, apresentando até mesmo riscos de acidentes, conforme relata Érica:

*Mas é... o espaço, né, é... imagina, a gente tem que empilhar as mesas e as cadeiras, para conseguir ter algum espaço para fazer uma dança, simples, né. E é bem difícil isso. Você toda hora tem tá configurando a sala para conseguir fazer algo para movimentar o corpo, né. Há ainda as escolas que não têm sequer um espaço para festas e apresentações, necessitando realizar eventos e apresentações em outras instituições. (ÉRICA)*

Tal ação contraria a Resolução 5, de 17 de dezembro de 2009, art. 8, §1, item X, que garante à criança proteção e dignidade como indivíduo:

X - a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes. (Brasil, 2013)

Outro implicativo quanto ao espaço, é a impossibilidade de realizar eventos dentro da própria unidade escolar, sendo necessário locomover as crianças para outras instituições, como clubes ou escolas maiores. Desta forma, a criança fica exposta a um ambiente ao qual desconhece, desencadeando insegurança. É preciso então fazer diversos ensaios até que as crianças se sintam mais seguras e confiantes, conforme Luiza:

*Por exemplo, quando a festa vai ser em outro local, você tem que levar as crianças pro local que você vai fazer a festa, até para elas terem noção de onde elas vão dançar. Tem ser feito pelo menos uns três ou quatro ensaios neste local. (LUIZA)*

Apontado também como obstáculo enfrentado pelas participantes para o desenvolvimento das atividades de dança, a questão material é outro agravante. Nem sempre as escolas disponibilizam os recursos materiais necessários para que o professor possa desenvolver o trabalho com dança, como: caixas de som, microfones, televisão, indumentárias ou até mesmo, conexão com a internet, dificultando essa ação.

*[...]a gente tem que ter uma aparelhagem de som para as crianças escutarem bem a música...tem que ter isso a disposição e a gente, normalmente, as caixas de som, uma caixa de som ou duas, divididas para todas as turmas... então tem que cada turma ter seu momento de ensaio, né, porque senão você fica restrito só ao som do celular, ou só restrito som de uma caixinha, que aí, é um instrumento que o professor possa ter ou não, em sala de aula, né...(NINA)*

A falta de verba na UMEI para compra ou confecção de fantasias, também é apontada por uma participante como uma das dificuldades, levando o professor a utilizar recursos próprios ou ficar limitado pelo improviso, dentro da realidade das crianças.

Já dificuldade de incluir dança dentro do planejamento é apontado como um dos entraves por Ingrid, quando salienta não possuir formação adequada para desenvolver atividades de dança.

*Olha a dificuldade mesmo, fica por conta dessa questão do planejamento, da gente ter que elaborar,*

*porque a gente não tem uma formação específica que nos auxilie nessa questão. (INGRID)*

Outro empecilho para o desenvolvimento de atividades de dança, que aparece nos relatos de duas (2) participantes é a construção da dança de forma mais sistematizada, que necessitam de uma coreografia específica. Novamente mais uma ação que está diretamente ligada à questão da formação, que tende geralmente à limitação no fazer, conforme nos diz Carol:

*[...]je a gente vai fazendo os gestinhos, explicando conforme a música. Mas é sempre os mesmos gestos, né? [risos] É sempre o coração... aquela mãozinha rodando assim...[risos] É sempre... não tem muito o que mudar, né...[risos] (CAROL)*

Somente uma professora declara a falta de professores de apoio como um dos agravantes em sua prática com dança. Apesar de Niterói contar com a bidocência e a lei garantir professor de apoio para os alunos com deficiência, a falta desse profissional acaba por sobrecarregar os professores regentes, comprometendo o trabalho proposto, uma vez que um deles passa a desempenhar o papel de professor de apoio.

*[...]quando tem alunos NEE, mas que não tem apoio. Então, tipo... uma tem que ficar por conta desse aluno e a outra ensaiar o resto todo, né? (MEL)*

Por fim, apenas duas (2) professoras afirmaram não encontrar dificuldades para o desenvolvimento de atividades de dança.

#### **4.6 Arte, educação física e a dança na UMEI**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, garante arte e educação física como componentes curriculares obrigatórios na educação infantil, conforme parágrafos:

§ 2º O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Segundo Marques (2019) o trabalho de dança realizado pela educação física e pela arte, relaciona signos de diferentes maneiras. Para que a dança esteja relacionada a arte, ela é deve ser constituída de signos, que juntos são articulados, pois “a dança não se define somente pelo movimento (não movimento), mas sim pelas combinações possíveis entre o próprio movimento quem o gera e o onde ele acontece”. (MARQUES, 2019, p.27)

Pela educação física, a dança, como uma atividade corporal presente na rotina da educação infantil, deve ser aberta a criatividade, ao lúdico, ao improvisado e a fruição das crianças,

desta forma, ela vai atuar “[...] na constituição social, cultural, e histórica do corpo e conformam distintas e diversificadas formas de relações possíveis com a vida.” (BUSS-SIMÃO, 2019, p. 84).

Apesar de garantido por lei, Niterói ainda não conseguiu implementar, em sua rede, profissionais em número suficiente que atendam tal demanda. Das quatorze (14) escolas participantes desta pesquisa, nenhuma delas conta com professores de artes. Apenas cinco (5) são contempladas com profissionais de educação física, sendo que em algumas, nem todas as turmas são atendidas. Uma (1) única escola tem o privilégio de ter professores de arte e também educação física.

Segundo a FME, a falta de professores especialistas nas UMEI, se dá por não haver pessoal suficiente na rede para atender a demanda e reconhece, ser esta, um dever do município.

Essa carência de profissionais, causa estranheza e descontentamento por parte das professoras regentes das UMEI, pois veem-se obrigadas a desempenhar papéis aos quais não possuem qualificação, sobrecarregando-as e resultando em parte, num trabalho educativo superficial e limitado.

*a gente tem que ser o cuidador, a gente tem que ser professor, a gente tem que ser o que dá aula de arte, o que dá aula de educação física, então às vezes a gente fica meio assoberbado e a coisa, às vezes passa batido, né, cansado... E agora, já uma pessoa que fosse só pra aquilo ali, talvez as crianças aproveitassem melhor, né... talvez tivessem um aprendizado mais qualificado. (CAROL)*

De acordo com Luiza, a carência de professores de artes e educação física se dá ao descaso em relação à educação infantil. Em sua opinião, a faixa etária dessa etapa é vista com certo desdém, resultando em descompromisso com um trabalho qualificado.

*[...]A questão da arte, educação física, as ciências, né. e que a educação infantil, muitas vezes é renegada a segundo plano porque muitas vezes não acham importante... “Ah, porque eles são muito pequenos... Para quê professor de educação física, professor de artes[...] (LUIZA)*

Reconhecendo a relevância da atuação desses profissionais nas UMEI, foi possível então, relatar as percepções das participantes, praticamente todas elas, consideram importante a atuação de professores especialistas de artes e educação física nas UMEI.

Seis (6) das professoras, apontam como fator positivo o trabalho integrado entre professores de artes e educação física, entendendo que as duas áreas deveriam andar juntas, pois se complementam no trabalho com dança.

Pensando na relação entre dança e artes, Débora além de destacar a importância da arte na construção do olhar, atenta pelo fato de o professor de arte, ser o profissional que tem o domínio de técnicas para trabalhar dança. Já Luiza, aponta na arte, a expressividade como aspecto principal para o desenvolvimento das atividades.

Para Fabiana, a criatividade está diretamente ligada à arte, pois a dança cria possibilidades para tal, uma vez que ela permeia essa ação. Malaguzzi (2016) aponta que a criatividade se manifesta através de experiências diversas, [...]juntamente com um desenvolvimento estimulado de recursos pessoais, incluindo um senso de liberdade para aventurar-se além do conhecido (p.81).

*Às vezes a gente tá com as crianças na sala, aí a gente bota uma música e eles sozinhos começam a fazer gestinhos, criam gestos naquela música... você nem criou, nem ensinou nada, você só deixou a música tocar. E aí quando você vê, eles estão fazendo gestos. (FABIANA)*

Conforme as participantes, no que diz respeito à educação física, é unânime portanto, a evidência da relação corpo e movimento no desenvolvimento de atividades de dança. Segundo Freire, J. Batista (1994) a educação física, que tem como objeto de estudo a motricidade humana, deve entender a ação, não como um simples ato em si, mas um ato que tem significações próprias, evidenciando “[...]a indissociabilidade entre corpo e mente, mente e espírito, ou ainda, sujeito e mundo (p.138)”.

Nina aponta que a educação física trabalha com os limites, possibilidades e ampliação do corpo e dos movimentos e com conceitos próprios da dança, o que favorece esse trabalho. Débora reconhece portanto, que através da educação física, o domínio do conhecimento do corpo e dos movimentos, favorece uma prática que oferece menos riscos de acidentes para as crianças, tornando essa ação mais segura.

*Olha, ninguém melhor do que um professor de educação física para mostrar para a criança, como que ele tem que fazer aquele movimento certinho. E evitar se machucar... e aprender até fazer um movimento mais brusco, mas que não se machuque. (DÉBORA)*

Já a professora Helena, aponta deficiência de dança nas aulas de educação física e ressalta ser mais frequente atividades com jogos e brincadeiras. Sendo assim, as participantes Érica e Karen inferem que professores de educação física deveriam estar mais abertos para trabalhar com dança.

*[...]em todo esse meu tempo de educação, seja em Niterói, seja dentro da educação infantil ou não, eu vejo assim, sempre as mesmas coisas. É, dá uma bola, vamos fazer um circuito, vamos fazer um... é, um circuito, é pular corda, mas eu não vejo dança, eu não vejo dança. (ÉRICA)*

Com professores de educação física e artes em sua unidade escolar, a professora Ingrid sugere que tais profissionais poderiam colaborar mais significativamente na formação dos colegas regentes da educação infantil. Sendo assim, além de valorizar os especialistas (artes e educação física) que já atuam na escola e tem conhecimentos específicos, essa ação proporcionaria maior interação, até mesmo nas questões que dizem respeito ao desenvolvimento das crianças, alunos de docentes de áreas distintas.

*[...]Eu acho que é fundamental valorizar esse profissional que já tá dentro da escola, que conhece a nossa realidade, que conhece as nossas crianças[...]* (INGRID)

## 5 CONCLUSÃO

Com o objetivo de investigar as práticas de dança desenvolvidas pelos professores regentes da rede municipal de Niterói no contexto da educação infantil, foi possível observar que essa ação está presente no cotidiano escolar, contrariando a ideia de que a dança se dá apenas em festas ou datas comemorativas.

Entretanto, encontrar voluntárias para a pesquisa, foi bastante desafiador, pois a ideia inicial das participantes, quando citado o tema, era de que deveriam ter um conhecimento específico nesta área, o que é, a propósito, bastante coerente, mas que não exclui a possibilidade de boas práticas dançantes serem desenvolvidas por pedagogos, desde que tenham, fundamentalmente, a arte e a educação física como fonte de conhecimento.

Embora a maioria das professoras que participaram da pesquisa tenham uma formação acadêmica bastante consistente, o déficit quanto aos conhecimentos em dança abrange tanto a sua formação pela universidade, como a formação continuada, proporcionada para os docentes da rede, ficando a cargo da professora elaborar por si mesma propostas de trabalho com dança. Sendo assim, a docente que atua com educação infantil, se sente limitada em seus conhecimentos, restringindo muitas vezes dança, em uma prática utilitária.

A falsa ideia de que apenas nas comemorações ou festividades a dança é trabalhada oculta potentes saberes, onde relações afetivas, cognitivas, motoras e sociais se inserem e se inter cruzam, mas que precisam, ainda, serem consolidadas.

Desta forma, grupos de estudos, cursos voltados para dança com crianças, vivências em dança, além de acesso a eventos e espetáculos, são de extrema relevância, uma vez que enriqueceriam significativamente a formação dos professores e conseqüentemente sua prática.

Contudo, o que se percebe é que as professoras, por si mesmas, vêm buscando novas concepções de práticas dançantes, onde a construção coletiva vai deixando de lado ações opressoras e ditatórias, dando lugar aos processos criativos, às interações, à troca de conhecimentos, à afetividade, à expressividade, à construção de valores, ao autoconhecimento, à inclusão, à alegria, elementos que abrangem essa ação.

Concebendo a criança como sujeito socialmente constituído, é possível perceber nas práticas dançantes desenvolvidas, atos de partilhas de saberes e não a simples transferência do saber. Sendo assim, a não obrigatoriedade das crianças de se apresentar em público ou mesmo

participar de atividades de dança, tem sido respeitada e defendida pelas professoras. Tal ação deveria se expandir não unicamente às crianças do ensino público, mas ao privado também.

Desta forma, a prática da dança com crianças que antes visava cumprir apenas determinações de ordem curricular, vem se modificando e ganhando diferentes sentidos, principalmente no contexto pós-pandemia.

Com obrigatoriedade de desenvolver atividades em espaços abertos, devido à COVID-19, as atividades corporais passaram a fazer parte de forma mais intensa da rotina das crianças. Desta forma, experiências e propostas de trabalho com o corpo e o movimento, se tornaram essenciais e indispensáveis.

A partir do entendimento que a criança é um ser em sua totalidade, composta por corpo e mente, que constrói conhecimento, produz cultura, interage, aprende, relaciona-se, comunica-se, cria, desenvolve seu próprio eu, sua autonomia, brinca, tem sentimentos, intervêm no mundo, recria e reelabora suas ações como sujeito, a dança cumpre papel de relevância no seu processo de desenvolvimento.

A dança, pautada na proposta curricular da rede municipal de educação de Niterói, que tem como eixos norteadores as interações e a brincadeira, se faz presente na rotina, nas rodinhas, nos momentos livres, nas brincadeiras cantadas ou mesmo em propostas dançantes para conhecer e trabalhar o corpo, desencadeando processos de inter-relações, que conseqüentemente, abrangem aspectos cognitivos, motores, sociais e afetivos.

Não podemos negar contudo, que a mídia, mesmo pautada em modelos ou gestos padronizados, pode contribuir na divulgação e construção de práticas dançantes, pois promove o acesso às danças culturais, tradicionais, de repertório lúdico, ou mesmo de lazer.

Ressaltamos, entretanto, que o uso das mídias para o trabalho com dança não deve descartar o desenvolvimento de práticas que respeitem a criança em sua inteireza, sendo necessário estar atentos a atividades dançantes que promovam a liberdade de expressão, a criatividade, a autonomia e a socialização entre as crianças, despertando potencialidades e a troca com o outro.

Outro aspecto que está ligado às práticas dançantes e nos chama atenção, diz respeito aos espaços nas unidades escolares, que parecem seguir paradigmas antigos, visando a disciplinarização dos corpos e o emparedamento, restringindo as crianças em ambientes compactos e fechados.

Segundo a FME, mesmo com a construção de novas unidades escolares, o crescente número de matrículas, inclusive da classe média que vem buscando a escola pública, tem contribuído para o aumento do quantitativo de crianças nas UMEI, tornando insuficiente a

demanda de vagas. Tal situação se agrava com as determinações do Ministério Público, que obrigam, mesmo sem espaço disponível na UMEI, inserir novos alunos nas unidades, superlotando ainda mais as salas.

Contudo, é preciso propor a construção de um número maior de UMEI, que devem ser pensadas principalmente respeitando a criança em sua natureza, criando espaços amplos, para brincar e se movimentar, proporcionando possibilidades de ressignificação, favorecendo as interações humanas e com o meio ambiente, entendidas atualmente como uma necessária relação de reciprocidade.

É nesse ambiente de convivência que a dança, proporcionada através de espaços adequados, favorecerá novas aprendizagens e habilidades, promovendo mudanças atitudinais, possibilitando vivências onde solidariedade, respeito, amizade, parceria, incentivo, autoestima, aceitação e inclusão, façam parte da rotina na educação infantil.

Se faz necessário, ainda, destacar a presença de professores especialistas nas UMEI. Além de ser um direito legal, garantirá a qualidade dessas práticas, uma vez que artes e educação física têm a dança como conteúdo curricular.

É preciso, entretanto, oportunizar a esses profissionais, dentro das próprias universidades, estudos e propostas voltados para a dança com crianças da educação infantil, uma vez que, notoriamente, constataram-se poucas pesquisas dentro deste tema.

Logo, entendendo a importância da atuação dos professores de educação física na UMEI no que diz respeito ao desenvolvimento de práticas dançantes, constatou-se que esses profissionais não têm favorecido esse trabalho, ficando essa tarefa reduzida aos profissionais que têm alguma experiência com a dança, ou comumente ao professor regente da educação infantil.

Porém, é necessário refletir sobre o papel dos especialistas na escola, traçando novas propostas que integrem esses profissionais aos projetos das UMEI, pois o trabalho desenvolvido por esses professores por vezes é visto como mero “preenchimento de horário”, ou mesmo “descanso para o professor regente”, conforme aponta a coordenação de artes da FME.

Sendo assim, a integração e troca de conhecimentos entre os campos de pedagogia, artes e principalmente a educação física nas escolas podem proporcionar práticas dançantes mais relevantes com crianças.

Ressaltamos que o estudo aqui realizado acerca das práticas de dança na educação infantil vem gerando um alerta aos professores, às Equipes de Articulação Pedagógicas (EAP) das UMEI, às coordenações de artes, educação física e principalmente a de educação infantil da FME, que salientou relevância ao tema, sinalizando traçar propostas de formação continuada

para os professores, que integrem as três áreas. Nesse sentido, entendendo a dança como uma ação potente, que abrange o desenvolvimento da criança nos seus diferentes aspectos, se faz necessário proporcionar aos professores da educação infantil saberes sobre dança.

Enfim, não queremos e nem podemos substituir o trabalho dos profissionais de artes ou educação física nas escolas pelos pedagogos, muito pelo contrário. Reconhecendo a relevância do corpo e do movimento na educação infantil, visamos buscar nestas fontes o conhecimento, para que as práticas de dança com crianças na educação infantil sejam mais significativas e enriquecedoras, prezando pelo desenvolvimento da criança em diversas dimensões.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Que dança é essa?** Uma proposta para a educação infantil. São Paulo: Summus Editorial, 2016.

ALMEIDA, Fernanda de Souza. Siga o mestre: reflexões sobre dança, imitação e educação infantil. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro. v.12, n. 25, p. 504-520. set./dez. 2017.

ALMEIDA, Fernanda de Souza. A dança em território de gente miúda: dialogias com as múltiplas linguagens infantis. **Revista Pensar a Prática**. v.23, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1145236>. Acesso em: 25 jun. 2021.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método das ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2000.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1993.

ANDRADE, Carolina Romano de. Dança com criança: um diálogo com a educação formal e os documentos reguladores do ensino. *In*: Congresso da ABRACE, 10. 2018, São Paulo, **Anais[...]** São Paulo: UNICAMP, v.19, n.1, 2018. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3810> Acesso em: 25 jun. 2021.

ANDRADE, Carolina Romano de; GODOY, Kathya Maria Ayres de. Um olhar para os documentos e orientações oficiais de cinco capitais brasileiras: sobre as concepções de dança, criança e currículo. **Revista Estudos Aplicados em Educação**. São Caetano do Sul, SP. V. 5, n. 10, p. 16-35, 2020. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_estudos\\_aplicados/article/view/6951](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/6951) Acesso em: 25 jun. 2021.

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil**. Falar e dizer/olhar e ver/escutar e ouvir. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

ANJOS, Isabelle de Vasconcellos Corrêa dos; FERRARO, Alexandre Archanjo. A influência da dança educativa no desenvolvimento motor de crianças. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 337-344, 2018. Disponível em:

<http://observatorio.fm.usp.br/handle/OPI/30733>.

BEZERRA, Dagmar Dnalva da Silva; RIBEIRO, Luciana Gomes. A história do ensino de dança no Brasil e a educação básica. **Incomum Revista**, Goiás, v. 01, n. 01, p. 1-19. 2020. Disponível em: <http://revistas.ifg.edu.br/incomum/article/view/750>. Acesso em: 25 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil> Acesso em: 02 jun. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2021.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. 3v.: il. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em:

[http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005\\_2009.pdf](http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf). Acesso em: 25 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category\\_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192) . Acesso em: 16

mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)**. v. 3. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, v. 6, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192) . Acesso em: 02 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB Nº 1, de 7 de abril de 1999**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao\\_ceb\\_0199.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0199.pdf). Acesso em :29 set. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2021.

BURCKARDT, Eduarda Virginia; SANTOS, Joice Terezinha Lemanski dos. Gênero na educação infantil: dançando sem tabus. *In: Jornada de Extensão*, 18, 2017, Ijuí (RS) *In: Anais [...]*. Ijuí (RS): UNIJUÍ, 2017.

CARRAMENHA, Iraydes; ORSELLI, Renata Alves. O papel da dança-movimento no processo de inclusão e no desenvolvimento de crianças com deficiência – relato de experiência. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 119-136, mar./set. 2018. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/777>  
Acesso em: 25 jun. 2021.

CORREIA, Adriana Martins. Diálogos com o cantar - dançar na educação infantil. **Revista Didática Sistêmica**, v. 23, n. 1, p. 178-195, 2021. Disponível em:  
<https://seer.furg.br/redsis/article/view/12927/9282>

CRUZ, Marlon Messias Santana; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves Medeiros. Educação Física e dança: proposições e possibilidades na escola. **Revista Cenas Educacionais**, Bahia: v. 3, n. e7023, p. 1-16, 2020. Disponível em:  
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/7023> Acesso em: 25 jun. 2021.

CURTIS, Sandra R. **A alegria do movimento na pré-escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DANÇAS primitivas. *In*: WIKIDANÇA.net. Disponível em:  
[http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Dan%C3%A7as\\_Primitivas](http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Dan%C3%A7as_Primitivas). Acesso 28 set. 2021.

DUARTE, Leonardo de Carvalho; e colaboradores. Educação física cultural na educação infantil. *In*: ENCONTRO DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, XX ENDIPE, 2020, Rio de Janeiro. Fazeres-saberes pedagógicos: Diálogos, insurgências e política. **Painel**, RJ: 2020, p.215-224. Disponível em:  
[http://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/duarte\\_ferreira\\_masella\\_hamburger\\_01.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/capitulos/duarte_ferreira_masella_hamburger_01.pdf) Acesso em: 24 jun. 2021.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação de primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FERREIRA, Valéria. **Dança escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora, 1991.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro** - Teoria e prática da educação da educação física. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 39 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

GALVÃO, Patrícia Taborda; CAMARGO, Daiana. A dança na prática pedagógica com crianças: olhares e reflexões de uma professora em formação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 302-323, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45838>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Giovanna Emily *et al.* A dança e suas possíveis contribuições no processo de desenvolvimento motor na educação infantil de crianças de 4 a 5 anos. In: VIANA; Joaquim Albuquerque. **Educação Básica: Novas perspectivas no processo de ensino-aprendizagem da educação física escolar**. Minas Gerais: Poisson, 2020. Disponível em: [https://fametro.edu.br/storage/2020/12/ed\\_fisica.pdf](https://fametro.edu.br/storage/2020/12/ed_fisica.pdf). Acesso em: 24 abr. 2021.

GONÇALVES, Martha; VINHA, Marina. Cantigas de roda e brincadeiras cantadas: o lúdico e a sua contribuição para a educação infantil. **Revista da Educação**, Dourados – MS. v.6, n.11, p. 73-85, jan./jun., 2018. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/808>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GUEDES, Adrienne Ogêda; LAGE, Lívia; VIEIRA, Nuelna. Dançar, mover, deslocar: o corpo na formação dos profissionais da educação infantil. **Revista Veras**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 48-67, jan./jun. de 2018. Disponível em:

<http://hotsite.tvescola.org.br/conexaoescolas/wp-content/uploads/2020/03/Dan%C3%A7a-mover-deslocar-o-corpo-na-forma%C3%A7%C3%A3o-dos-profissionais-da-educac%C3%A7%C3%A3o-infantil-2018-REVISTA-VERAS.pdf> Acesso em: 25 jun. 2021.

HONORIO, Liliene Carla da Silva. A dança como processo inclusivo e de valorização das habilidades dos alunos da educação especial. **Revista REFAF multidisciplinar**, [S.l.], v. 8, n. 2, jul./dez. 2019, p. 3-13, 2019. Disponível em:

<http://refaf.com.br/index.php/refaf/article/view/308/pdf>.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Niterói**. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/niteroi>

KRAMER, Sonia. **Educação como resposta responsável**: Conhecer, acolher e agir. Campinas, SP: Papirus, 2021.

KISHIMOTO, Tizuko M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

KUNZ, A. C. V. et al. Sentidos da dança: concepções de alunos de educação física.

**Educación Física y Ciencia**, v. 21, n.1, e071, jan./mar. 2019. Disponível em:

<https://www.efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFyCe071>

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LIMA, Marcos José Andrade. Danças populares na educação física infantil: prática emancipatória. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS, 2017, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande (PB): Realize Eventos Científicos & Editora, 2017. Disponível em:  
[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/coprecis/2017/TRABALHO\\_EV077\\_MD1\\_S A3\\_ID1370\\_14092017222451.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/coprecis/2017/TRABALHO_EV077_MD1_S A3_ID1370_14092017222451.pdf). Acesso em: 24 jun. 2021.

LIMA, Paula Stephane de Souza. A contribuição da dança na pré-escola. **Id on line Revista Multidisciplinar de Psicologia**. v. 11, n. 38, p.445-453, 2017. Disponível em:  
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/910> Acesso em: 24 jun. 2021.

LIMA, Caroline Barros; SILVA, Adriana Maria Simião. Danças circulares sagradas: uma vivência na educação infantil. **Luminar Revista de ciências e humanidades**, Universidade Regional do Cariri. v.1, n.1, p. 24-39, 2017 Disponível em:  
<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/BDCC/article/view/1360>. Acesso em: 24 jun. 2021.

LIMA, Carlos Alexandre Borges de; NASCIMENTO, Marcio de Jesus Lima do. A dança como recurso didático psicomotor para o desenvolvimento da expressão criativa e da descoberta do corpo no espaço da educação infantil. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM SOCIEDADE E CULTURA NA PAN-AMAZÔNIA, 3, 2018, Manaus (AM). **Anais [...]**, Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2018. Disponível em:  
<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-244a9830323c6fa7f110a538033c81c3ddec6006-arquivo.pdf> Acesso em: 25 jun. 2021.

MANGIAVACCHI, Bianca Magnelli. A dança inserida no eixo corpo e movimento para alunos da educação infantil. **Revista Científica Interdisciplinar**. Vol. 4. Num. 2. jul/dez, Disponível em:  
<http://multiplosacessos.com/multaccess/index.php/multaccess/article/view/125>. Acesso em: 24 jun. 2021.

MARQUES, Isabel. A. Dançando na escola. **Revista Motriz**. v. 3, n. 1, p. 20-28, 1997.  
Disponível em: <http://www.esefap.edu.br/downloads/biblioteca/dancando-na-escola-1254151985.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje – textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES, Isabel A. **Interações: criança, dança e escola**. São Paulo: Blücher, 2012.

MARQUES, Stéfany de Almeida. Um relato de experiência na educação infantil: A dança como estratégia para o desenvolvimento integral da criança. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 4, 2017, João Pessoa (PB). **Anais [...]** João Pessoa (PB): Universidade Federal de Campina Grande, 2017. Disponível em:  
[http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO\\_EV073\\_MD1\\_SA9\\_ID5163\\_16102017232235.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2017/TRABALHO_EV073_MD1_SA9_ID5163_16102017232235.pdf). Acesso em: 24 jun. 2021.

MELLER, V. A.; DITTRICH, M. G.; STEIL, I.; & Berbel Leme de Almeida, D. A dança costurando saberes sociais na educação. **Revista Polyphonia**, v. 31, n.1, 125–142, dez./2020.  
Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rp.v31i1.66950>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOREIRA, Wagner Way; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. **Corpo em movimento na educação infantil**. São Paulo: Editora Telos, 2012.

MURAD, Mauricio; SANTOS, Roberto Ferreira dos; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da (Orgs). **Escolas, violências e educação física**. Rio de Janeiro: Jagaútica, 2018.

NANNI, Dionísia. **Dança educativa: Pré-escola à universidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.

NANNI, Dionísia. **Dança Educação - Princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.



NASCIMENTO, Silvia Renata Cabral; SANTOS, Rosirene Campelo dos. Pensando as práticas dançantes na educação infantil. *In: Jornada de Educação Física do Estado de Goiás*, 4, 2019, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Universidade Estadual de Goiás, 2019, v. 1, n. 2, p. 87-91. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/jefco/article/view/13908/10951>. Acesso em: 24 abr. 2021.

NEIRA, M.G. **Educação física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2 ed. São Paulo: Paço, 2019.

NEIRA, M.G. **A reflexão e a prática de ensino Vol. 8** – Educação Física. São Paulo: Blusher, 2011.

NITERÓI (RJ). Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia. Fundação Municipal de Educação de Niterói. **Minuta do referencial curricular da Rede Municipal de Educação de Niterói para apreciação e aprovação do Conselho Municipal de Educação**. Niterói, 2020.

PAULINO, Cyntia Cristina Alves. A contribuição da dança no desenvolvimento cognitivo da criança na fase sensório-motora. **Revista Multidisciplinar da Fapesp – Unificada**. v.2, n.3, maio/jun. 2020. Disponível <http://revista.fapesp.com.br/index.php/Unificada/article/view/43>. Acesso em: 25 jun. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de . **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, C. N. P. dos; CARDOSO, A. C. R.; SOUZA, N. C. P. de S. Dança criativa na educação infantil. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LINGUAGENS EDUCATIVAS*, 2018, Bauru (SP). **Anais [...]** Bauru (SP): Universidade do Sagrado Coração, 2018 Disponível em: [https://www.unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/sile\\_2018/posteres/DANCA\\_CRIATIVA\\_NA\\_EDUCACAO\\_INFANTIL.pdf](https://www.unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/sile_2018/posteres/DANCA_CRIATIVA_NA_EDUCACAO_INFANTIL.pdf). Acesso em: 25 jun. 2021.

SANTOS, R.C.; NASCIMENTO. S. R. C.; SILVA, L. E. C.; SILVA, R. R. C.; SOUZA, A. T.

O.; SANTOS, V. T. A.; Reflexões a respeito da prática educativa da dança na educação infantil. *In*: CONGRESSO DE GINÁSTICA PARA TODOS, 7, 2017, Goiânia. **Anais** [...] Goiânia: Universidade Estadual de Goiás, 2017. v. 1, n. 2, p. 158 - 159.

SILVA, Edna Christine. Dança como área de conhecimento da educação básica. *In*: REUNIÃO NACIONAL ANPED, 39, 2019, Niterói (RJ). **Anais** [...] Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019, Niterói (RJ). Disponível em: [http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/5544-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/5544-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 25 jun. 2021.

SNEYDERS, Georges. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão** - Um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TIRIBA, Léa. Educação Infantil como direito e alegria. **Laplage em Revista**, Sorocaba, SP, v.3, n.1, jan./abr., p.72-86, 2017. Disponível em: <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/286/249>

TONDIN, Beatriz; DE BONA, Caroline Bruna. A dança e seu espaço na escola: educação física ou artes? **Revista KINESIS**, Santa Maria, RS, v.38, p.01-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/25195> Acesso em: 25 jun. 2021.

TRIGO, Carla Verônica Cesar. Ensino de dança na educação infantil: o corpo e a ludicidade na construção do conhecimento. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 360-381, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45742>. Acesso em: 25 jun. 2021.

TRIGO, Carla Verônica Cesar. A corporeidade como metodologia para o ensino de dança na pré-escola: uma experiência na rede municipal. **Temas em educação física escolar**. Rio de Janeiro, v.2, n.1, jan./jun. 2017, p.106-122. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/issue/view/83> Acesso em 22

jun. 2021.

VERDERI, Érica Beatriz. **Dança na escola**. Rio de Janeiro, Sprint, 2000.

VIEIRA, Marcílio de Souza. Interfaces entre a dança, a educação infantil e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Pós: Revista de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. [S.l.]v.8, n.16, p.8-24, nov. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15585>.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo, Atlas, 2009.

WAGNER, Valdilene; SOUZA, P. I. P.; BARBOSA, R. de S.; CASTANHEIRA, D. R. de C. A dança recre(a)ção: linguagens criativas e emancipatórias na educação física na infância.

**Revista eletrônica da educação**, v.14, p.1-13, jan./dez. 2020. Disponível em:

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3923> Acesso em: 24 jun. 2021.

YIN, Robert K.; BUENO, Daniel (Trad.) **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2017.

## **APÊNDICES E ANEXOS**

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Sabendo da importância de sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa, você está sendo convidado a participar de maneira voluntária deste trabalho que tem como título: A dança no contexto da educação infantil e a prática do educador da rede municipal de educação de Niterói.

O estudo aqui proposto se justifica na medida em que não somente contribui para aumentar o repertório acadêmico sobre o tema, mas visa suscitar nos professores regentes da educação infantil, novas possibilidades para a prática dançante, através do diálogo entre a educação física e a pedagogia possibilitando assim um novo olhar e fazer para a dança com crianças.

Visando entender como a dança se dá na educação infantil, esta pesquisa tem como objetivo investigar as práticas de dança desenvolvidas pelos professores regentes nas Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI), da rede municipal de educação de Niterói.

Participarão do estudo quatorze (14) professoras de UMEI, sendo duas (2) de escolas de cada um dos sete polos em que está dividida a rede municipal, segundo localização.

Os participantes selecionados serão professores estatutários, regentes, que atuam com a educação infantil.

A participação dos convidados se dará por entrevistas, agendadas conforme disponibilidade de horário do participante e melhor localização para o mesmo.

Os dados coletados serão posteriormente transcritos, sendo utilizados para análise do estudo.

Será garantida a manutenção do sigilo e da privacidade do participante durante as fases da pesquisa.

Como participante voluntário, você não terá custos, despesas ou geração de algum dano financeiro proveniente de sua participação na pesquisa.

Pode haver um certo desconforto durante a pesquisa, pois expõe o participante a lembranças vivenciadas, sejam elas positivas ou negativas, bem como suas opiniões e sentimentos, por outro lado apresenta benefícios, pois contribui com a produção e avanço do conhecimento na busca de novas propostas para o trabalho com dança na educação infantil.

É garantida a liberdade do participante em recusar-se de participar da pesquisa ou retirar

seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Em qualquer momento, fica assegurado o esclarecimento de qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Ao final da pesquisa você terá direito ao relatório, constando os resultados.

Todo material utilizado na coleta de dados, será descartado após 5 anos.

Sendo assim, eu \_\_\_\_\_ na posição de participante voluntária, afirmo ter sido informado(a) sobre a finalidade, objetivo, riscos e benefícios desta pesquisa e estou ciente de que poderei solicitar informações e sanar dúvidas a respeito da pesquisa, bem como retirar meu consentimento, se assim eu desejar.

Sei que o sigilo dos meus dados pessoais será garantido e que esta pesquisa não gera custos financeiros para mim.

Em caso de qualquer dúvida, poderei entrar em contato com Silvia, responsável pela pesquisa, no celular de número (21) 99178-1427, ou mesmo com o comitê de ética da Universidade Salgado de Oliveira – ASOEC – UNIVERSO, localizada à rua Marechal Deodoro, 263 Bl B – térreo, Centro, Niterói, RJ, CEP: 24030-060. Tel: (21)2138-4983. E-mail: [cepuniverso@nt.universo.edu.br](mailto:cepuniverso@nt.universo.edu.br)

Enfim, declaro concordar em participar deste estudo.

Participante

Pesquisador(a)

Niterói \_\_\_\_\_ de 2021

# APÊNDICE B

## ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

### Orientação para o pesquisador

Apresentação e identificação do pesquisador ao participante: nome, a universidade e o curso em que a pesquisa está associada.

Entrega do TCLE ao participante, ressaltando a importância do documento como garantia de direitos, como: sigilo de informações pessoais, possibilidade de desistência de sua participação, benefícios previstos, entre outros.

Agradecimento ao participante pela colaboração e disponibilidade da entrevista, solicitando também a permissão para a gravação da mesma, a fim de garantir um registro fidedigno às palavras do participante.

### 1. Sobre o participante

1.1 - Há quanto tempo você atua na educação infantil? Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

1.2 - Qual a sua formação? Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

### 2. Sobre a Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI)

2.1 - Em qual UMEI você trabalha?

2.2 - O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

2.3 - Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

2.4 - Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

### **3. Sobre a prática**

3.1 - Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

3.2. Me fale como você trabalha com dança em sua turma.

3.3 - Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

3.4 - Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

3.5 - Quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

3.6 - Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

### **4. Sobre o saber de dança**

4.1 - Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

4.2 - Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

4.3 - Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

### **5. Complemento**



5.1 - Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

Agradecimento pela participação do entrevistado e comunicar que na finalização da pesquisa os resultados serão compartilhados para ele.

## APÊNDICE C

### ESCLARECIMENTOS SOBRE AS ENTREVISTAS

As entrevistas estão organizadas por ordem alfabética, de acordo com os nomes fictícios das participantes, que vai da letra A à N, assim dispostos: Aline, Bia, Carol, Débora, Érica, Fabiana, Geisa, Helena, Ingrid, Joana, Karen, Luiza, Mel e Nina.

Realizadas através da plataforma Zoom Meet, os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade do participante.

Antes de iniciar a gravação a pesquisadora se apresentou e agradeceu a disponibilidade da participante, solicitando a permissão da gravação para posterior transcrição. Ressaltou a importância e necessidade do TCLE para assegurar e garantir os direitos do participante e se comprometeu com o retorno da análise de fala do participante.

Após concluído o roteiro de perguntas e o participante não tendo nada mais a acrescentar, o pesquisador novamente agradeceu a participação da professora e despediu-se.

Vale destacar que endereços, pontos de referência, localizações e nomes de pessoas foram modificados ou até omitidos, visando garantir o sigilo.

Foram suprimidos trechos que não eram relevantes para a pesquisa ou que expunha a escola ou professores em risco de vida, uma vez que foram feitos relatos denunciando a realidade de violência do entorno, em que a escola está inserida.

## APÊNDICE D

### ENTREVISTAS

#### Entrevista online – Zoom

#### Professora A – Aline

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil? Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora A:** *Eu atuo na rede de Niterói desde 2010, como contrato, né. E o meu concurso, eu entrei em 2013, início de 2013 e já, desde o início eu estou na educação infantil, nessa rede. Também trabalhei na rede de São Gonçalo, desde o ano de 2011, mas lá eu era orientadora pedagógica.*

**Pesquisadora:** Tá... Na educação infantil, é porque seu microfone falhou um pouquinho... na educação infantil você ficou quantos anos?

**Professora A:** *Na educação infantil, desde 2013.*

**Pesquisadora:** 2013, né? Certo... Aqui na rede mesmo, né?

**Professora A:** *Nossa rede.*

**Pesquisadora:** Certo... Qual a sua formação?

**Professora A:** *Eu atualmente faço doutorado em educação na FFP, em São Gonçalo.*

**Pesquisadora:** Nossa, caramba, que bacana!

**Professora A:** *Minha pesquisa é sobre educação de surdos.*

**Pesquisadora:** Puxa que bacana, que legal, muito bom! E qual a sua trajetória antes de entrar para o doutorado em educação?

**Professora A:** *Eu fiz pedagogia na UFF, né. Uma pós em libras, que é área que eu tenho pesquisado, a educação de surdos, ela é ainda é da educação infantil e aí eu fiz o mestrado em educação na UERJ, na FFP e agora eu continuo na FFP, no doutorado.*

**Pesquisadora:** Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante toda essa formação aí? Você pode me falar um pouquinho sobre isso?

**Professora A:** *Então, é... eu sou bailarina há mais de 20 anos. Atualmente eu tô na companhia Holos de dança e teatro inclusivo, que é uma companhia de dança de cadeira de rodas, né. A minha área tem sido toda essa de inclusão e diferença. Na minha área de pesquisa, de trabalho, de atuação. Até na educação infantil hoje, na sala de recurso e no atendimento educacional especializado. Então assim, a formação em dança, se dá ao longo da minha vida. Eu lembro*

*muito bem, que durante o curso de pedagogia, eu sempre puxava as matérias na faculdade de educação física da UFF, né, e cursava umas disciplinas de dança, de condicionamento físico, alongamento, várias coisas assim, buscando também essa formação na universidade, de algum modo.*

**Pesquisadora:** Certo, mas você, dentro do curso de pedagogia, teve alguma disciplina sobre dança, ou não?

**Professora A:** *Apenas eletivas.*

**Pesquisadora:** Só nas eletivas. Joia... O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora A:** *Então o nosso [palavra inaudível] é um prédio tombado, né, um prédio lindo. Mas [palavra inaudível] a nossa escola faz esse ano 90 anos de existência. É a escola mais antiga da rede, né. E a gente carece muito de questões estruturais no nosso trabalho. A gente atende uma comunidade de descendentes de portugueses, né, de uma colônia de pescadores bem próxima e também muitos filhos de militares, porque ali é uma área militar. Então assim, a gente atende, por exemplo, socioeconomicamente a gente atende a várias classes sociais nesse sentido, mas atendemos em especial aos moradores ali do bairro.*

**Pesquisadora:** Certo. Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora A:** *Então, nós temos quatro salas que tem um espaço bacana, né. Uma delas é muito pequena. A gente tem, sofre uma série de questões em relação ao espaço, da ventilação, do nosso refeitório, da nossa cozinha, a ventilação da própria sala de recursos, que é um ambiente onde eu trabalho. A gente possui as salas de aula e espaços muito pequenininhos para os outros ambientes, como secretaria, direção... a gente tem uma cozinha experimental, que é uma batalha nossa de muitos anos, que a gente valoriza muito, embora a gente não tenha sala de professores, salas voltadas para outros tipos de experimentação e outros ambientes, como por exemplo, sala de leitura ou biblioteca, sala de artes ou de outras coisas para as crianças, ou até mesmo informática, a gente não tem esses outros espaços. A gente acaba tendo, tem uma biblioteca no corredor... a gente tem que improvisar bastante em termos de espaço, lá. Estamos na fila por obras estruturais.*

**Pesquisadora:** Espaço, é... quadra, vocês não têm?

**Professora A:** *Não temos quadra. A gente tem um parquinho coberto, que é pequeno, que tem um gramadinho e uma área, que não é tão pequena assim, que tem um espaço legal, cimentado, mas que não é coberto.*

**Pesquisadora:** Certo. Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e

educação física?

**Professora A:** *Temos nesse momento de educação física, de artes não.*

**Pesquisadora:** O de educação física atende a todas as crianças?

**Professora A:** *Sim. A gente fez um esqueminha para ele atender todas as turmas, é a professora Emília. Não sei se você conhece, ela também é bailarina. Ela terminou o doutorado dela agora, na UFRJ, também pesquisando dança e formação de professores. Ela é professora de balé, ela é bailarina, então o trabalho dela tá muito voltado também para isso.*

**Pesquisadora:** Nossa, fantástico! Eu não conheço ela... Que legal, bacana mesmo! Bom saber disso... Bem vamos lá, vou dar continuidade às perguntas. Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora A:** *Então, Silvia, a dança ela tá muito presente na minha vida. A dança para mim é um modo de existência, é um ethos de vida. Então a dança ela faz parte da minha vida e da minha prática profissional como um todo. Não existe assim, um momento específico agora é para dançar e agora não é para dançar. A gente dança e a gente vive, entende? Eu separei um trechinho que eu queria ler para você de um diário, dessa parte, porque eu li as perguntas antes.*

**Pesquisadora:** O seu microfone tá falhando tanto aqui para mim... tá toda hora picotando.

**Professora A:** *O seu também pra mim. Eu tô desde de manhã cedo, na... eu já dei aula online hoje e já tive aula online, mas não tive a interferência toda que eu tô tendo agora, se bem que eu tava no Meet, todas as aulas foram no Meet, no Zoom faz muito tempo que eu não uso e assim, com mesma internet aqui em casa, tá picotando muito.*

**Pesquisadora:** Caramba, será que é a minha então?

**Professora A:** *Olha, hoje eu tô desde de manhã cedo e não tive esses problemas... Eu consigo apresentar aqui para você?*

**Pesquisadora:** Então é a minha...

**Professora A:** *Onde é que eu apresento?*

**Pesquisadora:** Vai em uma janela... Peraí...

**Professora A:** *Foi. Consegui aqui.*

[A professora compartilha um texto/diário de sua autoria]

**Professora A:** *Você tá conseguindo enxergar?*

**Pesquisadora:** Tô, tô, tô. “Um corpo que dança e convida outros para dançar”

**Professora A:** *Eu vou ler aqui, que você acompanha melhor, tá bom?*

**Pesquisadora:** Uhum...

**Professora A:** *Um corpo que dança e convida outros para dançar, são dois relatos desses*

*momentos, são dois diários meus, desse momento dançar e de trabalhar com esse corpo na escola, tá bom? E aí eu transito, sempre tran... agora que eu saí de São Gonçalo, né. Eu sempre transitei entre os municípios de Niterói e São Gonçalo, tanto em sala de aula, quanto em coordenação.*

[Leitura do texto pela participante]

A participante continua sua apresentação...

**Professora A:** *E aí tem o outro relato na educação infantil dessa escola, da escola onde eu estou hoje...*

[Leitura do texto pela participante]

[Os textos compartilhados, pelo Zoom, foram excluídos do corpo da entrevista para assegurar a autoria e preservar o anonimato da participante.]

**Professora A:** *Lucas é uma criança diagnosticada com autismo. Então eu separei um pouco desse relato pra mostrar um pouco como é que a gente tem vivenciado o corpo e a dança, como uma forma de produzir relação. E nesses dois encontros específicos, com crianças que não falam de forma oral, não oralizam, não falam com palavras, mas falam com o corpo. Em ambas as situações, foi a nossa forma, a forma como nós encontramos de conversar. O nosso bom, a dança para mim já é meu bom modo de fazer, né, é, foi um caminho pelo qual eu encontrei, de conversar com essas crianças que não falam com palavras.*

**Pesquisadora:** Certo. E assim, durante essa rotina, como surge a dança na sala? Todo dia vocês dançam, tem uma frequência? O que você pode me falar em relação a rotina?

**Professora A:** *Silvia, Silvia, a dança ela é algo muito natural, o trabalho com o corpo para mim. Eu danço o tempo inteiro, meu corpo dança, faz parte de mim a dança. E também faz parte muito do universo infantil, a gente dança todo tempo cantando, brincando, falando e existe espaço para que isso cresça, para que isso aconteça. Que eu poderia também não dar espaço para essas manifestações. Mas não só dou espaço, como também estímulo e proponho momentos de dança, entende? Então assim, a dança ela acontece e faz parte do dia a dia, não tem um momento específico, agora é aula de dança, agora estamos autorizados a dançar... não! Caminha com a proposta. E assim, na educação infantil, a gente tem produzido isso como uma ética, sabe... O brincar, o dançar, o se expressar com o nosso corpo. Nosso corpo tá muito presente todo tempo. E existe uma abertura para que esse corpo esteja presente.*

**Pesquisadora:** Uhum, beleza. E a próxima pergunta seria como você trabalha dança com a turma...

**Professora A:** *Desse modo como eu coloquei.*

**Pesquisadora:** Livre...

**Professora A:** *De acordo com os interesses. Não existe um momento autorizado de dançar, é conforme a gente vai caminhando e vai surgindo o interesse. Claro que existem momentos específicos. Por exemplo na festa junina a gente chega a ensaiar uma coreografia, algo mais voltado para uma festa ou outra. Mas para além desses momentos, a dança faz parte. E para mim existe abertura e estímulo para que ela aconteça.*

**Pesquisadora:** Certo. E como surge a música que vocês vão dançar? Você que traz a sugestão, as crianças trazem...

**Professora A:** *Varia muito. Eu canto muito para as crianças, Silvia, eu gosto muito de cantar. Eu trabalho não só com a dança em si, mas com a arte e tudo, eu faço música ao mesmo tempo que eu danço, eu faço música há mais de 20 anos, né. Então a gente explora instrumentos, a gente explora as músicas e na educação infantil, a música ela tá muito presente, tanto como uma proposta das crianças como uma proposta do professor. A gente tem som, que a gente coloca lá o celular para tocar, entendeu? E não necessariamente precisa ter música para dançar...*

**Pesquisadora:** Com certeza. Bom vamos para a próxima pergunta: Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora A:** *Então, como eu disse, no dia a dia, as músicas, a dança, ela é feita de acordo com o interesse, tanto com o interesse da criança, da proposta do professor, os projetos que a gente tá trabalhando naquele momento, né, a gente teve agora, a gente trabalhou um sábado letivo de escola aberta como os pais, a temática do ar. E aí eu trouxe um monte de coisas, a gente dançou com as crianças, né... Eu me vesti de vento, foi bem legal... e a gente trabalhou isso. Com eventos e festas existe na escola e quando a gente tem, principalmente na festa junina, tá, a gente escolhe com as crianças as músicas tradicionais de festa junina e ensaia com elas. Eu ensaio com elas eu ensaio com as outras turmas, a gente ensaia junto... eu ajudo a montar a coreografia de outras turmas, entendeu? Eu tô sempre metida na minha e das outras turmas junto. E a Emília, que é professora de educação física e bailarina, entra nessa.*

**Pesquisadora:** Ah, joia! Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora A:** *Isso, eu posso te dizer não só do evento chamado festa com coreografia para apresentar, mas no dia a dia. A criança quer participar, ela participa. Se ela não quiser e quiser ficar sentadinha, ela vai ficar sentadinha. Não tem muito problema. No dia da festa algumas crianças ficam mais tímidas, né, outras se soltam... varia muito. Acho que a gente precisa ter essa abertura, porque eu acho que não é sempre que eu quero mexer o meu corpo e movimentar*

*e apresentar o meu corpo em movimento, isso acontece com a gente e acontece com as crianças também.*

**Pesquisadora:** Quais são as dificuldades que você enfrenta, para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora A:** *Não encontro dificuldades, ô querida...Porque, assim, como eu disse eu trabalho o tempo inteiro com dança sempre e na educação infantil, a gente tem essa abertura de trabalhar com eles, né, de acordo com o caminhar. E assim, é de acordo com o interesse das crianças. Não tenho nenhuma dificuldade em relação à direção, colegas de trabalho, coordenação, nada disso. O nosso termômetro são as crianças né. E se as crianças estão interessadas, a gente vai trabalhar. Se por acaso não for o interesse naquele momento, aí a gente parte para outra. A gente trabalha muito de acordo com o interesse da criança, da potencialidade. Mas geralmente eles topam atividades de dança, atividades lúdicas... É bem legal. A gente consegue fazer um trabalho muito bacana e graças a Deus, eu conto com bastante apoio da equipe da escola e essa liberdade para trabalhar, que fundamental.*

**Pesquisadora:** Joia. Acho que a próxima pergunta, você já respondeu lá no início... Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui? Acho que você compartilhou, né? [risos]

**Professora A:** *É [risos]. Compartilhei um pouquinho já.*

**Pesquisadora:** É verdade, falou lá dos dois alunos.

**Professora A:** *Isso.*

**Pesquisadora:** Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora A:** *Para além da dança como uma disciplina [palavra inaudível]. Eu não vejo a dança como uma disciplina que vai ajudar a desenvolver habilidades específicas. Acho que a dança contribui para a vida. Todo e qualquer corpo, dança. Independente do corpo, independente de uma suposta limitação. A dança pulsa vida.*

**Pesquisadora:** Certo. Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora A:** *Olha Silvia, a gente tá sempre aprendendo, viu... Tem que tá sempre pesquisando e vendo, não tem muito esse negócio de chegou num estágio suficiente, independente de quanto que a gente já tenha dançado e trabalhado. Eu nesse momento, tô retomando e recuperando algumas coisas do Laban, em termos de movimento, né... agora, principalmente pesquisando a dança e a educação de surdos também, que para mim é um*



*desafio grande. Então acho que a gente continua sempre estudando, não tem como parar.*

**Pesquisadora:** A Isabel Marques, dá muitas contribuições para a dança, ainda mais para você que é bailarina...

**Professora A:** *Aaaaaahhhh [exprime fascinação, encantamento] eu gostei muito da Isabel Marques! O que eu já li dela... E eu li poucas coisas dela... Como é mesmo o nome da Companhia dela... Expressar?*

**Pesquisadora:** Não, não sei. Mas ela é fantástica. Ela tem muita coisa legal.

**Professora A:** *Se tiver coisas para compartilhar, compartilha comigo. Eu li poucas coisas dela.... e o que eu li, eu gostei muito.*

**Pesquisadora:** Sim, sim. Depois eu compartilho contigo. Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora A:** *Sim.*

**Pesquisadora:** Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora A:** *Eu acho que já fui entrando numa pergunta e outra e falando uma série de questões, né. Mas eu acho que o ponto que eu poderia, não que novo, mas que reforçar, é essa ideia de pensar a dança como um modo de existência. Como um modo de viver. Como uma ética de existência, como um ethos, né. Como parte da vida e como algo que faz pulsar a vida, na escola. Como por exemplo o modo de me relacionar com estudantes que naquele momento não falam com palavras, não oralizam, mas que falam com seus corpos, porque todo o corpo fala e se comunica. E eu acho que é importante estar atento e sensível a essa comunicação que o nosso corpo faz e compreender a dança, para além daquela imagem que a gente tem naturalmente né, de dança, da bailarina na ponta, de vestido fazendo determinados movimentos. A dança é mais do que isso. A dança é o meu modo e o seu modo de expressar o seu corpo, né, então...*

### **Entrevista online – Zoom**

#### **Professora B – Bia**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil? Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora B:** *Eu entrei para a rede de Niterói em 2010, em janeiro de 2010. E na educação infantil eu tô desde 2012. Quando primeiro, eu entrei eu fiquei dois anos no fundamental e aí depois de 2012, eu fui para a educação infantil.*

**Pesquisadora:** Então de 2012 até agora...

**Professora B:** *10 anos.*

**Pesquisadora:** Beleza. E qual é a sua formação?

**Professora B:** *Eu sou formada em pedagogia e tenho pós em psicopedagogia também.*

**Pesquisadora:** Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

**Professora B:** *Na época da faculdade, eu fiz faculdade na X e a gente tinha uma matéria de corpo e movimento. Só que não foi uma matéria bem trabalhada, assim, porque a gente tinha professor, mas não tinha espaço para fazer quase nada. Então era muito a parte teórica: texto, leitura, não muito a parte de movimento mesmo da prática. Só tive isso ao longo de toda a minha formação, só tive essa matéria. E curso também, nunca fiz nenhum curso voltado para parte de dança, nem nada...*

**Pesquisadora:** E nesse curso que falava sobre corpo e movimento, foi falado sobre dança, especificamente?

**Professora B:** *Especificamente não, falava sobre várias coisas. Não só dança, sabe, esportes, é... parte de movimentação do corpo mesmo, esportes e incluíam a dança nesse bolo aí.*

**Pesquisadora:** O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora B:** *Ali, assim, a localização [suprimida]... uma localização boa, né, que a gente chama assim, não tem perigo né, de, é... não é dentro de uma comunidade, é na beira da rua, no asfalto. A clientela, né, que a gente tem, as crianças, são muito crianças assim, vou colocar "bem de vida", a gente não tem muita criança, é, de comunidade, muita criança muito pobre, a gente tem uma grande porcentagem de crianças ali, que moram ali em [nome de bairros suprimidos] ... em localizações bem mais favoráveis do que crianças de morro, de favelas ou comunidades, uma clientela até bem diferenciada lá.*

**Pesquisadora:** Certo. Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora B:** *Então, lá é um prédio que ele é alugado. Ele não é próprio da Fundação. Ele é um prédio da Cúria, da igreja católica de Niterói, né. E a gente não tem um espaço físico muito favorável. Assim a gente não tem salas de aulas padronizadas. Cada sala tem um tamanho diferente. A gente salas muito pequenas e duas salas grandes e outras bem pequenas e umas menores ainda. Tem só um pátio descoberto, né, onde tem brinquedo, escorrego. E sala de recurso e só. A gente não tem sala multimeios, a gente não tem biblioteca, não tem uma quadra coberta... É... banheiros, também, tem banheiro bem pequeno, assim, para a quantidade de aluno que a gente tem é pequeno, o refeitório é pequeno. É um espaço meio que improvisado,*

*sabe, para ter uma escola...*

**Pesquisadora:** Certo. E tem área livre que vocês façam apresentações, festas?

**Professora B:** *É esse pátio descoberto, esse pátio da frente, que também não é muito grande, é um tamanho médio.*

**Pesquisadora:** Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora B:** *Não, não tem. De artes nunca teve. Eu tô nessa UMEI há nove anos. De artes nunca teve e de educação física já teve. Mas tem uns quatro anos que não tem. Se eu não me engano, ela saiu em 2018, por aí...*

**Pesquisadora:** Bem, pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora B:** *Eu procuro assim, a gente, na minha turma hoje, eu já fazia isso antes, eu procuro em deixar um momentinho para eles dançarem livremente. Eles gostam muito. Geralmente eu sempre pego turmas que gostam muito de dançar. Né, lá na escola, também a gente, geralmente no horário do pátio, do parquinho a gente bota a caixinha de música, com som ligado, com diferentes músicas para eles dançarem. Aí, até que o pessoal da escola brinca muito, porque eu tenho um pouco mais de facilidade de mexer com tecnologias. Então elas ficam me pedindo: “Ah Angélica, baixa música para a escola...” Aí quem faz o repertório geralmente sou eu. Que aí eu vou procurando música que eles gostem mais, que às vezes até ouço eles cantando lá na escola, e aí eu coloco lá para eles ouvirem, né... E aquele momento também da rodinha, que a gente sempre canta musiquinha com eles, às vezes dança, alguma coisa assim... Mas quase todo dia tem música, tem dança lá, mesmo que livremente.*

**Pesquisadora:** Sobre esse repertório, quais são as músicas que você escolhe?

**Professora B:** *A gente bota bastante música infantil, mas por exemplo, em dois mil e... nós estamos em 2022, antes da pandemia, em 2019, eu tinha uma turma que não curtia muito música infantil. Eles gostavam muito de músicas da moda. Né, e aí é claro que eu pesquisava, via a letra, se dava para colocar e botava. Então eles ouviam muito aquela banda, Melim, eles ouviam Skank, várias bandas, assim, que eles gostavam de ouvir e eu colocava lá, na hora do pátio para eles ouvirem... Aí depois até a Anita fez, tem um projeto da Anita, aquele Anitinha, que tem umas músicas meio com ritmo de funk infantil... Aí eles adoram, botou ritmo de funk, é sucesso. Aí eu sempre baixava para eles dançarem...*

**Pesquisadora:** Legal, legal... Agora, me fala, como você trabalha com dança em sua turma?

**Professora B:** *Assim é como eu te falei, eu não tenho formação nenhuma, não tenho ideia, eu vou assim, na intuição, né. Então assim, é... esses momentos livres, assim, eu sempre procuro*

*ver quais as músicas que eles gostam mais pra colocar, pra gente dançar junto, tento puxar quem é mais envergonhado, quem é mais tímido para dançar, é, também fazer algumas dancinhas coreografias para trabalhar o corpo, as partes do corpo, a gente vai fazendo assim.*

**Pesquisadora:** Certo... Que legal... Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos?

**Professora B:** *Então, cada professor ensaia a sua turma, né. Em algumas comemorações que a gente faz lá, né, por exemplo, dia de pais ou dia das mães. Geralmente não é uma turma dançando, são várias turmas ao mesmo tempo. Aí elas dividem assim, é, grupo A e grupo B. Geralmente quando tem esse grupão, quem ensaia sou eu. Elas me botam lá na frente para fazer esse papel. Mas assim quando tem, é, comemoração que é cada turma se apresentando, é cada turma, seu professor que ensaia.*

**Pesquisadora:** Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia, os ensaios, como é que vocês fazem isso, como é que você faz isso?

**Professora B:** *Geralmente, assim, lá na escola, a gente é que escolhe a música. As professoras é que escolhem, as professoras é que inventam a coreografia e fazem. Eu costumo, quando a turma é de maiores, GREI 4, GREI 5, costumo ver quais as músicas que eles mais gostam e partir dali, fazer alguma coisa para o fim do ano... geralmente é Natal... Geralmente as apresentações são Natal, Festa Pedagógica, Pai e Mãe, ou Dia da Família, né. E aí, o Natal eu sempre procuro ver uma música que eles gostem mais, até para sair da mesmice do Jingle Bell... Jingle Bell... [risos], então a gente sempre procura uma coisa diferente, pelo menos na minha turma eu sempre procuro uma diferente. Ah, a gente sempre faz festa junina.*

**Pesquisadora:** Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora B:** *É, eu não obrigo, né. Eu vejo... a gente sempre tem algum mais tímido, algum que não gosta, que se sente envergonhado... então não quer participar, eu sempre explico para os pais: “Olha ele não quer...” Então aí a criança fica livre para decidir se vai ou não vai, se vai dançar ou não. Deixo eles meio livres para decidir isso. Procuro não... quando a gente tá fazendo ensaio, chamar, mostrar, incentivar o amiguinho, “Ah, vai chamar seu amiguinho para dançar e tal...” Mas tem criança que realmente não gosta. Não gosta da visibilidade de estar ali na frente, com um monte de gente olhando... Então a gente deixa assim, não gosta, tudo bem, não tem problema.*

**Pesquisadora:** E quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora B:** *Basicamente espaço. Porque a gente não tem espaço, né, por exemplo ensaio, a*

*gente faz nesse pátio descoberto, mas se estiver em horário de recreio de outra turma, você já não pode fazer porque vai atrapalhar o recreio... aí a gente tem até antes do banheiro, um pavilhão... pavilhão é uma sala um pouco maior, assim, que a gente ainda faz algum ensaio ali, mas se tiver muita criança, já não cabe mais. Várias turmas ensaiando ao mesmo tempo ali, não dá. Basicamente espaço mesmo, porque lá é bem complicado.*

**Pesquisadora:** Uhum... Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança, que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora B:** *Olha, com dança, eu nunca fiz nada assim, significativo assim, muito diferente... é, as meninas até da escola brincam comigo, assim, que eu sempre, como eu falei, eu sempre tento ver músicas diferentes, eu gosto de sair da mesmice. Eu não gosto de dançar aquela musiquinha tradicional e tal. É, eu já fiz uma apresentação, mas não envolve dança. Envolve música, mas não envolve dança. Foi uma apresentação que a gente fez no teatro municipal da música do Heitor Vila Lobos, Trenzinho Caipira, que a gente se apresentou em libras, fazendo a música em libras. Porque eu tinha uma aluna surda na época, né. Envolveu, assim, até envolve o corpo todo, porque a gente trabalhou com as crianças a parte de libras e tal, mas foi só uma apresentação de música, sem envolver a dança, só a libras mesmo. Mas de dança, dança assim com coreografia...*

**Pesquisadora:** Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança?

**Professora B:** *Acho, acho muito importante.*

**Pesquisadora:** E de que forma? Que aspectos você ressaltaria? O que você pensa sobre isso?

**Professora B:** *Eu ressaltaria a motricidade da criança, a coordenação motora, que é muito importante, pra partir daí trabalhar, né, como as vezes até as meninas falam lá na escola, as letrinhas, os numerozinhos... a gente acaba partindo do corpo todo, do macro para o mínimo, né, para coordenação motora mais específica. E a criatividade e a expressão também, né, você consegue reparar como eles se expressam através da dança, quem é mais tímido, quem é mais desinibido, quem gosta mais de aparecer, de se mostrar, quem não gosta... Quem tem criatividade de inventar a sua dança, de pedir uma música que goste, quem já não liga muito, já acha assim... a gente acaba percebendo muita coisa através da dança com eles.*

**Pesquisadora:** Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora B:** *Ah não, eu gostaria de ter mais acesso assim, a... cursos, ou algum tipo, cursos mesmo, ou, ou alguma pessoa que ajudasse a gente nessa modalidade. Assim, porque a gente*

*faz na intuição, né, a gente faz aquela coreografiazinha lá, mexer o bracinho e tal, vai no ritmo da música, ou quando a música fala uma palavra, “Ai, coração...” faz aquele gesto, mas eu gostaria mais de ter um conhecimento mais assim, do corpo mesmo, de como trabalhar, quais os movimentos melhores, para trabalhar uma área específica... Isso a gente não tem, né, a gente vai na intuição mesmo.*

**Pesquisadora:** Certo... Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora B:** *Ai eu acho que sim. Acho que sim. É uma coisa que a gente sempre comenta lá na escola, entre a gente, que a gente sente muito a falta de professores específicos dessas áreas para ajudar a gente lá. E ajudar até nessa parte de dança, de outras partes, até na Arte, mesmo, que a gente faz as atividades com as crianças, mas, a gente não é professor de artes, a gente vai né, conforme a gente vai tendo ideias e criatividade... Mas seria muito importante que cada UMEI tivesse um professor de artes, um professor de música, professor de educação física, ia ajudar muito a gente. Acho que amplia bastante para conseguir trabalhar com eles, principalmente se tivesse um professor de música, com violão, com instrumentos, para ajudar a gente... A gente sente muita falta disso lá.*

**Pesquisadora:** Me diz uma coisa, você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que eu não contemplei nas perguntas?

**Professora B:** *Não. Acho que não. Tudo ok.*

### **Entrevista online – Zoom**

#### **Professora C - Carol**

**Pesquisadora:** Então professora, há quanto tempo você já atua na educação infantil?

**Professora C:** *Eu tô a, é... 15 anos já. 15 caminhando para 16.*

**Pesquisadora:** E quando que você entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora C:** *Foi em 2007.*

**Pesquisadora:** Certo. O tempo todo você ficou só na educação infantil?

**Professora C:** *O tempo todo.*

**Pesquisadora:** Certo. E qual é a sua formação?

**Professora C:** *Eu sou formada em Letras, né... Português/Literatura. Sou formada em Comunicação Social.*

**Pesquisadora:** Certo... Você tem duas faculdades?

**Professora C:** *Tenho duas faculdades.*

**Pesquisadora:** Caramba...

**Professora C:** *A primeira eu fiz Comunicação Social. Aí não conseguia trabalhar na área, muito difícil ingressar... Aí meu pai, na época, falou: “Minha filha, já que você fez uma faculdade que não dá dinheiro, faz uma que dá.” [risos]. E aí eu optei, em ser professora de literatura, então eu vou fazer para professora de português, né... e literatura. Mas acabou que eu nunca dei aula de literatura... [risos]*

**Pesquisadora:** E você fez pós-graduação?

**Professora C:** *Fiz. Fiz pós-graduação em educação infantil.*

**Pesquisadora:** Ah, legal...

**Professora C:** *Eu fiz, porque assim... Eu... sou uma pessoa que não sou muito chegada na educação infantil, eu caí de paraquedas. E aí acabou que eu fiz a pós para eu ver se me apaixonava, entendeu? Mas também eu continuei do mesmo jeito.*

**Pesquisadora:** [risos]

**Professora C:** *Eu gosto mesmo é de literatura. Aí eu tô tentando ver se agora o mestrado, eu faço em literatura, para fazer uma coisa que eu gosto.*

**Pesquisadora:** Isso... Deixa eu te perguntar, você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação?

**Professora C:** *Olha você sabe que eu li essa pergunta e eu fiquei pensando... gente, eu... a gente nunca teve nada voltado para dança...*

**Pesquisadora:** Nunca, né?

**Professora C:** *Nunca tivemos... que coisa, né? É uma coisa que a gente nunca reparou também, né? Eles falam muito do brincar, do cuidar e... de vários tipos, né... de desenvolvimento psicomotor e tudo, mas essa parte, nunca foi dado, né... uma pessoa ensinando dançar com as crianças... isso aí não teve.*

**Pesquisadora:** O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora C:** *Ah eu gosto bastante. Lá é bem localizado, né? E eu acho um lugar assim, supertranquilo para trabalhar... Até no início, quando eu troquei, o pessoal ficou assim: “ai... [nome do bairro suprimido], sei lá...” Mas eu sempre gostei bastante. Assim, nunca passei nenhum perigo lá, né... Até Itaipu eu acho que é mais perigoso, lembra? Eu até tava comentando com a menina hoje, que já foi sequestrada uma Van com criança, né? Quando eu ficava dando volta e às vezes, é... sempre tinha alguém de olho... homem vinha de carro... Uma vez eu e a Dayane [nome modificado] estávamos caminhando, o cara veio de carro atrás da gente... E estranho, isso, lá em, menina, eu já tô lá 4 anos, nunca vi nada...*

**Pesquisadora:** Então é assim, um bairro pobre, mas não é uma comunidade violenta, né?

**Professora C:** *Isso... Não. Não é, não é. Ah, tem a comunidade [nome suprimido] ali perto, tem o [nome suprimido], também... Ali no [nome suprimido] sai alguma coisinha de vez em quando. Mas em [nome suprimido] em si, eu nunca vi nada...*

**Pesquisadora:** Certo... certo...

**Professora C:** *Itaipu que é um bairro considerado bom... e a gente já teve vários tipos de coisas. Assalto e tudo, né... Meu carro... roubaram meu carro na frente da escola. Estacionado lá na frente... Estepe de professora... roubaram o professor que tá indo trabalhar, né...*

**Pesquisadora:** E quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria lá, tem área grande, como é?

**Professora C:** *Então, as salas de GREI 5, são as maiores. Mas as de turmas de 4 anos, são bem pequenas mesmo. E... eu lembro que... foi até uma pessoa do SEPE que falou para mim... As salas eram... na verdade eles pegaram o parquinho, diminuíram e construíram as salas, entendeu? De 4 anos. Então é muito pequeno, muita coisa. Já as de 5 não, as de 5 são um tamanho bom. E a de 3, só tem uma turminha de 3, né... que é uma salinha minúscula também. É, o parquinho, eu acho muito aberto, assim, porque fica... que a escola é de esquina, o parquinho fica no alto assim, então fica de frente para uma padaria, então, na, quando a gente tá adaptando as crianças, os pais sentam tudo ali, ficam assistindo, [risos] é como se a gente fosse um palco, né, assistindo tomar conta das crianças, né? Mas isso aí parece que vai ser resolvido. Eles vão fazer uma mureta maior.*

**Pesquisadora:** Uhum... certo...

**Professora C:** *Esse parquinho eu gosto não, é muito aberto... e a gente, fica muito exposta, nós professoras, porque às vezes a gente tem que chamar atenção de uma criança e aí, né... Então, esse parquinho da frente eu não gosto não. O de trás, desde que a gente voltou da pandemia, é... tá em obra. Estão arrumando ainda, então não utilizamos. Mas eu gosto mais, que é um parquinho mais fechado, murado, muro alto, então... a gente fica tranquilo.*

**Pesquisadora:** Certo... E tem quadra, sala de multimeios... tem outros espaços?

**Professora C:** *Não. Só tem esse parquinho da frente e o de trás, não tem quadra não. A UMEI é bem pequenininha.*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora C:** *Sala de multimeios também não tem não. Só tem sala dos professores e só. Refeitório também... eles... muito fechado, né? Interno o refeitório. A cozinha, agora parece que vão fazer uma obra para dar, pra abrir mais a cozinha. Mas mesmo assim, acho que não resolve o problema, né... Eu acho que deveria ter sido... não ficar fazendo obra aqui ou ali, acho que tem que refazer a escola.*



**Pesquisadora:** Uhum... Além dos professores regentes, tem professores de artes e educação física lá na sua escola?

**Professora C:** *Então, em 2019, a gente tinha um professor de educação física. Chegou até, a dar aula em fevereiro. Mas aí veio a pandemia, né... 2019 não, 2020. E aí quando veio a pandemia, acabou que ele ficou, até dando as aulas online. Mas aí quando voltou, ele não voltou não. E a gente tava até comentando esses dias na reunião, se a Fundação não ia colocar um professor de educação física de novo... ou uma professora... mas só se cogitando, né? É... falaram que iam ver aula de capoeira também, mas também, até agora, ninguém disse nada não.*

**Pesquisadora:** Certo. Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora C:** *É... mais na hora da rodinha, né... Na hora da rodinha que a gente canta, faz as dancinhas básicas lá... de... é... rebola chuchu, é, estátua... aí a gente vai colocando, né? Até... ontem, eu fui deitar no chão com eles pra fazer o pedala pedalinho, aí que eu vi, [risos] que a idade tá chegando mesmo... aí eu falei... eu consigo levantar a minha perna só um pouco [risos]. Meu Deus, que situação...tia Carol tá ficando velha... porque antes eu deitava no chão, fazia aquela farra, né... aí agora, só deu para dar umas cinco pedaladas, no final eu sentei e falei: agora vocês continuam...*

**Pesquisadora:** [risos] Caramba... E me diz uma coisa, como você trabalha com dança em sua turminha, é só nesse momento, ou tem outro momento específico?

**Professora C:** *É nesse momento. Não, não tem momento específico não. Só mesmo na rodinha, que faz a dança, brinca... só ali, não tem assim... um momento pra dança não.*

**Pesquisadora:** Aham...

**Professora C:** *A gente aproveita e faz tudo ali na rodinha.*

**Pesquisadora:** Certo... E quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora C:** *Ah eu sempre com a outra professora, né? A gente sempre vê o que que o projeto fala, aí vai pesquisar na internet alguma coisa, dali sai a música, né... que a gente tá... pesquisa... aí uma dá uma sugestão, outra dá uma sugestão e aí sai a música que vai ser trabalhada.*

**Pesquisadora:** Uhum... aí são vocês mesmos que ensaiam as crianças, né...

**Professora C:** *Isso...*

**Pesquisadora:** Os ensaios são nesses espaços mesmo, ou é na sala de aula que vocês ensaiam?

**Professora C:** *Geralmente na sala de aula, porque quando chega a hora do parquinho, eles não querem ensaiar, eles querem brincar, né? Então a gente aproveita a hora da rodinha e já faz o ensaio da música, da dança, né?*

**Pesquisadora:** E todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora C:** *Não, eu deixo assim... a gente incentiva, né... não fica forçando. Se quer dançar, não quer dançar...né? Agora a gente vai, faz, chama: vem, vem dançar... mamãe e papai vão tá assistindo... Aí, às vezes, eles, por conta própria, eles levantam e fazem. Mas se a criança senta no chão, não quer, cruza o braço, eu não fico forçando não. Eu deixo... Porque é chato ficar insistindo com a criança, se ela não quer.*

**Pesquisadora:** Certo... E quais as dificuldades que você enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora C:** *Às vezes é a época, a gente tem que pegar a música e destrinchar a letra, para que as crianças entendam... e fazer os gestinhos, né... e tem que ser aquele gesto mais básico possível, porque... às vezes, as turminhas de 4 anos... de 5 ainda é mais desvolta, mais de 4, geralmente é meio paradinha, né... e a gente vai fazendo os gestinhos, explicando conforme a música. Mas é sempre os mesmos gestos, né? [risos] É sempre o coração... aquela mãozinha rodando assim...[risos] É sempre... não tem muito o que mudar, né...[risos] a gente não pode fazer uma coisa muito rebuscada, porque eles não acompanham, né... Então, é jogando muito a perna... fazendo alguma coisa assim, que o desenvolvimento deles ainda, né, não consegue pular direito, não consegue fazer muita coisa, então geralmente é o básico.*

**Pesquisadora:** E em termos de estrutura mesmo, para você conseguir ensaiar, fazer esses trabalhos de dança, quais são as dificuldades?

**Professora C:** *A dificuldade é som, nunca tem música... uma caixinha de som decente, a gente que tem que levar de casa. E lembro que nas últimas apresentações que eu fiz, foi com a minha própria caixinha de som, pequenininha. Só mesmo, assim, no espaço do parquinho, rapidinho, a gente faz a apresentação e pronto, encerrou. Não tem muita coisa assim, né, nada rebuscado não... Acho que a dificuldades ter uma caixa de som boa e ter uma pessoa que ajude, né, a criar uma coreografia mais bonitinha... a gente já tem todo o cuidar, já temos o pedagógico para fazer, né, e a gente ainda tem (com ênfase) que depois, criar forças para poder ensaiar. Aí, menina, vamos começar... E acaba que... como eu te falei, tem coisa, aquela hora, que a gente fica cansada, né, aí a gente faz só o básico. Acho que se fosse um professor mesmo, é, é... feito né... professor de educação física, com outro gás. Porque a gente tá ali, no langue, já deu banho, já alimentou, né, ainda tá cansada... ainda tem que tá fazendo, ainda gestinho,*

*musiquinha... Eu acho que um professor ia ser muito importante, ia ser mais aproveitado, né?*

**Pesquisadora:** Certo... Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora C:** *A gente desenvolveu o projeto do Feijão Maravilha. Daí a gente dançava a música do feijão e a gente viu todo o processo de fazer aventalzinho, né... da embalagem do feijão, dei pra eles, né... a gente preencheu com papel crepom e... foi bem legal, as crianças gostaram muito, aprenderam a música direitinho, gostaram da música, né? Então isso aí foi bem legal mesmo. A apresentação em si, a gente fez o saco de arroz, saco de farofa e aí eles iam colocando os ingredientes dentro de uma caixa redonda que a gente fez, tipo um caldeirão. Então essa apresentação, eu achei que foi muito bonita. Mas também com os passinhos básicos, né [risos]... só para a frente e para trás, levanta o braço, sacode o pacote, né... nada muito incrementado não, mas foi, foi... eu achei que a apresentação ficou linda e eles entenderam bem o recado, né? Os passos da dança, eles entenderam o porquê, o que significava, né... pegava a colher e mexia no caldeirão... então foi bem legal mesmo.*

**Pesquisadora:** Legal. É... você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora C:** *Ah, muita coisa, né? Porque através da dança que a criança se expressa também, né? Nos sentimentos, na alegria... ou então até mesmo uma tristeza. Se a criança não quer dançar, a gente observa ali porque ela não quer dançar... às vezes tá triste, e... então eu acho muito importante a dança para o desenvolvimento motor, psicomotor, tudo quanto é tipo de desenvolvimento, né? É... auditivo, porque a dança ali tem, a música, né... mexe com a emoção... e em tudo, quando a gente escuta uma música, né... remete a lembranças... remete a coisas boas, a coisas ruins... então tudo isso aí tem, a gente carrega no... a gente vai movimentando o corpo e vai conseguindo desenvolver. Eu acho que para a criança é muito importante. Tanto que desde, na, se você coloca música desde a barriga, né... a criança, quando, é... eu fazia isso com meus filhos, aqui, as vezes eu colocava uma música e depois que nasce, você coloca e eles parecem que reconhecem, né... balançam, sacudindo pra dormir... então tudo isso eu acho importante. Eu sempre dancei grávida, dos meus filhos, né...*

**Pesquisadora:** Uhum...

**Professora C:** *Fazia, depois que nasceu, também pegava e ficava dançando valsa... brincando com ele, dançando tango... O João, pequenininho, eu pegava o João para dançar tango comigo, de brincadeira... ele sempre gostou muito. Meus alunos também, de vez em quando eu pegava. "Vem aqui, vamos dançar um tango..." Quando começa a chorar... [risos] "Vamos dançar um*

tango...” aí eu começava: “Tam taram ram taram ram, tam tam tam...” [cantarolando] e ia andando com eles para o parquinho com os braços esticados, igual tango assim, aí para de chorar, aí começa a rir... Ou então a música do Sandy e Junior, quando tá muito desanimado... sexta-feira, “Gente, hoje é sexta-feira, perai que eu vou botar a música... aí começa, “Vamo pulá, vamo pulá...” né, então eu acho muito importante nessa fase...

**Pesquisadora:** Legal...

**Professora C:** *Em todas as fases da vida, né, a música e a dança são muito marcantes.*

**Pesquisadora:** Legal Carol... Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora C:** *Ah eu acho que eu não sei tudo não, eu acho que, seria interessante mesmo, a gente poder tá estudando mais, né... sobre que tipo de movimento, né... o que... que movimento que é importante para determinada faixa etária ... coisas que a gente não sabe. Às vezes a gente faz o movimento, e às vezes eu não sei se está certo ou se não tá, né? Se a criança tem a capacidade de fazer aquele movimento... Então eu acho muito importante também estar estudando isso, bem interessante... Porque é uma coisa que eu não tinha pensado também, da gente poder estudar a dança, pensando nesse desenvolvimento completo, por inteiro, né... Porque o que a gente faz é muito amador, né? Então, às vezes, sei lá, um passo de balé, né... de coisas que a gente não sabe, né. Um passo de uma dança mais agitadinha... E como que a crianças desenvolve... Como que a criança vai desenrolar aquilo ali... Se tá certo dar aquilo, né... Se tá certo dançar de determinado jeito, se não tá... Então é bem complexo mesmo.*

**Pesquisadora:** Certo... Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora C:** *Ah com certeza, com certeza. Porque, eu lembro que... que tinha até um vídeo do Palavra Cantada, né, que eles espalhavam tinta e as crianças pisavam na tinta e dançavam numa, num pano no chão, numa cartolina, né... e aquilo ali, através da dança ia saindo um quadro, um trabalho mesmo. Então eu acho interessante a arte estar junto com a dança. É interessante porque tanto desenvolve o psicomotor, como também o psicológico, como tudo, né... Então eu acho bem legal, bem interessante essa coisa da arte com a dança. E sempre foi, é, sempre junto, né... sempre teve a dança com a arte junto. E a gente só precisa saber como utilizar.*

**Pesquisadora:** Certo... Tem mais alguma coisa, professora, que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora C:** *Não. Só mesmo essa coisa de ter um profissional de educação física, eu acho bem importante, pra gente tá podendo complementar nosso trabalho. Pra não ficar tudo nas*

*costas do professor, né, do regente... É... a gente tem que ser o cuidador, a gente tem que ser professor, a gente tem que ser o que dá aula de arte, o que dá aula de educação física, então às vezes a gente fica meio assoberbado e a coisa, às vezes passa batido, né, cansado... E agora, já uma pessoa que fosse só pra aquilo ali, talvez as crianças aproveitassem melhor, né... talvez tivessem um aprendizado mais qualificado. Não que é, que a gente tenha tempo de fazer, mas às vezes o próprio cansaço mesmo, do dia a dia e aí a gente acaba que faz uma coisa não tão rebuscada, não tão com qualidade, fica mais, é, mesmo, só mesmo o basiquinho, porque às vezes tá cansada, às vezes são tantas funções, né... Então eu acho que um professor de educação física e uma pessoa, professora de dança, balé, uma capoeira, alguma coisa assim, seria melhor para o aproveitamento das crianças.*

**Pesquisadora:** Certo...

#### **Entrevista online – Zoom**

**Professora D – Débora**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora D:** *Mais ou menos seis anos.*

**Pesquisadora:** E quando você entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora D:** *Estatutária em 2019, mas eu já era da rede, como contrato.*

**Pesquisadora:** Qual a sua formação?

**Professora D:** *Eu sou pedagoga pela UERJ e fiz pós-graduação pela UFF de alfabetização das classes populares.*

**Pesquisadora:** Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

**Professora D:** *O que a gente teve na graduação, pela UERJ né, em pedagogia, é, artes e ludicidade, que não era voltado para dança, mas em algum momento, nossos professores traziam a dança como prática de ensino de sala de aula, né. Mas a dança tá na minha vida desde que era criança. A minha mãe é uma dançarina de mão cheia, já foi passista de escola de samba. Essa coisa toda, a minha família sempre, todos muito dançarinos por parte de mãe. Então a dança faz parte da minha vida, da minha formação, não só como pessoa, mas como professora também. Acredito na dança como uma força de expressão. Tanto para a gente, como professor, como para a criança se movimentar. Acredito, eu gosto, eu gosto de incluir a dança na minha prática.*

**Pesquisadora:** O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora D:** *É um pouco afastado dos facilitadores de acesso. A condução pública ela é*

*complicada de se chegar até a UMEI, é um pouquinho complicado. Ou você vai de transporte particular, ou você vai nesse ônibus, que é complicadíssimo em questão de horário, questão de, de, é, autoatendimento, né. Então, nos horários de acesso pra chegada a escola, essa condução única, ela tá sempre superlotada de professores, de funcionários do entorno, né, que a gente tem um posto de saúde, que é vizinho da nossa UMEI. Tem outras escolas também, ali perto. Tem hospitais e o acesso a esse local é um tanto complicado. Mas a clientela ela é bem, é variada, né. A gente tem crianças que moram tanto na parte mais alta do local, quanto crianças que são ali mais perto da escola, que a escola fica numa parte baixa. [trecho suprimido, pois apresentava a localização da escola]*

**Pesquisadora:** É uma área de risco?

**Professora D:** *É. Porém é um privilégio não participarmos desse risco, é, é, a gente não vê, a gente não tem contato com armamento, pessoas, é, drogadas, a gente não tem essa facilidade de visualizar né, como em outras comunidades. A gente consegue viver com tranquilidade ali.*

**Pesquisadora:** Certo. Mas então, a maioria das crianças é da classe popular, é isso?

**Professora D:** *Sim.*

**Pesquisadora:** Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora D:** *A nossa UMEI, em estrutura ela tem três andares. É, com salas, para a quantidade de crianças que a gente tem, não tão adequadas, né. Deveria se ter mais espaços porque a gente trabalha com crianças de dois a cinco anos. Então são muitas crianças para um espaço para se passar nove horas de todos os dias, de cada dia né, com crianças nessa faixa etária, numa sala que não permite que as crianças se movimentem mais, né? Porque eles estão sempre correndo né, eles têm pressa e aí eles se esbarram e eles se machucam. E eu tenho muita preocupação nessa questão de machucar, né. Eu fico o tempo todo tentando, é, não controlar, é, mas evitar acidentes, evitar acidentes, sabe...*

**Pesquisadora:** Protegendo...

**Professora D:** *O tempo todo, o tempo todo. O parquinho. O parquinho é amplo, porque fica no terceiro andar e aí nesse terceiro andar, ocupa todo o espaço da escola, então ele é amplo, tem brinquedos, as crianças jogam bola, as crianças é, inventam né, fantasiam lá. Correm muito, sempre correram muito, com a pandemia eles estão correndo e brincando muito mais. É na questão da percepção de que com a pandemia, a volta, com o retorno das aulas por causa da pandemia, as crianças parecem que vieram com mais vontade de explorar. Então eles correm muito, eles aproveitam muito. Tudo que eles veem é, desde brincar com a coisa do basquete, de transformar aquilo em outra coisa e explorando, explorando mesmo. Todos os materiais, todos*

*os espaços. Então o parquinho é um lugar bacana, porém, quando a gente mistura turma que, as nossas turmas são superlotadas né, aí a preocupação é maior com essa vontade de explorar o mundo né, de se bater, de se machucar, de empurrar, de né... Fora isso, na verdade as salas são muito limitadas. E a gente não vê muito o lado de fora. É uma percepção que a gente comenta muito. Depois que a gente entra na escola, a gente não vê muito o lado de fora, a gente não experimenta o que tá lá fora. Porque ela é uma estrutura reta, protegida por todos os lados e a gente não consegue respirar o ar que tá lá fora, observar o mundo que está lá fora. A gente se tranca dentro da escola e quando a gente sai é que a gente se dá conta do que tá acontecendo e que tem um mundo lá fora. Essa é uma coisa que deixa, que eu por exemplo, que me deixa bem, é, triste, porque eu gosto de fazer com que as crianças observem. Lá é uma área de mata, então vamos observar, ver, as árvores, ver, sei lá, os passarinhos, a gente não consegue ter essa aproximação maior, com esse lado de fora, porque depois que entra, a gente tá preso. A gente não consegue. Mesmo as janelas, não permitem que a gente observe mais o que está do lado de fora. Então essa é uma questão, é, que deixa atento né? Então eu sempre falo para eles assim de manhã: “Quando vocês saíram de casa, vocês olharam o céu? Vocês olharam a volta?” Sempre incentivando que eles olhem para fora, percebam o mundo deles lá fora. Porque depois que entra a gente não consegue fazer isso. E aí é triste, né. Para a criança não explorar o mundo... a minha vontade é de sair com eles, até para eles entenderem que essa escola tá dentro do mundo deles. É deles... Não é da prefeitura, não é nosso, não é do professor, não é. É deles. É um dentro que, é um fora que tá dentro, um dentro que tá fora, que é pouco explorado depois que a gente entra. Eu não sei se eu consegui me fazer entender...*

**Pesquisadora:** Sim, sim, sim, entendi sim. Então só tem um parquinho que é lá em cima, né?

**Professora D:** No terceiro andar.

**Pesquisadora:** No terceiro andar... Embaixo não tem pátio, não tem espaço, não tem nada...

**Professora D:** Tem um pequeno pátio no hall de entrada. Tem o portão, que é um pequeno espaço, onde até a equipe, a EAP, colocou uns velotrols. Quando a criança chega ali, ela brinca naquele pequeno espaço... Não dá conta de todo mundo né, mas, e quando sai também tem... E a gente também tem um jardim. Que o professor Paulo fez um curso, é, junto ao SENAC e levou e criou esse espaço onde as crianças exploram esse jardim, cuidando... O nosso espaço, ele muito cimento. O que a gente tem de espaço explorador, ele é muito pequeno. Porém o que a gente consegue explorar, a gente explora, que é esse hall de entrada, tem um pequeno quintalzinho quando a gente entra e as crianças podem brincar com velotrol, essa foi uma boa sacada da EAP. O jardim que é na lateral da escola, que aí ele é extenso, porém ele é estreito. E ali foi alimentado por esse professor e divulgado, expandido para toda a escola e é ali que

*cada um tem seu pedacinho de terra para cuidar.*

**Pesquisadora:** Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora D:** *Não.*

**Pesquisadora:** Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora D:** *Pois é. É... Não só nessa UMEI que eu estou, mas é como eu te disse, eu sempre trago a dança como prática. Porém esse ano eu tô trabalhando com mais duas professoras e aí a gente tá com número limitado de professores na UMEI. Então todo o tempo, o nosso planejamento ele tá sendo é, partido. Por que alguém precisa sair da sala, sabe, alguma professora precisa ser deslocada, remanejada para outra sala. Então, por mais que eu traga a dança como prática pedagógica, eu ainda não havia conseguido implementar, a dança. Porque a gente não tem caixinha de som. Aí o telefone não fica legal para a criança escutar, entender o movimento da música... Pedi a nossa diretora para ela é, comprar né, essas caixinhas que têm bluetooth, que fica muito mais fácil para a gente. E aí a gente ainda tá nessa luta dessa conquista. Aí o que a gente tem é uma caixa de som imensa, que aí eu baixei umas músicas, coloquei no pen drive e levei essa semana e aí hoje é quinta, na terça-feira eu levei umas músicas para a sala e fizemos o acolhimento com música e foi muito legal, porque a gente já trabalha desde fevereiro e só agora que eu consegui, que a gente conseguiu colocar a música ali na rotina deles e foi muito receptivo, foi muito bacana. A música no sentido da dança, né... De não só ouvir, de poder dançar, de se expressar, foi na terça-feira e foi muito legal, porque a música, ela tá presente na nossa rotina, o tempo todo a gente canta. Então, mas dançar não. E aí eu consegui fazer isso na terça. Hoje de novo... Então foi assim incipiente, né, foi muito bacana, foi muito receptivo por parte deles e das minhas outras colegas de trabalho.*

**Pesquisadora:** Legal... Me fale como você trabalha com dança em sua turma.

**Professora D:** *Olha, eles trazem músicas do repertório deles também né. Por exemplo: eu vou pensar um projeto para o nosso planejamento. Nesse projeto tem sempre uma música, uma música que vai norteando nosso projetinho. Mas eles trazem outras. E se essas músicas são dançantes, aí eu sempre tenho a vontade de trazer, a possibilidade deles dançarem. Então é uma parte do projeto, não só ouvir a música, mas se movimentar, explorar o movimento. Eu acho também que ajuda no equilíbrio né, no desenvolvimento muscular, de aprimoramento dos movimentos. É uma coisa que não explorei muito ainda, é, como pesquisa, mas como eu gosto muito de dança, então eu vou observando o que eles gostam e vou levando. Agora a gente tá muito, dentro da UMEI toda, tem um funk, que eles estão, do nada eles ó... “Desenrola, bate,*



*joga de ladinho...” Já ouviu?*

**Pesquisadora:** Não.

**Professora D:** *Mas a UMEI inteira, tá louca por essa música. Quando você vê, tem uma criança dançando isso. Aí eu levei na playlist, a gente tá montando uma playlist para dança né... e aí levei e aí foi show de bilheteria. Então é assim. Eles vão trazendo, a gente leva no nosso projeto... eu gosto quando eles trazem, quando é possível também, porque eles têm um repertório de vida cotidiana, que não dá para a gente levar para dentro da UMEI, mas que tem um bom movimento, [risos] que eu gostaria até né, mas a gente não pode deixar, levar pra dentro da UMEI né, porque é fora do pedagógico né, é muito da convivência social deles.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos?

**Professora D:** *Então, ultimamente é o que eu te falei né, é a primeira vez que eu consegui fazer, foi essa semana, implementar a dança como na nossa rotina. Mas na minha prática pedagógica, sou eu quem ensaio com eles. Inclusive, inclusive é, permitindo que eles tragam a coreografia da música. Escolhe a música, os movimentos, eles que me ajudam... eu tô sempre é, valorizando o que eles trazem. Que não seja uma imposição minha, mas que seja deles. “Olha tia, assim fica melhor...” Então vamos, é assim que tem sido.*

**Pesquisadora:** É, você já respondeu parte da pergunta que eu ia fazer... Você falou da coreografia, que vocês fazem juntos, da escolha da música... mas e os ensaios, como é que vocês fazem?

**Professora D:** *A gente vai ouvindo a música e montando os movimentos e todos os dias a gente tira um momentinho da rotina para poder ir ensaiar né, até a apresentação. É uma exploração, é um processo e é bem legal. Porque do nada, a coreografia já está pronta, a dança já está bonitinha... “Ah tia, mas vamos fazer desse jeito?” Então, vamos fazer desse jeito... O tempo todo tem a opinião deles, a escolha deles... E aí, na rotina a gente tira todos os dias um momentinho para essa, para afinar mais para o dia da apresentação.*

**Pesquisadora:** Certo. E o ensaio vocês fazem onde, na sala de aula, lá no pátio? É coletivo ou cada turma faz o seu, como é?

**Professora D:** *Cada turma faz, a sua né, montagem do seu ensaio, da sua apresentação, seu programa, é cada turma. A gente não consegue, na nossa rotina fazer uma coisa só para todos, né. Até porque seria bem injusto.*

**Pesquisadora:** Como assim injusto?

**Professora D:** *Seria injusto fazer uma coisa só com tanta variedade né? São crianças de 2 a 5 anos né. Cada um tem um repertório[risos], uma playlist né. E lá na UMEI, os professores*

*exploram bastante essa questão da dança, da música, é bem legal.*

**Pesquisadora:** Aham... vocês não juntam nem os mesmos GREI?

**Professora D:** *Não. Infelizmente a gente não tá conseguindo fazer isso.*

**Pesquisadora:** Tá. E quando vocês ensaiam, vocês ensaiam na sala ou no pátio?

**Professora D:** *Na sala.*

**Pesquisadora:** Vocês fazem algum ensaio geral, com todo mundo?

**Professora D:** *Não.*

**Pesquisadora:** Joia...

**Professora D:** *Não que a gente não possa por exemplo é, em algum momento se a gente quiser, colocar a caixa de som lá fora e fazer um ensaio no parquinho, a gente consegue. Não é um impedimento. A nossa EAP ela é bem, ela apoia nossas ações, sabe... a gente não tem problema com espaço nesse sentido. A gente pode fazer o ensaio onde a gente quiser.*

**Pesquisadora:** Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora D:** *Não. Tem criança que não gosta de dançar. Por mais que seja música que eles gostem. Eu tenho um que ele gosta muito de dinossauro. Então eu levei a música do dinossauro para ele dançar, nem mesmo assim, ele não quis. Aí eu também não forço porque é da natureza, né? Da mesma forma que eu gosto, você tem o direito de não gostar. A gente não pode forçar. A gente tem que sentir vontade de dançar, porque senão vira até uma coisa chata. Ao invés de ser prazeroso, gostoso, vai ser horrível, traumatizante.*

**Pesquisadora:** Quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora D:** *Equipamento, sabe... Uma caixinha. Que a caixa de som que eu tô usando lá na sala, ela tem um metro e pouquinho, é dessas caixas de som grandonas, que eu peguei né. Eu preciso de uma caixa, se é essa que está disponível, eu vou pegar, e aí peguei. Tá lá na minha sala. Mas eu gostaria de ter uma caixinha pequena, onde eu pudesse, por exemplo, levar eles... que a gente tá exatamente no terceiro andar, que é a única sala que tem no terceiro andar, que eu falo que o nosso quintal é o parquinho. Então, se tivesse uma caixinha pequena, poderia levar eles para o parquinho, explorar né, com música... Ou então mesmo lá para a entrada da escola, né. Ou então no momento do jardim, levar uma caixinha, que eles fossem cuidando do jardim escutando uma música que eles gostam... Então é equipamento, a dificuldade.*

**Pesquisadora:** Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora D:** *Sim. Eu fiz um projetinho, eu fiz junto com eles. Manuseando revistas, eles viram a história dos gatos de Chico Buarque. E aí eles se amarraram naquela coisa, eles ficaram é, extasiados. E aí eu fui pesquisando, fui trazendo pesquisa com eles... “Vamos saber quem é Chico Buarque, vamos ver a história dos gatos da música...” e tudo. E eles super se interessaram e aí, todos os dias a gente escutava a música e ensaiava um pouquinho da música. E chegamos ao dia da apresentação. E aí eu fiz as fantasias de gato, de variadas cores... Minha mãe é costureira, me ajudou a fazer toda aquela, foi assim uma coisa linda, maravilhosa, que eu não esqueço nunca... acho que eu esqueci, você consegue lembrar? Nós gatos já nascemos pobres... [cantarola]*

**Pesquisadora:** Ah sim, sim, sim!

**Professora D:** *Porém... [continua a cantarolar] Foi lindo, maravilhoso, eu não esqueço nunca!*

**Pesquisadora:** Nossa, legal... É, você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora D:** *Totalmente. Desenvolvimento mesmo, que eu tava falando com você. De ritmo. De controle motor. De espaço, apropriação de espaço. De trocar com o outro. Na terça-feira, a gente colocou uma música, que era mais lenta. Eu tô levando um projetinho é, “Gente tem sobrenome” do Toquinho. E aí era a música mais tranquila da nossa playlist, em algum momento a minha parceira colocou eles para dançarem em dupla. Foi a coisa mais linda! Eles nunca tinham experimentado isso. Então é importante. É, conhecimento corporal, respeito, cuidado com o outro. No momento em que você abraça para dançar junto né. É, controle motor é muito importante a gente tá com crianças que, acreditamos, não temos nenhuma certeza absoluta, mas a observação do dia a dia é uma questão que tem me provocado muito, que as crianças voltaram da pandemia, com um certo, como é que eu vou dizer... o desenvolvimento para a faixa etária, aparentemente não equivale. Então crianças que não conseguem ainda comer com, sabe? Levar a colher à boca, bota a mão na comida com 4 anos? Não é? São ações que a gente não espera da criança. Ou então não consegue tirar a camisa, não consegue tirar o tênis... sem com cadarço, não falo nem com cadarço. Então cai, aí de repente tá andando, esbarra, não tem noção de espaço. Então é uma coisa que a gente tem que observar muito, ler e ver como que a pandemia, ela atrapalhou o desenvolvimento da criança em relação a idade que ela tem e que a gente espera que ela já tenha se apropriado, relativo à idade. E a dança vai fazendo isso né. Tem uma música que eu não vou lembrar agora, de quem seja, mas que diz: “Agora eu vou andar devagarinho...” [cantarola] Então tem que andar devagarinho e vamos fazendo os movimentos. “Agora eu vou andar abaixadinho...” [cantarola] Então vai andando abaixadinho. “Agora eu vou andar, é... dando ré...” [cantarola] Aí as crianças nem*

*sabiam o que era isso, então vamos dar ré. E aí vamos aprender a dar ré. Sabe? Bater com o pé no chão. Bate com o pé... Bate palma... Então é muito importante. A dança, ela é muito importante para o desenvolvimento da criança.*

**Pesquisadora:** Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora D:** *Eu não sei se eu sei [risos]. Eu falei contigo né, eu gostaria de até ter mais tempo para pesquisar, já que é uma coisa que eu gosto. Porém por enquanto não é uma necessidade de me especializar em dança, até porque eu gosto dos movimentos que eles fazem, que são mais... como é que eu vou dizer? Não são perfeitos. Mas são deles, são próprios, né. Tem muitos movimentos, eu já fui ratinha de academia e em alguns momentos eu lembro da minha monitora, é, me mandando fazer movimentos que a criança faz simplesmente ali brincando no parquinho e que para mim, era super difícil. Então eles também vão inspirando a gente, influenciando a gente, também para a gente se movimentar do jeito deles, né. A criança vai ensinando a gente conforme a gente vai trocando, a gente troca... Imagina se eu vou fazer aqueles movimentos... a criança hoje dançava até lá embaixo, aí a professora, a outra professora: “Vai Débora, até lá embaixo... Aí eu falei: Se eu for até lá embaixo, eu fico [risos].” A criança não, vai lá embaixo e sobe, porque é molinha, tá novinha... então é muito legal.*

**Pesquisadora:** Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora D:** *Sim. Muito. São indispensáveis, né? A arte ajuda a gente a olhar a vida de outra maneira, poder encarar a vida do jeito que ela é, né... às vezes a arte é só você olhar para fora. A arte tá ali na nossa frente. Tá numa dança que a criança vai até o chão. Nos movimentos que elas fazem, né... E aí depois que a gente teve um bailinho hoje, chamamos de bailinho, né, que foi, virou uma festa, é, eles foram fazer os desenhos do baile. O que que tinha no baile? O que que a gente percebeu? Então foram assim, produções maravilhosas. Desde as luzes piscando, sabe? Colorido... Tinha crianças dançando, então, é a arte. E vai ensinando a gente também. Ajudando o nosso desenvolvimento também. O nosso olhar... A gente tem que estar sempre renovando e fazendo as pazes com o nosso olhar para a criança, para ir se alimentando, todo dia.*

**Pesquisadora:** Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi contemplado aqui nas perguntas, Débora?

**Professora D:** *Sobre a dança em si?*

**Pesquisadora:** *É, sobre tudo que a gente falou, alguma coisa que você gostaria de falar e que eu de repente não perguntei e você acha importante colocar...*

**Professora D:** *Olha, eu gostaria muito que as nossas crianças... Você fez uma pergunta a respeito de professor de arte e educação física na UMEI, né? Eu tô dentro da UMEI, então vou levar para dentro da UMEI. Eu gostaria muito que elas tivessem essa sistematização. Porque eu não sou professora de arte, né? Eu não tenho essa técnica. Eu levo. Levo muito mais do cotidiano deles. Trazendo o cotidiano deles para dentro da escola. Mas se houvesse uma sistematização, não é? Que eu não tenho essa técnica, seria muito bom para a criança. Ou de educação física, aprimorar os movimentos. Olha, ninguém melhor do que um professor de educação física para mostrar para a criança, como que ele tem que fazer aquele movimento certinho. E evitar se machucar... e aprender até fazer um movimento mais brusco, mas que não se machuque, né. Elaborar brincadeiras com eles que a gente não tem o domínio, né? Já vi muito professor de educação física, muito bacana, que fazia jogos com as crianças... [parte inaudível por falha na transmissão]. Oi, Oi...*

**Pesquisadora:** *Ah tá... agora voltou. Débora, eu não te ouvi. Só te ouvi até “Eu já vi muitos professores de educação física, fazendo trabalho muito bacana...” Daí pra lá eu não ouvi mais.*

**Professora D:** *Isso. E aí é encantador, né? Porque vai fazendo a criança fazer determinados movimentos, que a gente que não é técnica e a acaba tendo que fazer. Jogos, circuitos, eu gosto muito de circuito. Mas que o professor de educação física, ele já tem na sua formação, um preparo, todo um preparo, não é? Eu não sou professora de educação física. Mas eu tô ali com eles porque não tem outra saída. Então que a nossa rede pudesse dar essa valorizada, não é? E até pra que a gente tenha crianças que sejam mais, é, antenadas com a saúde no futuro, né? Do educar a saúde para o futuro, né? Por mais que a gente faça, que a gente é quase onipotente, na UMEI... Deus que me perdoe, né? Deus que me perdoe... mas na UMEI a gente é quase onipotente[risos]. É, a gente não dá conta de tudo. E aí seria uma parceria muito legal. Professor de arte, professor de educação física, a gente fazendo um trabalho integrado... Ia ser muito bacana. E é um direito, né? É um direito da criança. Ter um professor de arte, fazendo um trabalho bacana com eles e com a gente também, né? Porque a gente vai aprendendo ali na prática, né? Porque professor educação física, isso aí ia ser muito legal. É uma de nossas, uma das nossas petições, mas por enquanto parece que ainda não veio.*

**Pesquisadora:** *O que você falou? Eu não entendi bem.*

**Professora D:** *É o que a gente pede para a prefeitura, né... Professor de artes, professor de educação física... E o que a gente, mas não vem. E infelizmente parece que não tem nem previsão.*

**Professora E – Érica**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora E:** *É, eu já atuei em todas as áreas né, da educação. Já fui diretora, inclusive né. É fiquei bastante tempo no ensino fundamental, especialmente quinto ano. Educação infantil foi o meu começo e agora está sendo a minha retomada, né, que eu volto para a educação infantil. Ao todo, eu tenho quase 15 anos de educação. Então eu colocaria que eu estou por volta de cinco anos na educação infantil.*

**Pesquisadora:** Aham... E na rede municipal de Niterói, você sempre foi daqui? Quanto tempo você tem na rede municipal de Niterói?

**Professora E:** *Na rede municipal de Niterói eu completo a efetividade este ano, neste mês, inclusive, né, que faço os três anos que eu adentrei, foi o último concurso, mas a minha primeira experiência e larga experiência, foi no município de Maricá, tem sido também, né, porque eu continuo com a matrícula de Maricá e também atuo em Niterói.*

**Pesquisadora:** Ótimo. E qual a sua formação, Érica?

**Professora E:** *Longa história...[risos] Foi uma longa história, né. Então, minha primeira formação, eu tenho o curso normal, aquele que a gente faz por opção no ensino médio. Depois eu saí do ensino médio e ingressei na faculdade de direito, né, concluí a faculdade de direito, na Cândido Mendes, na época, a bolsa, bolsista do PROUNI, inclusive. É, após a faculdade de direito, vi que eu era uma apaixonada pela educação, tal qual Paulo Freire, que se formou em direito, mas não atuou na área. E aí comecei a fazer letras e português, concluí. E tenho mais umas sete pós-graduações na área também, né [risos]. Só tô esperando o mestrado e doutorado, em breve, se Deus quiser, vamos estar fazendo. Mas então é isso, eu tenho direito, letras/português, pedagogia e as especializações que eu fui fazendo também ao longo do caminho, as sete.*

**Pesquisadora:** Então você tem três graduações... Nossa, é isso aí, em breve, galgar o mestrado. E na sua graduação, você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Pode me falar um pouquinho sobre isso?

**Professora E:** *Posso, posso, posso. Infelizmente, não. O currículo, ele é muito fechado para essa parte artística né, tanto como dança, teatro ou qualquer outra forma de expressão corporal, é, você não tem esse espaço na academia, né, assim, não tem um espaço acadêmico para falar e trabalhar amplamente sobre isso. Senti falta, senti muita falta disso.*

**Pesquisadora:** O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

[Por se tratar de uma UMEI localizada num local de fácil identificação, este trecho da entrevista

foi suprimido, embora seja necessário relatar que tal escola está deflagrada em área dominada pelo tráfico e em local de extrema insalubridade, conforme fala da professora]

**Professora E:** *[parte suprimida] [...] em frente a todas aquelas situações [...] uma UMEI extremamente inadequada para a educação infantil. Um espaço físico inadequado e é lá que a gente se desafia todos os dias.*

**Pesquisadora:** Bom, quanto à localização, você já foi bem clara. E a comunidade, qual é a clientela?

**Professora E:** *A clientela é formada por moradores locais mesmo, a maioria deles trabalha... [parte suprimida]. E alguns é claro, que estão indo para outros lados, né. Mas ela atende basicamente aquela comunidade mesmo, que mora no morro. Dificilmente, quando há um erro na Matrícula Inteligente, é que acaba que a vaga de uma criança que mora em outro lugar, cai lá. Mas isso é difícil acontecer.*

**Pesquisadora:** Então é uma comunidade muito carente, né?

**Professora E:** *É, é a parte de Niterói que tem o índice de desenvolvimento humano mais baixo, né. É... eu fico inclusive e me polio muito em como eu vou me vestir para ir trabalhar. É, porque por exemplo, cada pessoa tem um estilo, né? Eu tenho um estilo, eu gostava muito de usar vestidos longos, etc e tal... Mas é um local que eu não me sinto à vontade de trabalhar assim, é, arrumada né, porque é um lugar muito, muito, extremamente, extremamente é, [ênfatisa] carente de tudo que você possa imaginar.*

**Pesquisadora:** Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora E:** *Nossa... isso é um assunto que eu adoro falar né, porque eu tô lutando junto ao SEPE né, para a gente vê se consegue reverter e sair de lá, atender ainda as crianças, é claro, do morro. Mas sair daquela UMEI inadequada, né. Na frente de [parte suprimida], uma UMEI que atende crianças de 4 meses a 5 anos de idade e 11 meses, né. Então sobre o espaço: é um prédio com dois andares, é... temos um terreno, uma espécie de um terreno até bem amplo, com uma árvore e tal, né. Mas as salas são extremamente apertadas, extremamente. Movimento nenhum, né! É aquela docilização dos corpos mesmo, de caber sentado, né. É, quando vai dormir, espremido, dividindo inclusive o colchão, porque se tivesse colchão individual, nem daria para colocar os colchões nas salas. Salas muito apertadas, pouco iluminadas. Não temos climatização, não temos rampa ou espaço arquitetônico próprio para uma inclusão, não há. Banheiros insuficientes, né. Falta professor, né, falta professor de apoio especializado e o número de PCDs é cada vez maior né. E o número de matrículas está cada vez maior, né... Já era de se esperar, por conta da crise. Não temos biblioteca, não temos solário, não temos sala*

*de professores. O refeitório é uma sala, ou uma outra sala pequena, por assim dizer, né. E o espaço que a gente tem lá fora, verde, com árvores, quase não podemos usar... [parte suprimida]*

[A professora alega impossibilidade de frequentar o parquinho, devido a presença do tráfego nas proximidades da escola]

**Professora E:** *...e a gente acaba optando por não ir. Então a gente acaba sendo uma educação integral de emparedados, né, dentro de uma sala. É basicamente isso.*

**Pesquisadora:** Você falou PCD?

**Professora E:** *Sim. Pessoa Com Deficiência. Tá cada vez maior o número de pessoas com deficiências, chegando na rede. Tanto na rede de Niterói, como em outras redes. É... e não tem pessoal suficiente para dar esse apoio, esse atendimento especializado. Então é um emparedamento, se vire professor e vai. Vai que é tua professor... Vai que é tua Tafarel, vai que é tua professor, né.*

**Pesquisadora:** Certo. Você falou que está lutando junto ao SEPE para sair dali, no caso você, ou a UMEI sair? Desculpe, não entendi.

**Professora E:** *A UMEI, a UMEI, né. O meu pensamento é no coletivo. A gente não quer deixar de atender a comunidade, nem podemos, porque eles têm direito, né, a educação. Mas você imagina... [parte suprimida]*

[A professora cita novamente a localização da escola e descreve alguns fatos em relação à violência, que corroboram em sua luta para transferir a UMEI de local].

**Professora E:** *[...] eu tenho que pedir licença para entrar. Eu já fui alvejada ao chegar na UMEI, entendeu? É, porque meu carro não foi reconhecido e eles acharam que eu era né, alguém diferente e já fui inclusive né...[sorri]. É bem complicado... É uma escola com muitas questões negativas e um entorno cinza, um entorno muito cinza, a estrutura péssima. É... e é inacreditável como a Fundação, ela trata as crianças de Icaraí e as crianças do [local da escola].*

**Pesquisadora:** Esse entorno cinza, você quer dizer o quê?

**Professora E:** *O entorno cinza seria a violência, que é bem ali na frente, né. Esse entorno cinza é a violência. E a gente tenta colorir o cotidiano das crianças, mas a gente acaba se sentindo tão aprisionadas quanto elas, naquele espaço pequeno.*

**Pesquisadora:** Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora E:** *Não. Não, ninguém quer assumir uma lotação assim. E eles não mandam, a Fundação, pra lá.*



**Pesquisadora:** Agora pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora E:** *Então, ontem mesmo, né, eu nem sabia que a gente ia fazer essa entrevista hoje, ontem mesmo, assim um exemplo né, eu sempre tô trazendo a literatura, que é uma coisa forte, minha, né, todos os dias a literatura está presente. E ontem eu trouxe o poema bailarina, né, da Cecília Meireles. E sempre a partir de um poema eu tô trazendo um som, né, algo para eles ouvirem... a questão da sensibilidade sonora. E é através da sensibilidade sonora, os corpos começam a se movimentar, né... Então assim, é... aí ontem foi um exemplo, a gente acompanhou “A dançarina” de Cecília Meireles e convidamos os alunos, meninas e meninos, porque existem bailarinos também, ora bolas, né... para estarem representando o poema. Então sempre que eu posso unir som, a literatura e a dança, eu estou unindo. Mas de uma forma que eu deixe eles livres. Eu não sou fã daquelas coreografias prontas, que você vai, joga, faz assim, faz assado [a professora levanta os braços para um lado e para o outro]. Eu quero ver, né, até as possibilidades deles. Infelizmente a sala não é um espaço próprio e lá fora a gente pouco pode usar por conta do entorno né, que eu te falei. Mas é isso, então eles também trazem experiências para a gente. TICTOC tá aí e eles estão sempre trazendo as dancinhas do TICTOC né. E eu dou esse espaço para eles sim, né, até danço às vezes com eles também. Eu gosto muito de dançar. Então acabo trazendo um pouquinho desse meu lado para eles. É isso, basicamente.*

**Pesquisadora:** Perfeito. E a próxima pergunta seria como você trabalha com dança em sua turma.

**Professora E:** *É eu tento conjugar a literatura, o som né, tudo o que eu possa trazer de experiência sonora e a dança. Nem sempre há um espaço hábil, mas a gente tenta. E o TICTOC, eu sempre tento estar envolvida com as danças do momento, com as músicas do momento, para a gente fazer uma paródia, fazer alguma construção assim [palavra inaudível], eu tô com o GREI 5, aí é possível trabalhar assim com os maiores. Mas é... o espaço, né, é... imagina, a gente tem que empilhar as mesas e as cadeiras, para conseguir ter algum espaço para fazer uma dança, simples, né. E é bem difícil isso. Você toda hora tem tá configurando a sala para conseguir fazer algo para movimentar o corpo, né. Mas assim, a gente tenta.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos?

**Professora E:** *Ai gente... [a professora expressa impaciência e aborrecimento] essa é uma questão, né... [frase inaudível] Eu odeio... eu odeio [fala com ênfase] ensaiar para apresentar. Primeiro porque como criança, eu também odiava, porque eu tinha que imitar aqueles passos... enfim, eu não gosto. Tem criança que não gosta de se apresentar. Ela gosta de dançar, mas*

*não gosta de dançar em público ora bolas, e tá tudo bem. Então assim, pra mim é bem difícil quando se fala em datinhas para apresentar alguma coisa. Eu sou extremamente, assim, é... polêmica né, em relação a isso. Mas é a gente que ensaia, porque não temos outros professores. Não temos educação física, não temos artes, então a gente acaba fazendo tudo ali, a gente é meio, é polivalente né, acaba fazendo tudo.*

**Pesquisadora:** Certo. Vocês escolhem coletivamente a música, como é que é, a escolha da coreografia, os ensaios, como vocês se organizam?

**Professora E:** *Geralmente, o que que acontece? A UMEI, todas as UMEIs, a maioria delas, faz uma tal de festa na roça, né? Que o vulgo, festa junina, mas não chama de junina para não contrariar pessoas de religiões que são contra santos, né, então não chama de junina, é chamada de roça. E para mim, é o único espaço do ano que a criança tem para fazer essa dança coreografada, né. Porque fora disso, a gente não faz dia das mães, essas coisas não, a gente segue o padrão da rede de não ter data comemorativa. Mas a festa da roça acontece até para angariar algum fundo para fazer a festa das crianças, né. É o que acontece na realidade, e aí, é... quando decide-se por exemplo, é festa da roça, o professor sabe que ele vai trazer algo da cultura rural, né, da cultura interiorana, de repente algo do sertanejo, algo do tipo, né. E eu, é... nós estamos falando de educação infantil Niterói, integral e aqui ainda é a bidocência, né, embora não esteja regulamentada. Eu não decido sozinha, eu decido com minha parceira, de trabalho. É, eu tento fazer a coreografia junto comigo. Eu não levo a coreografia pronta. Porque eles são muito mais criativos e libertos com relação a isso, né. Eu vou dar um toque aqui, acolá, mas eu acho que criar junto, é muito mais bacana.*

**Pesquisadora:** Certo. E os ensaios são na própria sala?

**Professora E:** *Na própria sala, com aquele sistema de tirar mesa, tirar cadeira... Usar o radinho do professor, porque muitas, não tem rádio para todo mundo. Então a gente [palavra inaudível] se reinventando, né, quando não deveria ser.*

**Pesquisadora:** Então vocês não conseguem fazer uma dança coletiva, tipo, todo mundo do GREI 4 fazer uma única dança?

**Professora E:** *Geralmente não, porque não tem espaço para ensaiar coletivamente, não tem.*

**Pesquisadora:** Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora E:** *Não é... a escola que se preze, manda um pedido de autorização antes, né. É o que é feito. A gente, a direção pede uma autorização, vê se a criança está apta, autorizada pelos pais, para então participar e ensaiar, né. Geralmente é o que acontece, né, mas só que depois dessa pandemia as coisas têm ficado um pouco estranhas... eu espero que esse ano*

*continuem a pedir autorização antes, né.*

**Pesquisadora:** Mas quando a criança não gosta, não quer participar, como você faz? Tem alguma criança que rejeita, não quer participar?

**Professora E:** *Tem muitas crianças... Cada criança tem uma linguagem própria, né. Tem criança que gosta de contar história, tem criança que gosta de cantar, tem criança que gosta de dançar... e eu entendo, eu me ponho muito no lugar delas. Eu detestava fazer determinadas coisas em escola, né. Meu forte sempre foi o teatro, a dança né, então quando alguém me pedia para fazer um outro tipo de coisa publicamente, eu também não gostava, né. Mas aquela... a tentativa da gestão de tentar agradar a comunidade, até porque é uma gestão eleita, né, pela comunidade, acaba algumas coisas sendo forçadas, forçadas mesmo, né... Então às vezes a criança não tá afim, mas o pai quer ver, quer tirar foto, quer estar lá na festa... A criança entrou em pânico, não quer dançar, tá lá parada, mas o pai quer. “Vambora, dança!”, não sei o quê... “Tá filmando, ó, tá filmando... [fala de pai]” Então assim, eu como professora e ser humano com formação, eu compreendo a criança. Mas muitas vezes, a gestão que tá fora de sala de aula, o pai, o próprio pai, a própria mãe, querem que a criança dance, entendeu? Querem e fazem questão daquilo. Então eu sinto que o professor não tem muita autonomia com relação a essas decisões, entende? É, mandou autorização, autorizou? Ensaia. A criança fez, não fez? Tá ali marcado o dia, ela vai ter que subir no palco no dia, palco entre aspas, porque não tem palco, mas você entende o que eu tô querendo dizer. Mas o professor não tem muita autonomia. Tipo, ah poxa, a criança não quer dançar, eu não vou ensaiar ela, eu não vou submetê-la a isso... Mas a gente acaba não tendo muita autonomia com isso não.*

**Pesquisadora:** Quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora E:** *Ah principalmente o espaço... O espaço ele é o fator principal. Porque vontade minha há, da minha parceira também. É, as crianças são seres que querem se movimentar, querem dançar, talvez não dançar, mas pular querem, querem correr, querem brincar, são seres de movimento né e a falta do espaço e de, até de aparelhagem de som, né, de produzir música... tudo isso é muito falho, muito difícil, muito difícil.*

**Pesquisadora:** Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora E:** *Sim. Tenho, tenho. Pode ser fora da educação infantil, pode ser tipo 5º ano, ou tem que ser da educação infantil?*

**Pesquisadora:** Infelizmente para essa pesquisa tem que ser dentro da educação infantil...

**Professora E:** *Puxa... deixa eu pensar mais um pouquinho aqui, que 5º ano eu tinha uma experiência muito marcante. É, na educação infantil, a experiência marcante que eu tive, foi construir com os alunos a coreografia “Asa Branca”, né, do Luiz Gonzaga. Foi uma música que fez sentido para eles. Então quando faz sentido, até para dançar é melhor, pra criar, né, é, coreografias é melhor e foi uma experiência muito legal. É, que fez sentido para eles, né. Que a gente foi falando sobre cada coisinha ali da música e eles foram criando junto. A gente foi vendo o mapa, foi vendo todo o contexto da música, né, é, fizemos uma sanfona, enfim, foi bem legal, foi uma experiência bacana, né. É, mas a do 5º ano é que eu queria falar, que não dá [risos], porque é 5º ano.*

**Pesquisadora:** *É, infelizmente. A pesquisa não é...*

**Professora E:** *Eu sinto que a educação infantil, ela tá muito voltada para preparar os alunos para o Fundamental, né. Embora estudos né, tenham sido feitos, a gente entende que há uma fase de criança ser criança. Mas ainda assim, ainda assim, né, aquela situação de focar no cognitivo, focar ali na letra, no número, reconhecimento da escrita do nome, isso é o que importa... E aí a UMEI fica incomodada, ou muito ansiosa com o que a escola do ensino fundamental vai falar sobre o trabalho da UMEI... Porque se a criança chegar lá e não saber escrever o nome, reconhecer o nome, a UMEI vai ser malvista, vai ser assim, mal falada, né. E, essas outras coisas como a desenvoltura, a oratória, o pensamento próprio, o movimento, a dança, né? Não! Então é uma educação de cabeças e mãos. O corpo... o corpo ainda não tem privilégios no espaço da educação infantil. O corpo com um todo, né... não tem.*

**Pesquisadora:** *Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança?*

**Professora E:** *Ah eu tenho certeza disso! Eu fico muito feliz quando danço. Eu posso estar mal-humorada, se eu dançar eu fico bem, entendeu? Então dançar, é expurgar coisas de dentro também, né. É colocar para fora. O pessoal fala que quem canta, seus males espanta, né, mas quem dança, seus males espanta também. Enfim, eu fico muito triste que a gente não tenha esse espaço de trabalhar. É uma educação emparedada, infelizmente, Niterói, principalmente. Tem, até, assim, na hora de construir... Eles vão construir uma UMEI, eles não pensam nesse espaço. É aquele prédio caixote, com cimento, não tem grama, não tem verde muitas vezes... as novas UMEIs são assim. São caixas de cimento que as crianças ficam ali depositadas. Então eu acho que a visão histórica da educação infantil, da desvalorização da educação infantil e das artes, é, tudo isso acaba né, é sendo somado nesse quadro hediondo, né, que é desumano. Eu acho que é direito da criança se movimentar. É direito da criança correr, brincar, dançar... Dançar também... E por que não, entende?*

**Pesquisadora:** Então eu perguntei se você achava que a dança poderia contribuir no processo de desenvolvimento da criança... Eu queria que você complementasse para mim, quais os aspectos fundamentais que você ressaltaria, pensando em dança e criança.

**Professora E:** *Os aspectos fundamentais...*

**Pesquisadora:** É que você considera assim...

**Professora E:** *Ah eu considero que o aspecto fundamental é a criança e o movimento. Então quando eu falo de criança, eu tenho que ver ela como um todo. Se eu proponho uma educação integral, eu tenho que ver uma educação integral como um todo, que não eduque só as cabeças, as mãozinhas, as cabeças para pensar, as mãozinhas para fazer, mas o corpo também para se movimentar, né. fala-se tanto em lateralidade, tempo de reação, coordenação motora ampla... Mas como trabalhar tudo isso, né? A criatividade dos movimentos, domínio do próprio corpo, como? Como trabalhar isso e o professor avaliar isso na criança, num espaço totalmente apertado e inadequado, entendeu?*

**Pesquisadora:** Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora E:** *Ah sempre acho necessário mais conhecimento, né, sempre. Mesmo com o currículo de estudos que eu tenho né, tô sempre aprender, mas... Igual a música, tem que ter músicos na escola, entendeu? É, dança. Porque não ter dança na escola, né? Alguém que saiba, que domine... Então tem que ter sim. Eu vou dar o básico, vou complementar, vou dar minha visão de mundo, vou trazer minha bagagem... Mas ter alguém habilitado, é, eu acho importante, né, não elimino essa possibilidade, não elimino, nenhuma.*

**Pesquisadora:** Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora E:** *Sim, eu sinto falta disso. Eu vejo a educação física muito voltada a handebol, futebol, voleibol, eu só vejo né, [risos] infelizmente a atuação que eu vejo, que eu vi, em todo esse meu tempo de educação, seja em Niterói, seja dentro da educação infantil ou não, eu vejo assim, sempre as mesmas coisas. É, dá uma bola, vamos fazer um circuito, vamos fazer um... é, um circuito, é pular corda, mas eu não vejo dança, eu não vejo dança. Foi uma única professora que eu conheci na vida que trouxe dança, que eu vi ela trabalhando dança, que foi aquela experiência que eu ia te falar aqui do 5º ano, mas que não cabe na pesquisa, mas foi a única. Mas fora isso, eu não vejo também os professores se abrirem para isso.*

**Pesquisadora:** Essa professora, que teve esse trabalho, era de artes ou de educação física?

**Professora E:** *Educação física, educação física. E ela trazia sempre danças. Era bem bacana. Era um repertório grande, né. porque a dança, ela tá permeando a educação física, vejo ela*

*presente um pouco na arte, assim na escola, que eu tô dizendo, né. Mas na educação física, eu só vi uma vez. Em quinze anos, só uma vez uma professora de educação física trazendo dança. O resto, eu nunca vi. É sempre as mesmas coisas né. Circuito, a bola, a corda. Passa por cima, passa por baixo. Roda. Às vezes tem uma cantiga de roda? Às vezes tem... Mas dança, propriamente dita, não.*

**Pesquisadora:** Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora E:** *Acho que não. Acho que eu falei até demais [risos]. Não sei como você vai resumir isso tudo. Boa sorte!*

### **Entrevista online – Zoom**

#### **Professora F – Fabiana**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora F:** *Então, a minha história com a educação infantil, ela vem de longa data, tá. Deve ter pelo menos aí uns vinte anos atuando coma a educação infantil. Na rede de Niterói, eu tenho só dois anos. Mas eu já tenho dezoito no Rio e eu também tive uma escola de educação infantil, que durou sete anos.*

**Pesquisadora:** Certo, legal. Então vinte anos ao total na educação infantil e na rede, dois, né?

**Professora F:** *É, de Niterói sim.*

**Pesquisadora:** Beleza. E qual é a sua formação?

**Professora F:** *Eu sou pedagoga, com licenciatura plena. E eu tenho pós-graduação em orientação e supervisão escolar.*

**Pesquisadora:** Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Você pode me contar um pouquinho sobre essa trajetória?

**Professora F:** *Então, durante a nossa formação, é, não houve uma disciplina específica da dança, né. Houve é, ludicidade, brincadeiras, jogos, onde você acaba associando e utilizando esse conhecimento que você vai recebendo durante a graduação, para atuar com a dança na escola, né.*

**Pesquisadora:** Certo. O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende? A clientela, né.

**Professora F:** *Então, a clientela é uma clientela carente. São crianças que moram ali na comunidade mesmo. A UMEI não é muito bem localizada, porque ela fica no morro e é uma subida muito íngreme, difícil de chegar. É, as crianças, a maioria que mora, mora no entorno ali, é... mas é uma UMEI muito bonitinha, muito arrumadinha, as salas são muito agradáveis,*

*tem um espaço bom, tem um solário, é uma escola bem gostosinha, sabe... os banheiros são adaptados, é tudo muito bonitinho. E a gente tem uma sala de multimeios que atende as crianças que estão dentro do processo de inclusão. É bem interessante. É, eu gostei muito, porque eu venho das creches do Rio e no Rio assim, eu nunca trabalhei numa como aquela lá. Que infelizmente poderia ser um pouco mais lá embaixo para as crianças terem mais facilidade de acesso, né? Por exemplo, um ônibus escolar não tem como subir, como chegar lá... uma Van é difícil subir para chegar lá. Porque o acesso é muito difícil.*

**Pesquisadora:** Então só as crianças da comunidade ali mesmo, do entorno que frequentam, né?

**Professora F:** *É, que frequentam...*

**Pesquisadora:** Eu ia te perguntar quanto ao espaço físico, vocês têm sala, parquinho...

**Professora F:** *Solário, refeitório, tudo direitinho, é muito bonitinho.*

**Pesquisadora:** Tem quadra?

**Professora F:** *Não, não tem quadra. Acho que, na verdade, a gente não tem professor de educação física, nem professor de artes. Não temos esses profissionais, então não tem quadra. Também não teria espaço lá para construção.*

**Pesquisadora:** Tá, mas tem alguma área ampla, que vocês...

**Professora F:** *Tem o solário que não é tão grande, ele comporta uma turma de vinte e cinco crianças brincando. Mas se você botar mais do que isso, já é uma sobrecarga.*

**Pesquisadora:** Certo. É, então você já falou para mim que vocês não têm professores de artes nem de educação física, né?

**Professora F:** *É.*

**Pesquisadora:** Certo. Agora pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora F:** *Então, eu acho que a dança tá presente acho que desde que a criança nasce, né? E aí, quando ela vem pra gente, o próprio ninar da criança na creche, né, os de dois aninhos, principalmente que chegam muito assustados, aquele balancinho, aquilo ali já, já induz a uma dança, né? Então assim, acho que o tempo todo. Quando eles saem da sala pra ir almoçar, eles vão dançando, eles vão cantando. Quando eles fazem uma rodinha para ouvir uma história, eles cantam, fazem gestos... Querendo ou não, já existe na rotina uma certa coreografia, né, que é repetida, todos os dias e que faz parte da vida deles, eles já vão automaticamente, né.*

**Pesquisadora:** Certo. E como você trabalha com dança em sua turma?

**Professora F:** *Então, esse ano eu tô com o GREI 5, né, são as de cinco anos. Como a gente veio da pandemia, ainda não teve nenhuma festividade na escola com essa turma, para a gente trabalhar a dança, né. E a outra turma que eu trabalhei, como eu só tenho dois anos nessa*

*UMEI, foi o GREI 4, que foi essa mesma turminha no ano passado. E aí, muitas crianças optaram, muitos pais optaram por ter o ensino remoto, então frequentando mesmo, tinha pouquíssimas crianças. Então a gente não teve ali, essa experiência é, com dança. Eu tenho essa experiência com outras turmas, de outras escolas, onde eu trabalhei. Que eu trabalhei no Espaço de Desenvolvimento Infantil, que são os EDIs do Rio. E aí a gente trabalha a dança dentro da escola, principalmente nas datas, né, onde você faz alguma festividade aberta para os pais. Hoje isso já tá mudando muito porque a gente tem é, formações de famílias diferentes. Então a gente não tem aquele dia das mães com dancinhas. Mas eu venho de um tempo que a gente teve muito isso, né, trabalhava muito a dança. Também trabalhei com... fiz parte de uma mostra de dança, é, competitiva, né, que as crianças da nossa escola foram inscritas para participar na rede. E foi muito interessante, que foi de Luiz, é, é um que canta baião...*

**Pesquisadora:** Luiz Gonzaga?

**Professora F:** *Luiz Gonzaga à Luan Santana. Nós fizemos toda uma trajetória, desde Luiz Gonzaga, as crianças dançando o baião, depois foram passando por vários ritmos até chegar no sertanejo universitário de Luan Santana, na época. E foi muito legal! Foi muito legal, as crianças adoraram. Porque tinha todo um repertório diferente que eles não conheciam e tinha o do dia a dia, que eles ouviam nas rádios.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos?

**Professora F:** *É, volto a dizer né, nessa UMEI eu não tive essa experiência, mas todas as vezes que tive, sempre fui eu. Sempre fui eu que criei a coreografia, é, escolhia uma sequência de algumas músicas e colocava para eles ouvirem, sentia a turma para ver com qual eles se identificavam mais, né... Porque tem música que as crianças realmente não se identificam. Ouvem, mas não mechem nem o dedinho. Já tem outras, que começou o primeiro acorde, a criança já tá pulando, já tá mexendo com ela, né. Então a gente fazia muito essa, esse movimento sensorial para perceber o que ia conquistar mais eles.*

**Pesquisadora:** E a coreografia, é você que pensa? Como é que você faz?

**Professora F:** *Eu que penso, eu que faço, que que crio. E eu adoro, porque eu venho de uma história que eu sempre dancei, sempre fiz dança e eu também participo de uma igreja aonde, na igreja também tinha movimento de dança, hoje eu não faço mais parte, mas fazia... Então assim, eu assistia muita dança, assistia muitas festividades onde tinha dança. E eu sempre gostei muito. Eu sempre tive muita facilidade para criar passos, para criar movimentos, pra envolver a criança, pra criar, é, de uma forma assim, lúdica, é... chamadas para que eles lembrassem dos passos, entendeu? Então na festa junina eu criava os passos, a dança deles, na*



*festa das mães eu criava a dança deles. Nessa que nós fizemos para ir para essa mostra de dança, eu criei praticamente toda coreografia... Então é assim, é uma coisa que eu gosto muito.*

**Pesquisadora:** Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora F:** *Então, quando a gente vai fazer qualquer coisa voltada para dança, a gente primeiro vai fazer todo esse movimento de entender qual a música que as crianças vão adotar, né. A gente coloca ali dentro daquilo que você espera apresentar, duas ou três opções. Aí quando você consegue saber, sentir que música é essa, aí a gente... normalmente eu faço assim, eu falo com eles que a gente vai apresentar para a mamãe, ou vai apresentar para o papai, ou a gente vai apresentar para a escola, uma dança. Pergunto quem quer dançar, aí normalmente todos: “Eu, eu, eu...” Mas a gente sempre vê unzinho que fica mais no canto, tipo assim: “Tomara que não me veja, tomara que não me veja” [fala das crianças], né, escondido. E aí a gente fala assim: Então vamos começar nossos ensaios dia tal... E aí no dia tal, eu pego caixa de som, vou lá para a quadra, faço toda uma ambientação diferente da sala de aula, para romper com aquela ordem né, das cadeiras arrumadas e tal. Vou para um espaço mais aberto. Coloco a música para eles ouvirem e começo ali. E quando eu vou pra ali com eles, eu já pensei a coreografia. Aí começo a ensinar os passos, percebendo se eles tão tendo muito grau de dificuldade, ou se eles estão pegando fácil... E as crianças de hoje, elas têm uma facilidade para aprender a dançar incrível. Porque essa geração é a geração mesmo da internet. Então eles criam passos... “Vamos fazer assim? Ah tá, então tá bom assim... Vamos fazer assim? Vamo” [fala das crianças]. Aí sempre tem unzinho que tá no canto, “Ah tia, fulano não quer dançar...” [fala de criança]. Eu falei, então ele fica aqui assistindo, se depois ele quiser, ele entra na coreografia. E aí acaba que aquele movimento dos colegas chamando, chamando, chamando e acaba indo. Mas assim, a obrigatoriedade eu não faço, até porque eu respeito a dança como, não vou te dizer que é quase uma religião, porque é uma coisa muito sagrada, mas eu respeito a dança como um movimento que vem para te fazer bem, para aquecer o coração, sabe, para você se libertar. Se você impõe, se você obriga, aquilo é totalmente contrário ao que eu penso da dança. Então se a criança não gosta, eu deixo ela ali cantando... “Ah fica aí, vai cantando aí...”, ou então ensino ela mexer no rádio, ou peço, dou um instrumento para ela ficar batendo, alguma coisa nesse sentido, entendeu? É, musicalizo ela, mas necessariamente através da dança. Que é uma coisa assim, tem crianças que realmente resistem muito, né?*

**Pesquisadora:** Certo, certo... E quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora F:** *Então, é, eu acredito que seja, nessa UMEI que estou agora, eu ainda não tive a experiência, mas acredito que a dificuldade que eu vou ter vai ser em relação à recursos. Porque lá não tem aparelho de som... Tem um rádio muito pequenininho que não tem um som alto. E eu acho que o som dessa batida alta é o que movimenta, sabe? Música baixinha a gente usa para dormir, para relaxar, para fazer yoga, para conversar, mas para dançar, eu acho que a música tem que ter um volume bom, tem que ter uma boa, é, amplitude... a gente teria que ter um espaço onde a gente pudesse ter uma acústica legal. E a gente não tem isso. Eu acredito que quando eu precisar trabalhar dança ali, eu vou bater de frente com esses obstáculos, né? E a gente como professor, a gente acaba se virando, mas não é o 100% do que a gente sabe que a dança poderia trazer naquele momento, né, que a gente acaba transformando aquilo ali numa aula, né? Ali a gente conversa, a gente, um, motiva a empatia de um ajudar o coleguinha que não lembra do passo, ou ajudar o coleguinha que não tá conseguindo fazer, né, do sorrir, do se mostrar, do fazer eles se olharem e se verem lindos dançando, né? Trabalhar esse senso dessa estética que às vezes eles não têm, porque às vezes alguém falou alguma palavra em casa ou na família... “Ah, você não sabe dançar... você não sabe fazer...” e transformar isso, mudar esse contexto todo ali naquele movimento de dança.*

**Pesquisadora:** Sei... Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora F:** *Então, para mim foi a mostra de dança...*

**Pesquisadora:** Você já comentou, mas gostaria de complementar?

**Professora F:** *Foi muito legal. Foram várias escolas, então assim, a escola, é, abraçou essa oportunidade. Investiu em indumentária, investiu em som, gravamos um CD. Conseguimos fazer com que um colega gravasse uns trechos do filme de Maria Bonita, para projetar no fundo, quando eles entraram com a roupa de Lampião. Compramos aqueles chapeuzinhos de cangaceiro... Foi lindo! E a gente fez uma, era uma troca de roupas... porque assim, a gente dividiu a turma, eram duas turmas, né. Nós dividimos a turma, então enquanto uma turma entrava de cangaceiro, a outra turma tava preparada para entrar com o forró, e a outra depois e essa do cangaceiro saía e aí a gente mudava a roupa deles para entrarem como de Luan Santana, aí assim, super dinâmico, sabe... Sensacional. Acho que foi a melhor experiência com dança que eu tive na escola...*

**Pesquisadora:** Nossa... E qual a idade das crianças que fizeram essa apresentação?

**Professora F:** *Cinco.*

**Pesquisadora:** Cinco, né... legal... É e você acha que a dança pode contribuir no processo de

desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora F:** *Acho [balança a cabeça positivamente]. Então, quando a gente pensa a dança, é... a gente pensa dança até nos dedinhos. E às vezes eu tenho uma criança que não consegue escrever... e ela fala que tá doendo a mão... não quer... E ali naquele momento você pode fazer: “Vamos dançar com nossos dedinhos, um pouco? Vamos mexer eles? Vamos soltar os dedinhos?” E aí você põe alguma música, pode ser até a música da Eliana, que fala dos dedinhos... “Bota os dedinhos para balançar, para mexer... começa a reconhecer a sua mãozinha... Que dedinho é esse? Que dedinho é esse? Que dedinho é esse? [apontando para os dedos da mão], pega esses dedinhos agora e começa a fazer carinho em você...” e essa música vai tocando... “Faz carinho no amigo agora... e agora a gente vai se balançando...” E aquele ambiente começa a ficar tão agradável, que a criança esquece que ela tava reclamando que a mão tava doendo. Porque na verdade não estava. O que estava acontecendo é que ela estava com dificuldade, para fazer o nome, pra fazer aquela atividade e ela preferiu dizer que tava com uma dor, porque a dor limita. E com a dor, você não vai negociar. “Não, ele tá com dor, deixa ele quietinho...” E aí a gente começa a trabalhar com a música, com a dança, a dança dos dedos, a dança dos corpos, muda eles de cadeira, faz a dança das cadeiras e aí de repente quando você percebe, a criança já esqueceu aquilo, já sentou todo animado e tá fazendo alguma coisa. E sem contar que a dança socializa, né? A gente tem aquela criança que é mais gordinha, que às vezes se sente mal numa brincadeira porque por exemplo, no futebol, nunca é escolhido... Numa brincadeira de elástico, as colegas não escolhem... a gente tá sempre botando... “Não! Todo mundo vai brincar... chama todo mundo... ‘Ah tia, mas ela não consegue...’ Não, mas a gente vai ajudar e ela vai conseguir...” E aí, quando você põe todo mundo para dançar o mesmo passo, a mesma coreografia, mesma música, mesmo tempo, mesmo compasso, ele percebe que ele é igual o outro... né? E que apesar da limitação do que ele tenha ali e agente hoje, porque eu também sou nutricionista, a gente lida hoje com um aspecto muito negativo, que é o da obesidade infantil. Que está um marco muito elevado. As crianças estão comendo muito mal, as crianças estão é, ganhando muito peso antes da idade né? Então isso tá dificultando as articulações, eles sentem dores, eles caem, é, eles se sentem às vezes mal, porque alguém de gordinho, porque a própria família começa a rotular... Então assim, a dança, ela expande esse horizonte dessa criança e faz ela se sentir bem, igual a todo mundo, fazendo a mesma coisa do outro, sem as limitações que às vezes o corpo impõe, né.*

**Pesquisadora:** Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora F:** *Então, é, eu acredito que o que a gente vai construindo ao longo da trajetória*

*acadêmica da gente de profissional, para a idade e série que eu atendo hoje, é o suficiente, né. Porque eu acho que assim, a nossa dança é mais intuitiva do que teórica, né. O conhecimento, a base da dança, eu nunca tive oportunidade de fazer balé clássico e nunca tive oportunidade... sempre sonhei em fazer isso, mas nunca deu. E nunca tive a oportunidade de estudar a dança a fundo. Então assim, eu não tenho muita noção do que seriam as bases de uma formação em dança, né. Não sei a que ponto isso me ajudaria hoje, porque isso não é uma disciplina, é, do currículo. A gente utiliza em momentos pontuais, né. E é o que eu te falei, tem o dia a dia que eles cantam, dançam e tudo... Mas a base mesmo, ter a dança, só se a gente tivesse uma professora de dança mesmo, na escola. Mas para a gente, enquanto regente de turma, é, que dá todo conteúdo, acho que o que a gente construiu ao longo do... porque você sabe que professor é cozinheiro, é psicólogo, é médico, é enfermeiro, é tudo, né? É mãe às vezes... Então você acaba construindo alguns conhecimentos paralelos a tua carreira e que suprem a necessidade que a gente tem hoje, que teria hoje dentro da dança na escola, que não tem assim tanto espaço para dança. O espaço que tem é quando tem uma festividade ou quando você realmente gosta, como eu gosto. E eu fomento muito a dança dentro da sala de aula, eu gosto muito. Quando a gente conta uma história, eu sempre procuro histórias que tenham alguma música, ginásticas musicadas, historiadas, histórias cantadas e contadas que as crianças vão atuando durante a história... Então é uma coisa particular minha. Mas nem todos tem essa aptidão, né? Então hoje, o que eu construí com a dança, com o que eu já sabia, o que eu aprendi, o que eu vivi na minha vida pessoal, dançando... Eu dançava jazz, depois eu fui fazer ginástica rítmica e depois de adulta, dança de salão...Então assim, tem esse histórico de dança. E eu gosto muito, é uma coisa assim que eu amo! Aí assim, talvez, se eu tivesse a oportunidade de conhecer mais, eu pudesse me apropriar de outros conceitos, pra com esses conceitos, talvez levar essa dança mais à frente, dentro da própria UMEI, né? Talvez até com as outras colegas, numa reunião de formação... Ajudá-las a entender que todo mundo consegue dançar, que a dança não é simplesmente o movimento de um corpo, A dança pode ser uma libertação, um momento de relaxamento, um momento de prazer... A dança pode ser até o momento de aprender uma letra diferente... E aí talvez sim, se eu tivesse mais conhecimento, de repente poderia conseguir entrosar mais as colegas que hoje não tem tanta aptidão para trabalhar mais a dança.*

**Pesquisadora:** Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora F:** *Sim. Muito. A arte, ela tem, ela tem vários braços né, você consegue trabalhar a criatividade e a dança tem muito a ver com a criatividade né? Às vezes a gente tá com as*

*crianças na sala, aí a gente bota uma música e eles sozinhos começam a fazer gestinhos, criam gestos naquela música... você nem criou, nem ensinou nada, você só deixou a música tocar. E aí quando você vê, eles estão fazendo gestos. É como eles veem hoje na internet, vídeos com vários gestos, aí eles chegam na sala e fazem... Você fica olhando, essa criança tem cinco anos e consegue fazer isso? Com tanta habilidade, com tanta rapidez né? Acho que a arte tem tudo a ver com dança, por conta desse braço da criatividade, né. E a educação física é o corpo né, é o movimento, é se conhecer né... Eu acho que assim, faz muita falta um professor de educação física dentro de uma UMEI, porque a gente trabalha as partes do corpo com a criança, mas é diferente de uma pessoa que é formada nessa área né? Que vai trabalhar parte por parte, vai fazer eles se conhecerem, se entenderem né, dentro do próprio corpo deles... Porque às vezes você percebe que a criança é meio desengonçadinha, sabe? E às vezes percebe que até um trabalho de marcha, ou um trabalho caminhando sobre uma corda, ou um trabalho de equilíbrio, ou trabalhar uma lateralidade... Um professor de educação física teria mais propriedade, né. A gente acaba fazendo alguma coisa, mas eu acredito que o professor de educação física teria muito mais propriedade para trabalhar isso dentro da UMEI.*

**Pesquisadora:** *Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?*

**Professora F:** *Eu acho que assim, a dança ela tem capacidade de mexer com o sentimento. É... às vezes a gente pode colocar uma criança para dançar uma música sem palavras, só instrumental e com os gestos daquela criança, você leva às vezes uma mãe às lágrimas né. Às vezes você leva uma pessoa às lágrimas... Porque a dança tem muito sentimento. Eu acho que o corpo se movendo ao som de uma música, ele transmite muita coisa, né. E às vezes você vê que a criança, por exemplo, crianças autistas, eles não têm muita familiaridade com sons muito altos, mas se você cola uma música, às vezes eu coloco Beethoven para relaxar e coloco para eles, hoje mesmo eu coloquei e eles pedem: “Tia, aquela música que relaxa a gente, qual é? É Beethoven, querem ouvir?” Aí eu coloco. Porque essas crianças vêm de uma comunidade de onde eles só escutam funk, o dia inteiro. É uma cultura? É uma cultura. É o que se vê? É o que se vê. É o que se ouve? É o que se ouve. Mas só isso é muito pouco, musicalmente falando né. E a dança do funk é uma dança extremamente sensual, que não condiz com a idade deles, né? A gente procura fugir ao máximo desse contexto de sexualidade, sensualidade, por conta da idade deles, né, querendo fazer com que eles sejam crianças o máximo de tempo que eles puderem, né. E às vezes quando você coloca uma música assim, orquestrada, sinfônica, eles estão deitados, é, instintivamente eles ficam: mexem um braço, mexem outro... hoje tinha uma, aí tava, aí fazia o piano... [gesticula com os braços, e mãos, simulando o tocar num piano] aí*

*ia e voltava, deitada no colchão. E aí é uma coisa tão assim natural e eu acho que ali passa tanta coisa na cabeça daquela criança, que a gente talvez nunca vá saber, mas eu acho que quando eles levantam dali, o rostinho deles às vezes sai diferente, sabe... Então acho que a dança, ela move muito. Mexe com você de todas as formas. Não sei se é porque eu sou muito apaixonada por dança, mas assim, dançar pra mim é viver. Eu acho tão maravilhoso... Eu queria poder saber mais, ter mais contato, viver mais, fazer mais, ser mais, dentro da dança, né. Mas o que eu consigo fazer, eu faço. E eu acho maravilhoso. Eu acho que por isso eu aceitei o convite de te ajudar, porque tinha tanto a ver com o que eu mais amo, que é... Eu faço aula na academia, faço hidroginástica, mas o meu, a minha paixão é dançar...*

### **Entrevista online – Zoom**

#### **Professora G – Geisa**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil? Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora G:** *Na verdade eu vou fazer agora em maio, 10 anos na rede, né, eu tenho 10 anos... e eu tenho experiência, também, fora da rede também, que eu trabalhei na FAETEC, contrato também, durante 4 anos. E foi assim, um... é... estalo na minha vida, né... Trabalhei com o fundamental, há vários anos e tal... Mas lá, que eu, eu realmente aprendi a gostar de educação infantil. Aí eu fiz o concurso, passei, me identifiquei, e tô até hoje e gosto dessa área e gosto muito. Trabalho muito e gosto, prazer...*

**Pesquisadora:** Certo. Então você tem ao todo 14 anos, é isso? São 4 anos que atuou fora, mais 10 anos na rede com educação infantil.

**Professora G:** *Isso.*

**Pesquisadora:** Beleza. E qual é a sua formação?

**Professora G:** *Eu, fiz na época, fiz o Normal Superior e a pós-graduação em Psicopedagogia.*

**Pesquisadora:** Certo. Você já fez algum curso ou disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

**Professora G:** *Não, nunca tive não. Isso é porque faço, porque eu gosto mesmo. Eu sempre tive sim, uma quedinha pra dança, pra música, eu sempre gostei. Eu, é porque eu nunca tive oportunidade ainda de trabalhar essas coisas... Eu, fazer um curso. Mas eu sempre gostei de atuar nessa área, é... mais assim, fazer curso, essas coisas, nunca, nunca participei, nunca tive a oportunidade não.*

**Pesquisadora:** Certo. E o que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora G:** *Olha, é... ali... Vou até te falar, porque quando eu fui pra lá eu fiquei com um pouco de receio, assim, passei no concurso... Ah... A gente fica preocupado assim, ah... que é perto de favela... aquele negócio todo, né? É a preocupação de todo mundo, essa preocupação, né? Se é no morro, não sei o quê... Mas olha só, graças Deus até hoje, a localização dela é uma localização boa. Nunca tivemos problema nenhum, com, assim, termos de bandidagem, de ninguém entrar, de fechar a escola... graças a Deus. É uma comunidade boa também. As pessoas são caprichosas, os pais são atenciosos, é, as crianças andam limpinhas, sabe, em termos de localização e comunidade, acho que nós estamos de parabéns, muito boa mesmo? E tem assim, a comunidade assim, um pouquinho afastada, assim, um morro atrás, mas assim, não interfere nada com a gente ali. Nunca assim, nunca eles se envolveram com a gente não. Tá, assim, fica um pouquinho afastado, entendeu? E graças à Deus nunca tivemos problema nenhum, nenhum mesmo, em relação a essa preocupação.*

**Pesquisadora:** Certo. A clientela que vocês atendem, como é?

**Professora G:** *A clientela ali, generalizando assim, são pessoas humildes, bem humildes, né? Mas tem aquelezinho que assim, já anda mais arrumadinho, um humildezinho assim, um poder aquisitivo um pouquinho melhor, não é que seja rico, mas uma situaçãozinha melhor. Mas a maioria são pessoas humildes. Mas eu não falei? Andam bem limpinhos, assim, é... a roupinha assim, bem limpinha, cheirosinha. Dificilmente tem uma criança suja, entendeu? São pessoas humildes, mais caprichosas.*

**Pesquisadora:** Então a gente pode dizer que não tem crianças em condições precárias de subsistência, né?

**Professora G:** *Sim, sim, verdade, não, não.*

**Pesquisadora:** E quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora G:** *Tá longe da realidade minha filha... Ui, tem que falar a verdade, né? Eu vou falar... Olha, salas, a minha sala por exemplo, é... tinha uma televisão lá velha, pandemia, furtaram a televisão, sumiu a televisão, ficamos sem televisão. Aí uma colega ofereceu uma televisão pequenininha, aí nós aceitamos porque a gente não tem nada para oferecer para as crianças, porque chega uma hora, você trabalha, você sabe... que as crianças estão cansadas... Não tem extraclasse, não tem nada, então você tem que estar assim, ó, vendo o que você vai fazer... Você planeja, mas você chega no final do dia você tem que botar um DVD, uma coisa... Aí ela ofereceu pra gente televisão, aceitamos, né... mas não é televisão led não, é bem simples...*

*Não, não tem tela, é... e não tem nada. E... não tem assim, recurso nenhum, multimídia de nada... O espaço físico eu considero pequeno. Brinquedos, quebraram todos, né... sumiram todos... pandemia se estragaram... Só temos dois escorregas lá, que as turmas vão prá lá e ficam disputando... Até essa semana, eu tava conversando lá no parquinho com as meninas lá ... [pequena frase inaudível] ... Realmente é muita carência, atualmente estamos carentes de brinquedos, né, de tecnologia, estamos precisando de muita coisa na realidade ali, precisando de muita, mesmo.*

**Pesquisadora:** *Aham... e me diz uma coisa, é... tem quadra, um parquinho, espaço pra vocês...*

**Professora G:** *É, é, tem uma quadra coberta, assim, um parquinho é coberto... Fizeram uma obra, até que tá bonitinho e tudo, mas falta assim, brinquedos para as crianças, né. A obra ficou bonitinha, fizeram a cobertura, pintaram o chão... tá bonitinho, né, mas foi como eu falei para você, tá faltando brinquedos, não tem assim... A gente bota Lego, não tem um... a caixa de Lego, o Lego no parquinho que a gente coloca. A brincadeira deles: é o Lego, lá no parquinho, eles correndo, e aquelas duas, duas escorregazinhas para eles brincarem, disputarem entre eles ali.*

**Pesquisadora:** *Tá... esse parquinho, professora, é a quadra, é isso? É parquinho e quadra no mesmo espaço?*

**Professora G:** *Isso exatamente.*

**Pesquisadora:** *Ah tá ótimo... aí quando tem festa, vocês fazem aí nesse espaço?*

**Professora G:** *Isso nesse espaço. Isso, isso, isso.*

**Pesquisadora:** *Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?*

**Professora G:** *Uhm, Uhm... [a participante balança a cabeça, demonstrando negação] ... Olha, há alguns anos atrás, há muito tempo, teve um professor de educação física. Ele não parou lá, foi embora e até hoje estamos sem professor, não que não tenha pedido, mas, a direção pede, mas até hoje, nenhum chegou até a nossa UMEI, entendeu? E nós precisamos porque é... 24 horas praticamente com as crianças, o dia inteiro com as crianças e... é uma necessidade. É cansativo pra nós e pra eles também, é muito maçante ficar em sala, né, o dia inteiro... e como se fosse um depósito, bota as crianças, né e aí é comer, beber, dormir, né... e não tem uma extraclasse, tem assim, aula lá de sala de leitura, que uma professora lá, né, trabalha com eles né, uma vez na semana... mas acho que não é suficiente. Teria que ter um professor de artes, de educação física, com certeza teria que ter, né? É mais uma coisa que nós estamos solicitando.*

**Pesquisadora:** *Certo... Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática*



pedagógica a dança está presente?

**Professora G:** *Olha, é... mais na hora da rodinha... na hora da rodinha ali que a gente, ó... eu acho fundamental... pra mim, rodinha é tudo. Eu acho assim, a rodinha... ali você só tá com as crianças, ali é o momento que você... um momento mágico, né? Você sentar, conversar, ouvir as crianças, ouvir a gente... Cantar, pular, dançar... eu faço de tudo um pouco na rodinha, né... Pulo com eles, brinco com eles, eles inventam música, eu canto com eles e é muito gostoso essa troca, essa prática, é muito gostoso. E ali é um crescimento maravilhoso, sabe... maravilhoso mesmo. É... eu acho até que vou fugir um pouquinho, acho que a próxima pergunta seria essa, não sei se eu deixo pra depois... Qual foi a pergunta mesmo que você falou aí?*

**Pesquisadora:** *É... eu perguntei para você em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente? Aí você respondeu que é na hora da rodinha...*

**Professora G:** *É, é na hora da rodinha, na hora que a gente senta ali e conversa, né, tem os momentos que a gente canta, faz brincadeira de roda, a gente pula, faz bastante coisa na rodinha. Eu acho ali muito importante. Eles ficam: “Tia, eu quero mais, eu quero mais... Não, vamos esperar mais um pouquinho, amanhã a tia faz mais...” Eles pedem, eles gostam dessa brincadeira, dessa troca de um encostar no outro, botar a mão no outro... eu acho muito assim, é mágico, é um momento mágico, eu gosto muito desse momento, gosto muito...*

**Pesquisadora:** *Me fale como você trabalha com dança em sua turma.*

**Professora G:** *É, eu ia até falar isso agora, as brincadeiras de roda na sala, eu faço com eles. Eu boto a dança maluca, né, como eu falei, eu tô assim, sem muita, nenhuma tecnologia na sala, eu pego o celular, ponho ali com eles, e lógico, eu pesquiso em casa primeiro, eu faço o planejamento, aí boto no celular... eles olham ali, aprendem... Essa semana mesmo, foi isso, uma dança maluca falei: Caraca, muito legal para eles! Aí eu botei ali, aí fiquei pulando com eles e dançando com eles. Eles dançando, pulando... Dança dos movimentos, né, cabeça ombro, joelho e pé, conhecendo o corpinho, né... é, tem a dança também das cadeiras, que a gente coloca o nome da criança ali, e eles vão, a gente vai cantando pra eles, eu canto uma música, aí eles vão andando em volta da cadeira, aí para a música, eles sentam em cima do nome, descobre o nome, né? Agora nesse nível eles estão começando a identificar o seu nome e de várias formas que a gente trabalha em sala de aula e eles gostam muito, né? Ó, morto e vivo, é... a gente brinca de bicicleta na sala, sai correndo na sala, faz um trenzinho na sala, maluco... Então diversas maneiras a dança está presente em vários momentos.*

**Pesquisadora:** *Certo... E o que é essa dança maluca?*

**Professora G:** *A dança maluca é uma dança assim: é... põem a mão na cabeça, põem a mão no ombro... não é aquela música cabeça, ombro, joelho e pé, não, é diferente, né... Ela põe, a*

*criança vai, põem a mão na cabeça, ela manda se requebrar, pular, rodar, então são vários movimentos, né... aí ela vai com o corpo girando e fazendo os movimentos também. Agachar, levantar, colocar a mão no amigo. É muito legal, ela abrange muitas situações, é muito legal mesmo.*

**Pesquisadora:** Legal... é pelo YOUTUBE?

**Professora G:** *No YOUTUBE, isso. É com um professor de educação física.*

**Pesquisadora:** Certo. Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos?

**Professora G:** *Eu [risos], sou eu.*

**Pesquisadora:** E como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora G:** *Ó, eu vou pra internet, né, aí vejo, faço uma pesquisa, aí vejo, ó, vejo a música, é depois eu vou, falo da prática, né, da pergunta seguinte é da prática, né? Tem uns momentos que foram assim, mágicos, né, de dança lá com eles... Eu vou assim, eu vou pra internet, faço a pesquisa, né, ensaio a coreografia, eu na frente do espelho, depois eu vou na sala e ensaio com eles e entendeu? Tem aquela criança que é mais timidazinha e não gosta de participar, mas eu dou o tempo dela, eu deixo o tempo dela, quando ela quiser participar ela vem, eu não obrigo ninguém a participar... E sai, numa boa, fica legal.*

**Pesquisadora:** E todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora G:** *Não, não, foi como eu falei, sempre tem aquelezinho, que “Ai tia, eu não quero não...” Ou assim é um pouco de timidez... “Ai eu não gosto não...” Tipo assim, aí eu falei, então a gente não obriga... “Então, quando você quiser, vem participar com a gente.”, né... Aí eles ficam olhando, às vezes, vários ensaios... Aí depois do terceiro ou quarto dia, assim, um exemplo, né, aí ele vai se chegando, já começa a participar... mais aí, de um modo geral todos participam, é unânime, eles gostam muito de dançar, gostam mesmo. Esse ano ainda não tivemos nada não, mas vamos ter ainda.*

**Pesquisadora:** Certo. E quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora G:** *Olha, eu tava até pensando assim, é... eu, assim, vou ser sincera, eu nunca encontrei dificuldade nessa parte, não. Assim, a gente se une muito, uma ajuda a outra, entendeu? É... uma ajuda no som, outra ajuda no ensaio, entendeu? Se for nesse sentido que você tá falando, eu não tive assim, muita dificuldade, assim, pra ser sincera não, entendeu? Se for em relação a essa parte não, né... A gente, assim, é muito unida lá na UMEI.*

**Pesquisadora:** Certo. Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum

trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora G:** *Ah sim, essa semana eu até pensei, ainda bem que eu anotei aqui, olha, foram assim, tiveram umas duas danças... que a primeira foi a dança, eu não sei se foi a festa folclórica ou foi no índio, eu não lembro muito bem... foi bem antes da pandemia, né... É, a aquela música da... foi, eles apresentaram aquela música da Mara Maravilha, Curumim Ei ei. “Curumim ei ei, sou curumim ei ei...” [a participante canta esse trecho da música]. Eles se fantasiaram, ah, eu ensaiei e botei no YOUTUBE. Ensaiei com eles a coreografia... Mas assim, mas foi assim... lindo! Sabe o que que é lindo? Eles participando... foi lindo, mas foi muito lindo! Aí os passos... aquela dança mesmo de índio, entendeu? Assim com o chocalho na mão... Olha, mas assim, foi assim... Aí essa semana mesmo a diretora... eu até me prontifiquei na pesquisa, a diretora falou assim: “Gente, eu, eu lembro da Geisa, naquele dia da apresentação da música do índio, gente... Ana saiu dela, não era ela que tava ali... gente, ó... inesquecível!” Aí eu fui me lembrar, me reportar, né... gente, foi lindo! E eles dançando, mas olha, foi lindo... eu nem sei se filmaram, não lembro muito bem, porque foi muito tempo atrás... e a segunda experiência maravilhosa, foi no folclore, foi a... dança do carimbó. Aquela assim: “Ana Maria que dança é essa, é... como é? Peraí que eu anotei aqui... que a gente dança só. Ana Maria que dança é essa é carimbó, é carimbó. Braço pra cima, braço pra baixo, agora já sei como é que é. Aí, só falta bater as mãos... as mãozinhas e os pezinhos...” [cantarola alguns trechos]. Mas eles dançando, com a roupa mesmo, típica, né... fizemos as roupas pra eles... as meninas botaram um laço no cabelo, de arquinhos... foi a coisa mais linda! Foi assim, momentos marcantes e fascinantes.*

**Pesquisadora:** Ah que legal! Muito bom... Você acha que a dança pode contribuir no processo de...

**Professora G:** *Foi fascinante, foi muito lindo mesmo, gente, assim... e eu lembro até hoje, sinto muita satisfação, alegria e saudade também. Eu quero que volte novamente a gente a fazer essas danças... Com certeza vão ter momentos mágicos ainda... Muito legal...*

**Pesquisadora:** Sim...

**Professora G:** *Eu amo... Só de falar, você vê que eu gosto muito, fico empolgada...*

**Pesquisadora:** Sim, sim, vai voltar sim... se Deus quiser... Agora é... sobre o saber com dança.

**Professora G:** *Ih... eu não tô ouvindo direito. Acho que falou alguma coisa aqui. Peraí.*

**Pesquisadora:** Posso?

**Professora G:** *De novo. Ai meu Deus do céu...*

**Pesquisadora:** É da internet...

[A partir daqui, levamos cerca de 12 minutos para retomar a entrevista, devido a problemas com conexão da internet]

**Pesquisadora:** Bom, continuando aqui nossa entrevista, você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria, Geisa?

**Professora G:** *Olha eu acho que, eu acho não, eu tenho certeza que influi muito no controle motor da criança, né, na parte da musculatura, da psicomotricidade, né... é, do desenvolvimento da postura, tudo isso. Também a parte psíquica também, o lado cognitivo e a interação social também. Elas interagem muito com a música com a dança, muita coisa.*

**Pesquisadora:** Certo, certo... E você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora G:** *É... se eu tivesse essa oportunidade eu gostaria muito de me aprofundar em dança, né, em música para criança, eu gosto muito dessa área. E com certeza a gente precisa se aprofundar mais mesmo, com certeza, se eu tivesse essa oportunidade, eu gostaria mesmo.*

**Pesquisadora:** Aham... Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora G:** *Muita coisa. Eu acho que é uma parceria a educação física e a arte andam juntas, uma complementa a outra, Silvia, minha opinião...*

**Pesquisadora:** Certo, Geisa. Teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora G:** *Eu só gostaria de agradecer a oportunidade tá Silvia. Gostei muito. Como é assim, a primeira vez, fiquei um pouquinho nervosa, mas é normal. Agradeço a oportunidade e qualquer coisa, estamos aí novamente.*

## **Entrevista online – Zoom**

### **Professora H - Helena**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil? Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora H:** *Então, na rede de Niterói, eu tô desde 2017, que eu sou desse último concurso que teve de 2016, mas quando eu fiz pedagogia lá na UFF, eu fui bolsista da creche UFF, é... fiz aquele curso, não sei se você conhece, da FIOCRUZ? é não é uma especialização, não é uma pós, mas é um curso bem longo que tem na, na FIOCRUZ de educação infantil, da creche. Tá me ouvindo? Porque você deu uma travada para mim...*

**Pesquisadora:** Tô, tô te ouvindo.

**Professora H:** *É, porque às vezes a minha internet não é muito legal aí você ficou parada assim, sem se mexer... eu falei, não... congelou...*

**Pesquisadora:** Não, não... eu tô te ouvindo.

**Professora H:** *Aí eu não sei se tu conhece, esse curso da creche FIOCRUZ?*

**Pesquisadora:** Não, não conheço.

**Professora H:** *É um curso que dura mais ou menos um ano e é um curso bem interessante assim... é... é... de especialização né? Que discute a teoria e a prática da, na educação infantil, né, feito pelos, pelos profissionais lá da creche da FIOCRUZ. E também fiquei durante um ano e meio como professora na creche da UFRJ. Assim, basicamente, é essa minha experiência na educação infantil. E eu fiz o mestrado também e minha pesquisa foi na educação infantil da rede de Niterói.*

**Pesquisadora:** Ah, legal, legal. E você entrou para a rede quando?

**Professora H:** *Em 2000... eu fiz o concurso de 2016, e fui chamada logo no início em 2017, que eu tô na rede de Niterói.*

**Pesquisadora:** Aí você entrou direto pra a educação infantil?

**Professora H:** *Isso, é. Na verdade assim, quando eu fiz esse com... quando eu tava terminando o mestrado, aí saiu o edital, eu falei assim, vou... eu fiquei muito motivada por conta da pesquisa do mestrado, eu trabalhava em outro lugar, eu trabalhava no Estado, eu era pedagoga no Estado, quando eu tava fazendo o mestrado e aí muito motivada pela pesquisa, assim, eu já conhecia a rede de Niterói, porque eu já trabalhei permutada, não na educação infantil, mas no ensino fundamental, então eu já conhecia a rede, como a rede trabalha. Aí fazendo a pesquisa, na educação infantil, eu me senti motivada a retornar, a fazer o concurso e atuar na educação infantil. Então quando eu fiz, eu já fiz com esse objetivo, de passar e ir para a educação infantil.*

**Pesquisadora:** Ah, legal! Qual a sua formação?

**Professora H:** *Então, eu fiz pedagogia na UFF, fiz também a pós lá na UFF, em alfabetização das crianças de classes populares e depois eu fiz o mestrado lá na UERJ de São Gonçalo, FFP, sobre educação infantil, era educação dos bebês, né, eu fiz numa UMEI.*

**Pesquisadora:** Certo... E você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação?

**Professora H:** *Não, nunca fiz nada.*

**Pesquisadora:** Nunca teve?

**Professora H:** *Todas essas formações que eu tive, nunca teve nada específico sobre dança.*

**Pesquisadora:** Nunca foi oferecido nada, né?

**Professora H:** *É, nem na rede eu não lembro também. Pelo menos nesse tempo que eu tô na rede, nunca vi nada voltado para dança.*

**Pesquisadora:** Certo... O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora H:** *Então, é uma escola de periferia, né, não é uma escola que tá localizada numa área é... central da cidade, é uma área de periferia, atende crianças que são provenientes daquela região lá, uma ou outra que não consegue vaga, aí vem de uma região mais distante, tipo, da Região Oceânica, ou do Sapê, do Largo da Batalha, mas a maioria mora ali naquela região, e é uma escola de periferia, então atende crianças na maioria, assim, 90%, 95% são crianças negras, né, dessas comunidades ali do entorno da UMEI.*

**Pesquisadora:** Certo. Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora H:** *Então, olha só, acho que a maioria das escolas de Niterói, na educação infantil, pelo menos assim, quando eu vou na assembleia do SEPE, ou algum curso de formação, eu vejo que é uma queixa, da maioria de quem trabalha em educação infantil na rede, é a questão da estrutura do espaço físico, porque não é muito apropriado para a educação infantil, inclusive as escolas novas, que foram construídas nesse programa Mais Infância, a maioria não é adequada em termos de estrutura, não tem parquinho, é ao ar livre, por exemplo... a nossa escola quando ela foi... ela era uma escola dessa aí do Mais Educação, ela foi construída... Só que no início ela seria para o ensino fundamental, aí foi uma mobilização da comunidade que exigiu, que tinha essa demanda, né, por creche lá, as crianças eram atendidas numa creche comunitária que foi municipalizada. Então a escola atende, é... passou a atender a educação infantil, por conta disso, por conta de um movimento própria da comunidade de reivindicar que tivesse... está me ouvindo?*

**Pesquisadora:** Tô, tô te ouvindo, tô.

**Professora H:** *É, porque ficou aparecendo uma mensagem aqui para minha internet que tava sem conexão.*

**Pesquisadora:** Não, eu tô te ouvindo bem.

**Professora H:** *Então aí, assim... é... a estrutura... tá me ouvindo? Tá... uma estrutura, um prédio, né, é tipo um caixote, a escola é tipo um caixote, é um prédio. É... tem essa questão da acessibilidade que ela tem rampa de acesso. Mas é uma escola que a gente teve... assim... como são pessoas que tão lá, é, na direção, na equipe de articulação pedagógica, que tem esse pensamento, que também fazem o mestrado, que tá em grupo de pesquisa, que estuda educação infantil, então a gente vai discutindo com esse coletivo para poder reorganizar os espaços pra*

*atender as crianças da melhor forma possível. Então, assim, tem alguns espaços que a gente foi ressignificando. A gente, é... o pátio era todo concretado, então a gente construiu uma horta, mesmo com concreto, a gente conseguiu, é... fazer uma horta. Tem um parquinho que a gente fez também nesse espaço, compartilhado. O outro parquinho é na varanda, né, nesse espaço. Aí tinha uma área, que é meio acidentado, porque a escola fica no alto, é meio que num morro assim... então, assim, a gente adaptou essa área acidentada e construiu um pomar, em parceria com uma loja que vendia plantas, do bairro né... então eles eles doaram algumas árvores frutíferas, a gente fez um pomar. Então, é... assim, embaixo dessa rampa, a gente construiu uma cozinha experimental. Pra poder, né, é... oportunizar as crianças de terem diferentes espaços de acordo com essas concepções de educação infantil que a gente acredita e vem defendendo. É... também fez um atelier, nesse mesmo espaço, da rampa, né. Então assim, em termos de espaço, a gente, meio que vai, é... ressignificando pra poder que se tenha um espaço agradável, de sentido, que as crianças possam explorar, né, e aprender de várias maneiras e não só dentro da sala de aula, entendeu?*

**Pesquisadora:** *Aham... e tem algum espaço que vocês podem fazer atividades de dança, alguma quadra, algum espaço assim, amplo?*

**Professora H:** *Tem. Tem a quadra também, que a quadra é bem ampla, então, dá pra fazer, na quadra, nesse espaço, nesse parquinho lateral...*

**Pesquisadora:** *Certo. Então você tem a quadra e um parquinho lateral, né, assim, de espaço grande?*

**Professora H:** *Isso.*

**Pesquisadora:** *Legal, legal... É... bom, além dos professores regentes, vocês têm professores de educação física e de artes, lá?*

**Professora H:** *Então, na educação infantil, de acordo lá, com aquela modulação, não teria direito a ter educação física e arte, é só o ensino fundamental. Só que lá na escola, como eu te falei, que a escola foi construída para o ensino fundamental... a gente atende os grupos de primeiro ano, porque já não tinha espaço lá no [o nome da escola da rede municipal foi suprimido] por isso que construíram nossa UMEI. Porque não tinha espaço lá na outra escola. Então meio que fez um acordo. A prefeitura falou assim: não, por enquanto vai ficar só no provisório até a gente construir em outro espaço, uma escola de ensino fundamental, já que vai virar uma UMEI aqui... é... mas esse provisório tá desde quando inaugurou, né. Então como a gente tem esses grupos de primeiro ano, então, é... a gente tem educação física, tem um professor... e artes a gente já teve lá, mas só pro ensino fundamental. A educação física, ele só atende os grupos de 5 e os de 4, os de 3 e de 2, ele não atende.*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora H:** *Só os maiores, porque não teria direito, entre aspas, então como ele faz dobra... ele tinha matrícula em outra rede, aí foi meio que um acordo que ele fez, sabe? Ele exonerou lá, porque era muito longe pra ele... ele morava em outro município. Aí ele foi e perguntou se não teria como ele pegar esses grupos da educação infantil e ter uma dobra. Aí a gente conseguiu com a secretaria de educação que fosse feito desse jeito. Então ele pega os grupos de 4 e 5 anos, entendeu?*

**Pesquisadora:** Mas eu não entendi, vocês têm o primeiro ano do fundamental, lá também?

**Professora H:** *Tem, tem, tem... por conta disso. Porque não tinha espaço lá no Levi Carneiro, que é a escola de fundamental que é próxima, então fez esse acordo. Enquanto a prefeitura não constrói uma outra escola de ensino fundamental, esses grupos iriam ficar lá provisório. Mas continua até hoje, porque até hoje a Fundação não construiu outra escola lá no bairro.*

**Pesquisadora:** Tá, então vocês atendem a educação infantil e o primeiro ano só, né?

**Professora H:** *Isso. Uhum...tem 4 grupos de primeiro ano.*

**Pesquisadora:** Certo. Bom, agora, é... pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática, é... a dança tá presente?

**Professora H:** *Então, assim, não tem uma coisa assim muito, ah...fechadinha, na rotina de agora é o momento da dança, não existe isso. Mas, na educação infantil a gente sabe que trabalha o corpo, que a criança aprende com o corpo, com o movimento. Então a gente tem uma compreensão maior, assim, não específico da dança, entendeu? Nem na educação física o professor, ele foca nessa coisa da dança, né? Mas mais do movimento, do corpo... então assim, é... a gente faz atividades na quadra, para que elas, né, possam...brincadeiras, mais voltadas para brincadeira, do que assim, uma coisa mais sistematizada... ah vamos fazer uma dança... não é assim que funciona, mas voltado para o corpo. Mas é assim, com músicas da educação infantil, que mexem com o corpo. Tem umas músicas que eles gostam, que tem preferência... “Ah canta essa! Agora canta aquela outra!” [fala das crianças] ... Então, assim, é mais, é... entra nesse jeito. Não todo dia, não é uma coisa sistemática, porque assim que eu entrei na educação infantil, eu e uma outra professora que fazia dupla comigo, a gente fazia uma coisa muito fechadinha assim, na rotina. Aí as crianças ficavam assim: “Ai, eu não aguento mais isso!” Aí a gente começou a refletir, é verdade, né? Todo dia ... nem eu tô aguentando mais, você tem toda razão... Aí a partir dali a gente relaxou um pouco, em termos de ter uma rotina muito rígida, sabe... então a gente vai trabalhando muito a partir da participação dele, das curiosidades... as vezes a criança faz uma pergunta e a partir daquela pergunta, mobiliza todo o grupo para poder a gente estudar, para desenvolver um projeto... Só tem uma dança assim,*



*mais específica, quando é na época dessas festividades. A gente lá, não faz é... festa junina, porque, a maioria das crianças lá, da comunidade são de igrejas pentecostais. Então eles têm a compreensão, que se é festa junina, então é festa de santo, então eles não mandam as crianças, não querem que as crianças participem... então meio que para a gente burlar isso, a gente criou a festa da cultura. Então a gente trabalha de uma maneira mais ampliada, que aí a gente tem como argumentar com a família, que a gente tá trabalhando a cultura, que a gente tá ali, trabalhando as diferentes do país, as diferentes formas de manifestar através da dança, da música... então a partir desse viés que a gente consegue trabalhar, né, com as crianças. Aí a gente faz uma apresentação, né... porque é também uma maneira da gente ter um dinheiro extra para poder fazer outros eventos, porque nem sempre a verba dá para fazer tudo que a gente deseja com as crianças, né. Às vezes para levar, fazer um passeio, a Fundação não oferece ônibus... então teve um ano, que a gente, com o dinheiro da festa... a gente decide tudo isso na reunião de planejamento. Arrecada o dinheiro, aí a gente vai para a reunião ó... “Arrecadou tanto... o que a gente vai fazer esse ano?” Ou então antes mesmo da festa, a gente já sabe o quê que vai fazer, que aquele dinheiro será convertido, né. Teve um ano que a gente optou por alugar ônibus e levar as crianças para fazer passeios. Cada um escolheu pra onde, cada grupo de referência, assim, GREI 5, GREI 4, GREI 3, para onde que iria. Um outro ano, a gente achou que seria melhor fazer uma festa para as crianças. Então a gente contratou um circo... aí fez uma festa para eles lá. Então é assim. É uma maneira da gente também arrecadar dinheiro. Então nessa festa, como tem a comunidade, eles gostam, né, dessa coisa de ver, de assistirem as crianças, então a gente faz uma coisa assim mais sistematizada, assim com elas.*

**Pesquisadora:** Então, é... eu acho que essa pergunta aqui você já me respondeu, que seria como você trabalha com dança em sua turma. Acho que você meio que respondeu, né? Não é nada diretivo, né, uma coisa mais despojada...

**Professora H:** *É, isso.*

**Pesquisadora:** Outra pergunta: Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora H:** *É, então, aí depende muito. Eu vou te falar como a gente já viveu isso em outros anos. Como a gente tem feito isso da festa da cultura, então a gente meio que sorteia quem é que vai ficar com cada região, ou quem é que vai ficar com cada Estado. Então a gente vai estudar aquela região, ou vai estudar aquele estado, né. Que aí cada grupo escolheu. Então a gente vai ver qual é a dança típica, qual é a comida daquela região, qual é a cultura daquela região. E a partir de perguntas que as crianças vão fazendo e demandas deles... ah, um*

*exemplo: uma vez a gente escolheu a Bahia. “Ah olha só, vocês já ouviram falar sobre a Bahia? O que que tem lá na Bahia? O que vocês gostariam de saber sobre a Bahia?” E aí eles vão falando e aí a gente também vai pesquisando e vai trazendo coisas para ele, ó... tá vendo, tem essa dança... tem isso... e a partir dali a gente vai decidindo junto com eles, né. O que que... é, com os vídeos... a gente pega vídeos na internet, no YOUTUBE, vídeos curtos, né, porque eles não vão assistir um documentário de meia hora, 20 minutos... mas se a gente achar uma coisa de 10 minutos, 5 minutos, 8... projeta para eles no data show e a partir dali a gente vai conversando pra ele, para ver o que desperta mais o interesse. E aí, a partir daí, a gente faz essa escolha e também com a participação deles, de como que a gente vai fazer a dança, até porque... eles, é... muitos, é... frequentam baile funk, frequentam outros... e aí eles vão incorporando esses passinhos que eles já conhecem, na dança, mesmo que não tenha nada há ver; entre aspas; mas eles já tem um... eles já sabem dançar... então eles trazem esse repertório pra quando a gente vai compor assim, essa apresentação, entendeu? A gente não chega, “Ah é isso... é, vai ser desse jeito...” a gente delibera tudo, não. A gente vai conversando junto com eles. A gente trabalha muito esse modo.*

**Pesquisadora:** E vocês trabalham juntas, ou cada professora trabalha com sua turma uma dança específica?

**Professora H:** *Até agora a gente tem feito assim, cada turma, até porque a gente divide ou vai trabalhar por estado ou por região, então a gente, cada professor vai trabalhar, com... separado, no seu grupo, as professoras de referência daquele grupo. Às vezes no máximo, junta assim, ah... duas do GREI 4, é... tem mais afinidade... então vamos fazer uma dança, juntas? Aí pode acontecer, já aconteceu assim. Dois grupos de GREI 4 querem fazer a dança junto, faz. Ou então dois grupos de GREI 3... os menorzinhos, porque eles faltam muito, né, no dia dessa apresentação, ficam com vergonha, então junta todo o GREI 3 para poder fazer uma dança única, porque nem toda criança quer participar, chora, não gosta, a família não vai levar... então às vezes a gente junta. Já aconteceu isso, de todo o GREI 3 fazer uma única dança, uma única apresentação.*

**Pesquisadora:** Certo. E todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora H:** *Não. A gente não obriga não, é adesão voluntária. Assim, na hora da coreografia... até na hora do ensaio, que a gente fica fazendo o ensaio com eles... “Ah, eu não quero! (fala das crianças citada pela participante) Então tá bom, vai brincar, vai fazer outra coisa...” Porquê também senão, a criança a criança fica ali chorando, né, insatisfeita, então... como são duas professoras, as vezes a gente tá na quadra, que é um espaço amplo, então a*

*gente fica ali com quem quer dançar, ou então ensaia na sala, porque no dia que tem educação física, a gente não pode usar, nesses horários a quadra, por exemplo... aí, tem, né... tá com tempo corrido para fazer os ensaios, a gente faz na sala, ou faz no... peraí que está mandando reiniciar aqui... rapidinho.*

**Pesquisadora:** Certo. É... e quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI? O que você identifica como dificuldade?

**Professora H:** *Eu acho que a dificuldade, seria essa questão do espaço, né? Porque... Ou então da gente pensar em fazer tipo uma apresentação mais dramatizada, vamos dizer assim, que aí não tem, não é só na UMEI, é na rede, porque a gente não tem verba, né, se quiser incrementar, com tipo... uma roupa, né... nunca pode ser, a gente não pode, é... não tem muita diversidade, vamos assim dizer... se fosse fazer uma dança típica... a gente usa assim: traz a roupa que você tem. A gente não tem como pedir para essas crianças... elas não têm condições financeiras da gente falar assim: ah, vai ter de ser, estipular, entendeu? um traje... não tem como, entendeu? Então a gente vai, meio que improvisa, compra uma camiseta branca... “Ah, traz uma camiseta branca que a gente vai fazer uma pintura, com uma saia de chita ou uma saia de quadrilha...” (fala da participante para as crianças) entendeu? A gente meio que vai adaptando de acordo com o que... e as vezes a gente que compra também. A gente pede que as famílias levem a camisa branca; teve um ano que a gente fez isso; A gente trabalhou a Bahia, então, a gente trabalhou a questão da xilogravura, aí a gente fez uma estampa na blusa das crianças, mas nem todas as famílias tinham dinheiro pra poder mandar a blusa, então foi a gente que, é, comprou.*

**Pesquisadora:** Aham...

**Professora H:** *Acho que uma dificuldade seria mais isso, em termos, de, é... não que isso seja, assim, essencial para dança, porque você pode usar o corpo, mas eu tô falando em termos dessas apresentações, quando tem, entendeu? Agora no dia a dia, você só precisa do corpo e da música, mas as vezes, a caixa de som, bluetooth, a gente não tem. A gente até agora, esse ano, naquela reunião do CEC, aquela verba fixa, a gente sempre compra, mas acaba que estraga, esse é um material que é caro e ele não tem uma durabilidade muito grande hoje em dia, porque a gente usa bastante, né? Então eu acho que é mais isso, essa questão de recurso, porque se fosse para o dia a dia, só o corpo basta, né? Porque é só disso que a gente precisa. Às vezes a gente bota só no celular, com a caixinha... A gente na nossa sala esse ano, comprou. Embora tenha previsão, de quando entrar a verba, do, aquela federal... a gente vai comprar a caixinha para todas as salas. Mas enquanto isso, a gente foi lá e comprou aquela, é, pela internet, no Shopee, porque a gente precisava ali no dia a dia, senão não tem música.*

**Pesquisadora:** Então, em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora H:** *Olha, eu acho que do jeito que a gente faz lá na UMEI, eu acho que é interessante, porque a gente nunca faz uma coisa impondo para as crianças, a gente tem a participação delas, entendeu? Então eu acho que isso é um diferencial quando você tá trabalhando nessa perspectiva, né, de incluir a criança, para que ela possa participar ativamente do seu processo de construção do conhecimento. Então eu acho que isso é uma, é, uma coisa positiva, né... da gente sempre buscar delas, entendeu? E não levar, impor, a gente que decidiu, vai ser essa dança... a gente decidiu... embora tenha essa obrigatoriedade, assim, ó, vai ter essa dança, vai existir a dança, vai existir essa festa, tem isso... porque faz parte, não tem como a gente fugir, porque também existe um projeto de escola, um projeto, então assim, tem isso. Mas elas têm a brecha e tem espaço pra poder estar intervindo dentro dessa, mesmo sendo uma coisa obrigatória, entre aspas, ela tem espaço de se colocar e de participar, né?*

**Pesquisadora:** Certo. Bem, agora sobre a dança, em si. Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora H:** *Então, assim, eu penso que no aspecto da arte, né, porque é uma expressão artística, né, então é uma maneira que a criança tem de comunicar, de se expressar, de falar o que ela pensa, de como ela vê o mundo, de como ela sente o mundo. Então assim, é importante nesse aspecto da arte. E é importante também que é uma linguagem corporal, que a gente tá usando ali, como mais um recurso, que eu não tô pensando numa palavra que melhor defina, mas sabe? Como mais uma possibilidade, entendeu? Não só a dança, mas o corpo, né?*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora H:** *Porque a gente sabe que tem assim, é, na própria rede eu já vi, que a gente acompanha algumas páginas no Facebook, nas redes sociais. E a gente vê que tem algumas escolas que, trabalham de uma maneira mais escolarizada, né? Usa o tempo todo mais a sala de aula, mais aquela coisa da criança ficar sentada, né, meio que adaptando os corpos das crianças, entendeu? Então eu acho que a dança, o movimento e ter essa percepção que a gente precisa, é, trabalhar com essa linguagem corporal na criança, eu acho que isso é uma coisa necessária na educação infantil, né? Não é em toda educação, mas mais na criança pequena porque ela se expressa pelo corpo, né? Se ela tá insatisfeita com aquilo ali, se ela tá feliz, ela vai demonstrar isso com o corpo, se ela tem curiosidade para poder aprender, você sente isso no corpo dela, né?*

**Pesquisadora:** Sim, sim... você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar

dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora H:** *Eu acho que, assim, a gente nunca sabe tudo, né? A gente tá aqui no mundo, é, para aprender. Então, assim, o conhecimento nunca se esgota, né? A gente tá o tempo todo aberto, né? Para poder conhecer, para poder aprender, como Paulo Freire fala, né, da incompletude do sujeito, né? Então a gente não nasce pronto, não tá pronto, então a gente tá sempre em busca de cursos, formações e grupos de estudo, para poder estar o tempo todo aprendendo, se aprimorando, né? Para poder ser um professor melhor para as crianças.*

**Pesquisadora:** Mas você sente essa necessidade, é, especificamente nesse conteúdo, sobre dança?

**Professora H:** *Não especificamente na dança, mas na questão do corpo, sabe... uma coisa mais ampla, tipo motricidade, alguma formação que é, nessa área né? Que pensa numa forma mais global, não numa coisa tão, é... só a dança, mas como trabalhar o corpo. Isso eu tenho vontade de fazer. Eu tenho vontade de estudar ou fazer uma formação que tenha relação com a psicomotricidade. Tenho curiosidade.*

**Pesquisadora:** Certo... e você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora H:** *Sim, porque são dois campos que tem a dança, como é que eu vou falar? Como material essencial assim... tanto na arte, né... quanto na educação física, que trabalha com essa questão do corpo. Nem sempre o professor de educação física, é... vai por esse caminho, né? Lá na escola ele trabalha com jogos, com as brincadeiras, ele nunca trabalhou com dança. No máximo o que ele faz é a capoeira, né? Que não é uma dança, é meio que uma luta, é outra coisa, então assim, eu acho importante sim.*

**Pesquisadora:** Certo... você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora H:** *Agora no momento, eu não tô pensando em nada, sei lá, mas de repente, eu posso te mandar depois. Mas agora no momento, não tô...*

## **Entrevista online – Zoom**

### **Professora I – Ingrid**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora I:** *Então, na educação infantil, eu tô a seis anos.*

**Pesquisadora:** E quando você entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora I:** *Aqui em Niterói, eu entrei em 2013.*

**Pesquisadora:** Esse tempo todo que você entrou, você ficou com a educação infantil, né?

**Professora I:** *Não. Eu fiquei com o ensino fundamental e depois que eu vim para o infantil, porque meu filho nasceu e aí eu levei ele para a UMEI junto comigo, né. O motivo foi esse... Mas eu nunca tinha trabalhado com a educação infantil. Foi minha primeira vez com a educação infantil e já tô lá há seis anos.*

**Pesquisadora:** Joia... E qual a sua formação?

**Professora I:** *Eu sou pedagoga.*

**Pesquisadora:** Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Você pode me contar sobre essa trajetória?

**Professora I:** *Não, não... Eu não lembro de nenhuma disciplina relacionada a dança. O que eu fiz, foi uma eletiva, de quarenta horas, que era movimento e corpo. Então tinha algumas coisas, mas não era só dança, entendeu? Tinha expressão corporal, né, mobilidade, essas coisas... que faz muito tempo [risos] e eu não vou lembrar não... Mas especificamente para a dança na educação infantil, não.*

**Pesquisadora:** Ingrid, me diz uma coisa, quanto a sua formação, você tem pós-graduação?

**Professora I:** *Tô fazendo agora. Mas a minha pós-graduação agora é em literatura crítica, né. Então... Também não é voltada para essa área de corpo, expressão corporal... não tem a ver.*

**Pesquisadora:** Certo... O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora I:** *A minha UMEI fica dentro de uma comunidade... [informações sobre a localização foram suprimidas]*

**Pesquisadora:** E é uma área que tem violência?

**Professora I:** *Lá é bem tranquilo, apesar das pessoas acharem que não. Esse tempo todo que eu estou lá, a escola nunca fechou, por conta de problemas de questões de violência, nunca houve fechamento da escola... É, nesses seis anos, a escola tem sete anos, eu tô lá há seis. É, eu só participei assim, só tive três eventos assim, que eu consideraria eventos graves, que foi quando, sempre que a polícia entra, né? Mas foram em seis anos, três eventos... Então é muito pouco.*

**Pesquisadora:** Aham...

**Professora I:** *Se você parar para pensar... E eu moro próximo da escola.*

**Pesquisadora:** E sua escola, além da classe popular, atende a crianças com uma condição financeira melhor?

**Professora I:** *Melhor, tem, tem, tem. É bem mesclado, bem mesclado. Eu acho que o nosso público atualmente, é mais desse tipo de criança, do que das crianças que tem uma necessidade maior, né. Eu vejo isso que o público mudou durante os últimos anos, não é? Principalmente*

agora, depois da pandemia, eu acho que eles procuraram a escola pública e aí eu vejo que a gente tem mais esse tipo de criança do que as crianças mais carentes, né.

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora I:** *Eu posso te dizer, da minha turma, eu tenho vinte e dois, vinte três. Três, eu digo para você que a gente vê que realmente tem uma necessidade maior, os outros não. Os outros é mochila de carrinho, é roupinha, cabelo penteado, muito bem cuidados... eu vejo as minhas crianças como muito bem cuidados.*

**Pesquisadora:** Certo...E quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora I:** *Ih, meu Deus! [risos] Vamos lá... Ali, [nome da UMEI suprimido] é um mundo... Não sei se você já foi lá, se você conhece, se já teve a oportunidade de conhecer... só que dentro do espaço da nossa escola, nós temos, eu acho, se eu não me engano, acho que vinte salas. Tem a sala de brinquedos, tem a sala dos professores, tem biblioteca, tem dois parques, tem duas quadras, tem o pátio interno, o pátio externo, o jardim, o quintal lá atrás, o refeitório, a lavanderia, aquilo ali, minha filha, é um mundo. Você vai de um lado ao outro, você parece que tá cruzando uma avenida, porque é imensa a escola. Nós temos sala de informática, sala de artes, sala de ciências, tem o que mais, gente? É muita coisa... Vestiários, só de vestiários acho que são quatro ou cinco... Tem muita coisa, muita coisa...*

**Pesquisadora:** Tem quadra, né...

**Professora I:** *Tem, tem duas quadras. A de cima, que é fechada e a de baixo, que é aberta. Tem o pátio interno, tem o pátio externo, tem os jardins da frente, tem a parte lá atrás que a gente faz horta...enfim, a gente planta uns negócios lá... Tem... tem estacionamento, tem muita coisa. A escola é um mundo!*

**Pesquisadora:** Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora I:** *Temos, temos sim. Temos dois professores de educação física e uma de artes, que tá licenciada.*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora I:** *Nós temos bibliotecários, nós temos professor de sala de leitura.*

**Pesquisadora:** Nossa...

**Professora I:** *É, tem bastante coisa... Eu sempre digo que nossa UMEI não é um parâmetro para as escolas da rede. Porque a gente tem coisas que 90% das escolas da rede não têm, né. É um atendimento também, por ser uma escola via [localização suprimida], quando vai para escolha, geralmente as pessoas quem vem do RIO, pessoal que mora mais para o lado, lá para*

*Magé, Manilha, Itaboraí, escolhem ali... [ trecho suprimido, por conter a localização exata]*

**Pesquisadora:** Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora I:** *Olha, a gente sempre tem essa questão da dança presente, nas brincadeiras, naqueles momentos mais lúdicos, que a gente tá num contexto mais informal. É, ultimamente, a gente tem trabalhado muito a questão das cirandas, das cantigas de roda. Então a gente tem dançado é, já dentro do planejamento do dia, né. Não era mais como era que eu fazia até esse mês. Como esse mês a gente tá vendo Lia de Itamaracá, então a ciranda entrou como já uma proposta de planejamento de aula, com dança, com roda, com saias rodadas, com brincadeiras, com essas coisas, que também não tem nada a ver com a festa junina [risos]. É um projeto. O nosso projeto é para a gente tá trabalhando a região nordeste e a gente tá trabalhando a literatura de cordel. E agora a gente tá buscando algumas pessoas da região nordeste, conforme foi o Patativa do Assaré, o Bráulio Bessa e essa semana, aí a gente vai trabalhar os bonecos mamulengos, de Pernambuco, aí puxando Pernambuco, a gente trouxe a Lia de Itamaracá para trabalhar a dança de roda.*

**Pesquisadora:** Legal, bacana... Me fale como você trabalha com dança em sua turma.

**Professora I:** *Ah eu não tenho assim, metodologia não... É tudo na invenção mesmo, né, sincera... na invenção, a gente inventa... e agora a gente tá assim, de uns meses para cá, a gente inventou o show de talentos na hora da gente ir embora. Porque aquele tempo ocioso que a gente fica entra a mãe chegar e a criança ficar esperando, a gente faz o show de talentos. E ali, minha filha, rola de tudo! Até hip-hop já rolou. Já rolou street dance, como é que é? Aquelas danças de rua... Eles estão assim, muito criativos. A gente tem dado prioridade a esses tipos de atividades mais externas, com brincadeiras mais lá embaixo. Mais assim, abertas e livres por conta da pandemia, né. Eles ficaram muito tempo presos em casa... dois anos presos. Esse grupo que tá comigo é o grupo de cinco anos. Então assim, eles passaram o GREI 3 e o GREI 4 na pandemia. Eles não tiveram essa questão física da sala. Então a gente deixa eles muito à vontade para dançar, pra brincar, pra inventar... a gente bota música, né? E agora conforme eu te falei, a gente vai ter um foco maior nas cirandas, nas danças de roda.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora I:** *Sou eu [risos]. Então, a escolha da música, geralmente somos nós regentes que escolhemos puxando do próprio projeto. A coreografia sou eu quem invento [risos], eu invento. E os ensaios é feito eu e minha colega, porque você sabe que a gente trabalha em dupla na*



*UMEI, né e aí eu sempre digo na UMEI, “Me coloca com outra parceira que vai entender as minhas maluquices. Porque se você me botar com uma pessoa que não entende as minhas doideiras, não vai dar certo.” Então a pessoa tem que mergulhar na bagunça. Então para a festa junina deste ano, geralmente é o que eu te falei, tá dentro do projeto. Conforme ano retrasado meu projeto foi sobre África. E a minha dança não tinha a ver com a festa junina, foi a música do Rei Leão. Então a gente ensaiou a música do Rei Leão, a gente inventou lá uma coreografia e a gente apresentou a savana africana para dançar, porque foi uma dança africana que a gente escolheu. Teve um ano anterior que a gente escolheu a dança da saia. Aquela que a saia é imensa... que eles eram pequenininhos e eu tava com um grupo de pequenininhos e aí a gente fez a dança da saia. Aí teve outro momento que a gente fez o carimbó. Então isso depende do projeto que a gente tá encaminhando. Esse ano, como a gente tá encaminhando um projeto do nordeste, aí eu e minha parceira, a gente já pensando nessas pessoas famosas nordestinas, a gente trouxe o Jackson do Pandeiro que a gente vai apresentar para eles ainda. Né, depois da Lia... Nós vamos fazer um passeio essa semana para o museu Janete Costa, para ver os mamulengos, vamos trabalhar os mamulengos e depois a Lia de Itamaracá com as cirandas e aí a gente vai trazer o Jackson do Pandeiro para fazer já os ensaios da festa junina com a música do sapo. Porque o sapo entrou dentro do nosso contexto através de uma literatura de cordel da princesa e o sapo. E aí o sapo entrou no nosso contexto sim. Então eu falei assim já que a gente trabalhou a princesa e o sapo em cordel, vamos puxar a música do Jackson do Pandeiro, que é do sapo também e é uma música de uma pessoa conhecida, famosa, nordestina né? E aí a gente vai fazer. Vamos ensaiar para apresentar para as famílias. Mas o ensaio, tudo sou eu que invento, é tudo maluquice da minha cabeça... [risos] Eu não tenho formação nenhuma, não entendo nada de expressão corporal, de dança, de nada, mas a gente inventa lá e sai, alguma coisa sai.*

**Pesquisadora:** E me diz uma coisa, vocês ensaiam dentro da sala de aula, ensaiam todas as turmas juntos?

**Professora I:** Não. Geralmente é por GREI. E a gente tem espaço, lá na escola a gente não tem problema de espaço. Geralmente eu ensaio lá embaixo, no pátio interno, perto da secretaria, que tem tomada e aí a gente pode colocar a caixa de som... a gente tem caixas de som... e aí não tem essa questão de espaço para disputar com ninguém não. Mesmo se todas as turmas quiserem ensaiar no mesmo tempo, vai ter para todo mundo, só vai ficar uma loucura, mas tem [risos].

**Pesquisadora:** E vocês fazem aquele ensaio, todo mundo antes da festa?

**Professora I:** Não. Praticamente ninguém vê quase nada de ninguém, né... Porque geralmente

*os nossos horários não são compatíveis, né? Os horários compatíveis são os horários do GREI. Então o GREI 5, se quiser fazer uma dança em conjunto, por exemplo, se todos os GREIs 5 estão todos trabalhando o mesmo contexto, que é difícil, raro isso acontecer, quase ninguém trabalha o mesmo contexto de aprendizagem... é, aí a gente pode se juntar para fazer a dança. Mas assim, muito raro. Vou te falar... eu não vi ainda essas junções de muitas turmas fazerem uma coisa maior, nunca vi. Mesmo porque cada grupo vai dar o seu encaminhamento. No caso só eu que estou trabalhando literatura de cordel, nordeste... os outros grupos estão fazendo as outras coisas.*

**Pesquisadora:** Aham, não, eu digo ensaio assim, é todo mundo sentar para assistir a apresentação de todo mundo antes da...

**Professora I:** *Ah sim, sim, sim...*

**Pesquisadora:** Esse que é o ensaio que eu tô falando.

**Professora I:** *Ah tá, tá, tá... eu achei que você tava falando junto... Ah sim! Geralmente rola essas apresentações entre os grupos e aí, o último ensaio geral que você fala, né?*

**Pesquisadora:** Isso...

**Professora I:** *Aí é o ensaio geral, tem, tem sim... Que aí a gente ensaia, cada um faz o seu ensaio e aí...desce painel, sobe painel, vê se tá funcionando, vê se não tá... [risos]*

**Pesquisadora:** Legal... E todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora I:** *Não. Eles são muito à vontade, ainda mais na educação infantil, você não obriga ninguém a nada. Eles ficam livres, brinca quem quer, participa quem quer... e fica muito à critério também da família. “Olha, vai ter ensaio...” Principalmente quando é festa junina. Eu nunca tive ninguém que dissesse assim, “Meu filho não vai dançar... não vai fazer...” Mas sempre pode aparecer e fica muito à vontade. Vai na festa... mas não dança, não quer dançar, não tem problema nenhum.*

**Pesquisadora:** Certo. E quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora I:** *Olha a dificuldade mesmo, fica por conta dessa questão do planejamento, da gente ter que elaborar, porque a gente não tem uma formação específica que nos auxilie nessa questão. Então, só assim, não tenho problema de espaço, não tenho problema de som, não tenho problema com essas coisas. E o que a gente precisar de arrumar, a gente sempre dá um jeito. Ó, no caso da saia, pra fazer a dança da saia, a saia ficou com vinte metros, mais ou menos. Foi tudo comprado com o dinheiro da verba da escola e costurado ali mesmo, sabe... A sogra da diretora foi pra lá e costurou a saia para a gente, né. E fizemos any saias. Naquele ano, eu*

*acho que a única coisa coincidiu naquele ano, foi que todo mundo trabalho a chita, então foram muitas saias de chita, feitas... Então assim, todo mundo se mobiliza para fazer. Quando tem essas questões de dança, de coisas que é diferencial para a criança, né. Mas assim, o que eu percebo na dificuldade é a gente elaborar aulas que contenham especificamente no planejamento, atividades de dança, inclusa.*

**Pesquisadora:** Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora I:** *Ah, o ano passado, é... a gente tava brincando de dançar e aí um menino, eu chamei um menino para vir e tal e ele falou: “Tia, menino não rebola. Menino não rebola.” Aí eu falei: “Como assim, menino não rebola?!” Aí eu fiz um trabalho específico. Aí eu levei a música de Sandy e Júnior, “Vai ter que rebolar”, aí a gente brincou de bambolê, pra rebolar com bambolê, né... Pra quebrar essa questão da fala do adulto, porque essa fala não é fala de criança. A criança não tem essa diferenciação de que isso aqui é para rebolar, porque é coisa de menina, isso daqui é coisa de menino. Isso não é fala de criança, isso é fala de adulto. E aí o ano passado, eu levei a música de Sandy e Júnior pra gente poder rebolar, “... Ah vai ter que rebolar...” aí acabou que ele entrou na brincadeira e viu que não tinha nada a ver, mas a gente percebe isso quando as crianças vão ficando maiores, que o ano passado eu também tava com um grupo de cinco. Que começa a entrar essas questões do preconceito do adulto na fala da criança, né. E aí a gente tem que romper com essas questões na escola, né? Porque rebolar e dançar e brincar não tem nada a ver com ser coisa de menino ou ser coisa de menina, né. E aí o ano passado eu tive que fazer isso.*

**Pesquisadora:** Certo. Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora I:** *Olha, eu acho que toda a atividade com o corpo, ela auxilia no processo de desenvolvimento das crianças, todas elas. Porque a energia passa pelo corpo. As crianças são pura energia, cinestesia... Então assim, é... trabalhar com essa questão da dança, essa expressão, deles botarem pra fora... de quebrar paradigmas, de quebrar estigmas, entendeu... tudo isso faz parte do desenvolvimento humano, principalmente o estrutural. Porque tem crianças, ainda mais agora depois da pandemia, é essencial! Essas crianças ficaram presas dentro de casa, elas precisam botar esse corpo pra fora, né. E aí o que que acontece? A criança que não põe esse corpo para fora, fica aquele adulto desastrado. Esbarra em tudo, bate em tudo, né? Não tem noção de lateralidade. Não tem noção de direção de carro... Vai pegar um carro para dirigir, o cara não sabe, né? Por quê? Porque não aprendeu lá na educação infantil,*

*essa pessoa não teve essa questão do corpo né... Por isso que o brincar, o dançar, o se expressar corporalmente... livre! Olha o ano passado eu fiz uma atividade com eles, assim após o retorno da pandemia, que foi de meditação. Eu aprendi algumas coisas em casa e eu fui assistindo uns vídeos para trabalhar com crianças. E eu fiz a atividade de meditação, de respiração. Parar para respirar, parar para se sentir, parar para perceber o corpo e deu super certo. Eu nunca imaginei que ia dar tão certo. Porque a turma era agitada pra caramba. E deu muito certo, sabe. Então as crianças sentem falta dessas questões do corpo e tudo passa pelo corpo. Agora, eu ressaltaria a necessidade de botar pra fora essa energia. Porque eles são pequenos e precisam estar em constante movimento. E aí essa necessidade principal, deles se perceberem e se conhecerem através do próprio movimento. É esse aspecto que eu acho que é fundamental no trabalho de qualquer expressão do corpo. Seja ela dança, seja ela meditação, seja ela, né, qualquer outra.*

**Pesquisadora:** Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora I:** *Ah não, eu acho que eu tenho que aprender muito, eu não sei nada, sabe... O que eu aprendi, foi o que eu te falei, eu aprendi algumas coisas... aí eu levo, de meditação, porque eu achei que ia fazer diferença na vidinha deles, aí eu levei, eu achei muito maneiro. Ainda mais após um retorno né, tão massivo de pandemia, uma coisa de relaxamento, levei... Mas eu aprendi no YOUTUBE, eu não tenho uma formação, né. É, qualquer coisa que eu preciso de dança, eu vou no Danças Kids, sabe, o Danças Kids, que tem no YOUTUBE, eu vou lá aprender com eles. O “Vai ter que rebolar”, eu peguei no Danças Kids, aí eu levei o vídeo né, aí a gente dançou na sala... Então assim, falta, eu acho que falta tudo [risos] em relação a formação. A gente não tem formação... o ano passado a gente marcou isso como uma das propostas de formação continuada para nós professores para 2022, tô esperando... [demonstra desapontamento] Né?... A gente espera... A gente cobra, a gente fala e aí assim, a minha turma deste ano, está caminhando muito devagar né, em relação às outras turmas que eu já tive. É uma turma que você percebe que tem any necessidades, de comportamental, relacional... oral, questões orais... Eu tenho muitas crianças com questões orais, assim, graves, né. E a gente vê que isso é reflexo da pandemia, né. Então precisava de fato ter formações relacionadas a esses campos que estão fazendo falta hoje. Porque eles ficaram presos, né?*

**Pesquisadora:** Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora I:** *Eu acho. Eu acho principalmente pela valorização do próprio profissional que tá na escola, entendeu? Porque não pega, a gente tem dois professores de educação física, pega*

*esses dois professores e pergunta pra eles o que vocês sabem com relação ao corpo, de que as meninas aqui podem melhorar com atividade para as crianças? Dança... de brincadeira... né? Infelizmente isso faz falta, mas não sei onde que se encaixa e nem porque não fazem, né. também não precisa vir ninguém de fora para falar para a gente, a gente tem os próprios profissionais dentro da escola. E assim, porque não perguntar a esses profissionais de que maneira eles podem contribuir com a gente, regente que tá ali? Porque eles pegam as crianças uma vez na semana, cada um deles né. Hoje, por exemplo. Hoje teve, educação física e aí as crianças tem uma hora na educação física né. Uma horinha lá com a professora. Mas porque não perguntar para ela, como você pode contribuir aqui com o grupo todo, uma atividade de dança... uma... o que você acha que poderia ajudar ao longo da semana, os professores poderiam fazer com as crianças? Eu acho que é fundamental valorizar esse profissional que já tá dentro da escola, que conhece a nossa realidade, que conhece as nossas crianças, mas, é aquilo que eu te falei, eu tô esperando...[risos]*

**Pesquisadora:** Certo. Você diz no caso, esses profissionais da escola, orientar vocês?

**Professora I:** *É, poderia... Não necessariamente teria que pensar uma formação com pessoas famosas, porque tem muito isso... “Ah vou chamar uma pessoa famosa para vir falar...” Aí às vezes esse famoso, ele não tem tempo. Aí você fica lá, “Ah porque eu chamei fulano, fulano disse que vinha aqui, mas aí ele tá com a agenda cheia...” Porque não chama o próprio profissional que já tá ali, pergunta pra ele se ele tem algum conhecimento, pergunta se ele... porque nem sempre o profissional de artes, trabalha com essa linha. Às vezes o cara é só da arte visual, às vezes o cara é só da música né? Eu entendo porque eu tenho uma amiga que ela é professora de artes, mas é arte musical. E o concurso não há diferenciação. Quando vai fazer o concurso para professor de artes, não tem diferença, né. O concurso é um só. Independente se você tá fazendo pra arte visual, se é pra arte musical, se é pra a arte do corpo ou qualquer outro tipo de arte, não tem diferença. Mas o profissional de educação física, ele tem um determinado conhecimento específico e poderia contribuir com a gente.*

**Pesquisadora:** E quando tem as festas que tem dança, eles não se envolvem na questão da dança não, né?

**Professora I:** *Não. Fica só a critério do regente mesmo. Eles ficam só com a parte da atividade deles de sala, entendeu...Aí vai lá, pega a criança, leva e às vezes a gente nem vê, nem sabe o trabalho que ele tá fazendo.*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora I:** *Se eu não for lá ver o que ele tá fazendo, se eu não perguntar pra ele, “Olha e fulaninho? Fulaninho tá se expressando, fulaninho tá fazendo?” eu também não fico sabendo.*

**Pesquisadora:** Certo... Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora J:** *Ah não... eu achei que foi tudo ótimo, né. Acho que eu botei um pouquinho de coisa pra fora, que é essa questão da formação, do profissional que tá dentro da própria escola, mas que não dialoga com os outros, né... Então eu acho que é isso, né.*

### **Entrevista – Zoom**

#### **Professora J – Joana**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora J:** *Em Niterói eu atuo há 12 anos.*

**Pesquisadora:** Certo. E você lembra quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora J:** *Em 2009.*

**Pesquisadora:** Desde que entrou para a rede, você atua na educação infantil, ou não?

**Professora J:** *Não. Eu entrei na educação infantil, fiquei dois anos na educação infantil. Depois eu saí da educação infantil e fui para a escola do ensino fundamental, depois eu fiz uma permuta aqui para Itaboraí, fiquei um período permutada, depois eu voltei de novo para lá, desfiz a permuta e voltei para a educação infantil.*

**Pesquisadora:** Certo. E qual é a sua formação?

**Professora J:** *Eu tenho licenciatura em pedagogia, minha formação inicial. E tenho especialização também. Eu fiz especialização em psicopedagogia, em gestão na rede pública, fiz uma outra especialização também na área de educação à distância e agora eu tô no mestrado. Mestrado em Educação. Pela UERJ, na FFP.*

**Pesquisadora:** Certo. Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

**Professora J:** *Sim. Curso eu não fiz. Nenhum curso específico sobre dança. Mas na graduação, eu tive a disciplina de Arte, Arte na Educação. E nessa disciplina, é, englobava tanto a questão da arte é... arte...propriamente dita, na arte de, de obras de arte e tudo, na análise, nessa questão de arte... e dança, e dança não. E música e teatro. Então a música e o teatro, eles estão muito relacionados com a dança, né. Tem assim uma ligação muito forte, com a dança. A disciplina de dança, em específico, não tive.*

**Pesquisadora:** Certo. Mas quando você teve essas aulas que eram sobre arte, sobre teatro, teve algum conteúdo específico de dança?

**Professora J:** *Não. Tinha a questão do corpo e movimento, né. A gente sempre trabalhou muito a questão do corpo e movimento. Os movimentos do corpo, que, né, ora é dança, ora são outras*

*gesticulações, mas assim, sempre na questão, é, voltado para a educação infantil, é, a questão do corpo e movimento, não a dança específico.*

**Pesquisadora:** Certo. O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora J:** *A UMEI fica numa localização bem privilegiada, que é bem de fácil acesso. Atende comunidades locais e outras crianças que vem de outras comunidades também, né. que tem a comunidade ali perto... Mas vem de outros bairros também. Por ser uma UMEI mais antiga, é, ela tem cerca de 60 anos, já. Então ela é muito conhecida e tem assim, pais que já estudaram, então colocam os seus filhos para estudar, porque tem uma história ali na UMEI. Então é uma UMEI que não atende somente as crianças da comunidade local, ela atende de outras comunidades também.*

**Pesquisadora:** Certo. Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora J:** *Olha, em relação às outras UMEIs que eu já trabalhei, em outras UMEIs da rede também, conheço de visita outras UMEIs também, eu posso dizer, que ela é bem privilegiada em relação ao espaço físico. É, tem, ela não tem quadra, mas tem parquinhos, entendeu? Os parquinhos são amplos, é, neste momento, a gente tá passando assim por algumas questões de reforma, mas assim, em questão de estrutura, física, a UMEI, ela é um espaço amplo, sabe. As salas são amplas, bem arejadas, todas as salas são climatizadas, é, a gente consegue fazer um trabalho bom dentro das salas de aula. Todas elas tem banheiro dentro da sala, é... O espaço externo é um espaço bom também, porém, como eu falei com você, por questões até políticas, né, ela tá precisando de reformas. Mesmo assim, a estrutura é muito boa. As crianças gostam muito. Nós temos dois parques grandes, que as crianças gostam muito, só que um tá em obra desde o início da pandemia e não retornou ainda. Então a gente está só com um parque, mas nós temos também uma área de pátio coberto, que é um espaço muito bom também, que a gente pode fazer atividades de recreação com as crianças, entendeu? Um espaço assim, que as crianças podem ter bastante movimento. Elas se movimentam bastante... Nós temos também uma casinha, a gente chama de casinha, porque parece uma casinha mesmo. É uma casinha de alvenaria, mas ela é uma casinha, tipo uma casa de boneca, mas eles entram, eles têm essa questão do faz de conta, né, porque eles entram ali, então tem sala, tem quarto, tem cozinha, então eles, é um ambiente muito agradável para eles. Então o ambiente em si, é muito bom. Nós não temos sala de multimídia, multimeios, né, mas a gente tem sala de leitura, que é um outro espaço também, muito agradável e que as crianças gostam muito. E tem as professoras, que são da sala de leitura e elas desenvolvem um trabalho maravilhoso lá,*

*também. Não só da leitura, mas da, da movimentação corporal também. Fazem muitos movimentos, é, atividades de faz-de-conta mesmo e as crianças, é, simulam né, apresentações, danças... Enfim, não fica só, é, a dramatização da leitura, que elas fazem também.*

**Pesquisadora:** Ótimo. Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora J:** *Infelizmente não.*

**Pesquisadora:** Certo. Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora J:** *Olha, é, geralmente no início, né, a gente já entra e já faz a roda... e na rodinha a gente canta, a gente dança, a gente faz brincadeiras, né, a gente tem o momento do relaxamento e é sempre esse primeiro momento, eu gosto muito de fazê-lo com musicalização. Então a gente tem, é, aquele momento de relaxamento e as crianças relaxam, as crianças fazem movimentos, né, eu gosto muito daquela música da Bia Bedran, Pedalinho, né, “Pedala, Pedalinho” então é uma dança, é um tipo de dança, né, mas só que é na horizontal, então eles gostam muito. Então nesse primeiro momento, especificamente nesse primeiro momento, a gente trabalha muito essa questão e no decorrer também, tem vários outros momentos que a gente trás, é, essa prática durante as aulas, durante as rotinas que a gente faz, mas especificamente nesse início.*

**Pesquisadora:** Certo. E como você trabalha com dança em sua turma?

**Professora J:** *Olha, na educação infantil, eu me refiro ao município de Niterói, o trabalho com o corpo, ele está sempre presente. A nossa proposta pedagógica do município está pautada nas interações e brincadeiras. Então as brincadeiras de criança, geralmente elas têm muito movimento, como eu disse, a gente não tem um direcionamento específico da dança, mas a dança está presente o tempo todo. Da corporeificação das músicas, que eles fazem os gestos, eles fazem os movimentos. A criança pequena, nós atendemos de 3 a 5 anos, esse ano estou trabalhando com 4 anos. As crianças têm muito essa questão da dança, eles dançam o tempo todo. Mesmo porque o movimento é deles, eles não ficam parados, a dança está sempre presente. E como a gente trabalha com a música, a música ela promove a dança, né, ela já tem aquela, já instiga ao movimento da dança, é, tem criança que já faz algum tipo de movimentação para dança em casa, tipo ballet. Tem muitas crianças que já fazem ballet, então elas chegam, elas dançam, elas fazem, elas querem mostrar o que elas fazem em casa. E isso contagia os outros, porque os outros começam a fazer também.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos?



**Professora J:** *Geralmente eu, né, porque sou a professora regente. E as apresentações, a gente sempre procura fazer por ano, por idade, né, então as outras turmas que tem a mesma idade, a gente sempre ensaia junto. Eles têm esse contato com os outros. Sempre que tem alguém da escola que tem disponibilidade, nos ajuda também nesse momento do ensaio, né...*

**Pesquisadora:** E como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios, como vocês fazem nessa etapa?

**Professora J:** *Então, é um momento assim, muito interessante, desses ensaios, porque às vezes a gente escolhe uma música e quando a gente apresenta essa música para as crianças, elas já conhecem a música, às vezes já trazem até para a gente uma coreografia para poder, é, já apresentar pros alunos... “Ah tia, eu já conheço essa música. Eu já danço essa música em casa...” Então às vezes coreografia, parte deles para a gente, entendeu? Então é muito interessante. Porque às vezes nossa proposta, ela vai muito de encontro ao que eles já estão vivenciando. Porque a gente procura sempre, é buscas assim, que estejam, é, que tenham há ver com eles, mas que não estejam fora do contexto, entendeu? Que não fiquem muito distante da realidade deles também, porque não adianta, porque senão vai ser uma coisa assim, imposta. E a gente prefere que seja uma, uma, uma coisa assim mais construída no coletivo, entendeu? Então a gente busca fazer isso, mesmo porque, eles se apropriam mais, né, ficam com mais vontade, o interesse vem com mais facilidade, né. e a gente não precisa ficar tanto: “Vamos dançar, vamos fazer...” Eles mesmos se interessam em fazer.*

**Pesquisadora:** E vocês ensaiam na sala de vocês, como é o ensaio? É geral, todo mundo junto, como fazem?

**Professora J:** *No pátio. A gente sempre ensaia no pátio. Não que seja todo mundo junto, a gente ensaia sempre, porque ali é o momento que a gente sai da sala, né, eu não sei se você conhece a Lea Tiriba, ela fala muito do desemparedamento. E a gente tirar essas crianças o tempo todo de sala de aula, a gente deixa livre, tem os momentos que eles vão fazer as atividades de sala, mas a gente, é, hoje então, né, por causa da pandemia, a gente usa muito os espaços externos. Antes, a gente já utilizava. É, nós temos uma atividade lá na UMEI, toda quarta-feira, tem uma professora lá que ela já é até aposentada, mas ela faz um trabalho [parte inaudível] que ela coloca o som ali, junta as crianças e justo por ser um período menor, porque é dia de planejamento coletivo para as professoras, a gente reúne, a gente faz muitas atividades, e que nós, enquanto professoras estamos acompanhando ali, mas é uma atividade dirigida, por ela, que ela gosta muito de fazer e ela gosta muito dessa parte musical e dançante. E é um momento que eles descontraem, eles dançam, eles pulam. É assim um momento muito interessante lá, que a gente realiza sempre as quartas-feiras, com eles. Então acontece no pátio,*

*é um momento de interação, interação da escola toda, todas as crianças naquele momento. E quando tem as festividades, que a gente faz algum ensaio, a gente faz também no pátio, porém com grupos separados. Porque como são apresentações diferentes, né, lá é GREI né, grupo de referência, cada grupo de referência, GREI 4, GREI 3 o GREI 5, aí a gente sempre junta os GREI para fazer né, a não ser que a professora não queira.*

**Pesquisadora:** Mas aí vocês conseguem ensaiar todas as turminhas de um GREI só, ao mesmo tempo? São muitas turmas?

**Professora J:** *Não, às vezes são duas ou três turmas. É e às vezes tem duas do GREI 3 né, duas ou três do GREI 4. O GREI 5, às vezes por ser turma maior, as crianças serem maior, às vezes eles ensaiam separados. Sempre que possível né, quando não é muita criança.*

**Pesquisadora:** Tá ótimo...

**Professora J:** *Isso é assim muito relativo, às vezes a gente faz o ensaio separado, às vezes a gente faz o ensaio junto, entendeu?*

**Pesquisadora:** Certo... E todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora J:** *Obrigados não, né. A gente tenta no convencimento, a gente chama, a gente conversa, mas quando a criança não quer participar, às vezes ele quer só assistir. Ele fica lá, ele assiste e às vezes nesse momento, às vezes naquele primeiro momento a criança: “Ah não, não quero...” e a gente deixa ele lá. Quando ele vê as outras crianças, os coleguinhas participando, ele se anima e vem participar também. Mas assim, obrigar não, mesmo porque não tem graça a gente fazer uma coisa obrigada, até pra gente é ruim, quem dirá para uma criança... Então tem criança, às vezes ele é muito tímido, não gosta de se apresentar, não gosta de participar ali daquele momento. Mas geralmente eles todos participam, dificilmente tem uma criança que não queira de participar, mas não de forma impositiva. Sempre, é, com aquela abordagem para poder convencer a participar e participar voluntariamente.*

**Pesquisadora:** Quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora J:** *Olha Silvia, a dificuldade maior que eu enfrento, é em relação a gente não ter, como eu falei, é a gente não ter um profissional que trabalhe especificamente isso. Essa é a maior dificuldade, porque o trabalho na educação infantil de um modo geral, ele já é, um trabalho assim, que ele envolve muito a dança, ele envolve a música, ele envolve, é, esses movimentos, né, de uso do movimento corporal, são circuitos que a gente faz... então a movimentação corporal ela está presente em todas as atividades da educação infantil. E não tem como a gente fazer uma atividade com a criança, assim, principalmente no pátio, na área*

*externa, às vezes na sala de aula a gente consegue fazer uma atividade, eles vão sentar, eles vão fazer uma atividade de pintura, mas quando é uma atividade mais lúdica, é, mais espontânea, é, ela é feita assim, de forma bem... que as crianças se movimentam bastante... Então a gente não ter esse profissional, até mesmo para dar um direcionamento maior para a gente, isso dificulta. Porque como a minha formação é em pedagogia, a gente estuda muito pouco essa questão do, do que pode, o que não pode... a gente fica mais com a parte da recreação. E a gente entende que poderia ser, ir, muito além, né, a criança poderia fazer muitas outras atividades direcionadas, né, é, por um profissional específico, que já estudou para aquilo, que sabe até onde pode ir... “Não, isso aqui não pode, por causa da idade, não pode fazer ainda, porque nessa idade é bom desenvolver essa habilidade...” Então são questões que dificultam o nosso trabalho por causa disso, por causa da limitação em relação a formação. E a gente não recebe e a gente não tem esse profissional. É um direito da criança, a gente sabe, é um direito de todas as crianças, mas isso, mas esse profissional, ele ficou muito é, a nível do ensino fundamental, é muito direcionado para o ensino fundamental. Principalmente para o ensino fundamental II, né, que tem os componentes curriculares obrigatórios, e ele fica mais voltado para essa área, dificilmente a gente vê um profissional de artes ou educação física, no ensino fundamental I, ainda vê mais, mas na educação infantil é raro. Então eu sinto muito a falta. Porque eu acho que assim, dificulta um trabalho mais sistemático nessa área com as crianças pequenas.*

**Pesquisadora:** Certo. Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora J:** *Olha, não especificamente comigo enquanto professora, mas eu me lembro que eu trabalhei numa UMEI, a primeira UMEI que eu trabalhei na rede, a diretora, ela era muito musical, né, ela tocava violão... Então ela trazia muito, sempre que tinha condições, tinha tempo, tinha possibilidades, ela fazia, é, momentos de musicalização com as crianças. E a musicalização envolvia sempre o movimento, porque ela é da área de arte, então ela fazia muito a questão do movimento. Eu me lembro que lá nessa UMEI, é, a, o nosso pátio era pequenininho, né, por isso que eu falei com você que outras UMEIs não tem um espaço tão privilegiado quanto o nosso, que a gente tem lá. Esse espaço era pequeno e todo forrado com tatame, daqueles tatames grossos assim [demonstra com os dedos a espessura do tatame] de emborrachado. Então as crianças deitavam, as crianças rolavam, as crianças se movimentavam muito nesse momento. E era um momento, assim, que eles gostavam muito. Porque tinha música e eles estavam ali naquele momento ao vivo, ao vivo ali, é, e participavam*

*disso. Nessa mesma UMEI também, nós fazíamos atividades e me lembro de uma época que nós chamamos, não sei se você conhece, Glorinha e Renato, que fazem muitas atividades com crianças e é muito musical e dançante também. E eles amavam aqueles momentos. Então assim, foram momentos marcantes pra mim, porque nem sempre a gente tem condições, né, porque nem sempre tem alguém que tenha disponibilidade para essa atividade musical, que chama atenção, porque quando você vê uma, quando a criança ela vê um instrumento musical tocando ao vivo ali, aquilo chama muita atenção, né. E a música desperta o movimento corporal, geralmente acontece isso, não sei se, é, tem haver com a dança, disciplina, se deu. Falo assim, pela minha experiência, que escutam e já vem logo querendo fazer o movimento. Então foram duas experiências marcantes para mim, essa que ela sempre fazia, sempre que possível fazia esse momento dançante, musical, dançante com eles. E outros dias, a gente chamava também, para estar presentes nas festividades, chamamos Glorinha e Renato e foi assim, o máximo. Eles amaram. Dançavam muito, pulavam, brincavam...*

**Pesquisadora:** Legal. Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora J:** *Olha, com certeza contribui, né. A dança contribui muito no processo de desenvolvimento da criança. Eu acho que auxilia assim, no processo de coordenação motora da criança, é, principalmente nessa fase da vida dela, nesse momento inicial que precisa muito, porque tem muita criança que não tem muita firmeza, né? Então a dança auxilia nessa, é, na coordenação motora, desenvolve a concentração da criança também né, noção espacial, autoconfiança, o autocontrole, eu acho que tudo isso é, são, é, é, auxílios né, para que, são feitos a partir da dança, auxiliam muito nesse momento da criança, nesse início de, nessa fase de escolarização da criança. Porque nem sempre essa criança tem essa oportunidade em casa. A gente percebe que a criança, às vezes hoje em dia, as crianças estão muito direcionadas para o celular, né, fica ali só o visual, o tempo todo no visual. A parte corporal da criança, ela fica muito prejudicada. Então eu acho que na escola, na escola de educação infantil, essa criança, ela tem uma oportunidade muito grande de se desenvolver dessa forma, né. E a dança auxilia muito, com certeza.*

**Pesquisadora:** Ótimo. Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora J:** *Não, de jeito nenhum. O que eu sei é mínimo, eu não sei nada de dança. Então como eu falei anteriormente, né, há necessidade de um professor especialista nesta área é fundamental, porque nossa formação como professora de educação infantil, pelo menos a minha e da maioria das professoras que trabalham em UMEI, a formação não é para trabalhar*

*a dança, né, é uma formação geral. A nossa formação é muito ampla, né, e ela não tem assim, um direcionamento específico, então, o meu conhecimento pelo menos, é praticamente zero, né. Então a gente faz pela intuição, pelo que a gente já conhece, de fazer diário, do senso comum.*

**Pesquisadora:** Certo. Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora J:** *Com certeza, né, são componentes interligados, eles têm muito a ver e precisam estar sempre em diálogo, né. A arte e a educação física são componentes que eles dialogam muito. Tem tudo a ver e com certeza eles colaboram para esses conhecimentos, né, da dança, da criança, acho que tem tudo a ver sim.*

**Pesquisadora:** Joia. Tem algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora J:** *Eu gostaria de dizer que, como eu já até falei sobre isso agora pouco, mas eu gostaria de ressaltar que eu sinto muito a falta desses profissionais de arte e educação física na educação infantil. Faz muita falta. Seria um profissional que agregaria muito no nosso fazer diário, no nosso cotidiano com as crianças, porque o nosso trabalho ficaria muito mais rico se tivesse a contribuição desses profissionais para nos auxiliar, até por mais que sejam tempos, períodos curtos, mas a gente trabalhando, a gente acompanhando o que eles vão fazer ali, a gente vai aprendendo e vai fazendo no dia a dia com as crianças. A gente amplia aquilo que eles vão fazendo ali no dia a dia, né. Hoje então, as crianças estão, depois da pandemia, as crianças estão muito retraídas, as crianças ficaram muito presas dentro de casa, muitas moram em apartamento. Então, não sair de casa durante dois anos, foi uma perda muito grande para elas, né. Então assim, acho que esse período a gente tá recebendo crianças com muitas questões emocionais e a dança, o movimento corporal, isso desperta, isso auxilia muito na parte emocional da criança, também, porque ele ali, a partir do momento que ele começa a dançar, ele canta, ele se movimenta, ele interage com as outras crianças, aquilo ali tudo vai, vai trabalhando o emocional dela que também tá muito fragilizado nesse momento, pós pandêmico né, que ainda não é pós, porque ainda estamos nessa pandemia, mas que a gente já está voltando a uma “normalidade”, mas a gente entende que a gente precisa muito, né? E essa criança da educação infantil, ela tem, às vezes ela não verbaliza aquilo que ela sente, mas o corpo fala, né, são as linguagens, são as cem linguagens, conforme é, fala Malaguzzi, a criança tem cem linguagens. Então às vezes ela não expressa verbalmente, mas ela expressa no corpo. O corpo dela fala o tempo todo. Então a gente conhece muito a criança, pelas expressões corporais também. E isso é expresso na dança quanto numa atividade física, que ela tá fazendo, a gente conhece muita a criança por essas expressões corporais.*

**Entrevista online – Zoom****Professora K – Karen**

**Pesquisadora:** Então vamos lá, Karen, há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora K:** *Três anos.*

**Pesquisadora:** Certo. Quando você entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora K:** *Eu entrei dia dez de maio de 2019.*

**Pesquisadora:** É o mesmo tempo que você tem, né, que você entrou e ficou na educação infantil, é isso?

**Professora K:** *Na educação infantil eu só tenho esses três anos mesmo, que é o tempo que eu entrei na rede, né.*

**Pesquisadora:** Qual a sua formação?

**Professora K:** *Então, na verdade Silvia, eu fiz informática, fiz tecnóloga em informática e fiz normal também, né. Normal foi no segundo grau, tecnólogo e informática foi faculdade e eu fiz um curso de complementação pedagógica, inclusive foi na UNIVERSO e eu saí licenciada em matemática. E eu também fiz especialização em gestão e implementação de educação à distância, pela UFF.*

**Pesquisadora:** Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação?

**Professora K:** *Não. Nunca fiz nenhum curso de dança e nem relacionado à isso para trabalhar com a educação infantil. Na verdade Silvia, eu nem sei se existe.*

**Pesquisadora:** O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora K:** *[localização suprimida] ...a escola não é dentro, totalmente dentro da comunidade, mas ela fica no asfalto, mas... não consigo dizer, como é que eu vou te explicar? Ela fica no asfalto, porém ela não é dentro da comunidade, mas em volta da escola, no entorno, é que fica a comunidade, que é a comunidade [nome suprimido]. E, não sei se você quer mais detalhes sobre a estrutura da escola...*

**Pesquisadora:** Não, só isso mesmo. E em relação à comunidade, qual é a clientela que vocês atendem?

**Professora K:** *É como uma qualquer outra clientela, as crianças são, pelo menos as turmas que até hoje eu atuei, porque a gente teve a pandemia, né, então acabei que eu trabalhei durante um ano, é... um ano na escola e aí a gente ficou dois anos praticamente no remoto, né e eu peguei a mesma turma. Então eu tenho essa experiência, essa clientela que eu tô trabalhando*

*é a mesma clientela que eu trabalhei quando eu iniciei no GREI 2, que agora eu trabalho no GREI 5. Mas as crianças são bem tranquilas, mas são crianças carentes, né. São crianças que precisam de muito amor, de muito afeto... Então eu acho que eles buscam isso, né, na escola, com a gente, né...*

**Pesquisadora:** Uhum... E vocês recebem crianças vinda de escolas particulares, ou são só da própria comunidade ali, Karen?

**Professora K:** *Então, quando é, a gente recebia, era praticamente mais da comunidade. Só que esse ano, tá sendo um ano atípico, a gente teve, eu por exemplo, tô com umas duas crianças que vieram de escolas particulares, esse ano, mas os outros anos não. Não sei se por causa da pandemia, enfim, que deu né...*

**Pesquisadora:** Certo... Como é que você pode me descrever a sua escola quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), o que sua escola tem, o que ela oferece?

**Professora K:** *A nossa escola é uma escola com três andares. É o térreo, o segundo e o terceiro andar. No térreo a gente tem pouco espaço assim, como eu posso dizer... pátio, por exemplo. A gente não tem um pátio, é mais estrutura mesmo de prédio, né. E a gente tem, como eu falei, os três andares e em cima no terceiro andar tem uma quadra e as salas são... eu considero boas, as salas, assim, tem um tamanho bom, enfim, a única coisa que não eu não acho legal são os banheiros da escola, porque eu acho que na hora do cuidar da criança, isso atrapalha um pouco, porque pra mim não foi feito... eu, às vezes lá, a gente fala que o banheiro parece que não foi feito para as crianças, entendeu? Eu acho que tinha que ter mais segurança no banheiro. Porque os pisos são escorregadios, é... a estrutura do banheiro, isso aí é um fator complicativo para a gente. Complicado a gente dar banho nas crianças... pouco tempo... e em relação ao parquinho, a nossa escola ficou sem parque um bom tempo. Agora que colocaram um parque, que a gente tem alguns brinquedos. Mas a gente não tem muita estrutura mesmo. Era mais a quadra e um patiozinho logo na entrada, que a gente chamava de pátio da árvore e que agora colocaram um brinquedo grande para as crianças. Agora a gente tem o ambiente natural do próprio local, né... [parte suprimida por dar a localização da escola] ...e a gente sempre tenta ver se consegue fazer com que as crianças vão à praia... levar né, as crianças à praia, enfim, a gente, na verdade a gente não tem esse hábito, mas esse ano a gente tá tentando vê se a gente constrói esse hábito e aproveita as coisas naturais que o bairro proporciona, para a gente implementar na escola, né, junto com as crianças, fazer passeio, enfim, esse tipo de coisa.*

**Pesquisadora:** Certo. Então vocês têm o parquinho embaixo, que tem a árvore que você falou, parquinho da árvore, que tem brinquedos, né? E tem outro espaço que eles podem brincar? Você

falou que tem quadra?

**Professora K:** *Aí tem esse parque embaixo, na árvore e na quadra, no terceiro andar da escola é uma quadra e tem um parquinho também. São só esses espaços que as crianças têm, o resto é a sala de aula, ou se são passeios fora da escola, como eu te falei, na praia ou em outro local.*

**Pesquisadora:** Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora K:** *Então, ô Silvia, eu não sei se eu cheguei a comentar que lá a gente não é só UMEI né, A gente é UMEI e ensino fundamental. Porém para as crianças da UMEI, da educação infantil, a gente só tem educação física. Este ano, só educação física. Nos outros anos, até tinha, ano passado teve, para as crianças do GREI 5, teve francês, uma sala de leitura, tinha uma brinquedoteca... também a gente só tava atuando com GREI 5 e fundamental. Mas já esse ano, a gente não tá tendo nenhuma aula extra para as crianças, que eu, particularmente faz a maior falta, porque a criança fica muito na sala de aula e por mais que tenha parquinho, acho que as aulas extras poderiam colaborar muito com a, educação das crianças, enfim.*

**Pesquisadora:** Ótimo. Agora pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora K:** *Em qual momento? Quando a gente tá fazendo a rodinha, a gente sempre tá cantando e eu sempre assim, agitada na sala. Enfim, às vezes a gente tá falando de um assunto... aí as crianças já começam a dançar... a cantar as músicas que eles trazem também... Inclusive essa semana eu aprendi uma música lá, né, que geralmente, é, comunidade... eles começaram a cantar uma música, acho que é, pra mim, eu não sei se é funk né, classificar como funk, mas enfim, eles me ensinaram e dançaram comigo. Na verdade, eles que trazem mais a dança do que a gente passa a dança para eles, entendeu? Eles já trazem ali e começam a dançar, aí eu começo a tentar acompanhar... enfim e assim a dança geralmente é nesse sentido na sala, não tem assim uma hora específica, “Gente, é hora da dança...” A gente não tem essa hora específica, e nem tem assim, professores né, que são habilitados para poder fazer esse tipo de coisa com eles.*

**Pesquisadora:** Certo. Como você trabalha com dança em sua turma?

**Professora K:** *Como eu trabalho, então, é, geralmente é quando eles trazem a música para sala. Aí, vamos cantar uma música que eles aprenderam naquele fim de semana, uma música até fora mesmo do conteúdo pedagógico, uma música né, do gosto deles... enfim, aí eles trazendo essa música, a gente começa a cantar, a dançar com eles, enfim... raramente na verdade a gente leva um conteúdo pedagógico com dança, isso é raro, pelo menos na minha sala. Assim, ah, vamos fazer uma música e vamos dançar, um tema por exemplo e vamos a*



*partir desse tema, incluir a dança, é, incluir a dança... isso aí é complicado. Pelo menos eu nunca, eu acho que eu nunca fiz, na verdade.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos, Karen?

**Professora K:** *Então, aí, é, geralmente é a gente mesmo que ensaia. Geralmente tem alguém que dança melhor, alguma das professoras do GREI, geralmente é assim. Aí a gente... ah vamos fazer uma dança, ou a gente faz uns passos em conjunto e depois todo mundo ensaia igual...enfim, geralmente é assim.*

**Pesquisadora:** Então eu ia perguntar exatamente a você como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios.

**Professora K:** *Então, a escolha da música, quando a gente trabalha com a turma. Por exemplo, a minha turma vai apresentar uma dança, por exemplo. Aí a gente vai, senta com as crianças, conversa e dá algumas opções de músicas pra eles. Por exemplo, a última festa junina que a gente trabalhou, que era no, eu tava trabalhando com uma turma de GREI 2, a gente já tentou pegar uma música que eles, que fosse fácil pra dançar, porque era GREI 2. Então a gente pegou aquela música, “Pula, pula pipoquinha” porque eles não teriam mais dificuldade. Mas quando é um GREI, os alunos mais velhos, os de GREI 5, GREI 4, a gente coloca alguma opções de músicas que a gente define antes pra eles escolherem uma música e aí a gente, eu e a outra professora né, a gente ensaia alguns passos e eles fazem, geralmente é assim.*

**Pesquisadora:** E os ensaios, Karen, como vocês fazem com os ensaios? São coletivos, como vocês se organizam nesse momento?

**Professora K:** *Então, a gente ensaia na nossa sala mesmo, porque lá são muitas turmas e tem pouco espaço. Então a gente ensaia na nossa sala, cada uma... mesmo se for o mesmo passo, não tem como a gente ensaiar todo dia, todo mundo junto. Por exemplo, se for uma dança do GREI 5, somos quatro GREIs 5, turmas de GREI 5, então são cento e vinte eu acho, ou cem alunos, eu não me recordo, então são muitas crianças, para poder ensaiar de uma vez só. Aí, cada professora ensaia o mesmo passo com a sua turma e depois a gente seleciona uns dois ou três encontros para ensaiar todo mundo junto. Assim que a gente costuma fazer. Agora quando é uma dança diferente para cada turma, cada uma ensaia na sua sala.*

**Pesquisadora:** E vocês fazem aquele ensaio? Pra todo mundo assistir a apresentação de todo mundo?

**Professora K:** *A gente faz sim. A gente já fez uma culminância de um projeto, onde a gente teve um ensaio antes. Todo mundo, toda a escola né, se envolveu, se programou para ensaiar antes da apresentação. Sim a gente faz.*

**Pesquisadora:** Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora K:** *Então, a gente não obriga nenhum aluno a dançar. Claro que a gente tenta convencer, a gente tenta conversar, “...Porque você não quer dançar...” Às vezes tem aluno que fala que não sabe, outros são muito tímidos... Mas aos poucos eles vão se inserindo. Porque tem uns que falam assim: “Ah tia, eu não sei dançar...” Aí fica sentado na cadeira. Quando a gente começa a ensaiar, aí ele vai se achegando e vai dançando, né. Mas tem os tímidos mesmos, né, aí chega na hora, também todo ensaia, chega lá dois, três, quatro que acaba dançando, enfim, tem os que ficam meio tímidos, são tímidos.*

**Pesquisadora:** Certo. E quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI? O que você considera que é dificuldade, Karen.

**Professora K:** *Eu acho que a dificuldade maior é a, seria assim, teria que capacitar a gente pra isso, entendeu? Dar alguns cursos, até a própria Fundação, levar isso para a escola com mais frequência. Até com as próprias crianças mesmo, se tivesse uma aula de dança... Porque eles ficam o dia inteiro na escola, a rotina é pesada e se tivesse aulas diversificadas, eu acho que para as crianças, seria muito bom isso, entendeu? E pra a gente também, porque a gente ia acabar aprendendo também trazendo mais isso para dentro de sala de aula e as próprias crianças iriam também solicitar isso para a gente, entendeu? E a gente ia acabar trabalhando mais com isso. Mais com a dança, inserir a dança mais no nosso planejamento... eu acho.*

**Pesquisadora:** Uhum... então essa é a dificuldade maior. E tem mais outras dificuldades que você identifica?

**Professora K:** *É, vou pensar aqui... acho que a maior dificuldade mesmo, seria essa. E talvez, eu por exemplo, Silvia, tenho muita vontade de aprender a tocar um instrumento, porque eu acho que pra dança, seria bom um professor tocar um instrumento. Ou um violão, um cavaquinho, um pandeiro, isso anima as crianças, entendeu? O professor saber tocar um instrumento... Isso que eu falei, que se for uma pessoa específica, que já é professor de dança, que vai dar aula para os alunos, perfeito, entendeu? Aí ele já vai ter, vai trazer algum instrumento... mas pra nós, professores, acho que faz falta também. Saber tocar algum instrumento. E lá na nossa UMEI, tem uma raiz muito forte com samba. Eu, por exemplo eu tenho um aluno que toda música que ele vai cantar, ele quer cantar samba, porque ele é todo envolvido e as outras crianças também. Uma outra coisas que ia comentar é que lá na escola também esse ano, tem algumas pessoas, que eu falei em instrumento e acabei lembrando, tem um grupo que tá indo algumas vezes na semana, ensinar as crianças a tocar um pandeiro, mais, tipo uma roda de samba... Mas é para as crianças do ensino fundamental, educação infantil*

*não. Só que teve, que da minha turma por exemplo, teve uma aulinha de vinte minutinhos, mas nunca mais teve. As crianças se interessaram, prestaram atenção, sabe... Mas foi tudo para o Fundamental. A gente acaba, acho que a educação infantil acaba ficando em segundo plano, apesar da minha escola ser uma UMEI. Eu sinto um pouco isso.*

**Pesquisadora:** Certo. Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora K:** *Então Silvia, eu não lembro de nada assim, significativo, que a gente tenha trabalhado com dança, enfim. Porque eu não sei se é pela minha pouca experiência na educação infantil, a gente teve a pandemia que acabou atrapalhando um pouco mais. Então a gente teve um ano, que foi um ano cheio de 2019, né... e no ano passado eu atuei presencialmente, mas não podia ter muita dança, por causa da pandemia... e esse ano é que a gente tá retornando. Então eu acho que devido ao meu pouco tempo com a educação infantil, eu não tenho nada de relevante para falar sobre dança.*

**Pesquisadora:** Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora K:** *Olha, eu acho que a dança pode contribuir muito, principalmente no que tange a socialização da criança... até para trabalhar alguns conceitos como lateralidade... é, mas o que eu acho que seria bom né, seria a parte de socialização. Porque às vezes tem criança que é bem tímida, né? E quando começa a dançar, quando começa a interagir com os outros coleguinhas, na dança e aí até vai, porque não conversa, mas dança. Então eu acho que isso enfim, é muito importante.*

**Pesquisadora:** Certo. Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso? Você já falou um pouquinho [risos], mas pode complementar aí...

**Professora K:** *Para mim, para gente tentar inserir a dança, tocar um instrumento seria mito legal, eu acho. Inclusive eu tenho até vontade de tentar aprender um instrumento, de tocar alguma coisa e até saber um pouco mais sobre ritmos de dança... é, deixa eu ver mais... o ritmo, eu por exemplo, já fiz dança, um pouco, né? Mas eu gostaria de aprofundar mais nesse aspecto de ritmo, de tudo né? De tocar um instrumento... então eu acho que sabe...*

**Pesquisadora:** Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora K:** *Acho. Acho quer sim. Eu acho até que artes e educação física deveria até trabalhar um pouco mais a dança. Eu não fico, é, eu não sei o quê que o professor dá, de*

*educação física. Mas eu acho que poderia trabalhar um pouco mais de dança na educação física e na arte também. Acho que seria ideal, sabe, aprofundar com as crianças, enfim... seria legal.*

**Pesquisadora:** Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora K:** *Não, não. Acho que tá completa aí a entrevista, não tenho nada a complementar não.*

### **Entrevista online – Zoom**

#### **Professora L – Luiza**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil?

**Professora L:** *Bom, na educação infantil, há mais de 20 anos. Não nessa escola, mas há mais na educação infantil há mais de 20 anos.*

**Pesquisadora:** Certo. Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora L:** *Rede tem 8 para 9 anos.*

**Pesquisadora:** Desde que você entrou, você permaneceu na educação infantil?

**Professora L:** *Não. Eu fiquei três anos no fundamental I.*

**Pesquisadora:** Aí depois passou para a educação infantil.

**Professora L:** *É. Aí tô nessa escola desde então. Desde 2018, é, isso mesmo, 2018.*

**Pesquisadora:** Certo. Qual a sua formação, Luiza?

**Professora L:** *Eu sou pedagoga, tô terminando uma pós-graduação em neuropsicopedagogia.*

**Pesquisadora:** Certo. Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

**Professora L:** *Olha, sobre dança, não. Mas assim, a gente sempre trabalhou com educação infantil, a gente, é... porque eu comecei a trabalhar no Estado, né, 1994, 93, mais ou menos... e o Estado é aquilo né, você não tem professor de educação física. Mal tem para o fundamental, que fará para a educação infantil... Aí você acaba é, atuando como recreador, você começa a ter que pesquisar para poder trabalhar corpo, trabalhar toda essa estrutura que a criança precisa trabalhar de pequena, né. Então toda essa questão de motricidade, então a gente sempre fez todo esse trabalho físico com as crianças, na época do Estado. Então a gente vai lendo aqui... ouve uma palestra ali... Mas curso efetivo não. Muita palestra, muito encontro, muita dinâmica e muita vontade de procurar mesmo, porque professor é meio autodidata, né, professor de educação infantil é meio autodidata [sorri].*

**Pesquisadora:** Sim...

**Professora L:** *Principalmente no início dos anos 80, 90, você tinha que, não tinha muita abertura para cursos. Ou eles são muito caros... você não tem tempo... nunca tem no horário da noite... é sempre, era sempre um negócio muito difícil... acesso à pós-graduação, tudo isso começou dos anos, final dos anos 90, para os anos de 2000, que a gente começou a ter mais acesso a essas coisas né...*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora L:** *Eu sou professora desde 85, né.*

**Pesquisadora:** Mas sobre dança, você viu alguma coisa?

**Professora L:** *É, a gente pesquisa, a gente vê alguma coisa, a gente... aquela coisa, vamos fazer uma festa... então a gente tem que pesquisar dança da, principalmente folclore, a gente tem que pesquisar, uma dança, um ritmo. E aí a gente, tem sempre o professor de artes que às vezes ajudava. No município, a gente recorria sempre aos colegas, no Estado, nos colegas de artes. A gente ia catar o professor de artes, de educação física pra pedir um socorro mesmo, né.*

**Pesquisadora:** E aqui no município de Niterói, você lembra de algum curso que tenha abordado dança?

**Professora L:** *Desde que eu estou, assim, que tenha sido oferecido, não. Dentro da Rede eu não lembro não. Pode até ter sido oferecido, mas eu não lembro. A gente sempre contou muito com a parceria do pessoal, das professoras aqui do município de artes e de educação física, que era o que a gente, eu sempre tive muita parceria com esse pessoal de artes, na época do fundamental I. Na educação infantil a gente faz meio que, procurando. A gente não tem professor de artes, a gente recorre ao professor de educação física às vezes, até por conta de movimento, não errar no movimento...*

**Pesquisadora:** Certo. O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora L:** *Ela está localizada numa região que há poucas UMEI. Já foi mais, uma área de risco. Assim, é lógico que a gente tem comunidades, é, que tem tráfico... o que tem em toda cidade, né, a gente sabe que Niterói, onde você quer, tem né. Mas assim, eu acho que assim, ela é uma comunidade que a gente tem uma boa relação com os pais, eles são frequentes à nossa escola. A escola é aberta aos pais, entendeu, eles têm muito trânsito. A nossa direção é muito participativa, a gente tem uma direção muito participativa em relação à comunidade estar presente. Por exemplo, hoje mesmo a gente fez uma atividade, a gente é adepto, a gente tá voltando aos poucos, porque a pandemia cortou muito, aula-passeio, né. Então a gente tá já com um monte de aulas, hoje a gente foi a feira com as crianças, eu trabalho com o GREI 4,*

*e... as mães foram com a gente. Algumas mães se dispuseram, vão com a gente, entendeu? A gente tem as mães meio presentes é, dentro da nossa comunidade.*

**Pesquisadora:** Aham. E as crianças que vocês atendem, são crianças da classe popular, média... como é a clientela?

**Professora L:** *Olha só, a gente tem, basicamente, a maioria são crianças da classe operária, crianças de baixa renda, né. Mas a gente tem crianças de classe média, a gente tem crianças, assim, é muito misturado. Tem crianças em situação de risco, entendeu? A gente tem de vulnerabilidade, não só econômica, mas de vulnerabilidade social mesmo, dentro da família. A gente tem uma criança na UMEI que é filha de usuário de drogas, que a mãe é usuária de drogas, que assim, vive na rua e que aí, ele já passou por essa situação... Então assim, você vê que a gente tem aquela que vem assim toda arrumadinha, aquela família toda... a gente tem de tudo um pouquinho. Então eu acho que é uma clientela bem mista.*

**Pesquisadora:** Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora L:** *Tá. A gente tem um pátio bem pequenininho na frente, é que é quase que uma varanda que virou pátio[risos]. Atrás a gente tem um pátio médio, que fica próximo ao refeitório. São duas salas embaixo e mais seis em cima. Temos uma sala de multimeios, razoável. As salas são bem pequenas, elas têm a metragem mais ou menos de uns 20m<sup>2</sup>, só tem uma que é um pouco maior. É tanto que quando houve a pandemia, a gente teve que dividir, por exemplo, a sala que eu estou só cabiam cinco crianças e um professor, com aquele distanciamento de dois metros, porque a sala é muito pequenininha né, então tinha mobiliário, então contando com isso tudo... assim, por exemplo, tem salas que tem banheiro... uma, duas, três, quatro salas com banheiro. A minha tem um banheiro, que é só da minha sala, mas ele é fora da sala, ele não é dentro da sala. E tem um banheiro que é para mais três salas que ficaram sem banheiro. Então eles dividem o banheiro, né, que o banheiro tem chuveiro, a gente tem horário de banho... Mas assim, é tudo muito apertadinho, sem espaço. Eu acho que o espaço físico podia ser melhorado, entendeu? A gente até tem um sonho, que tem uma casa, que tá até à venda, uma casa do lado da nossa, para que a gente sonha, para que um dia a prefeitura compre e amplie esse espaço [risos]. E a gente atende do GREI 2 até o GREI 5, crianças de dois a cinco anos.*

**Pesquisadora:** E vocês tem uma quadra, algum parquinho que seja maior, que vocês fazem os eventos?

**Professora L:** *Assim, quando um evento é muito maior, a gente vai... a gente às vezes vai para o colégio ali ao lado, do Estado, a gente tem essa parceria. Às vezes a gente consegue uma*

*parceria com o Clube [nome suprimido], ali perto. A gente tá sempre assim, igual, passando o chapéu, pedindo, entrando em parceria com outros espaços, para que a gente possa fazer isso.*

**Pesquisadora:** Certo...

**Professora L:** *E às vezes também, por exemplo, a gente leva as crianças ao [nome de parque suprimido] de vez em quando, para brincar num parque maior... Depois, quando a gente foi a feira, a gente parou na praça [nome suprimido], para eles brincarem naqueles brinquedos, correrem, terem espaço para brincar...*

**Pesquisadora:** Certo... Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora L:** *Educação física a gente tem sim. A gente tem uma professora de educação física que faz RET, acho que é RET que ela faz lá na escola. Ela não é lotada na nossa escola, mas a gente conseguiu que atendesse todas as turmas. Por exemplo, amanhã é educação física da minha turma. Então ela tem assim, uma hora de aula por semana com cada turma. Agora artes, a gente não tem, artes não.*

**Pesquisadora:** Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora L:** *Eu acho que em muitos momentos, porque a gente tem sempre uma musiquinha, a gente sempre trabalha com o corpo com eles para dançar, põem uma música, vamos dançar, acompanhar o ritmo, bater palmas, a gente tem sempre música nos momentos da rotina eu acho que sim. Sim, vários momentos da minha rotina, da rotina da minha turma, tem sim. A gente sempre procura dançar, eles gostam, cantam, não só essas musiquinhas mas as músicas atuais, né, o que eles gostam... bate, desenrola, dança de ladinho... aí eles cantam uma outra... aí assim, quando eu vejo que é uma música é muito assim, a gente acha que não é adequada para a faixa etária deles, né, porque eu acho que assim, mesmo que seja um funk, mesmo que seja... tem que ser adequado, tem que ter uma linguagem que não seja agressiva, a gente tem que trabalhar a não agressão, a não agressão a... e não só a questão da agressão, mas do preconceito, né, de certa forma. E quando a gente vê que a música tem um tom, que a letra não seja adequado para aquela faixa, a gente dá uma cortada... então vamos cantar outro funk, vamos mudar o rumo. A gente respeita o gosto, a cultura do local, mas adequando à faixa etária, a questão educacional. “Ah não, tem que deixar tocar funk...” Mas deixar tocar qualquer funk? Entendeu? Eu acho que a gente tem que ter o meio termo, tá, vamos respeitar a cultura? Beleza, mas eles também tem que ter, é, o conhecimento de, porque eles só escutam isso, eles tem que escutar outras coisas, Vinícius, é, tem que escutar Toquinho, tem que escutar MPB, tem que escutar Rock, tem que escutar Rita Lee, eles tem que ter outras opções porque*

*eles acabam ficando, eu não vou dizer pobre, acho que não é o termo, mas sem o conhecimento de outras culturas. Ficam focados e limitados naquele mundo deles.*

**Pesquisadora:** Me fale como você trabalha com dança em sua turma.

**Professora L:** *Normalmente a gente faz assim, a gente procura ver o que que eles, eu sempre gosto assim, tem um tema, a gente tá falando de mulher, então vamos botar uma música que fale, enaltecendo a mulher, para eles escutarem. “Agora vamos dançar, qual é o ritmo? É rápido, é lento...”, até para eles entenderem qual é o ritmo que eles estão trabalhando. De onde é que vem essa música? porque não é só a dança... Ah, vamos só botar uma música e deixar a criança dançar? Vamos dançar “Atirei o pau no gato”? Música de roda? né, tem tudo isso, a gente vai fazer uma roda, né, pra dançar roda, ciranda. E principalmente quando a gente trabalha a festa, a gente não trabalha folclore, a gente trabalha... trabalha folclore mas a gente procura assim, festa da primavera, festa da cultura. Então quando a gente fala em cultura, a gente fala por exemplo em frevo, a gente fala em maracatu, a gente fala em todos os outros tipos de dança. E aí a gente ensina, vamos botar um vídeo para ver. Por exemplo carnaval, de onde é que vem o carnaval, quais são as músicas de carnaval... a gente bota as marchinhas para dançar as marchinhas, como é que dançava uma marchinha... para eles perceberem as diferenças. Não adianta a gente botar e falar: vamos dançar! Não é assim...*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora L:** *Nós mesmas [risos]. Bom esse processo, foi como eu falei, por exemplo: “Ah, festa da família!” Vamos cantar uma música, ensaiar uma dança? Tá, aí a gente vai pesquisar. Cada turma pesquisa, cada dupla né, porque lá a gente tem a bidocência, são dois professores, então eu e a minha parceira, que a gente tiver no momento, é que a gente vai pensar. Bom, festa da cultura, tá, vamos trabalhar o que? Qual é o ritmo cultural que a gente vai trabalhar para ensaiar essa dança? Se a gente for pensar, for focar... ah, teve um ano que eu trabalhei com... a gente separou e cada turma ficou com uma região do país ou um estado, né, para trabalhar na festa da cultura. Então dentro daquele estado, ou dentro daquela região, que tipos de danças a gente tem? E aí a gente escolhe uma dança. A gente já ensaiou carimbó, a gente já ensaiou frevo, então a cada vez, a gente ensaia uma coisa. E aí a gente escolhe um ritmo para apresentar. Aí a gente vai vendo. Normalmente festa da cultura, festa da primavera às vezes tem alguma coisa, e aí a gente procura é, ver alguma coisa que precise, né, alguma dança que se adeque aquela festividade né?*

**Pesquisadora:** E os ensaios, são dentro de sala, fora, com todo mundo junto, como vocês



fazem?

**Professora L:** *Bom, teve ano que a gente já fez com duas turmas juntas. Teve ano que era por turma, que era por GREI. Então primeiro a gente faz o primeiro ensaio pequeno né, para as crianças perceberem. Depois a gente vai para o pátio ensaiar. A gente tem aquelas caixas grandes, aí põe a caixa e bota a música e vamos ensaiando... ó é assim... a gente mostra como é que dança num vídeo, vê o vídeo, ensaia... depois que o ensaio da sala tá mais ou menos organizado, por exemplo, nessa minha sala, seria desse ano, porque o ano que eu fiz esse ensaio maior dentro da sala, a minha sala era maior. Quando a gente foi para essa sala miudinha, não tem como, aí tem que ensaiar no pátio. Pega a caixinha e vai para o pátio. Cada um em um horário, ou no horário de pátio, ou num outro horário que esteja livre o pátio. Às vezes vai para a sala de multimeios também, porque ela é maior...*

**Pesquisadora:** Todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora L:** *Bom, olha só, a gente tenta, eu já tive ano em que a criança não queria dançar. A gente tenta conversar, mostrar, ela não quer nem ver. “Quer dançar aqui com seus amigos para ver como é que é, você não precisa se apresentar... Ah, não, não quero, não quero, não quero...” Eu não vou obrigar uma criança “Eu não quero me apresentar...” e aí? Vou fazer o que? Então você senta aí, diz pra tia se está legal, o que você tá achando... Porque ele não vai ficar ali, né, só olhando. “E aí, o que você achou?” E às vezes eu digo: “Poxa, o coleguinha que ia fazer par com sua amiga faltou, você não quer me ajudar?” A gente tenta puxar por esse lado, a gente tem que tentar dar um jeito né?*

**Pesquisadora:** Então se a criança não quiser dançar, você não obriga?

**Professora L:** *Não, não, de jeito nenhum.*

**Pesquisadora:** Quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora L:** *Bom, primeiro, eu mesma, que sou uma pessoa extremamente descoordenada [risos], um problema pra dançar aqui, um problema de ritmo sério. Então eu sempre tenho que ter uma parceira que seja mais coordenada. Eu sei organizar, mentalizar o que eu quero, ó, vamos, é assim... Mas na hora de botar em prática eu tenho dificuldade. E eu preciso de pedir socorro. Gosto, adoro as atividades de dança, mas eu reconheço, eu sei reconhecer que eu sou uma pessoa sem ritmo, com muita dificuldade de ritmo, mas aí com a colega fazendo, a gente vai junto. Pega aí uma quadrilha que seja boa de ritmo e vamos nessa.*

**Pesquisadora:** Mas alguma dificuldade, ou só em relação a você mesma?

**Professora L:** *Assim, às vezes é o som que falha. A caixa que dá defeito. O problema*

*tecnológico, às vezes você bota o pen drive e ele não entra, você pensa que gravou e não gravou... essas coisas de tecnologia. A própria falta de espaço físico mesmo, na escola que é muito ruim. A gente, o povo tem muita boa vontade para fazer, a gente faz na garra, mas é muito difícil. Por exemplo, quando a festa vai ser em outro local, você tem que levar as crianças pro local que você vai fazer a festa, até para elas terem noção de onde elas vão dançar. Tem ser feito pelo menos uns três ou quatro ensaios neste local.*

**Pesquisadora:** Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora L:** *Ah, eu acho assim que, tinha dança, tinha... são dois que marcaram muito. Foi o primeiro que eu fiz, logo no início da carreira, muito sem experiência, tendo que me virar, é... Justamente para uma apresentação, na época era festa do folclore, né e aí você tem que pesquisar e tal, sozinha, assim, me virando. E o último que eu fiz, assim, que, tinha a ver com dança, mas foi, a gente fez uma representação para o encerramento do GREI 5, em 2019, quer dizer, bem antes da pandemia, quer dizer, aquele último antes da pandemia, né, que a gente fez um teatro. Tinha dança, do Sítio do Picapau Amarelo, que a gente encenou as músicas do Sítio, da Emília, da Cuca... e aí foi muito legal, porque a gente além de ter a questão da peça, em cada parte da peça, a gente montou com as crianças um roteiro, fez a história e depois a gente, é lógico que não fui só eu, tinha eu e as outras professoras do GREI 5, eram dois GREIs, então fomos quatro... e a gente ensaiou as crianças, dançamos todas aquelas músicas, aquela trilha sonora do Monteiro Lobato, né, do Sítio do Picapau Amarelo. E assim foi lindo, emocionante, no final todo mundo chorou, foi uma festa linda... acho que a mais bonita, assim, a mais significativa foi essa última, até porque depois não teve outra, né. Pandemia rolou [risos], ficou todo mundo preso dentro de casa... foi difícil. Eu acho talvez por ter sido a última, deu vontade de quero mais.*

**Pesquisadora:** Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora L:** *Bom, eu acho que primeiro corporal, né, eu acho que a questão dela conhecer o próprio corpo, os próprios limites do corpo, a questão espacial dela... a questão motora, a questão espacial. A questão de lógica, porque ela precisa estabelecer conexão com o outro. A questão da conexão com o outro, da interação social. Muitas crianças que são muito tímidas, quando percebem que são boas de dança, que são boas, que você incentiva, mudam o rumo delas dentro da educação, elas se integram, elas se veem valorizadas. Eu acho que isso é muito, a dança é importante. Agora se a gente tivesse um professor de música, um professor de arte*

na... principalmente de música. Nós tivemos uma vez, eu tive uma vez, um professor de música que era muito legal, ele tocava, ia com o violão, as crianças cantavam, quer dizer, eu acho que a pessoa que entenda de música, de dança, de ritmo eu acho que é muito importante para elas. Que eles pudessem aprender um instrumento musical além da dança...

**Pesquisadora:** Certo... Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora L:** Ah, eu preciso de muito conhecimento e eu faço muito assim, no autodidata do procurar, do pesquisar. Eu acho que apoio de um curso, assim, que de repente que ensinasse a gente a trabalhar dança com as crianças, até que desinibisse o nosso corpo também. Trabalhasse a dança com a gente, professor e que a gente pudesse transpor isso para as crianças.

**Pesquisadora:** Perfeito. Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora L:** Sim. Eu acho que tanto é como eu te digo, quando a gente precisa de alguma coisa, a educação física com a questão do movimento né, para você não se machucar e fazer o movimento certo e a arte porque é a parte cênica. Porque o professor de arte, trabalha dança... quer dizer, teoricamente, quem fez artes tem o conhecimento de dança, né, e aí eu acho que sim, porque um, pelo movimento, para você não se lesionar, saber como é que você vai se movimentar e a criança também fazer o movimento certo. Porque o meu corpo, meu osso é um, o da criança é outro né. E o professor de educação física conhece essa parte fisiológica em detalhes, do que o professor de artes. O professor de artes, ele conhece o movimento, a questão artística, então eu acho que os dois tinham que estar bem entrosados.

**Pesquisadora:** Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora L:** É Silvia, eu acho que a educação tem que estar unida em todos os parâmetros. Todas as áreas, né. A questão da arte, educação física, as ciências, né. e que a educação infantil, muitas vezes é renegada a segundo plano porque muitas vezes não acham importante... “Ah, porque eles são muito pequenos... Para quê professor de educação física, professor de artes, né?” Poque não? Eu acho que a arte e a educação têm que estar presente desde a educação infantil. Não é só dança. Dança, música, eles terem conhecimento de outras artes e assim, a nossa escola tem muito disso, né. Por exemplo a gente tem programação de exposição de Van Gogh, a gente tava acostumado a levar eles ao teatro, ao cinema, é, sempre que havia oportunidade da gente conseguir ingresso, a gente, ou alguma exposição... museu... tudo que a gente consegue a gente procura inserir eles na cultura, que eu acho muito importante. Para

*eles não viverem inseridos num mundinho, né, deles. Eles terem amplitude do mundo. E o que é o mundo aqui fora? Não é só a comunidade que eles vivem, o bairro onde eles estão inseridos, cidade. Existe muito mais além. Eu acho que a educação infantil tem que essa base para tudo, entendeu? Que é a base, que se ele tiver segurança aqui, ele vai conseguir muito mais lá na frente, no fundamental I, no fundamental II, se essa base for bem preparada.*

### **Entrevista online - Zoom**

#### **Professora M - Mel**

**Pesquisadora:** Há quanto tempo você atua na educação infantil? Quando entrou para a rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora M:** *Então Silvia, é... eu já trabalhei com educação infantil há muitos anos, quando eu tinha lá meus 18, 20 anos. Depois disso eu fui para o fundamental, mas eu voltei justamente agora, que eu entrei pelo concurso, né? Eu entrei em 2019, eu voltei novamente a trabalhar com educação infantil. Então, tempo no município seria isso. Seriam esses três anos, mas trabalhei três anos contratada. Mas desses três anos só seis meses na educação infantil. então o tempo que eu entrei para a Fundação é o mesmo tempo que eu tô na educação infantil, que eu voltei, né?*

**Pesquisadora:** Peraí, é... então você tem três anos e seis meses na educação infantil, é isso?

**Professora M:** *Isso... voltei... lá trás. Isso... no município, que lá trás era particular, no caso, que eu fiquei uns anos trabalhando também, mas não me recordo muita coisa, Silvia...*

**Pesquisadora:** Certo, tranquilo. É... e qual é a sua formação? Você tem algum...

**Professora M:** *Eu...*

**Pesquisadora:** Fala...

**Professora M:** *Eu sou formada em pedagogia e fiz psicopedagogia, também, em pós, né?*

**Pesquisadora:** Uhum. Você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação?

**Professora M:** *Então, eu fui até buscar ainda pouco, nos meus... certificados aqui né? Que eu falei: “Não é possível, eu fiz tanto curso...” Mas no meu histórico da... da X, de pedagogia, tinha uma disciplina que era Corpo e Movimento, eu lembro que ele não falava muito sobre a dança em si, mas era mais essa questão corporal mesmo, né? De encenação, de dramatização...Essas coisas assim... nada muito aprofundado não... que eu me recorde.*

**Pesquisadora:** Uhum, mas voltado para a dança em si... nada?

**Professora M:** *Não.*

**Pesquisadora:** Certo... O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e

comunidade que atende, o que você pode me falar sobre isso?

**Professora M:** *Então, a localização dela é próxima a praia... e ela atende crianças desde as mais humildes, que ficam ali, próximas à lagoa, até crianças de classe média, classe média alta... até porque agora, com esse retorno, muita criança de escola privada foi pra lá, né? No caso a minha sala tem bastante... que são de escolas privadas... Então atende a praticamente, essas classes.... Eu, eu vejo até como uma área nobre, né? Então, é... e eu acredito muito que seja mista a comunidade, porque é o que eu falei, que tem tanto pessoas mais humildes da beira da lagoa, como pessoas da classe média alta, inclusive das escolas particulares, né, que estão indo pra lá.*

**Pesquisadora:** E quanto ao espaço físico da sua escola, tipo sala, parquinho, quadra, sala de multimeios, como é que você pode descrever a UMEI?

**Professora M:** *Então, a nossa UMEI, ela é um prédio, né? Ela é um prédio que atende crianças de 2 a 5 anos, mas é um prédio que tem escadas, que é um agravante, complica um pouco a situação... tem o elevador que não funciona. E o parquinho... a gente tem um parquinho no terceiro andar, que também complica um pouco. Multimeios inclusive também é no terceiro andar, tá? Uma sala não muito ampla... O banheiro, é... ele fica na parte de fora, né? Que seria do parquinho... As salas são grandes. Mas para a quantidade de crianças, não é tão grande assim, né? É.. a escola é espaçosa. O parquinho lá debaixo, né, da parte lá do térreo, é um parquinho muito pequeno, que nem para as crianças de dois anos dá... Porque é um miniparque, é muito pequeno, é... com grama sintética... Assim, a gente não tem área verde, né... A gente não tem parte de terra, né? E a gente costuma usar os arredores, né? Quando a gente vai para a rua para ter mais esse contato... na praia... ali próximo, que tem a beira da lagoa... Então eu acho que é isso. É uma escola... que na verdade é um prédio.*

**Pesquisadora:** Tá... Não tem quadra não, né?

**Professora M:** *Não. A gente tem um pátio.*

**Pesquisadora:** Tá... E quando tem um evento, onde vocês realizam esse evento?

**Professora M:** *No pátio... lá em cima onde que... [parte inaudível] isso... Tem os brinquedos, né, que são casinhas, escorregas, que se coloca para um canto, ou desmonta e coloca nessa sala de multimeios, para poder fazer eventos lá em cima.*

**Pesquisadora:** Certo... Além dos professores regentes, é... lá na sua UMEI tem professores de artes e educação física?

**Professora M:** *Não. Desde que eu entrei, mesmo pelo contrato, que eu entrei em junho, julho de 2018, tinha um professor de educação física, mas que era contratado também, então em 2019 saiu. Só que como eu voltei pelo concurso, até hoje a gente não tem professor de educação*

*física. É... não tem professor de artes, não tem nenhum professor extra a não ser as próprias regentes de turma.*

**Pesquisadora:** Certo... Agora, é, pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica, você acha que a dança está presente?

**Professora M:** *Olha Silvia, eu vejo como nas festividades quando tem, né? Que geralmente a gente não comemora festa junina, a gente faz a festa da cultura. Então geralmente a dança entra nesses momentos de festividades que eles, são né... os ensaios que as próprias professoras fazem... Eu acho que ela entra também nos momentos na sala de aula, nas músicas que a gente canta... Eu costumo às vezes até fazer relaxamento, né? Posição de sentar... e vamos ouvir uma música mais tranquila... É... nas horas das rodinhas, que a gente canta... às vezes as crianças querem dançar, pegam fantasias. Porque a gente tem rádio em sala, né? Então cabe a cada um professor, se ele vai botar uma música ou não vai... Geralmente a gente faz, às vezes bailinho, teve... a gente não cultua a questão do carnaval, a gente vê como uma festa cultural também. Mas geralmente no carnaval, também a gente faz bailinho, que aí também eles dançam, brincam com fantasias... Então eu acho que entra nesses momentos do planejamento que se faz e que se tem o uso da música pra movimentar o corpo, né? Eu vejo como esses momentos, por nós não termos um professor de música, que é tão importante para as crianças, né? Assim como o professor de educação física também.*

**Pesquisadora:** Certo... Como você trabalha com dança em sua turma?

**Professora M:** *Então, ano passado na pandemia... Eu sou muito assim é... eu não costumo programar muito as coisas, né? Eu acho que as coisas vêm... Então, por exemplo, ano passado a gente tava ouvindo, a gente ouviu uma história da Emília... e do nada tinha umas caixas de feira, que às vezes a gente faz para botar livros de leitura... E tinha poucos alunos, eu lembro que eu tenho até esse vídeo gravado; eu acho que no computador; que eu coloquei a caixa no chão, peguei uns pompons e falei: vamos ouvir essa música aqui... era aquela música da Emília, antiga... e aí nisso, veio a diretora, vieram as outras professoras, veio o faxineiro, veio todo mundo ver. Do nada, a gente dançando, Emília saindo da caixa... todo mundo... a gente revezando... e vamos dançar! Então eu vejo a dança como assim, como momentos, não momentos muito planejados, sabe... como por exemplo, tinha no pendrive, aquela música do... ai, acho que era o Tchakabum, sei lá... a dança da Ondinha... aí tinha essa música... ano passado também na pandemia... começava eu e minha colega...tocava música, a gente começava a dançar no meio da sala e as crianças vão juntas dançando... então acho que são muito esses momentos assim, são momentos realmente. Eu acho que essa questão da dança, tirando as festividades, a gente não planeja muito, né, aquilo acontece ali no momento da*

*alegria, a gente começa a dançar pela sala, a pular... às vezes depende muito, né... do momento, que a gente tá.*

**Pesquisadora:** Ah, legal... E quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora M:** *Então, geralmente quem escolhe, somos nós mesmos, as professoras, em comum acordo. Porque como é... por enquanto ainda é dupla regência, né? Por enquanto [fala com ênfase]. Então a gente entra em comum acordo, né... mas o que se pede sempre é para a gente não cultivar a questão, por exemplo, de festa junina de santo, né? É... carnaval a gente vê mais a questão das marchinhas... Mas geralmente, o que a gente tem que ensaiar mais, é a festa junina mesmo, porque tem dança, ou alguma outra, algum sábado letivo que tenha... mais sempre músicas mais educativas, né... uma ciranda... uma coisa mais assim... E na festa junina, geralmente, aí quem ensaia somos nós mesmos, a gente entra em comum acordo e a gente que começa a conversar com as crianças e marcar passos... e um, dois, três pra lá e dois pés pra cá... aquela loucura... que nós mesmas que fazemos, né?*

**Pesquisadora:** Certo. E vocês, é... ensaiam na sala mesmo?

**Professora M:** *Geralmente é. A gente ensaia no fechado, né... em sala de aula e depois, quando a gente já tá... as crianças já estão pegando mais os passos certinhos, aí a gente começa a ensaiar no geral e aí vão as turmas lá em cima no pátio e aí a gente começa a ensaiar... uma turma olha a outra, assiste... E geralmente é assim, vai se aproximando mais do dia, vai todo mundo ensaiando no geral, todo mundo junto.*

**Pesquisadora:** É... e todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação com eles?

**Professora M:** *Não... A gente até incentiva para que eles participem, né? Porque os pais vão ficar felizes de assistir... todo mundo vai ficar contente... “Pra você tá participando com seu amigo...”, a gente incentiva. Mas a criança não é obrigada. No entanto que assim... muita criança às vezes, nem, não participa e no dia vai e não quer dançar, entendeu? A gente até pergunta se quer... porque afinal, a criança estava na sala e viu tudo, mas... não é obrigatório, dança quem quer.*

**Pesquisadora:** Certo. E quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora M:** *Então, a dificuldade maior acho que é a questão de muitos alunos na sala pequena mesmo. Acho que isso aí é um agravante, né? Porque aí você empurra mesa pra lá, puxa coisa para cá, faz aquele ensaio, depois volta para o lugar... E eu acho que esse é um*

*agravante e também, quando tem alunos NEE, mas que não tem apoio. Então, tipo... uma tem que ficar por conta desse aluno e a outra ensaiar o resto todo, né? Então eu acho que esses são grandes agravantes que a gente enfrenta.*

**Pesquisadora:** Em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora M:** *Então... eu me recordo muito, Silvia, foi de... não era bem... porque como eu tô no GREI 5... Mas o que me marcou muito, foi um aluno que tinha, que ele era mega agitado... Ele não falava muito claro, né... ele tinha um problema na linguagem dele... E ele era mega agitado. Todos os ensaios que a gente fazia em sala, ele ficava pulando... ele não participava do ensaio, não queria participar do ensaio, ficava brincando. Aquele famoso que fica agitando, né... E aí quando chegou no dia da, da... Nós estávamos com os pompons, né, que imitava fogo... uma musiquinha agitada, bacana... Esse aluno chegou e simplesmente ele foi o que dançou melhor, mesmo sem ter feito ensaio. Então aquilo me marcou, porque tipo assim: a criança, ela pode não tá ensaiando ali, mas ela tá participando de alguma forma. E quando chegou no dia, ficou todo mundo de boquiaberto: “Gente, mas ele não ensaiou nenhum dia, como ele dançou daquele jeito?” Então assim, me marcou por conta disso, né? Porque às vezes a gente fica tão preocupado em estar fazendo, e às vezes só o estar observando, você já tá participando e tá dançando junto com o olhar, né?*

**Pesquisadora:** Que legal, caramba... Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora M:** *Bom, eu acho que contribui de várias formas, né, Silvia? Principalmente assim, para a criança que é muito inibida, ela conseguir se desinibir. A questão do corpo, né? Porque as vezes a criança não tem controle muito bem do corpo. Questão de controle motor, né? Questão de expressão, de se expressar mesmo, porque a timidez às vezes te trava, né? E às vezes numa dança, numa apresentação, na própria educação física... a criança, ela se trava, né, por ser tímida e às vezes aquela dança, aquele esporte vai fazer essa criança se soltar e ser uma outra criança, sabe... Eu acho que ajuda muito, não só no físico, como no emocional também, né... dessa criança. Então eu acho que a contribuição é muito grande, sabe... para o desenvolvimento dela em vários aspectos.*

**Pesquisadora:** Certo. E você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?

**Professora M:** *Eu enquanto professora, né?*

**Pesquisadora:** Isso...



**Professora M:** *Eu acho que o que eu sei é muito pouco, Silvia. Você vê que eu fui buscar, né... cursos, coisas que eu tinha feito e simplesmente tinha uma disciplina, né, faculdade, uma disciplina. Então assim, acho que a gente engatinha muito nessa questão, sabe... Acho que a gente precisa ampliar mais isso. Para que a gente também possa trabalhar. Porque simplesmente não é igual ao que a gente faz, que é só botar uma música e vamos dançar... né, dançar livre... porque quando a gente precisa lá no momento de fazer os passos, a gente tem que saber esses passos para passar para as crianças. Então não é: Ah... levanta o braço, levanta o outro... A gente faz, do nosso jeito, mas eu, pelo menos... Eu não tenho formação para isso, então, que dificulta muito... E isso assim: tem professor que não dança, né... por inúmeras questões. Então, ah, manda o professor fazer um ensaio, mas esse professor não dança, ele não gosta de dançar. E como ele vai fazer? Né? No caso lá a gente não tendo um professor de educação física, isso, sabe, é complicadíssimo. Mas eu acho que diante da pouca formação que a gente tem, porque eu acho que a nossa formação é mais pela questão do lazer mesmo, de dançar, de ver o passinho na televisão, de ver o vídeo, dever o outro dançando... Mas a formação em si, dessa dança, eu acho que a gente... tem um buraco muito grande nessa questão.*

**Pesquisadora:** E você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?

**Professora M:** *Com certeza... Pode colaborar muito... Só falta pra gente os professores, né? Porque eu acho que assim, essa parceria, essa união... é assim, uma coisa muito boa para as crianças, para o desenvolvimento delas, sabe... E assim, eu sempre lutei lá na escola, eu sempre falei dessa questão, porque eu vejo que outras escolas têm e assim, eu acho que essas crianças merecem, sabe, ter esse contato. Porque eles, além de assim, ajudarem nesse desenvolvimento da criança, eles podem agregar muito para o nosso trabalho também, essa parceria...*

**Pesquisadora:** Certo... Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora M:** *Eu só acho que assim, Silvia, é, o que eu falei, né... a falta desse professor pra fazer isso, e a gente acaba tendo que fazer, mas a gente não tem esse conhecimento para fazer... e aí a gente acaba fazendo uma coisa não tão profissional como poderia ser... né? E é o que eu falei, é uma falta muito grande e isso acaba interferindo nessa formação dessas crianças, mas é... eu acho que a gente tenta fazer da melhor forma possível, né? Do jeito que a gente sabe, do jeito que a gente pensa que é, que a gente entende. Mas eu acho que poderia, né... ter mais cursos, ter mais formações que pudessem ajudar a gente, né... nessa questão...*

**Professora N – Nina**

**Pesquisadora:** Bom, há quanto tempo você, Nina, atua na educação infantil?

**Professora N:** *Ah já há 16 anos. Já completei 16 anos na educação infantil, inclusive nesse ano de 2022.*

**Pesquisadora:** Certo. E aí, esse tempo todo você está na rede municipal de ensino de Niterói?

**Professora N:** *Isso, município de Niterói. Fiz durante seis meses uma permuta para outro município, mas retornei ao município de Niterói. Agora só atuo no município de Niterói.*

**Pesquisadora:** Tá, então você tá 16 anos direto na educação infantil...Certo... E qual a sua formação, Nina?

**Professora N:** *Eu sou formada, tenho pós-graduação em psicopedagogia, na primeira formação em pedagogia, primeira graduação. A pós-graduação em psicopedagogia e agora nesse ano de 2022, eu comecei o mestrado em psicologia.*

**Pesquisadora:** Parabéns! Que legal! Então...você já fez algum curso ou teve alguma disciplina voltada para dança com crianças, durante sua formação? Me conte sobre essa trajetória.

**Professora N:** *Olha, nesse sentido não. Eu já fiz muitos cursos, durante esse período, voltado para a questão da leitura, contação de história, dramatização, oficinas de arte, sucata, mas especificamente voltados para área da dança... ainda não.*

**Pesquisadora:** O que você pode me dizer de sua UMEI, em termos de localização e comunidade que atende?

**Professora N:** *Ah ela atende uma população, que ela é, que tem quase 200 crianças, 180 e poucas crianças, né... e tem crianças de classe média, crianças de classe baixa, vindas de comunidades, né, daqui da região [nome dos bairros suprimidos] e atende crianças da classe média [nome de bairros suprimidos], né, [suprimido nome do bairro em que escola está localizada] ... Crianças também, que são de outro município.*

**Pesquisadora:** Certo... é uma comunidade bem mesclada...

**Professora N:** *Isso, é bem mesclado.*

**Pesquisadora:** Quanto ao espaço físico (sala, parquinho, quadra, sala de multimeios), como você descreveria sua UMEI?

**Professora N:** *Olha, a UMEI, ela atualmente atende a 9 turmas né, então tem 9 salas de aula. Ela tem, além dessas 9 salas de aula, ela tem uma brinquedoteca. Ela tem uma sala de leitura. E tem dois parquinhos, né. Um parquinho menor e uma quadra, que é um espaço maior. Nesses dois espaços, direcionados a brincadeiras, tem brinquedos, escorregadores, tem balanço... Tem sala de recurso também, direcionada para as crianças com deficiência também...*

**Pesquisadora:** Certo. Além dos professores regentes, sua UMEI tem professores de artes e

educação física?

**Professora N:** *Ah esse ano de 2022, nós começamos a ter um professor de educação física, depois de muito tempo. Agora nós começamos a ter um professor de educação física que atende só as crianças do GREI 4 e GREI 5. A princípio, ele vem fazendo esse trabalho só com as crianças só dessa idade, 4 e 5 anos.*

**Pesquisadora:** Certo. Agora quanto à prática. Pensando na rotina da sua turma, em que momentos de sua prática pedagógica a dança está presente?

**Professora N:** *Ah eu acredito que em diversos momentos, principalmente na hora da rodinha, né... Na hora de uma leitura, quando as crianças querem fazer uma dramatização... É, seria mais nesses momentos, né, seria um momento que a gente tem de interação, mais assim, que eu trabalho que as crianças estão juntas, né, naquele momento, num objetivo que é ou uma leitura, ou uma dramatização, uma rodinha de conversa, aí tem músicas, né... Assim, as crianças gostam de dramatizar algumas músicas... Seria mais nesses momentos.*

**Pesquisadora:** Certo, mas me diz como você trabalha com dança em sua turma.

**Professora N:** *Normalmente a gente, amm...coloca uma música, às vezes tem, dentro de algum determinado contexto, né, ou a partir da contação de uma história, ou alguma música que as crianças gostam muito, né, de ouvir, ou através de algum vídeo, ou de algum filme que eles gostam... Eles gostam de estar reproduzindo é, através da dança, com música... seria mais nesse sentido mesmo.*

**Pesquisadora:** Mais aí você faz a dança com eles, ou é livre? Eu não entendi bem...

**Professora N:** *Não, mas aí fica livre, a gente coloca a música e fica mais livre, né... Tem os momentos também, assim de apresentação, de festa junina, que é um trabalho mais direcionado, que a gente faz todo um projeto... As festas de encerramento de ano, também que é um trabalho mais direcionado, que a gente faz um projeto, trabalha, algum, dentro de algum projeto que a gente esteja trabalhando, a gente insere, né, a música e insere a dança. Como na festa junina também, a gente trabalha dentro de um contexto inserindo a música e a dança. E fora desses momentos específicos, a partir do interesse da criança, às vezes de ouvir uma música e querer dançar, de estar numa rodinha e ter uma música que eles gostam de dançar... Aí já parte de coisa mais livre, né, do interesse mesmo das crianças.*

**Pesquisadora:** Quando vai haver uma comemoração e é solicitado à turma que apresente uma dança, quem ensaia seus alunos? Como acontece esse processo, a escolha da música, a coreografia e os ensaios?

**Professora N:** *Ah, porque normalmente, é... como nós trabalhamos por projetos, a gente tenta inserir, junto as crianças, para alcançar, vamos dizer assim, aquele objetivo. Esse ano, o*

*projeto instituinte da escola, é a questão da cultura brasileira, né? Então na festa junina, nós vamos ter que ressaltar essa questão da cultura brasileira. Então nós podemos introduzir, vamos dizer, que esteja trabalhando com a criança a questão da musicalidade, ou leitura de Cordel, então vamos dizer, que assim a gente volte pro lado nordestino, né? Então a gente pode tá introduzindo um dos artistas, vamos dizer assim, que seja do Nordeste, por exemplo. Então a gente tá introduzindo, né, algum artista, a gente coloca algumas músicas e vê, de repente e sentir o que as crianças gostam mais de dançar, o que eles sentiram mais interesse em dançar, a música que eles mais gostam... então a gente proporciona algumas músicas né, para que... e sentir o interesse das crianças por determinada música. A gente explora então, essa música, explora o artista, né, que canta essa música, o intérprete da música, o compositor, o que essa música quer dizer, trabalha algumas palavras, ilustração da música. E a gente começa a ensaiar as crianças e na verdade, são normalmente as professoras, né, da turma, que monta a coreografia, né, e a gente coloca para as crianças essa coreografia e as vezes ou não, algumas crianças tem uma percepção de acrescentar alguma coisa, né, nessa dança, nessa coreografia, ou então fica mesmo... só a cargo das professoras, né, de introduzir a coreografia. Aí seria a percepção de uma criança ou outra de acrescentar algum passo na dança...*

**Pesquisadora:** Certo... e os ensaios, costumam ser onde? Como é que vocês fazem o ensaio, todo mundo junto?

**Professora N:** *É, normalmente eles acontecem, é... cada GREI faz os seus ensaios, dentro de sua sala de aula quando tem espaço ou nesses ambientes, é, que são os parquinhos, né, que tem o parquinho menor e tem a quadra, né... E em determinado momentos, os GREIs, assim, se juntam para ensaiar. Quando é, uma dança, que é feita, vamos dizer... Atualmente no temos três GREIs 5, três turmas de GREI 5, então as professoras conversam para saber se a gente vai poder fazer uma apresentação única, que normalmente é difícil com três turmas juntas, porque são muitas crianças, até por conta do espaço, ou as vezes a gente pode juntar duas turmas, ou não. Às vezes ficam... cada turma faz a sua apresentação. E aí tem determinados momentos, que os GREIs se encontram para cada um ver a dança do outro, a coreografia, né, como é que ficou, como vai ser a entrada, quem vai entrar primeiro, quem vai ser o segundo e assim por diante. Tem momentos que toda escola reúne todos os GREIs para todas as crianças assistirem o ensaio de cada turma. Normalmente acontece assim, então os primeiros ensaios acontecem em sala de aula, com os GREIs, cada uma na sua sala.*

**Pesquisadora:** Certo, Nina... E todos os alunos são obrigados a participar das atividades de dança? Como você estabelece essa relação?

**Professora N:** *Olha, a princípio a gente estimula todas as crianças a participarem, mas tem algumas crianças que tem, por conta da timidez, não ficam à vontade, né, em dançar... chega no dia da apresentação elas não querem se apresentar. Mas quando acontece esses casos específicos, assim, a gente até não força muito, né, porque a criança fica lá, no meio de todas as crianças, não se sentindo à vontade... porque tem sempre, né, uma criança ou outra que não se sente à vontade. Às vezes acontece de todas as crianças ensaiarem, porque tá ali, né, naquele lugarzinho deles, né, ali na sala, só com as professoras e quando chega num ambiente que tem, assim, diversas pessoas olhando, que são os pais, as famílias... a criança se retrai e fica tímida e não quer se apresentar na hora. Então a gente deixa a criança à vontade, né? porque às vezes a criança ensaia o tempo todinho e quando chega na hora...[risos] a criança não quer.*

**Pesquisadora:** É verdade...

**Professora N:** *Entendeu? É, pode acontecer isso, também...*

**Pesquisadora:** Quais as dificuldades que enfrenta para desenvolver atividades de dança na sua UMEI?

**Professora N:** *As dificuldades, assim, porque a gente tem que ter uma aparelhagem de som para as crianças escutarem bem a música...tem que ter isso a disposição e a gente, normalmente, as caixas de som, uma caixa de som ou duas, divididas para todas as turmas... então tem que cada turma ter seu momento de ensaio, né, porque senão você fica restrito só ao som do celular, ou só restrito som de uma caixinha, que aí, é um instrumento que o professor possa ter ou não, em sala de aula, né... Então a gente dispõem de um material, que é um material coletivo da escola, né...Então a gente fica, normalmente, é preso a isso e tem os momentos, assim em sala de aula, geralmente a gente usa ou celular, ou uma caixa pequena de som e quando vai para um espaço maior, aí tem que ter os horários para poder ter a... os instrumentos pra poder estar trabalhando, né, ouvindo a música, tá num espaço onde a apresentação vai ser feita, tem que ter esses momentos também, pra que a gente possa tá percebendo a movimentação das crianças, né, o som, se eles escutam bem a música...Então tudo isso influencia na apresentação e nos ensaios. E a estrutura que nós temos é essa, nossa sala de aula. Quando as salas são pequenas, dependendo da quantidade de crianças, os ensaios têm que ser feitos ou na quadra e em um dos espaços mais livres, né, fora de sala de aula e quando a sala comporta, a princípio os ensaios são feitos em sala de aula.*

**Pesquisadora:** Nina, mas vocês têm quadra lá, né?

**Professora N:** *Tem. Temos uma quadra. São dois espaços lá. Tem o parquinho que é menor, que ele é comprido, não é tão largo, que também dá para fazer os ensaios, dependendo, que a gente tem que, como são os ensaios fora de sala de aula, tem que ser horários marcados, porque*

*tem o horário do intervalo das crianças, do parquinho das crianças, tem que ficar dividindo os espaços, vendo os horários direitinho, né. Mas tem a quadra lá que é um espaço bom.*

**Pesquisadora:** Desculpe, eu não entendi. É um parquinho pequeno e uma quadra, ou são dois parques e uma quadra?

**Professora N:** *Não, não. É só um parquinho, que tem, ele é todo forrado com graminha sintética, né... E tem uma quadra maior, coberta e as crianças fazem até educação física nesse espaço...*

**Pesquisadora:** Ah tá... Bem, em sua trajetória como professora na educação infantil, lembra de algum trabalho que desenvolveu com dança e que tenha sido significativo por algum motivo especial? Gostaria de compartilhar essa experiência aqui?

**Professora N:** *Ah tem vários né, tem desde aqueles que as crianças [risos] pequenininhas não fizeram nada e ficaram só as professoras dançando e as crianças não fizeram nada, que nós tivemos uma turminha de 3 anos de idade, que as crianças não fizeram nada. E tem outro que foi bem significativo, que foi uma coreografia de uma música, que fazia um sucesso na época, Vitor... como é o nome? [voz externa na casa da participante: "Vitor Kley"] Vitor kley! Que era a música: "O sol, vê se não me esquece, e me ilumina..." [cantarola] Então as crianças adoravam essa música, então foi um sucesso a apresentação. Fizemos uma coreografia bem leve, bem light de acordo mesmo com a letra da música e as crianças adoraram, amaram e foi assim toda a escola cantando junto, todas as crianças cantando junto, porque assim, essa música na época tava no sucesso, tava no auge dessa música. Então foi muito legal... E... essa foi um dos pontos altos. Tem outra que eu lembro também que era uma música mais infantil mesmo, direcionada às crianças: "Baby Shark", né, que todas as crianças da escola cantavam também e nós fizemos junto com uma outra turma, foi uma turma de 4 anos, GREI 4, né, também foi muito legal, porque era um sucesso, todas as crianças cantaram e até hoje as crianças cantam lá na escola e também foi bem interessante, foi muito legal.*

**Pesquisadora:** Você acha que a dança pode contribuir no processo de desenvolvimento da criança? De que forma? Quais aspectos você ressaltaria?

**Professora N:** *Eu acredito que desenvolve bastante, né? É... ajuda na questão da coordenação motora, na questão da lateralidade, questão de limite, de espaço, amm esses alguns pedagogicamente falando e eu acredito que esses sejam alguns dos benefícios, né, da dança, né... e fora a questão da criança ter liberdade de se expressar também, acho que é muito legal, né, que aí, através da música, você conhece o que que as crianças gostam de ouvir, o que que elas gostam de dançar, né... e às vezes uma criança, às vezes estimula outra a também a dançar... de repente uma criança que é mais quietinha, também às vezes elas mesmas se*

*estimulam, chamam para dançar, então essa parte, que eu acho muito legal, né, que é a questão da... do desenvolver mesmo a, é, a expressão artística mesmo, né, do movimento também... e a criança se perceber ali naquele movimento e ter a liberdade de dançar, de se expressar e nessa idade deles, GREI 4, GREI 5, quer dizer, nessa idade, na educação infantil, eles não tem ainda aquela questão de uma criança tá rindo da outra, porque dança de um jeito e outra dança de outro, então eles têm liberdade de estar se expressando, né... então acho que isso é que é legal. Fora desenvolver todas essas outras questões que eu falei, a questão motora né, acho que é muito legal.*

**Pesquisadora:** *Você sente necessidade de outros conhecimentos para trabalhar dança ou considera suficiente o que já sabe? O que você pensa sobre isso?*

**Professora N:** *Ai eu acho, que, que, assim, não tenho os conhecimentos tanto, porque... tenho os conhecimentos básicos, né, porque assim, na minha adolescência eu fiz jazz, né, acompanhei minha filha fazendo balé... então tem algumas coisas que você... fica na sua memória. Mas vamos dizer assim, para montar uma coreografia, você ter a criação, vamos dizer assim, várias possibilidades... Eu sinto que poderia ter né, uma formação a mais... ter uma... ou de repente ter, ser estimulado a criar mais. Porque se fica sempre naqueles mesmos passos, naquilo que você acha que a criança vai conseguir alcançar, né...e às vezes a gente nem percebe que as crianças sabem dançar muita coisa, elas conseguem muito mais do que a gente imagina, né... a gente explorar isso, né, é que é difícil, a gente... acaba ficando um pouco limitado. Eu me sinto um pouco limitada mesmo, neste sentido, né.*

**Pesquisadora:** *Você acha que arte e educação física podem colaborar para novos conhecimentos sobre o trabalho com dança?*

**Professora N:** *Com certeza. Com certeza sim, porque trabalha com os limites do corpo, né, com as possibilidades do corpo, possibilidades de movimento, né, de você tá ampliando esses movimentos, de elasticidade, né, equilíbrio... então a educação física ela pode estar trabalhando junto, com certeza com a dança. Na questão dos limites, de você explorar os movimentos, né, e não ficar ali sempre limitada, né. Porque as crianças têm inúmeras possibilidades, né? Tem crianças lá na minha turma lá, que elas abrem espacate, não sei o nome correto para fazer isso, assim, numa boa né. Entendeu? Então eu já mais ensinaria a fazer isso, porque eu não consigo fazer... Então como é que eu vou ensinar as crianças a fazerem? E elas fazem numa boa. Viram estrelinha, viram cambalhota... então a educação física pode caminhar junto também com a dança, porque ajuda a ampliar os movimentos, a criança conhecer seus limites, os limites do seu corpo... avançar naquilo que ela, acredito que ela não conseguiria fazer, como uma simples cambalhota, elevar uma perna lá no alto... Então com*

*certeza a educação física e dança podem caminhar juntas sim.*

**Pesquisadora:** Certo. Você teria algo a mais que gostaria de falar sobre o que conversamos e que não foi citado nesta entrevista?

**Professora N:** *Eu gostaria de acrescentar essa questão, que eu acho que poderia pôr, nas artes, na música, né, deveria ter professores que pudessem estar nas escolas de educação infantil, promovendo esse tipo de movimento, né, a dança, explorando a dança, porque a gente explora em momentos, assim, bem específicos, né... e a criança fica, é como eu falo, a gente fica muito ali limitada. E um professor, né, de dança, ele vai saber muito mais explorar os movimentos da criança, né, até onde ele pode explorar, até onde ele pode ir com a criança. Então eu acho... ah não sei se eu ensinar a criança a dar um pulo lá no alto, se isso vai ser benéfico para ela e se ela cair e quebrar a perna? Então eu não sei até onde eu posso ir, até onde eu posso explorar, né, essa criança. Eu acho que deveria ter professores na educação infantil, não sei isso seria possível, né? Como na questão das artes, de professores de desenho, professores de música na educação infantil, entendeu? Acho que seria interessante.*



## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE SALGADO DE  
OLIVEIRA - ASOEC -  
UNIVERSO



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁTICA DO EDUCADOR DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI

**Pesquisador:** Sílvia Inês Gonçalves Flauzino

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 54063121.8.0000.5289

**Instituição Proponente:** Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

**Patrocinador Principal:** Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.290.373

#### Apresentação do Projeto:

O estudo aqui apresentado tem o objetivo de investigar e analisar a prática dos professores regentes da educação infantil da rede municipal de educação de Niterói, no desenvolvimento de atividades de dança com crianças. Tal estudo justifica-se à medida em que não somente contribui para aumentar o repertório acadêmico sobre o tema, mas visa suscitar nos professores regentes da educação infantil, novas possibilidades para a prática dançante, através do diálogo entre a educação física e a pedagogia. De caráter qualitativo, a pesquisa contará com a participação de 14 professores de UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) de diferentes polos da rede municipal de ensino, que através de entrevistas semiestruturadas, nos proporcionarão uma visão de diferentes realidades. Farão parte do estudo a análise documental e a revisão de literatura, que teve como base de dados a plataforma Google Scholar. Foram selecionados periódicos que tratavam do assunto, dança e "educação infantil", escritos desta mesma forma para busca. O período de pesquisa foi delimitado entre os anos de 2017 a 2021, totalizando cerca de 30 artigos. Foram excluídas teses, dissertações, monografias de conclusão de curso e livros, além de periódicos que não apresentavam qualquer um dos dois termos pesquisados.

Desta forma, entendendo que apesar da lei prescrever a dança como conteúdo obrigatório das áreas de arte e educação física, poucas são as escolas que disponibilizam tais profissionais na educação infantil, ficando os professores regentes responsáveis por assumir essa tarefa, tornando a dança, muitas vezes uma prática frágil, apenas como atividade obrigatória para comemorações,

**Endereço:** MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo

**Bairro:** CENTRO

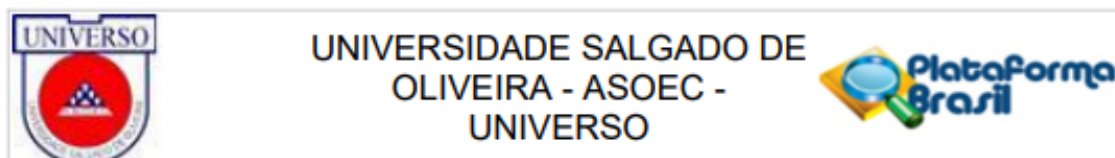
**CEP:** 24.030-060

**UF:** RJ

**Município:** NITERÓI

**Telefone:** (21)2138-4983

**E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br



Continuação do Parecer: 5.290.373

conforme apontado na revisão de literatura. Palavras -chave: dança, "educação infantil"<sup>1</sup>. Embora convencionalmente o termo "professor" seja usado no masculino, é necessário esclarecer que esta pesquisa foi realizada com professoras, uma vez que, historicamente, a presença feminina na docência com crianças da educação infantil é majoritária.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Visando entender como a dança se realiza na educação infantil, o estudo proposto tem como objetivo investigar as práticas de dança desenvolvidas pelos professores regentes nas Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEI), da Rede Municipal de Educação de Niterói.

Objetivo Secundário:

- Verificar, na literatura, a importância da dança na educação infantil.
- Investigar o perfil do educador da educação infantil da UMEI da rede municipal de educação de Niterói, sua formação e capacitação para o desenvolvimento de atividades de dança.
- Analisar o cotidiano do professor da educação infantil no desenvolvimento de atividades de dança.
- Mapear as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores da educação infantil para o desenvolvimento de atividades com dança.
- Analisar os conceitos e percepções dos professores da educação infantil acerca das atividades de dança, desenvolvidas na prática com as crianças.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Pode haver um certo desconforto durante a pesquisa, pois expõe o participante a lembranças vivenciadas, sejam elas positivas ou negativas, bem como suas opiniões e sentimentos. Desta forma, visando minimizar os riscos, será garantida a manutenção do sigilo e da privacidade do participante durante as fases da pesquisa, sua liberdade em recusar-se a participar da pesquisa ou revogar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, ficando assegurado, a qualquer momento, o esclarecimento de qualquer dúvida sobre o estudo.

Benefícios:

Contribuirá com a produção e avanço do conhecimento na busca de novas propostas para o trabalho com dança na educação infantil.

**Endereço:** MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 24.030-060  
**UF:** RJ **Município:** NITERÓI  
**Telefone:** (21)2138-4983 **E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br



UNIVERSIDADE SALGADO DE  
OLIVEIRA - ASOEC -  
UNIVERSO



Continuação do Parecer: 5.290.373

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto com pendências solucionadas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

PROJETO - OK

FOLHA DE ROSTO - OK

CARTA DE ANUÊNCIA - OK

TCLE - OK

TALE - DISPENSADO

CRONOGRAMA - OK

ORÇAMENTO - OK

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto com pendências solucionadas. Projeto aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto com pendências solucionadas. Projeto aprovado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1857633.pdf	23/12/2021 15:54:30		Aceito
Outros	CARTEANUENCIA.pdf	23/12/2021 15:53:59	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECOMENDERECO.pdf	23/12/2021 15:53:21	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	19/11/2021 20:02:34	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito
Outros	INSTRUMENTO.pdf	19/11/2021 20:01:46	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	19/11/2021 20:00:56	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	19/11/2021 19:59:00	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostosilvia.pdf	19/11/2021 19:55:47	Silvia Inês Gonçalves Flauzino	Aceito

**Endereço:** MARECHAL DEODORO, 263 Bl. B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo

**Bairro:** CENTRO

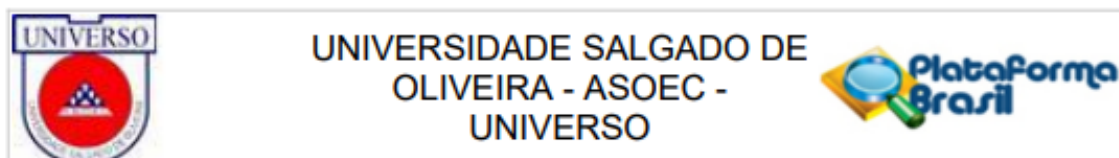
**CEP:** 24.030-060

**UF:** RJ

**Município:** NITEROI

**Telefone:** (21)2138-4983

**E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br



Continuação do Parecer: 5.290.373

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

NITEROI, 14 de Março de 2022

---

**Assinado por:**

**SUZIANE HERMES DE MENDONCA SOARES**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** MARECHAL DEODORO, 263 BL B - térreo, a sala fica ao final do corredor do térreo  
**Bairro:** CENTRO **CEP:** 24.030-060  
**UF:** RJ **Município:** NITEROI  
**Telefone:** (21)2138-4983 **E-mail:** cepuniverso@nt.universo.edu.br

## ANEXO B – COPYSPIDER



Versão do CopySpider: 2.1.1

Relatório gerado por: [ca.figueiredo@yahoo.com.br](mailto:ca.figueiredo@yahoo.com.br)

Modo: web / normal

Arquivos	Termos comuns	Similaridade
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://pt.fusedlearning.com/how-describe-yourself">https://pt.fusedlearning.com/how-describe-yourself</a>	90	0,15
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://blog.colegioarnaldo.com.br/aula-de-educacao-fisica">https://blog.colegioarnaldo.com.br/aula-de-educacao-fisica</a>	81	0,14
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://blog.manpowergroup.com.br/como-voce-conta-a-sua-trajetoria-profissional">https://blog.manpowergroup.com.br/como-voce-conta-a-sua-trajetoria-profissional</a>	47	0,08
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="http://portal.mec.gov.br/component/content">http://portal.mec.gov.br/component/content</a>	33	0,05
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://www.todacarreira.com/exemplos-colocar-resumo-qualificacoes-curriculo">https://www.todacarreira.com/exemplos-colocar-resumo-qualificacoes-curriculo</a>	26	0,04
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://techenter.com.br/questao-educacao-fisica-69">https://techenter.com.br/questao-educacao-fisica-69</a>	25	0,04
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://www.letras.mus.br/xuxa/185009">https://www.letras.mus.br/xuxa/185009</a>	14	0,02
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="http://portal.mec.gov.br">http://portal.mec.gov.br</a>	3	0,00
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://issuu.com/josebarbosa465/docs/aula_nota_dez">https://issuu.com/josebarbosa465/docs/aula_nota_dez</a>	0	0,00
SILVIA INES - DISSERTAÇÃO FINAL.doc X <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Avv_zPax1I">https://www.youtube.com/watch?v=Avv_zPax1I</a>	0	0,00
<b>Arquivos com problema de download</b>		
<a href="https://efdeportes.com/efd189/danca-ministrada-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm">https://efdeportes.com/efd189/danca-ministrada-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm</a>	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - sun.security.validator.ValidatorException: PKIX path building failed: sun.security.provider.certpath.SunCertPathBuilderException: unable to find valid certification path to requested target	
<a href="https://pt.scribd.com/document/549188193/Me-Conte-Um-Pouco-Sobre-a-Sua-Trajectoria-Profissional">https://pt.scribd.com/document/549188193/Me-Conte-Um-Pouco-Sobre-a-Sua-Trajectoria-Profissional</a>	Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - 30	